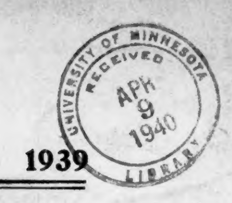
VOLUME 37.º N.os 1-4 1939



REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico

SUMÁRIO

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1939

REVISTA LUSITANA

IMPRENSA PORTUGUESA
Rua Formosa, 108 — PORTO

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal

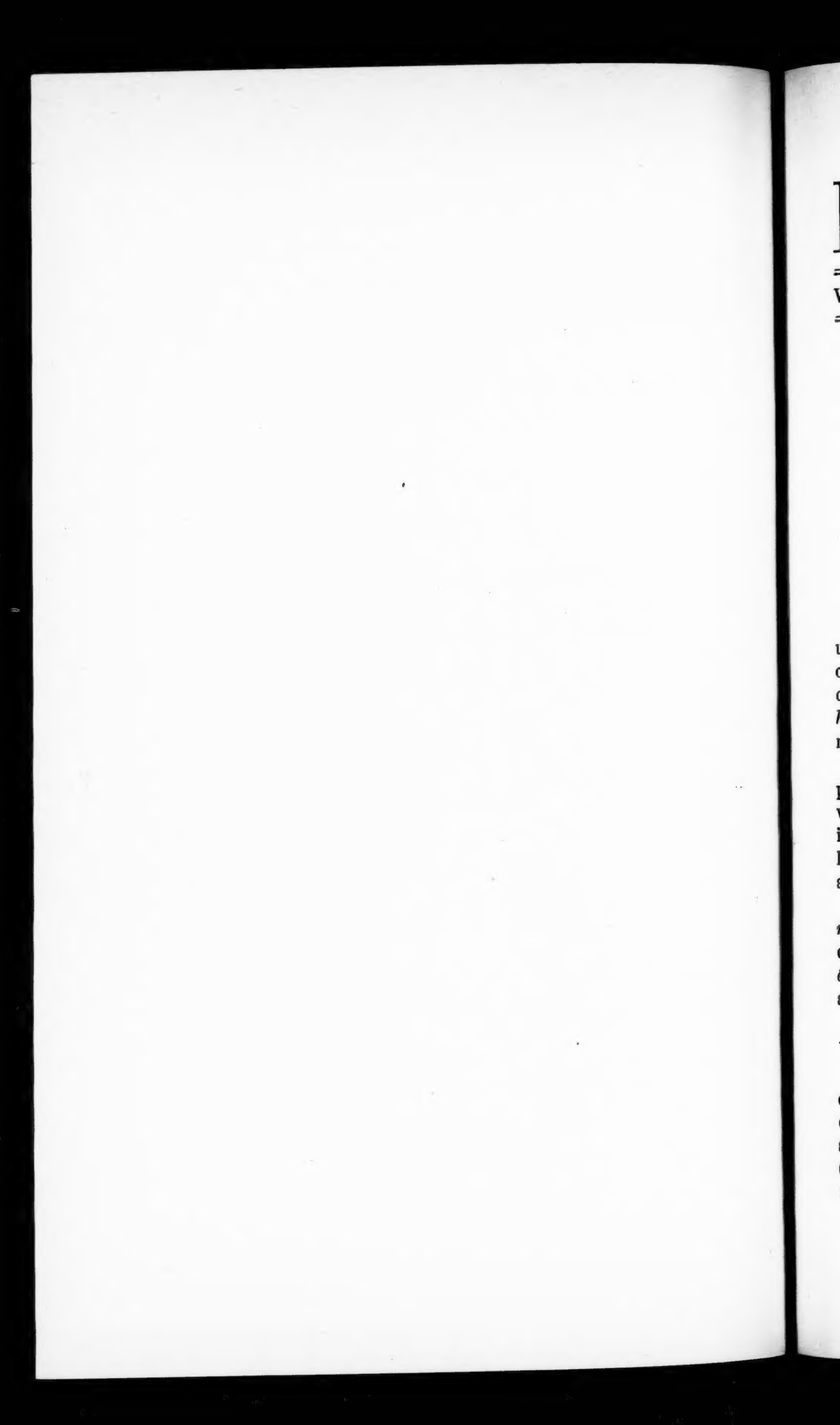
DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Director honorário (organizador) do Museu Etnológico

VOL. XXXVII

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1939



REVISTA LUSITANA

VOL. XXXVII 1939 N.os 1-4

EMENTAS GRAMATICAIS

PARA A HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

(Continuação do vol. XXXIII, págs. 193-213)

3.ª SÉRIE

---

101. Acento tónico (deslocamento).

Quando uma pessoa pouco ilustrada quer pronunciar uma palavra em cuja acentuação tem dúvida, torna-a de ordinário paroxítona; é esta a tendência natural e simplificadora. Por exemplo: *crisantêmo*, em vez de *crisântemo*; *hipodrómo* em vez de *hipódromo*; *oásis* por *óasis*, como o mostra o latim oăsis (do gr. ὄασις). Ao *alácre* por *álacre*

Ao invés, as pessoas cultas ou de cultura média tendem para nas mesmas circunstâncias tornar esdrúxula uma palavra grave. Por exemplo: *invólucro*, por *involúcro*, do latim involūcrum «envoltório»; *púdico* e *impúdico*, por *-íco*, do lat. -īcus. Supõem que esdrúxulo é menos plebeu! Pertence aqui também *hótel*, por *hotel*.

Certos deslocamentos devem-se a influência francesa: *regíme*, em vez de *régime*, do latim regĭmen; *arníca*, em vez de *árnica*, se nos regularmos pela pronúncia italiana (1); *êrzipéla*, que o povo pronuncia correctamente, quanto ao acento, isto é, *erzípola*, do lat. erysipĕlas, *-ătis* (do grego);

---

(1) Já no *Dictionn. génér. de la lang. fr.*, onde se cita o «Dicionário Universal» chamado *de Trévoux*, se diz que esta palavra é do latim dos botânicos: ptarmĭca, gr. πταρμική, ainda que o *Dic. lat.* de Georges a menciona em AA. latinos (Celio Anreliano e Prisciano); contudo Meyer-Lübke não a menciona no *REW*.

reptíl e *reptís*, em vez de *réptil* e *répteis* (1), *textíl*, por *téxtil*, plural *téxteis*.

Em *penhor*, de pignus, -ŏris, e em *castor*, de castor, -ŏris, houve confusão com os nomes de genitivo em -ōris. O nome próprio *Castôr* seguiu a mesma falsa analogia.

102. Número: exemplos vários:

alvará, plural *alvaraaes*: 1396, P.e Alves, *Memórias de Bragança*, III, 142; e *Rev. Archeol.*, I, 123; «per nossos *alvaraes* de todos os ditos anos», século XVI, *Arch. Hist. Port.*, I, 166; *alvarases*, Meyer-Lübke, *Morphol.*, § 42.

103. Número: nomes em nasal:

quintã, pl. *quintãaes* e *quintaens*, 1527, *Cadastro* da povoação da Beira, pág. 101.

104. Outros plurais: nomes em nasal:

comum, pl. *comunes*, *RL*, XXXV, 163, § 21.

105. Número: plural dos nomes em *-n*:

cánones, de *canon*;

ámbon. O plural deve ser como em *cánones*, a-pesar-da origem grega.

106. Número: plural dos nomes em *-ão*:

1) *truães emmascarados*, Arrais, fl. 15 v.;

2) *capão*, «cavalo castrado», pl. *capões* e *capães*, Óbidos;

3) Mais pl. em *-ães*, do concelho de Óbidos: *chães* «chãos», *pinhães*, *malães* «melões», *piães* «piões», *coraçães*, *grães*, *testães* (2), mas *mãos*; *acasiães*, *fajães*, *botães*, *verães*, *diamãees*, plural de *diamão* «diamante», 1522, *AHP*, II, 382, e *peães* «peões», em Couto, *Vida de D. Paulo*, pág. 89, reeditamente;

4) *castelão*, *castelães*, F. Lopes, no *Grande Dicc.*;

5) *aldeães*, Carvalho, *Corogr.*, I, 64;

6) *omisião* (cf. *Elucid.*, s. v.), pl. *omeziães*, séculos XIV ou XIII (3), na *Leges*, II, 20;

---

(1) Vid. *Etnografia Portuguesa*, II, 120, nota 1.

(2) No século XVII diz-se nos *Apólogos Dialogaes*, pág. 260, que os gramáticos discutiam se havia de ser *tostaens* ou *tostoens*.

(3) Vid. G. Barros, *Hist.*, I, 35.

7) *verões* (*veranu-), *villões* (*villanu-) e *aldeões*, todos estes por analogia;
8) *escrivões*, em rima, Chiado, *Natural Invenção*, v. 906;
9) *grões*, pl. de *grão*, Beira.

107. Número: plural de nomes compostos:
1) *guarda-bandeira*, pl. *guardas-bandeiras* (1);
2) *guarda-marinha*, pl. *guardas-marinhas* (1);
3) «Associação de classe dos condutores e *guardas-freios* da viação lisbonense» (anúncio em jornal de 1907);
4) *guarda-portas*, século XV, «21 *guarda-portas* de ruas», 1498, *AHP*, IV, 76, «reposteiro» (Morais);
5) *casas-d'orca*, plural de *casa d'orca*. Assim ouvi pela Beira. Pròpriamente duas palavras.

Nuns casos: *guarda* é nome verbal (por ex.: *um guarda* «aquêle que guarda», *guarda-marinha*); noutros: *guarda* é o imperativo de *guardar*, como *guarda-mão* (na espada). Cf. *Dict. Général*, s. v. «garde» e compostos: «garde-robe», etc.

É preciso fazer a distinção, se se puder fazer. Em *guarda-marinha* há referência a pessoa, e *guarda* é nome; em *porta-bandeira* também se refere a pessoa, e contudo *porta* é verbo (imperativo).

Nos nomes da segunda classe, deve seguir-se a regra geral, que é dar plural à segunda parte, visto que a primeira é verbo. Cf. *Gram.* do S.or Epifânio, § 35, c, 2.

Quanto a *guarda-marinha* segue-se a analogia, e poderá dizer-se *guarda-marinhas*, pois é como se se tivesse perdido a consciência da composição. Por abreviatura diz-se familiarmente: *os marinhas*.

Em *guarda-freio* é *guarda* nome ou verbo?

Em *guarda-portão* é *guarda* nome ou verbo?

Era preciso, para se mostrar que era nome, que se tivesse dito outrora *guarda-do-portão*. De-certo não se disse.

---

(1) No título de uma obra do século XVIII, isto é: *Continuação do curso de mathematicas para uso dos guardas-bandeiras e guardas-marinha..., por Monsieur Bezout..., traduzida do francês*, Lisboa, 1785. Em fr. *les gardes-marine* (vid. *Dict. Général*, II, 1148, col. 2.ª na linha 2.ª). Expressão elíptica de *les gardes de la marine (ib., ib.)*. Cf. *guarda de marinha*, 1791-1795.

Ora *guarda-freio* é do nosso tempo, nunca houve *guarda-do-freio;* foi palavra formada por analogia com outra composta de *guarda*.

Entendo que o plural é respectivamente: *guarda-freios* e *guarda-portões*.

Dizer *guardas-marinha* soa mal. Mas aparece *guardas-marinhas* em 1796.

6) Num ms. da Acad. das Sc., Gal. 5, E. 16, n.º 14, vem uma *lei dos* **gran-cruzes;**

7) *filho-família*, faz o plural *filhos-família;*

8) De *filhodalgo*, conquanto se escrevesse junto, acho *filhasdalgo*, escrito *filasdalgo* nas *Diss. Chron.*, I, 280, século XIII;

9) *guarda-infantes* na *Carta de guia*, ed. de 1765, pág. 79;

10) *porquespinhos* e *porcos espinhos* em Sá de Miranda, ed. de D. Carolina, pág. 962 (e, por ex., 62);

11) ... forão guardas mores da Tarre..., *Monarchia Lusitana*, VI, 44-B;

chapéu-de-palha: o plural é *chapéu-de-palhas:* ouvi em Gaivães (V. P. d'Aguiar), por se julgar uma palavra;

12) *capitão-mor*, plural *capitães-mores* em muitas obras (cf. *EP*, I, 200);

13) *peixe-espada*, plural *peixes-espadas*, 1763, Assis Amado, *Critica moral*, cordel, pág. 28.

108. Plural > singular:

ananás é plural de *ananá*, João Ribeiro, *Ling. nac.*, pág. 160:

«A palavra *naná*, como diziam os primeiros juristas Nóbrega e Anchieta, e também o disse Levy, todos do século XVI, foi-se transformando em *ananá* e no plural *ananás;* êste plural ...... costumamos pluralizá-lo, dizendo *ananazes*». Cf. já Beaurepaire.

109. Outros exemplos de singular tirado do plural (falso singular):

ôrive: Philologia Mir., I, 306;

septentrião (do latim *septremtriones*);

solidão, dolcidão, alçapão;

Talvez *eiró*. Cf. *Dio* (de *Dios*) judaico-hespanhol;

de *reis* faz o povo *rel* em *vinte a um mel rel*, mas *tres mãl reis*, Óbidos;

simple. Vid. Morais. Considerado sing. de *simples*, pois

que *z* tornara-se *s*. Daqui *simplório*, *simplote*, *simplificar*, *simplíssimo* (Morais), e *simplalhão* (Simão Antunes, *Rimas sonoras*, 1731, pág. 31);

àbernó = *albornós*, Óbidos, plural *abernós* (dissimilação); na Beira diz-se *albernó*, plural *àbernós*. Do árabe albornos = al-bornos fêz-se um falso singular.

A Galveia diz o povo por *As Galveias* (pois é uma só!). Também os trabalhadores rurais do Alentejo diziam: «*o Sr. Carvalhal*», nomeando o empregado *Carvalhais*, do Museu Etnológico, quando me acompanhava em excavações.

Por outro lado cf. «o bolas», e «é um bolas».

javaril, algures, num texto antigo. Do plural *javalis* foi deduzido *javalil* (por isso que aos nomes em *-il* tónico e respectivo plural é *-is*: *vil-vis*), e daqui, por dissimilação, *javaril*.

«M. Wheeler nous apprend comment le peuple des États-Unis trouve moyen de donner un singulier à des mots pris, à tort ou à raison pour des pluriels, comme *Chinese*, *Portuguese*. En regard de *Chinese* (prononcer *Chaïnîz*) il a fait un singulier *Chinee* (pron. *Chaïnî*); en regard de *Portuguese* il a fait *Portuguee*. De cette façon, la désinence *se* passe à l'état d'élément formel». M. Bréal, *Essai de sémantique*, 1897, pág. 53.

110. Nomes que no sentido diferem do singular para o plural:

óculos, *armas* (no sentido de brasão), *costas* (dorso); *óculo*, *arma*, *costa*.

111. Número: *Singularia tantum*:

a *terra* (chão), o *mel*, etc. Vid. J. de Barros, *Gr.*, págs. 95-97. Hoje, pelo contrário, diz-se em Lisboa *as terras*, no sentido de «terrenos» (geralmente não cultivados) à volta da cidade.

112. Nomes com forma de plural aplicados a indivíduos no singular:

a) — «é um *traquinas*» (Morais, s. v.) [nomes análogos acabam geralmente em *-as*];

— é um *côdias*;

— é um *bolas* (já supra);

— um *bigorrilhas*;

— *arolas*, vadio, etc., *RL*, XIII, 111;

— *fonas*, sujeito sem importância, *ib.*, 117;

— um *lérias* = que anda a dizer lérias;

— *gulaimas*, comilão, lorpa, *RL*, XIII, 118;

— *imbófias*, pimpão, *ib.*, *ib.*;

— um *beiçanas*, um *beiçolas*, em Albergaria-a-Velha. Na Rapa (Celorico), um *beiçanas* e também um *beiçana* = que tem beiço grande;

— um *tortoles* (Soropita, *Poes. e Pros.*, pág. 95;

— *piegas*, na *RL*, XX, 320.

Há casos vários para a interpretação:

1) *traquinas* de *traquinar*, nome de agente, com *s* imitativo dos outros (um *bolas*, etc.);

2) Para outros, simplesmente seria, a maior parte das vezes: *F. é um que diz lérias*, etc.;

3) um *côdias*, «o das côdias», etc.

113. Número: *Pluralia tantum* (1):

a) Exemplos: *alforges; tempres:* umas *tempres* (Moncorvo) = uma *trempe* (de ferro); umas *tisoiras*, pop.; *bragas*, como em J. de Barros, *Gram.*, pág. 97; *calças; óculos; arredores; afumados:* arredores de uma povoação, e *pregalhas* «preces», «súplicas», vid. *RL*, XXVI, 115; *miuçalhas; primícias: exéquias; cercanias; cócegas; trevas*, já lat.; *quendas*, lat.: Baião, vid. *RL*, XXVI, pág. 130; *arras*, também no sing., vid. Morais, lat. a r r h a; *beldros*, *bredos* (vid. *Dic.* de Morais, s. v.). Nomes de terras: *Chaves*, *Carvalhos*, vid. *Lições*, pág. 252;

b) Pròpriamente *Dualia tantum: Dual* (por serem aos pares): *calças*, *ventas*, *narizes*, pop. (em certas locuções, como *esmurrar os narizes*), *bragas*, *óculos*, *tisoiras*, pop., *ceroulas*, *alforges*, *tenazes*, *andes* = *andas*, cf. *ambos* (*Lições*, pág. 296);

c) 1) Há nomes que só se usam no plural, ex.: *exéquias*, *arredores*, *arras* (já supra);

2) Que no plural tem significação diferente da do singular, ex.: *armas* «brasão» (cf. estas ementas, n.° 110);

3) Que se usam no plural (dual) ou no singular, conforme a linguagem é popular ou literária, ex.: *calça-calças*, *tesouras-tesoura*. Só têm singular em limitado âmbito. Vid. J. de Barros, *Gram.*, págs. 95-97, e F. J. Freire, *Refl.*, II, 8-9;

---

(1) Nomes que se enunciam geralmente no plural. Latim *castra*, *majores*, *viscera* (III declin.), *minae*, *nugae*, *Veji*. *Athenae*, Madvig, § 51.

d) Pluralia tantum em latim, que deram singular em português: feriae: *feira*: feriae (dia de descanso), tornou-se singular com a significação de «dia de mercado», por se realizar o mercado em dias feriados; minae: *ameia;* balnea: *banho:* vid. *Lições*, págs. 126, 209 e 362, n. 4.

Em Mirandela (Val-Telhas) diz-se «uns *lapis*», em vez de «um *lapis*», porque o *-s* é julgado desinência de plural. O povo diz geralmente também «as *diabetes*» (do gr., no sing., διαβήτης) pelo mesmo motivo. E já ouvi «os *pus*» = «o *pus*».

e) Temos duas circunstâncias:

1) Por causa da confusão do plural em *-a*, com o feminino singular, fêz-se o singular feminino: *arma*, do plural arma, *pimenta*, etc.

2) Do plural deduziu-se o singular: *banho*, *feira*, etc.

Cf., no italiano, nome plural que dá um singular, por ser *plurale tantum: la lettere*, it. dial. > litterae, Salvioni, *Per le fonetica etc. delle parlate merid.*, pág. 15.

114. Número: singular *-oi:* plural *boyes*, no *Agricultor Instruido* de Fr. Theobaldo, 1730, págs. 29, 32, 34 e 86; mas *boys*, 93, repetidamente, e no índice.

115. Número: plural de nomes em *-s:*

1) *as perdís* = «as perdizes» (Baião), *às vês, filhózes, póses, péses, vôceses* «vòcês» (ouvi no combóio, e também em Lisboa), *javalises* (P.^e^ Torquato Peixoto), cf. hespanhol; *rêses* «reis» (no Sul, *rê*), *arráez* (assim escreve também D. Fr. Amador Arrais); plural *arráezes*, 1361: ap. Quirino da Fonseca, *Os Portugueses no mar*, I, 59; plural *arráezes*, 1489: *Carpinteiros das naus* de Sousa Gomes, pág. 44.

Como há *perdiz-perdizes, feliz-felizes, voz-vozes, noz-nozes, par-pares, mês-meses, -ês -eses, cruz-cruzes, nariz-narizes* (o plural lat. era em *-es*, assim também *deuses*), o povo sabia que o plural termina em *-es*, e por isso viu em *pós, filhós, javalis*, etc., singulares. Mas por outro lado o *-s* era sinal de plural, e por isso viu em *perdís* um plural, e de *ourivezes* < aurifices, hesp. arc. *orebzes*, sing. *orebze*, fêz *ourives* para singular e plural (vid. estas Ementas, n.º 109). Quer dizer: no espírito o *-(e)z* estabeleceu grande confusão, fazendo que ora se acrescentasse *-es (pózes)*, ora se suprimisse *(simple)*, ora se visse em *-s* um plural *(as perdis)*. Isto só aconteceu depois que na pronúncia geral se confundiu o *-s* e *-z*.

«Les pluriels redoublés *rèises*, *pelses*, *oustalses*, etc., de singuliers *rèi*, *pel*, *oustal*, etc., sont extrêmement fréquents à Montpellier, Bériers...» Outro exemplo: *fialses*, plural de *fial* (vid. *Revue des langues romanes*, XLVIII, 412).

Cf. também Diego, *Gram. Cast.*, pág. 116, e Meyer-Lübke, *Morph.*, § 42 (pág. 64), onde vem o exemplo *alvarases*.

2) — *dobrez*, plural *dóbrezes*, século XV, *Rev. Archeol.*, I, 30.

Observou-me o S.or Epifânio que Morais, s. v. *dobrez*, confundiu: *a)* subst. *dobrez*; *b)* adj. *dóbrez* < *duplice-*, como *simplez*. O primeiro oxítono, o segundo paroxítono.

— *simplizes*, século XV, in *Rev. Archeol.*, I, 31;

— «cousas *sympreses*», no *Boosco deleitoso*, cap. IV;

— «votos *címpreses*» *(sic)*, *Const. do Bispado de Coimbra*, const. XII *(bis)*;

— *símpreses poombas* (por *símprezes*), diz F. Lopes, no prólogo da *Cron. de D. Fernando*, *Inéd. da Acad.*, IV, 124.

D. Carolina Michaëlis, in *RL*, XIII, 199, trancreve *simplezas* (com *z* como correcção etimológica).

— *símprezes*, no *Compromisso de Guimarães*, 1516.

Nomes em *-is*, século XIII: *os dias infellys*, *estes som os dias infelis* (cp. *Os alferes*), in *Archivos* de Lemos, 6.º ano, 171: dos *Doc. de Évora*, rep. pág. 173, *dias infelis e dias azinhagos*.

«cinco *xizes*», escreve Viterbo, *Eluc.*, II, pág. 392, cap. II; a letra *x* cinco vezes.

116. Número: nomes terminados em *-ez*, do latim -ities: *gravidez*, *sensatez*, *intrepidez*, por exemplo, não se usam no plural.

117. Número: *Flexão interna*:

formôso-formósa-formósos. Exemplos: no *Bable* de Lena (Pidal); e nos dialectos celto-italianos modernos, e nas línguas célticas: Nigra, *Gloss. hibern.*, pág. VIII, nota.

118. Número: plural dos nomes acabados em *-l*:

a) *mal*, *males*. Creio que já vi *mals*;

maaes = *males*, lei de 16-I-1323, *Chancelaria* de D. Denis, liv. III, fls. 168 v., Tôrre do Tombo: «... aquele *maaes* e malfeitorias...», cópia apud G. Barros, em cuja casa a consultei: «os da terra receberom muytos *maaes* e danos» (= *males*), *I. Acad.*, XIV, pág. 593: «*maaes* que dizem que fezerom», 597;

val, *vales*, porque também há *valle*; pop. *vaes*;

reales, Arrais, fl. 16; Anfitriões, v. 461 (I, VI no fim);

cal do moínho, plural *cales*, J. de Barros, pág. 105 *(mihi)*: a causa deve estar em que primeiro foi *cãle*, plural *cãles*, e que a nasal caíu depois da queda de *-l-* (síncope): vid. também Morais, s. v.

E *mal*, plural *males*? Por analogia com *bẽes*?: *bẽe-bẽes, mal-males, bẽe-mal.*

O povo dos *arrabais* por *arrabaldes* (Coimbra), o que pressupõe *arrabal* no singular: cf. *intervais*, plural de *intervalo*, e *bordais*, de *bordalo*.

b) *sol*, *soles*, F. de Oliveira, pág. 109;

rol, *roles*, F. de Oliveira, pág. 109;

rolles, no *Compromisso de Guimarães*, 1516. Lendo-se no *AHP*, IV, pág. 75, de 1517, *roles*, teremos aqui também um plural (noutro sentido)? (cf. Morais, s. v.);

tijois, pl. de *tijôlo*, corrente na Columbeira: cf. *casuis*, freqüente no ambiente escolar (informe de G. Machado), além dos já citados em *-ais*.

c) *mel*, *melles* e *meis*, Morais, s. v.; *AHP*, IV, 77, século XVI, vários exemplos;

remel, plural *remelles*, *ibid.*

Monossilabos parece que têm tendências para manter o *-l-*, mas também: *fel*, *feis*, Morais, s. v.;

pel «pele», plural *peis* (Oliveira do Hospital);

arratel. A *Guia de Contadores*, 1683 (exemplar que tenho, não paginado): tem o pl. *arratẽs*, *arratens* (rep.), etc., também *arratens*, na *Arte de cozinha* de Domingos Rodrigues, 1693, usual; *arrates*, século XVI, *AHP*, IV, pág. 77, rep.;

almotaçees, nos *Inéd. da Acad.*, XIV, 587 (rep.), sing. *almotaçel*, *ibid.*

d) Sing. *-el*, pl. *-és*, *-ces*: «*pratés* de prata para fruita», século XV (fins), *AHP*, I, 246, sing. *pratel*, talvez *-és* = *-ees*;

tonés, 1500, *AHP*, I, 402, repetido; II, 354;

lambees, século XVI, *AHP*, IV, 80;

revees «rebeldes», século XV, *Rev. Archeol.*, I, 123;

herel, *herees*, texto do século XV, *Leges*, pág. 264;

donzees, *Linhagens*, pág. 314;

e) *estériles*, no *Esmeraldo*, pág. 84;

fértiles, Arráez ou Arráis, fl. 110, 2.ª ed. e 117 v.;

manchis de *manchil*, século XVI, *AHP*, I, pág. 356;

stériles, Arráez, fl. 18, col. 2;

estériles, Fr. B. da Cruz, *Cron. de D. Sebast.*, pág. 6;

utiles, Cruz, *ob. cit.*, pág. 405; pl. em *-iles* são latinismos; *beens móujs*, 1360, *Doc. do Souto*, n.º 61; há outros exemplos nestes *Doc.*;

f) Num documento de 1520, *AHP*, II, 35-36, vem vários nomes (cuja origem desconheço, talvez de Moçambique, pois o documento refere-se a esta província), que parecem plurais de *-l*: *marigaroles*, *frambales*, a-par-de *taixues* e *macoes*.

119. Número: nomes próprios:

Vid. *Antropon.*, pág. 558.

Villa-nova, pl. *Villas-novas*, Herc. *Opúsc.*, VI, 7 (1843), mas parece-me melhor (salvo o respeito ao Mestre) *Vilanovas*;

— os *Meneses* e *Sás*, D. Carolina, *Poes. de Sá de Miranda*, pág. 749;

— os *Mellos Manueis*, diz Prestage, *D. Franc. M. de Mello*, pág. 1.

Na Quinta da Alagôa, que pertence aos *padres Vazes de Azevedo*, só ficou o açude que denominam *Grande* (*Diar. de Notic.* de 4 de Dez. de 1915).

120. Número: ortografia do deminutivo:

pãezinhos, *soizinhos*, etc., com *-z-*, e não com *-s-*, porque, sendo *pães* um plural, não se lhe pode juntar um sufixo, que só se junta a um tema. A regra prática é pois: há um sufixo singular que se junta a um tema do singular, e um sufixo do plural que se junta a um tema do plural; ora o tema do plural é *pãe-* e *soe-* (*soi-*): isto é, o plural não se forma do singular, cada uma destas flexões é independente da outra.

Por outra: dos nomes que têm um tema para o singular e outro diferente para o plural forma-se o deminutivo juntando ao primeiro tema um sufixo singular, e ao segundo um sufixo plural. Logo é *-z-* e não *-s-*.

121. Número: plurais vários:

dom-doens (*O Lyma*, 1820, pág. 32).

Em Camarate (Sacavém) ouvi: *arredois* = «arredores», que assenta em *arredol*, pois se diz *ó redol* = «ao arredor». Em Elvas: *arrédoles*.

Tedeum, usualmente *tèdéu*, pl. *tèdeus*: «*Tedeus* — Na Sé Patriarcal foi ontem celebrado *Te-Deum* do final de ano. Na igreja da Madalena celebrou o *Te-Deum*...» (*Diar. de Notic.* de 1 de Jan. de 1916);

mal-me-quereys, pl. de *mal-me-quer*, mas a-par *mal-me-queres*, no *Cancion. de Res.*, III, 393;

ávees, plural de *ave*, *Esmeraldo*, liv. I, 27-32; II, 5 e 7;

vermees, no *Josaphat*, fl. 26 v.;

reies, na *Asia* de Barros, I, 1 e 4; no *Roteiro* de D. João de Castro, pág. 72.

N. B. — Estes exemplos são dados no *Esmeraldo*, pág. 161.

Plural em *-ees*: *bordatees*, no *Esmeraldo*, págs. 67, 9 e 10.

122. Exemplos de nomes próprios de pessoas.

Já Fernão de Oliveira, *Gramática*, pág. 94, diz que, se há nomes femininos que correspondem regularmente, nas flexões, às dos masculinos, como *Francisca*, de *Francisco*, *Domingas*, de *Domingos*, há outros que não correspondem, como *Marquesa* (e não *Marcas*), de *Marcos*.

São mais curiosos os apelidos, onde se dão casos de atracção, como em Philippa *Giroa*, século XVI, *AHP.*, V, 121;

Orraca *Machada*, 1312, *AHP*, III, págs. 5 e segs., ou Orraca Martins *Machada*, filha de Martins Machado;

Isabel *Pinheira*, *AHP*, XXI, n. 3, onde vem também *Mousinha* e outros;

Margarida *Pacheca*, 1531, *AHP*, X, 125;

Isabel *Machada*, filha de António Machado, pág. 127;

Branca Pirez *Coelha*, filha de Esteva Coelho, *Linhag.*, pág. 302;

Dona Bernarda *Coutinha*, século XVI, *Arch. hist. port.*, I, 5 e 6;

Nascimenta, assim designavam uma Emília do Nascimento, em Currelos (Beira). Informação de G. Machado.

Cf. *Antroponímia Portuguesa*, págs. 538 e segs.

Nomes hipocorísticos: *Toneca*, *Maneca* e *Zeca*, masculinos.

123. Géneros de nomes de animais:

1) É inexacto dizer simplesmente que as palavras que significam fêmea são de género feminino, pois *cobrão* e *mulherão* são fêmeas e contudo têm o género masculino;

2) *grua*, epiceno (vid. *EP.*, II, Fauna);

3) Muitos animais são designados no feminino, em vez de o serem no masculino, por exemplo: *cabra*, *lebre*, *corça*, embora haja *cabrão*, *lebrão*, etc. Em parte já do latim.

Outros exemplos: *cobra*, *sardanisca*, *carriça*, *andorinha*, etc. Muitas aves. De algumas não se usa o masculino.

É porque nos nomes de animais alguns são de um só género (o *rouxinol*, a *codorniz*); de outros há dois: *melro*, *melra* e *melroa*. O mesmo em nomes de plantas.

124. Nomes comuns de dois:
sécia, usado masculinamente: **sécia**, *confirmado*, *eclesiástico*, *declarado*, *namorado* (pág. 8), *fidalgo* (pág. 9): vid. *Difinição da sécia*, in *Veneria (sic)*, 1746; *mariola*, *sovina*, *fona*; *guarda*, no feminino, por exemplo: *F. minha guarda*, séc. XIV, *Diss. Chr.*, V, 385.

125. Títulos honoríficos:
condestabre-condestabresa, in *AHP*, II, 23 (1502) e II, 84 (1523); *condestablessa* (formado como *condessa*) em A. de Castilho, *Elogio de D. João III*, nas *Notícias* de Severim, 1.ª ed., pág. 297; *alcaidessa*, feminino de *alcaide*; lê-se *alcaideça*, século XIII, *Nova Malta*, II, 61; *mariscal*, feminino *mariscalesa*: *Monarchia Lusitana*, V. 216 n.

126. Género de nomes de rios:
entr'ambalas Aves, mas hoje «o Ave» e «o Vizela», em textos medievais; em latim há vestígios de nomes da primeira declinação de rios femininos; na época baixa, o género masculino é que é o excepcional: A. Thomas, *Essais*, pág. 33 n.; *fresca Guadiana*, nos *Lus.*, VII, 70, mas algumas edições têm *fresco*, mas em IV, 28 é masculino; *a Guadiana* (Alentejo): vid. *Lições de Filologia*, 2.ª ed., pág. 322, n. 1; *a Tâmega*, assim se diz por lá; ouvi também no Baixo Douro «trovoada *à Tâmega*, deita-te na cama; trovoada ao mar, põe-te a cantar» (ouve-se em Guimarães, informação de G. Machado); *a Paiva*: *a Paiva* diz-se em S. Pedro do Sul, etc.; *a Enxarrama* (ribeiro), Torrão; *a Távora*: «ir à Távora», no concelho de Trancoso, como lá ouvi; *a Vouga*, assim dizem em Sever de Vouga; *Coira*: «vamos à Coira» (dizem quando vão ao moinho, Paredes de Coura); *Ambas Labrugias*, *Textos Arc.*, 3.ª ed., pág. 11; *da Côa*: copiei no Sabugal (vila), numa quadra (inscrição do Castelo).

127. Géneros de nomes de terras:
— *Guimarães*, masculino e feminino, na *EP*, I, 131; *a antiga Guimarães*, Carvalho, *Corog.*, I, 5 (cf. nomes ambíguos em hesp.: Belo, *Gramática*, § 165);

— «a este Machau» = «a este Macao», masculino, em carta ms. de 1618, BN., caixa 29, n.os 23-25;

— *Guiné*, masculino, no século XVII: Severim de Faria, *Noticias de Portugal:* «no mesmo Guiné», pág. 231; «para todo Guiné», pág. 238;

«ao dito *Penag(u)yam*», documento oficial, 1530, in *AHP*, VII, pág. 250;

«ao dito *Gestaçôo*», documento oficial, 1530, in *AHP*, VII, pág. 243;

«no dito *Alijó*», pág. 253;

«limite do dito *Ermesende* (Hespanha)», pág. 282;

«limite do dito *Mohymenta*», pág. 282;

«do dito *Galyza* (aldeia)», pág. 283;

«ao dito *Chaves*» (vila), pág. 285;

«desejado *Almeirim*», Sá, pág. 214;

«em todo *África*», século XIV, *Limbag.*, pág. 185: cf. nas côrtes de Yerez de 1268 *enel Andaluzia* (*Cortes de León y de Castilla*, II, 1861, pág. 74);

— «em prol da nossa *Belém*», n-*A Imprensa*, jornal de Belém do Pará de 29 de Setembro de 1914: «esta sympathica e bondosa Belém», *ib.*;

— «da soberba *Egito*», *Lusit. Transf.*, 2.ª ed., pág. 327, e assim em grego e latim;

— *Nápoles... tam linda*, em G. de Rèsende, *Miscel.*, edição de Mendes dos Remédios, 1917, est. 45;

— (em hesp. ant. li algures *Mexico* com adj. fem.);

— *Golfar* (Beira) ... *est foraria Domini Regis*, século XIII, *Inquis.*, I, 794;

«Alcacer do Sal, *celebrada*», *Dic.* de Cardoso, I, 129, B;

«a risonha *Thomar*», Rebelo da Silva, III, 596;

— «É uma *Babel*» (vulg.).

Cf. *Gram.* de Morais, muitos exemplos, na pág, 40.

128. Género de nomes de plantas e frutos:

chaparrôa (Grândola): chaparro cujo desenvolvimento es aproxima do do sobreiro; *melôa*, adágio: «A mulher e a melôa || só calada é que é boa» (apud D. Carolina, *Tausend Sprichw.*, n.º 289); *meloeiro* e *meloeira*; *sobreiro*; *cerdeiro*, Bragança (*RL*, III, 68) e *cerdeira*; *pereiro* e *pereira*; *tomato* = *tomate*, e *tomata* (Alvações de Corgo), e em português malaio, *RL*, XII, 316; *castanho* e *pinho*, falando da madeira. Mas cf. A. Thomas, nos *Mèl. Havet*, págs. 519-520. Topónimo: *Cidrôa*.

129. Supletivismo:

ricomem, *ricadona*, 1324, documento em P.e Alves, *Memórias de Bragança*, IV, 248.

130. Modificação do género do latim ao passar para português:

fons, masculino, *fonte*, feminino, influência de *água* ou de fontana;

valle, influência de mons, Meyer-Lübke, II, § 380: cf. a nossa expressão *montes e valles* (já Darmesteter, *Dict.*, *Introd.*), mas fem. *Valle Pequena*, século XII, J. P. Ribeiro, *Diss.*, I, 244; *Vall Boa de Doyro*: *Linhagens*, pág. 265; *Da Balle* (Baptist.), lugar no Minho = «da vale»;

ponte, como *fonte*, ou influência de *rio* (?);

lepus, a *lebre*;

dos (-otis), *dote*, fem. ant., hoje masculino: «Os maridos que em *suas dotes*, etc.», *Ordenações* de D. Manuel, 1514, liv. IV, tít. 1; «*Nas dotes* e casamentos», *ibid.*, influência de *lote* e outros nomes terminados em *-ote*?;

sapphyrus, era feminino e tomou a forma feminina: *safira*;

laurus, era fem. e tomou o género consoante a forma;

pinus, id., buxus, etc., todos os nomes de árvores em *-us*;

flos, de masculino mudou para feminino, talvez como *rosa*, cf. os nomes abstractos em *-or*;

semen, em latim é neutro;

sémel «descendência», em português antigo é feminino, por influência de *semente*: *sémel liidima*, nas *Linhagens*, pág. 260.

Em hespanhol, Mugica, *Dial. cast.*, I, 7 (com mudanças de forma).

Outros exemplos portugueses e estrangeiros:

ordem, fem., do lat. ordo, -inis, masc.: cf. o género masculino nas línguas românicas: fr. *ordre*, prov. *orde*, ital. *ordine*;

margem, feminino, do latim margo, -inis, masculino; nas línguas românicas: francês *marge*, hespanhol *márgen*, femininos; italiano *margine*, provençal *marge*, masculinos.

Vê-se que nuns casos se adoptou o género latino, noutros se seguiu a analogia dos nomes em latim em *-do* e *-go*, *-ĭnis*, que são em regra femininos: *imago*, *hirundo*, Madv., § 41 (pág. 29). Em latim ordo e margo, masculinos, são excepções.

131. Sôbre o destino do género neutro latino, na passagem para português:

1) O neutro passou no singular para o masculino, no plural para o feminino *(folia, debita, pigmenta)*. O movimento começou pela segunda declinação, onde o neutro era igual ao masculino, excepto no nominativo e vocativo (êste pouco empregado). Só depois a mudança do neutro se operou na terceira declinação. Já no século VI: *medius tempus*.

2) Exemplos de neutros no plural que se tornaram femininos no singular (cf. *Dict. Général*, I, págs. 186-187): *maravilha* <*merabilia = mirabilia; *vitualha* <victualia; *virilha* <virilia; *milha* <milia; *igualha* <aequalia; *mortalha* <mortualia, -ium «veste de dó»; *miuçalha* «fragmento», etc. <*minutialia, geralmente *miuçalhas* (cf. *miuça* <minutia); *antigualha* <*antiqualia, de *antiqualis <> antiquarius; *almalho*, do plural animalia, que explica o francês *aumaille*, usado no plural *aumailles* «gado cornígero», e d'onde saíu novo sing. animalium (cf. Körting); galego e portug. popular *armalho*; *limalha* <*limalia «que pertence à *lima*» (A. Thomas prefere *limacula); *pregalhas* «súplicas», «que se obtêm por preces», de *precalia, *precalis <> precarius; *borralha*, feminino de *borralho*, de burra (*REW*, n.º 1:411), burralia, d'onde se fêz o singular *burralium (cf. *almalho*), que explica *borralho*, e d'aqui o feminino *borralha*; ou então *borralho* é o masculino de *borralha* <*burralia, mas prefiro a primeira explicação, porque *borralho* é o mais antigo (hesp. *borrajo*; e em adágios portugueses); em galego *borrallo* a-par de *borralla*. A explicação, em qualquer dos casos, é a mesma.

3) Outros vestígios dos neutros latinos: *braça* <bracchia, expresso pelo feminino; «escapou de *boa*» <> francês *l'échapper belle*, onde *belle* feminino representa o neutro lalino (Brunot, § 185); em «vender *caro*», a segunda palavra é um adjectivo neutro <> advérbio, mas representa lógica e historicamente o neutro.

132. Mudanças de género (exemplos diversos, em relação com as épocas da linguagem, com os lugares, graus de cultura, etc.):

o febre (Beira e Minho);

a fim do mundo, expressão popular (finis, masc. e fem.);

diocesy = «diocese», masculino, século XV, *em cujo diocesy*, *AHP.*, IV, 52.

N. B. — A palavra francesa *diocèse*, século XVIII (vid. *Dict. Général)* era feminina, como em grego e latim, hoje é masculina: *le diocèse.*

As letras do alfabeto são hoje masculinas. Todavia em documentos do século XV diz-se: «hũas *is* gregas» (isto é, *yy*) em Sousa Viterbo, *Livraria real*, pág. 38. Em hespanhol as letras são femininas (ou masculinas), Bello, *Gramática*, § 167.

Eram masculinas antigamente (Epiphanio, *Esmeraldo*, pág. 165): *tribu*, *syrte*, *ibis*. E *catastrophe* (Morais).

Há outras palavras em *-e*, que de masculinas, em certas épocas, se tornaram femininas noutras, por exemplo: *larynge* (masculino na linguagem dos médicos antigos, como em grego λάρυγξ, e em francês *larynx;* é feminino, na dos nossos médicos modernos).

Esfinge, feminino, como em latim e em grego; mas Morais cita um exemplo antigo do masculino (Fernão Alvares); em francês a palavra é masculina *(sphinx).*

Os advérbios tornam-se às vezes nomes masculinos, por exemplo: *o bem*, *o mal*, *o latim*... Cf. *pelo tarde.*

Mar era feminino: *prea mar*, cf. hespanhol e francês; *planeta*, *cometa*, *fim*, eram femininos em português antigo; *contra* (substantivado), feminino [por acabar em *-a*]; *porte* e *suor*, femininos: exemplos em Aires de Gouveia, *Apontamentos sôbre os Lusíadas*, págs. 267-268; *o foca*, nos *Lusíadas.*

E vid. Pinheiro Domingues (Brasileiro): *Variação do género dos nomes* (1930).

133. Mudança de terminação *-ôso*, *ósa* e semelhantes, com flexão interna: *ôco*, *óca* (Grândola): «uma sobrêra *óca*»; *côrno-córna* (vasilha); *fôrno-fórna* (Pragança; não será de *furna*, senão teria *ô*); *môrno-mórna*, *fôsso-fóssa; viola-viôlo* (Beira).

Exemplos de *êlo* < *éla: cancêlo-cancela*, *janêlo-janela*, *portêlo-portela*, *cadêlo-cadéla* e *vitêlo-vitéla:* masculino e feminino.

E sem inflexão: *catramôlo* «desajeitado», «mal feito do corpo»; *catramôla*, adjectivo. Diz-se da gente. Moncorvo.

Mais exemplos nos §§ 135 e 136.

134. Substantivos com formas duplas paralelas, cada uma de seu género:

1) Umas vezes é o masculino que se torna feminino, por exemplo: *banco-banca;* outras o feminino, que se torna mas-

culino: *madeira, -o; barca, -o; çapato-çapata*. Variamente: *pera--pero, casaco-casaca, carapuça-carapuço*. Só a história das palavras pode ressalvar.

Podemos considerar dois grupos:

a) de palavras, por assim dizer, paralelas, como as que ficam mencionadas: em que elas exprimem a mesma idea fundamental ou variantes;

b) de palavras não paralelas, isto é, avulsas: *fado-fada* [entra aqui a história regiliosa, e a morfologia histórica]; *cabeça-cabeço* [metáfora], *madeiro-madeira, folho-folha*.

2) Em geral o feminino denota maior extensão (idea de colectivo na origem). Exemplos: *púcara* (púcaro de maior capacidade), *feijoca* (feijão graúdo); *saca* é maior que *saco*, às vezes; mas também há *sacas* pequenas (saquinhas, saquinhos, saquitéis).

Há mais excepções — por exemplo: a *bogalha* menor que o *bogalho*. A razão estará em ser a bogalha lisa e delicada em comparação da forma irregular do bogalho. Em Tolosa, como em Mondim da Beira, *bogalho* é o grande, ali chamado *toiro*; *bogalha* é a' pequena. Na Guarda é às avéssas: *bogalho* é o pequeno, redondo, *bogalha* é a grande.

135. Mais exemplos de nomes em *-êlo, -éla: padela-padêlo, canela-canêlo, cancela-cancêlo, gamela-gamêlo, janela-janêlo*.

Da toponimia: *Fontêlo* e *Fontela, Covêlo* e *Covela*.

Também *tigela-tigêlo* (Chão de Tavares).

Para o *Pascoêlo* = *Pascoela* (Baião). Influência de *domingo* (cf. *sete estrêlo*, e *Maria Moirôa*).

136. Outros exemplos, com ou sem flexão interna: *manto--manta, cima-cimo, trebelho* (Baião), *trebelha* (algures), *casca--casco* (estes dois na *EP*, III, 343), *miguelho* = *migalha* (Beira--Baixa), *RL*, II, 250, e *ciguelho, ibid.*, o mesmo que *miguelho, RL*, II, 252, masculino de *cigalha; clagouço:* foice para roçar mato (Moncorvo); *clagouça:* foice roçadoura para limpar árvores, cortar silvas, etc. *(ibid.)*; *rêpo* (Fozcoa), *repa* («guedelho é rêpo de cabra»); *guedelha-guedelho* (de lã, falando das cabras: cf. *rêpo*). Na Penajoia, *vêrgo* e *verga* são as tiras de madeira (castanho) mais estréitas que entram no fabrico dos cestos; *aseiro* ou *aseira*, vergas da asa do cesto; *criança:* Filinto, *Versos* (edição de Paris), pág. 165, nota, masculinização usada em Parada, e que se ouve também em Lisboa:

RL, II, 117; a *medronheira* é maior que o *medronheiro* (Cebolais de Cima, em Castelo Branco): cf. *carvalheira* ou *carvalha*, maiores que o *carvalho*. Também há *carvalheiro*, o mesmo que *carvalho (ibid.)*. Em Cabo Verde diz-se *medronheiro*, embora lá não haja a planta; *tropêço* (Alandroal, Redondo), *tropeça* = *tripeça* (trepeça); *concho*, vaso para despejar os poços no verão (Trás-os-Montes): *RL*, V, 41: noutro sentido: búzio que se traz pendente da chave, na Lourinhã: em ambos os casos, de *concha; vassoiro*, grande, com cabo, para varrer o forno ou a eira, *vassoira*, pequena, de cabo de pau [as vassoiras usadas na cidade, de piaçaba, são modernas]; *braseiro-braseira; prego-prega*, etc.

137. Concordância «per synesim».

Aos nomes de navios e de peças dramáticas, ainda que não sejam femininos, juntam-se os adjectivos no feminino, porque se subentendem (*per synesim*, pelo sentido) as palavras *navis* «navio» e *fábula* «peça dramática»: **Eunuchus** *acta est;* **Centauro** *invehitur magna:* Madvig, § 31, obs. Morais, *Gram. Port.*, pág. 39, nota, cita um exemplo de Barros: «*veyo... em a sua Rei Grande*», e acrescenta «scilicet *nau*». Era porém freqüente os AA. juntarem *nao* (sem *de*): *na nao nossa Senhora de Guadalupe, da nao São Francisco: Asia* de Couto, XII, I, 1, pág. 2 da ed. de 1645, e em Barros tambem: II, VIII, 3, fl. 94, da ed. de 1552.

138. Terminação em *-o, -io, e-eu, -ia*, para reforçar o género dos nomes, masculinos ou femininos:

a) Para o masculino: *belmázio* e *bermázio*, em Braga, por *belmaz* (cf. os nomes como *infante, -a, português, -a*); *Thomasia* de *Thomas; presépio* = *presepe; adôbo* = *adobe;* pop. *cabido* = = *cabide;* galego *berce-berzo?; Rúio* em vez de *Ruy; jacaréu* nas *Apostilas*, II, 19; *cércio, -a*, pop., de «cerce», melhor que circĭnus, não justificado em romanço. Em Óbidos ouvi o feminino *cercia; Loio* = *Eloi* (cf. também Viana, *Apostilas*, II, s. v.); *Frades Loios* (cf. os *Bernardos*, etc. e o feminino); *clúbio*, pop.; *Leito* = *Leite* (o povo não vê aqui «leite», mas um apelido acabado em *-e*); *Bítaro; Arturo* (creio): cf. italiano.

b) Para o feminino: *Judita, Aliça* (Alice), *Adelaida, Delaida* (cf. *açuda* e os dois últimos exemplos do § 139).

A respeito de *berço*, a-par com o galego *berce*, vid. os meus *Opúsculos*, VII, 800, nota 1.

139. Género dos nomes em *-a* (masculino):

1) *Metaplasmo.* O povo tende para:

a) os fazer femininos, exemplo: *uma sistema* (vid. *Esquisse*, pág. 125);

b) mudar o *-a* em *-o*, exemplo: *um vítimo* (vid. infra). Fenómeno inverso de *indevida*, fem. pop. de *indivíduo*, correntemente. Já em latim temos *torqua* = torques: «*torqua* ist ein Resultat jener Bewegung, die bezweckt, dem Geschlecht eines Wortes seine Endung anzupassen», isto é, *metaplasmo*: Herzog, in *Festgabe f. Mussafia*, pág. 488. Nomes neutros latinos em *-ma*, como *systema*, passaram naturalmente a ser masculinos; mas o povo por analogia com os nomes em *-a* fê-los femininos: *Esquisse*, pág. 125. Na linguagem clássica há muitos exemplos femininos: *uma clima*, *fleuma*, etc. Mário Barreto tratou *de hoc* no *Correio da Manhã*, 19-I-908, citando muitos exemplos d'isto em palavras do tipo feminino: *mapa*, *planeta*, *fantasma* (abantesma), *crisma*, *scisma*, *cólera* [já tratei na *Saúde Pública*, do Pôrto]; o nome tornou-se masculino por causa do francês, onde a regra é ser masculino.

2) Exemplos da série *a)*: *aroma*, feminino: «dá-lhe uma grande aroma» (flagr.): Óbidos; *má clima*, ouvi no Sul; *crima*, feminino (por *clima*, no *Esmeraldo*, pág. 162); *emblema* (*as emblemas*, Batalha; *diadema*, masculino ou feminino, como em hespanhol (Morais): cf. provençal *propheta*, feminino: «las prophetas»: *Sermons du XII siecle en vieux provençal*, por F. Armitage, Heilbronn, 1884, pág. 14: cf. francês *la planète*; provençal *la Pápa* «o Pápa», *Esquisse*, pág. 125, francês arcaico *la Pape*.

3) Exemplos da série *b)*: *figuro* de *figura*, pessoa estranha à terra, Lombada (Trás-os-Montes), na *EP*, III, 162; *o modisto* (em jornais); *um coiso*, corrente, como *criaturo*, *crianço*, etc.; *vítimo*, ouvi no Pôrto, a um homem que falava de si: também ouvi em Óbidos; *carêto* (Trás-os-Montes), homem que faz de Diabo à roda do povo, numa festa popular; «burro carêto», de focinho negro (*RL*, V, 36); *um raparigo*, já citado.

4) Exemplos do fenómeno inverso: *uma sujeita*, *uma monstra*, *verduga*, todos em Mário Barreto, *Correio da Manhã*, 19-I-908, que também traz *criaturo*; *a Trinta e Cinca*: nome por que dava, em Guimarães, a viúva de um soldado que fôra o 35 (informação de G. Machado); *uma tipa*, corrente; *rapaza* (em mirandês); *capataza* (numa quinta do Minho, ouviu G. Machado).

140. Feminino dos nomes em *-ão*:

a) *-ão*, *-ona-ana*: *bolona*, feminino de *botão* (na origem), corrente em Óbidos *(botão grande)*; *rabona*, pròpriamente de *rabão*; *mulherona*, *sabichona*; *atabalhão*, *-ona*, «atabalhoado» (Óbidos): cf. *Philolog. mir.*, I, 328; *parvalhona*, ouvi em Lisboa; *egoa coirana* (de Coira), expressão ouvida em Penafiel, numa feira, pelo D.or J. M. Rodrigues;

b) *-ão*, *-ôa*: *Moirão*, apelido, feminino *Moirôa* (conheci na Beira-Alta *Maria Moirôa*, filha de *F. Moirão*); *Malhôa* deve ser o feminino de *Malhão* (também apelido), por **malhão*, o que malha, o malhador, tornado apelido, como *Serrão*, o que serra, serrador = **serrão* (de uma mulher chamada *Malhôa*, o filho, o marido, etc., tiraria o apelido: cf. *Antroponímia*, pág. 542); *sermoa* (por zombaria), de *sermão*; *melôa*, de *melão*; *Figeirôa* faz pressupor *Figeirão* (em galego): *Travessa da Figueirôa*, no Pôrto: de uma mulher chamada assim; *Cidrôa*, topónimo: de **cidrão*. Na origem devia ser *-õa*, de *-om*, *-õ*, pelo tipo de: *bona* > *bõa* > *boa*, como: *lagôa* (*lagona*, graf. do século XIII: *Inquirições*, I, 369, 646): de **lagom*, aumentativo de *lago*.

Outros exemplos do arcaico *-õa*, do século XIII: *infançõas*, *cochõas*, *varõas*, *CV*, 1:024; *padrom*, arc. «padroeiro», fem. *padrôa*, *Linh.*, pág. 351, lat. patrona.

Não é forçoso que todos os modernos nomes em *-ôa* tivessem um protótipo em *-õa*. Podem muitos d'esses nomes ter-se formado analògicamente de outros mais antigos, depois da desnasalização do *õ* de *-õa*, o que aconteceu pelo século XIV.

Brandôa de *Brandão*: *Antroponímia*, págs. 542 e segs.; *vilôa-vilã*, *aldeôa-aldeã*, etc.: F. de Oliveira, *Gram.*, pág. 56; *guarda-portoa*, chamam às vezes em Lisboa à mulher do guarda-portão. Em Guimarães ouve-se «coive *alamôa*», e fala-se na família das *Alamôas* (informação de G. Machado).

Tratei d'estes assuntos: *Estudos de Philolog. mir.*, I, 123; e *Antroponímia*, pág. 544. E vid. já Cornu, *Gramat. portug.* (em alemão), 1.a edição, § 31; e F. de Oliveira (século XVI). *Gram.*, pág. 56, na ed. de Tito de Noronha.

141. Nomes em *-e* (invariáveis na origem) fazem o feminino em *-a*: *monje-monja*, nas *Linhagens*, pág. 244; *infante-infanta*, *parente-parenta* (usado algures por J. P. Ribeiro), e *Linhagens*, pág. 237; *elefante-elefanta* (vid. Morais): «huma elefanta pequena», elephas, -antis; *açuda*, pop.; *laja*, pop.; *coiva*, Açores: *RL.*, III, 80; *nao Almiranta*, fl. 110 do ms. 7:640

da BN, século XVII, e em Morais; *confrada*, 1332, Coleg. de Guimarães, n.º 95; 1334, n.º 99; século XV, em Mons. Ferreira, *Origens do Cristianismo*, pág. 99, e século XIV, *AHP*, I, 351; *infante*, masculino e feminino: «D. Sancho Nunes casado com *a infante* irmã d'elrey D. Affonso o primeiro», século XV, *Linhagens*, pág. 144, mas nas mesmas *Linhagens*, pág. 192, século XIV, *enfante* também no feminino; *da infante* D. Isabel, século XVI, *AHP*, I, 357 (repetidamente); F. Lopes, *Cron. de D. João I*, t. II, edição de Coimbra, tem *a iffate*, págs. 205 e 206; em hespanhol: *infante* e *infanta* (cf. Morel Fatio, *Bullet. Hisp.*, vol. XIV, págs. 318-327; *patifa*, no Alandroal, *RL*, XI, 245, e Castilho, *Doente de scisma*, acto I, sc. II.

Tratou do assunto Mário Barreto no *Correio da Manhã* (Brasil), 29-XII-907 e 12-I-908, com muitos exemplos.

142. Outros nomes da terceira declinação, no género feminino: *português, -esa, montês, -esa, juiz-juíza* (de festa), *aprendiz, -iza; taful*, feminino *tafula:* José Daniel, *Serão*, pág. 11, e *Ronda*, pág. 20; nos *Mod. Lang. Notes*, 1910, pág. 209, cita Pietsch muitos exemplos hespanhoes desta classe: *cortesa, pobra* (de *pobre*); *cuala*, cf. prov. *tala*, creio, (é *tala* ou *quala*); *iguala, simpla, dolenta*, cf. Morais, *Gram.*, § 24 do cap. IV.

143. Nomes da terceira declinação, invariáveis antigamente, hoje não:

senhor = *senhora*, nos Cancioneiros, passim;

«dona Guyomar como *autor*», «a dita *autor*»: século XV, *AHP*, I, 418, «e ella *autor*», *ibid.;*

salobre, «a agoa salobre na terra seca é doce», adágio, ap. D. Carolina, *Tausend Sprichw*, n.º 6 (cf. hespanhol *salobre*, que sabe a sal): substituído hoje por *-o, -a;*

pastor, *CDD:* «ũa *pastor* se queixava», 441, etc, «e foi sem siso d'ome tam *pastor*», 2:648 («jovem»);

ave caçador, em Morais, *Dic.*, pág. XII *(Gram.)*, *nação português* (Barros), *ibid.; senhora superior, ibid.*: Morais traz outros exemplos;

Maria de tal, *morador* em Lamego, século XIV, *Diss. Chron.*, IV, II, algures;

Nomes em *-or*, ora masculinos, ora femininos: vid. *Lições de Filologia*, pág. 136, n. 2. Exemplos em hespanhol: *Mod. lang. Notes*, 1912, pág. 168: *la amor, el labor*, etc.

Grande lista de tais nomes em D. Carolina, in *Zs. f. R. Philologie*, XIX, pág 536. Duram até meados do século XVI.

144. Casos de atracção em nomes compostos (vid. *Opúsculos*, I, 438):

manta-im-sêca, brincadeira de rapazes na Beira: deita-se um de barriga para o ar ou de roldão, e outros pegam-lhe pelos braços e pernas, e batem com êle no chão. Atracção de género *(em sêco)*.

No composto *as varapaos*, em Sá de Miranda, pág. 178.

«No *prai-mar*» («prea-mar»). Ouvi os barqueiros em Lisboa.

Tipo de *palhas-alhas*: «hum feixe de *palha trijga* ou *çentea*», século XIV, *Doc. do Souto*, n.º 120, pág. 130.

Vid. outros exemplos no § 122.

145. Graus de significação expressos por modificação de género:

a) Nomes masculinos que têm deminutivo feminino: *sino-sineta, tino-tineta, pandeiro-pandeireta, caderno-caderneta* e *cara-careta*;

b) Nomes femininos que têm deminutivo masculino: *casa-casoto*, etc.

146. Vários nomes femininos:

imposteira (de *impostor*), Baião (cf. *lavradeira*); *vacúa* (de *vacum*), Alandroal, *RL*, IV, 76; *cerejo; hereo*, feminino *heree*, arcaicos; *ilhéu-ilhôa; simplez*, feminino *símpleza*: «as símplezas pombas». Cf. n.º 115, a propósito de número.

147. Comparativo pleonástico:

plus meliores, nos *Dipl. et Ch.*, pág. 132. Cf. *mais melhor* no povo, porque em *melhor* perdeu-se a noção de comparativo, e figura como adjectivo positivo.

148. Comparativo de um advérbio no superlativo:

«asanhou-se tam bravissimamente o mar... q̃ a caravela totalmẽte se hia ao fundo». Carta do século XVI, ap. Jordão, *Subsídios*, pág. 31.

Note-se também *tam immensa*, Vieira, *Sermões*, VI, 20, e *quam immensa*, Vieira, *ibid.*, VI, 6.

149. Superlativo **-īssimus**:
Será de origem literária: F. d'Ovídio, *Sui pronomi*, in *Archivio Glott. Ital.*, IX, 69, nota.

150. Fácil: *facilìssimamente*, em Couto, *Vida de D. Paulo*, pág. 199.

151. Graus nos substantivos.
Há substantivos que na língua vulgar recebem desinência de superlativo: «*coisíssima nenhuma*, empregado por Garrett algures, como se fôsse: **coisa nenhumíssima!*», com sufixo intensivo; *coiss'ma n'nhuma* = *coisíssima nenhuma* (Baião) (**coiíssima*, espécie de dissimilação em próclise).
Na linguagem corrente surgem também comparativos: «o filho saíu *mais homem* que o pai, *mais mulher*, *mais rapaz*», etc. (lembrou G. Machado).

152. Superlativo duplo, com sufixo interno: *grandessíssimo* (grandissíssimo) [1], e não *grandissimissimo*; *grandesissima*, no *Esmerand*, pág. 81.

153. Comparativo e superlativo de «muito» e «pouco»:
«Muito, **mais**, muitissimo»: em latim *multus* só tinha o neutro *plus* (substantivado).
«Pouco, **menos**, muito pouco ou pouquíssimo».
A menos culpa, em Diogo Bernardes, *Bom Jesus*, 37.
Familiarmente: estava lá *mais gente* ou *menos gente* que da outra vez. *Mais pessoas*, *menos inimigos*. Poderíamos entender: *mais de gente*, *menos de gente* (cf. latim *plus hostium*).

154. Numerais. Foi esta matéria suficientemente desenvolvida nas *Lições de Filologia*, págs. 295 a 306 da 2.ª edição. Aqui vai apenas uma resenha de documentos, e algumas considerações suplementares.

155. Numerais cardinais:
Doos, século XIII, *CC*, I 532, repetido; «convem a saber *dex e tres* maravedis», século XIII, *Doc. do Soûto*, pág. 23,

---

(1) Em invectivas: *ah! seu grandesissimo maroto!*; *ah! sua grandesissima desavergonhada!*

n.º 25; *dez e sseis dias*, 1340, doc. n.º 52: a-par de *treze* e *dezasseis* dizia-se literàriamente *dez e tres* e *dez e sseis*, decompondo; decompunha-se *dezasseis*, como *treze*. *Dez e nove dias d'Abril*, n.º 56, pág. 53; *dez-e-sete*, século XIV, apud Mgr. Ferreira, *Origens do Christianismo*, 1912, pág. 100; *dezaoito*, século XVI, *Chron. de D. Emmanuel*, de Gois, 1.ª ed., 1566-1567, fl. 27; *dez e oito*, século XIV, *Inéd. de Hist. Port.*, IV, pág. 588; *dez e seis*, século XIV, *ibid.*; *dezeoutanos* = 18 anos, 1280, *Elucidário*, s. v.; *dez & oyto anos*, 1290, *Nova Malta*, II, 319; *dez e nove*, século XIV, *AP*, VII, 232; «*vynta quatro* moedas de cobre», século XVI, *AHP*, II, 411; *vintaseis*: *Chron. de D. Manuel* de D. de Gois, parte I, cap. II, edição de 1749; *vinta sette*: *ibid.*, *ibid.*, cap. VI; *trintècinco*, *Opusc.*, II, 1514; *dezesete*, fins do século XIII, *AHP*, I, 379; *dozentos*, século XVI, Jordão, *Subsídios*, pág. 31; *sassenta*, *Esmeraldo*, pág. 90; *AHP*, II, 49, século XV; *satenta*, *Esmeraldo*, pág. 121; *AHP*, II, 49, século XV; *cinco*, já no século XIV, *AHP*, I, 352 *(cinqo)*, repetido; *dez e seis*, século XIV, *Inéd. de Hist. Port.*, IV, 588; são pròpriamente três palavras, havia consciência d'isso, e d'aí a conjunção *e*: hesp. *diezyseis*, em algumas regiões hesp. *diez e dos* (vid. Pidal, *Gram.*, 2.ª ed., 89-2); *sasseenta*, século XIV, *Leges*, pág. 414-B; *seteenta*, século XIV; *sateenta*, *Doc. do Souto*, n.º 51 (1340); *oiteenta*, 1347, *ibid.*, n.º 56 (pág. 53); mas *noventa*, mais de uma vez em documentos paralelos, *Doc. do Souto*, n.º 61, etc.; *coreenta*, *ibid.*, n.º 67, de 1394; *trêuze* = 13, geral no povo da Rapa; *dez e oito*, em 1265, *Diss. Chron.*, I, 289; é interpretação etimológica, como em *sobre-la*, no mesmo documento, por *sobella*; «dez e oyto dias de Março», documento de 1304, in *RL*, XXI, 258: logo *ibid.*, pág. 266, *dezoyto dias*: «Feyto foy esto en Santarem *dez e nove* dias de Dezembro», 1305, *RL.*, XXI, 261; *sateenta*, 1339, *Diss. Chron.*, V, 289; *quareenta*, *ibid.*, pág. 290, a-par de *quorenta*, pág. 291; *seteenta*, pág. 291; *quoremta*, *Linhagens*, pág. 232 (hoje *corenta*), pág. 246; *triinta* arc., *Leges*, pág. 375; *ssasseenta*, *ibid.*, *ibid.*; *sateenta*, *ibid.*, *ibid.*; *huum*, *ibid.*, pág. 376.

156. *Documentos* galegos:

a) de Salazar (Andrés): *dez e oyto dias*, 1332, pág. 110; «era de mill e quatro centos e *dez e nove* anos», pág. 122, 1381; «*dez e sete* dias de janeyro», pág. 125, 1390; «*dez e seis* dias do mês d'abril», pág. 134, 1415; «*dez e nove* dias de março», pág. 137; «mil et qujnentos et dezeseys anos», pág. 167;

b) de Saco Arce (*Gram.*, pág. 39): *dazaseis* ou *dezaseis*; *dazasete* ou *dezasete*; *dazaoito* ou *dezaoito*; *dazanove* ou *dezanove*. O mesmo nas *Gramáticas* de Diego e de Freire.

157. Ordinais e fraccionários:
primo dia de Mayo, 1273, *RL*, IX, 268;
primo dia de Julho, 1331, «Reguengos» da Estremadura, P. de Azevedo, pág. 28;
tercer'dia, *Linhag.*, pág. 187, e *Leges et Consuet.*, II, 18-36;
sesma $= {}^1/_6$: 1:328 côvados e 5 sesmas, século XVI, *AHP*, IV, 75;
seistemo (seistimo), formado já em português, *seis-timo*, por analogia com *setimo* = *se-timo* (na concepção popular: falso sufixo, como muitos outros: vid. *RL*, VII, 255).

158. Numeral distributivo:
vintaquatreno (Regimento dos ofícios de 1572, da Câmara Municipal de Lisboa, fl. 214 v.).

159. Diversos numerais:
Todas duas, *todos dois*, no Algarve, e dialectos do Brasil. Cf. J. Moreira, *Estudos* (1.ª ed.), pág. 9.
Sôbre *mil*, *milhar*, *milhento*, vid. J. Moreira, *Estudos*, I (1.ª ed.), pags. 5 e segs.
«Um conto e quinhentos **e pico**», *ibid.*, pág. 6.
Numeros fraccionários: *duas partes* $= {}^2/_3$: J. Moreira, I (1.ª ed.). pág. 10.

160. Expressão de quantidades indeterminadas:
sete (o homem dos *sete ofícios*);
dois (*dois dedos* de cavaco, e a *dois passos* daqui);
a tantos de Maio.

161. A propósito de *octāginta, que explica *oitaenta* > > *oitenta*, por influência de sexaginta (*Lições de Filologia*, pág. 297). Cf. Carnoy, *Lat. d'Esp.*, 2.ª edição, pág. 240.

162. A informação a que se refere a nota 3 da pág. 298 das *Lições de Filol.*, tem o seguinte complemento: «Em Aveleda, freguesia dêste concelho, ouvi há pouco uma velha, a propósito duma trilha: *Quantos alqueires leva?* alguém lhe preguntou. E ela: *Não sei, e apenas que leva 14* **ao dízimo** (ou sejam 140). De resto, nos outros contos, é por *dúzias* (base 12)».

163. Sufixo *-ar-* no interior de palavras:

Na *Etnogr. Portug.*, t. III (no prelo), pág. 205, nota 4, citei exemplos do emprêgo d'este sufixo a propósito de *Bastarelo* = *Bast-ar-elo*, habitante de Basto, em sentido algo depreciativo. Outros lembro agora: *pont-ar-elos*, pontos, de linha, mal feitos; *quint-ar-ola*, quinta pequena, e de pouco valor (talvez não de *quintar*, arc., *quintal*); *beiç-ar-ola*, homem de beiços grossos: expressão usada em Guimarães, onde até há uma alcunha, *o Beiçarola* (informação de G. Machado); *linh-ar-ão*, linho grosso, em Barroso: B. Barreiros, in *RL*, XXXV, 254.

164. *O que êle canta de bem!* Expressão familiar e corrente, no sentido de: «como êle canta bem!» Outros exemplos de *o que: o que aí vai!* Temos *que de* com o valor de *quanto* (cf. Epiphanio Dias, *Synt. hist.*, § n.° 17, *o)*).

165. Nomes geográficos com ou sem artigo:

Literária ou oficialmente há tendência para suprimir o artigo (definido). Na Beira-Alta o povo diz *as Salzedas*, e oficialmente diz-se «freguesia *de Salzedas*». Em vez de «estação *das Caldas* da Raínha», os ferroviários vão dizendo, há pouco tempo para cá, «estação *de Caldas* da Raínha».

G. Machado lembra-me *está em Parede* (linha de Cascais), pôsto que o usual seja *está na Parede.*

Cf. os meus *Opúsculos*, IV, 960, § n.° 19.

166. Omissão de preposição:

caminho: «hum farregeal, caminho da Rayollos (= d'aRayollos)»; «hũa vinha, caminho da Lagea»; «hum farregeal, caminho dazinhaga de Dona Eixamea». *Documentos de Evora*, pág. 86, 1385. Outros exemplos, págs. 113, 115.

Nestes exemplos omite-se *no*, ficando *caminho* com função adverbial, ou quási como advérbio. Cf. em alemão *Weg* «caminho», e *weg* advérbio.

Exemplos plenos, nos citados *Documentos*, origem das expressões abreviadas, são: «... *no caminho da Fonte de Guilheu*...», pág. 121; «... *no caminho* do Homem Morto...», pág. 121, século XV.

167. Abreviaturas:

Escreve-se *P.e* = Padre (em jornais da Índia tenho visto *Pe*, tudo na mesma linha); B.el = Bacharel; mas *Fr.* = Frei, proclìticamente), *Prof.* = Professor, pròpriamente como título.

Regra: quando se abrevia uma palavra pela primeira letra e pela última ou últimas, fica a primeira na linha, e a última ou últimas ao alto; quando se abrevia ùnicamente pelas primeiras letras, ficam estas sôbre a linha.

Deve pois escrever-se *D.*^{r} ou *D.*^{or} por «Doutor», e não *Dr.*, como quási tôda a gente escreve, à alemã.

168. Comparativo e superlativo de nomes em *-a:*

Nomes masculinos terminados em *-a*, que tenham de tomar comparativo ou superlativo, recebem um sufixo de acôrdo com o género, e não com a terminação, por exemplo: *patela* e *mariola*, empregados adjectivamente: Fulano é *patetíssimo* e *mariolão*. No feminino, já se vê: *patetíssima* e *mariolona*.

169. *Onde Diabo está êle?*

Parece que será na origem: *Onde — Diabo! — está êle?* (que Diabo! é o Diabo que o tem escondido).

170. Para a história do *-l-*:

Em textos do século X: *Galindo* (em 976); do século XI: ainda *Galíndici* (1026) e *Galindízi* (1078), mas *Gaíndiz* e *Galindiz* no mesmo século, conforme as variante dos manuscritos. Nome de origem germânica (vid. Förstemann).

Exemplos em Cortesão, *Onomástico*.

Cf. estas *Ementas*, n.º 42, na *RL.*, vol. XXXII, pág. 288.

DECLARAÇÃO

Do n.º 102 ao n.º 162 teve a bondade de dispor para a impressão os meus apontamentos o D.^{or} Gaspar Machado, *meu antigo aluno de Letras, e hoje professor do Liceu de Pedro Nunes (Lisboa).*

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

PÁGINAS FOLCLÓRICAS

(Continuação do vol. XXXIII, págs. 214-232)

---

12) A castanha

Castanheiro, dá castanhas,
Castanheiro, dá só uma
P'ra dar ao meu amor
Qu'inda não comeu nenhuma.

(Trancoso) ([1]).

Mal pode imaginar-se como a castanha prestará bastante assunto a uma crónica. Pois creiam que o dá com geito e com abundância de notas curiosas. Andam aí nas ruas os vendedores de castanhas cozidas, a bradar um dos últimos pregões da boa colecção, que Lisboa formou: — «quentes e boas».

Vélhos, — para quem vender castanhas é ofício leve, bem mais leve do que o de fazer colheres, na descompostura corrente, acaso de origem alentejana, assim expressa: «vá fazer colheres, que é ofício leve»; novos, — para quem o parco mercado representa ocupação dos ócios do desemprêgo, por uns, e das horas vagas do emprêgo, por outros, — oferecem pelas esquinas e pelos lugares freqüentados o acepipe das castanhas quentes, agasalhadas como pessoas mimosas na envoltura de serapilheira. Elas fumegam, e êles plangentemente desabafam mágoas, a apregoar, a apregoar, a apregoar: — «quentes e boas... — quentinhas e boas».

Depois das raparigas, a vender nas ruas, ao comêço das noites de Outubro, «as boas maçãs, assadas no forno», ou os «marmelos assados no forno», saltam as «quentes e boas», nos meados ou nos fins do mês.

Às portas de tabernas, passam mulheres o dia a assar castanhas no *assador* de barro, — *bruxa*, lhe chamam no Norte, por ser todo furado de orifícios pequenos e redondos, como olhos, que deixam ver o brasido. Deixou memória na Capital, entre outras, a «preta das castanhas».

A propósito dos pregões mencionados, recordemos todos

([1]) *Revista Lusitana*, vol. V, pág. 168.

os vélhos pregões de Lisboa, que tanto e tão poèticamente animavam as ruas, agora espavoridas com o estrépido de buzinas e escapes dos automóveis, motocicletas e caminhões.

Quando se fará e quem há-de fazer a colheita para o álbum dos pregões alfacinhas, autênticas canções em esbôço ou incunábulos musicais? Se o esquecem os vélhos, não o farão de-certo os novos.

Voltemos às «quentes e boas».

No folclore, têm o castanheiro, o ouriço e a castanha a sugestão da sua existência. Inspiraram, principalmente, a poesia popular a forma, a armação e a deiscência do ouriço nas alturas dos castanheiros frondosos. E foi na forma de adivinha que melhor o povo exteriorizou a impressão causada. A adivinha em redondilhas desafia as habilidades dos poetas populares e quejandos, esmerados em esconder as coisas na apresentação poética das suas qualidades tangíveis.

Exemplos eloqüentes são estes do perfil folclórico da castanha e do «ouriço»:

1 Alto foi meu nascimento,
De lanças fui rodeada;
Com minhas irmãs vivia
Dentro dum clau(stro) fechada [1].

2 Alto foi meu nascimento,
Donzela mui recolhida;
Tal foi a queda que dei,
Que a casa não mais voltei.

3 Um dia com grande riso
Um salto profundo dei;
Vi-me desamparada,
Porque a casa abandonei [1].

4 Passou um passageiro,
Deitou-me a mão segura;
Sem casaco nem camisa,
Deitou-me à sepultura [1].

---

[1] A. Vieira Braga, in *Revista de Guimarães*, vol. XXXIII (1923), pág. 243, n.º 19.

5 A dama que de mim sae,
É mais formosa do que eu,
Ela vai com quem a leva,
Eu fico com quem me deu [1].

6 Tenho armas, não de de fogo,
Não me servem de proveito;
Rindo se me abre a bôca,
Lanço o que tenho no peito [1].

7 De mim nasce uma donzela,
Mais formosa do que eu;
Ela vai com quem me deixa,
Eu fico com quem me deu [2].

8 Eu nasci dentro dum berço,
Que ninguém tocar ousava,
Aquêle que lhe mexia,
A pôr-lhe a mão não tornava [3].

9 Nas cidades, vilas e hortas,
Quando me apanham crescida,
As mulheres ociosas
Commigo ganham a vida [3].

Estas duas quadras (8 e 9) aparecem fundidas em sete versos, no Cadaval:

Eu nasci dentro de um berço,
Onde ninguém tocar ousava;
Quem punha a mão, não tornava;

---

(1) Leite de Castro, in *Revista de Guimarães*, vol. I (1884), pág. 109, n.º 19. Cfr. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, vol. IV, pág. 227 (Jou: Valpaços):

.... E, quando me rio, mostro
De que pouco me aproveito, O que tenho no meu peito.

(2) Guimarães: Leite de Vasconcellos, *Ensaios*, vol. IV, pág. 215.

(3) Leite de Castro, in *Revista de Guimarães*, vol. I (1884), pág. 109, n.º 20-A.

Entre cidades e côrtes,
Me desejam ver crescida,
E as mulheres preguiçosas
Comigo ganham a vida ([1]).

10 Tiram-me o fato, ando nua,
Na velhice ao tempo exposta;
Quanto mais encarquilhada,
Mais a gente de mim gosta ([2]).

11 Tenho armas defensivas
De que nada me aproveito;
Ao sair se me abre a bôca,
Cai-me o que tenho no peito ([3]).

12 Uma joia preciosa,
Mais estimada que eu,
Ao longe se vai gastar;
Eu fico com quem me deu ([3]).

E noutro geito de adivinhas, a principiar pela pregunta característica: — «que é, que é» ou só «que é que», a-par da outra: — «qual é a coisa, qual é ela»?, — reduzida na primeira:

Que é, que é?
Pai pingão,
Mãi raivosa,
E filha formosa? ([4]).

([1]) Cadaval: José Maria Adrião, in *Revista Lusitana* (1900-1901), vol. VI, pág. 114, n.º 42.

([2]) Leite de Castro, in *Revista de Guimarães*, vol. I (1884), pág. 109, n.º 20-A.

([3]) A. Magalhães Brandão, in *Revista de Guimarães*, vol. VI, pág. 202, n.º 8, cfr. I, pág. 109, e Guimarães: Leite de Vasconcellos, *Ensaios*, vol. IV, pág. 215.

([4]) Fundão: *Revista Lusitana*, vol. VIII, pág. 296. Outra forma, variante de Mondim-da-Beira:

Pai alto,
Mãi raivosa,
Filha saborosa.

Leite de Vasconcellos, *Ensaios*, vol. IV, pág. 215.

O simbolismo descritivo é bem claro: — «pai pingão», o castanheiro; «mãi raivosa», o ouriço; «filha formosa», a castanha.

Outra semelhante:

Pai carinhoso,
Filho espinhoso,
Neto amoroso.

O pai, o ouriço, a castanha. «Filha formosa», «neto amoroso», comprovam o aprêço da castanha. Paralelamente: «Casa de piques, leito de veludo» ([1]).

Que é que tem uma manha,
E quem a vê, logo a apanha? ([1]).

Qual é a coisa, qual é ela,
Que veste três camisas:
Uma de tomentos,
Outra de estôpa,
Outra de linho? ([2]).

E, para terminar êste sector folclórico, a adivinha comum, com o desenvolvimento ou desdobramento fonético e rítmico *picotos* → *picarotos* → *piracotos*, reflectido tònicamente em *maracotos* ou *maranhotos*, e com a alusão à deiscência do ouriço, na metafórica «risada», e à conseqüente queda das castanhas:

Altos picotos,
Piracotos (ou maracotos)
Com uma risada que deu,
Perdeu tudo que Deus lhe deu ([1]).

Alto picoto
No seu maranhoto,
Cada riso que dá,
Cada dente lhe cai ([3]).

([1]) *Revista de Guimarães*, vol. XXXIII, pág. 244, n.º 24; pág. 243, n.º 20; cfr. pág. 244, n.º 21, respectivamente.

([2]) Amarante: Leite de Vasconcellos, *Ensaios*, vol. IV, pág. 215, n.º 21, *b)*.

([3]) Amarante: Leite de Vasconcellos, *Ensaios*, vol. IV, pág. 227, n.º 53, *b)*.

Semelhantemente, com a aliteração de *altos* → *altantes*, e de *carapaus* → *carapentes* («carapentes» para rimar com «dentes»:

Altos, altantes,
Carapaus, carapentes;
Dá-lhe uma risada,
E caem-lhe os dentes (1).

A «risada» do ouriço e a concomitante expulsão das castanhas, andam aproveitadas em outras variantes:

D'alto está, d'alto mora,
Dá um riso, apanha,
Vai-te embora (2).

Deve responder, quem adivinhar, de forma que rime com o segundo verso — a castanha:

Ato está, alto mora,
Dá um riso, vai-se embora (3).

Altos, verdes *caninés*,
Por cima *piu*,
Por baixo *mé* (3).

Comem-se as castanhas. Diz-se em Vila Real que só deve comer-se um palmo delas: para isso, ponham-nas juntinhas em cima da mesa, e meçam um palmo; castanha é pau de castanheiro, meter um palmo de pau no estômago faz demasia.

O dia 1 de Novembro festa de Todos os Santos, tem a cerimónia do *Magusto*, o «Magusto dos Santos», que se repete no dia 11, o «Magusto de S. Martinho». Acendem-se fogueiras de silvas sêcas, para assar castanhas.

Alude ao magusto e aos excessos do repasto alegre esta lamentação, simultâneamente xácara abortada ou rimance comprimido e cantar de cego de feira:

O dia de Todos os Santos
Foi a minha perdição;
Quatro castanhas assadas
Com a minha faca na mão.

Estando nós todos na mesa,
Um amigo me trilhou;
Puxei pela minha faca
O Diabo me atentou (4).

---

(1) Minho.

(2) Guimarães: Leite de Vasconcellos, *Ensaios*, vol. IV, pág. 214, n.º 21, *a)*.

(3) Guimarães: Leite de Castro, in *Revista de Guimarães*, vol. I, pág. 109, n.os 20 e 19-A, respectivamente.

(4) Armamar: *Revista Lusitana*, vol. XII, pág. 207.

Conta-nos Tomaz Pires, nas suas *Investigações Ethnographicas*, haver o costume de, no Alentejo, se oferecerem às pessoas de amizade, em dia de Todos os Santos, passas de figo e de uva, nozes, marmelos, romãs e castanhas (1): simbolismo de persistência nos frutos passados e nas nozes, de felicidade contada pelas muitas sementes e grãos dos marmelos e das romãs, e de actualidade bem temporã nas castanhas.

A coincidência do «Magusto dos Santos», «à tardinha, quando os sinos começam a dobrar pelos finados», levaram o Dr. Leite de Vasconcellos a afirmar nas *Religiões da Lusitânia* que são «resto, embora desfigurado, do culto dos mortos» (2). É, nem mais nem menos, o resíduo etnográfico de repasto fúnebre em honra dos mortos.

Por ditos e ditados anda também o que vale a castanha: — «Tirar a sardinha e a castanha do fogo com a mão do gato» (D. Gaspar). — «Tirar a castanha do fogo» (*Rolland*, pág. 286). — «Tirar a castanha do borralho com a mão do gato» (*Crónica do Condestável*, pág. 179). — «Castanhas exidas, vélhas ao souto» (*Cancioneiro de Colocci Branc.*, canç. n.° 375), e «Castanhas enchidas, vélhas ao souto» (3).

No calendário rural giram sentenças e conselhos vélhos, para castanheiros, ouriços e castanhas: — «O castanheiro precisa de ir na mão para ser plantado, o carvalho às costas e o sobreiro num carro». — «A castanha e o besugo em Fevereiro não têm sumo». — «Temporã é a castanha que em Março arreganha». — «A vélha em Maio come castanhas ao borralho». — «Ouriços pelo S. João são do tamanho dum tostão». — «Senhoria de Itália e dom de Espanha não valem uma castanha». — «Dia de Santo Amaro vêm as castanhas aos castanheiros». — «Dia de S. Martinho: lume, castanhas e vinho».

De estalarem as castanhas com estouros sêcos veio, por analogia, a dizer-se: «apanhar castanha», «dar castanha», a

---

(1) Tomaz Pires, in *Revista Lusitana*, vol. XI, pág. 264. Também, por exemplo, em Montalegre, se dão presentes de castanhas e vinho, no S. Martinho (*Revista Lusitana*, vol. XIX, pág. 79).

(2) Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, pág. 598.

(3) Pedro Chaves, *Rifoneiro Português*, Pôrto, 1928, pág. 76, n.° 200.

querer dizer: «apanhar pancada», «dar pancada». E se é forte, ainda se anota: «apanhar» ou «dar castanha grossa». Também «estoura a castanha na bôca» às pessoas que se gabam e lhes sai «o gado mosqueiro», às que dizem mal e lhes sucede a êles ou aos seus o que censuram nos outros, às que são surpreendidas pelo que não esperam ou julgam não lhes dizer respeito.

Castanha assada é *belhó* e *bilhó* ou *bulhó* (1). Cozida inteira é *mamóta*, em Trás-os-Montes. *Falacha* é pão achatado, feito de farinha de castanhas piladas ou picadas; vendem-no em feiras da Beira, coberto de fôlhas de castanheiro (2). Fazem-se fritos da farinha de castanhas.

Caldo de castanhas come-se em Janeiro e Fevereiro, no campo; é de tradição comê-lo no Domingo de Ramos; no dia 1.º de Abril, come-se ao almôço, e mal vai, se em vez dêle vai à mesa caldo de hortaliça, porque dão as lagartas nas hortas, e, quem o comesse, comeria lagartas todo o ano (3). Para não entrar o «maio» no corpo, comem-se castanhas piladas no dia 1 de Maio (Alentejo). Estas castanhas chamam-se as «maias» na Beira-Alta, e comem-se para o «burro não nos levar» ou «porque salta o burro», e «por causa do burro». Em Trancoso atiram-se castanhas da tôrre para baixo (4).

Do *carramouço* trasmontano das castanhas, isto é, do monte onde as acumulam e guardam, saem as que a família vai consumindo.

E terminemos com esta girândola final de cantigas adrede:

13 A castanha é boa fruta,
Come-se sem ir ao lume;
A menina da canada,
Está morta de ciúme (5).

---

(1) D. Carolina Michaëlis diz que *belhó* ou *bulhó* é castanha pilada, descascada ou debulhada: *Revista Lusitana*, vol. III, pág. 133 (VII); sempre o ouvi chamar à castanha, depois de assada e descascada (Trás-os-Montes).

(2) Leite de Vasconcellos, in *O Archeologo Português*, vol. XI, pág. 375, n.º 2, e *Mondim da Beira*, vol. I, pág. 407.

(3) L. de Vasconcellos, *Mondim da Beira*, vol. I. pág. 408.

(4) *Revista Lusitana*, vol. IX, pág. 237.

(5) S. Jorge (Açores): Teófilo Braga, in *Revista Lusitana*, vol. II, pág. 1, n.º 7.

14 Da outra banda do rio
Tem meu pai um castinheiro;
Dá castanhas em Agôsto,
Uvas brancas em Fevereiro (1).

15 Da outra banda do rio
Tem meu pai um castanheiro;
Dá castanhas em Abril,
Uvas brancas em Janeiro (2).

16 Da outra banda do rio,
Da outra banda de além,
Tem meu pai um castinheiro
Que muitas castanhas tem (3).

17 Castanheiro sem ouriços
Que castanhas pode dar?
Homem pobre sem dinheiro
Que amores pode tomar (4).

18 Atirei ao castanheiro,
Do castanheiro à rama,
Da rama ao ouriço,
Derrubou-lhe uma castanha (4).

19 Do Algarve vem a palma,
De Portalegre a castanha;
Dizes que tenho outra amada!
Oh! que mentira tamanha!

---

(1) Santo Tirso: A. C. Pires de Lima, *Tradições populares de Santo Tirso*, in *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 311, n.º 92; cfr. Tomaz Pires, *Cantos populares*, vol. I, pág. 311. Há variantes, v. gr. Pires de Lima, id., n.os 93 e 94.

(2) Trancoso: Felício dos Santos, in *Revista Lusitana*, vol. IV, pág. 167.

(3) Santo Tirso: A. C. Pires de Lima, id., in *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 93.

(4) Barcelos: A. Gomes Pereira, *Tradições populares, linguagem e toponímia de Barcellos*, Espozende, 1916, pág. 64.

20 Adeus, terra do Algarve,
Terra de pouco sustento;
Só comem castanha podre,
E algum figo bolorento.

21 A fôlha do castinheiro
No ar tem o seu abrigo;
Quem há-de falar, não fala
Fala quem tem que lhe *digõ* (1).

22 A fôlha do castinheiro
De amarela cai no chão;
Muita gente se perde
Pela sua presunção (2).

23 À carvalha cai-lhe a fôlha,
Ao castanheiro o ouriço;
O homem que não tenha barba,
Pode-se chamar enguiço (3).

24 A fôlha do castanheiro
Tem biquinhos como a renda;
Se a fazenda é um dote,
A mulher é uma prenda (4).

25 Hei-de casar êste ano,
O rendeiro anda nisso;
Hei-de-lhe dar a castanha,
Se vingar o ouriço (5).

26 Quatro castanhas assadas
Comia eu algum dia;
Coitada de quem m'as dá,
Tão enganada vivia! (6).

---

(1) Vila Real: A. Gomes Pereira, in *Revista Lusitana*, vol. IX, pág. 151, n.º 769.

(2) Vila Real: id., pág. 241, n.º 16.

(3) Concelho de Espàriz (Tábua): João da Silva Correia, in *Revista Lusitana*, vol. XX, pág. 219, n.º 270.

(4) Alentejo: Tomaz Pires, in *Cantos populares de Portugal*, vol. II, pág. 75, n.º 3:008.

(5) Santo Tirso, in *Revista Lusitana*, vol. XVI, pág. 334, n.º 392.

(6) Trancoso: Felício dos Santos, id., pág. 168.

27 Quatro castanhas assadas,
Quatro pingas d'aguardente,
Quatro beijos duma môça,
Trazem um rapaz contente (1).

28 Quatro castanhas assadas,
Quatro pingas de água-pé,
Quatro beijos duma môça,
Põem um homem de pé (2).

29 Quem me dera cá agora
O tempo das desfolhadas,
Para dar ao meu amor
Quatro castanhas assadas.

*

Até na heráldica, onde subiu, a castanha tem lugar de honra. No timbre dos Castanhedos figuram «dois ramos de castanheiros de verde, frutados de oiro, passados em aspa» (3). Nos brasões dos Castanhos e dos Castanhosos em campo «de prata, com um castanheiro arrancado de verde» (3), não aparece a castanha, mas lá está o castanheiro.

No onomástico temos em terras portuguesas: Castanhal (Minho e Beira), Castanhais (Estremadura), Castanheira (Vilarinho da Castanheira), Castanheiro, Castanheiros, Souto, Soutêlo, Soutélo, Soutelinho, Soutelinhos, Soutilho, Soutinho, etc.

13) A festa do Espírito Santo no folclore português

Descei, pombinha sagrada,
Dêsse luzeiro divino,
Vinde buscar nossas almas,
Que sem vós não têm alívio.

(Beira-Baixa — Lopes Dias).

A festa litúrgica dêste Domingo tem por assunto o Espírito Santo prometido por Jesus: *Domingo do Espírito Santo* ou de

(1) Trancoso: Felício dos Santos, id., pág. 168.

(2) Agostinho de Campos e A. de Oliveira, *Mil Trovas*, 3.ª ed., pág. 34, n.º 110.

(3) Armando de Mattos, *Brasonário de Portugal*, Gaia, 1933, págs. 109, n.º 416, e 110, n.os 418 e 420, respectivamente.

Pentecostes. Finda o ciclo cristológico da *Redenção* (Jejum e vida pública de Jesus; Paixão; Ressurreição e Ascensão; Descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos e sôbre a Igreja).

Os Judeus celebravam solenemente êste dia, por nêle terem recebido a lei de Moisés. Há cinqüenta dias que foi a Páscoa. Os mistérios de Jesus, que tão ligados andam aos fastos do Vélho Testamento, incidiram ainda nesta notabilíssima data, para confirmar e consagrar a lei de Deus com a inspiração do Espírito Santo à Igreja.

«E, como se completassem os dias de Pentecostes, estavam os Apóstolos todos juntos no mesmo lugar; e, de-repente, ouviram o estrondo como de vento impetuoso, que encheu tôda a casa onde estavam assentados. E apareceram-lhes umas línguas de fogo, que se repartiram, e pousaram sôbre a cabeça de cada um. E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em várias línguas, como o Espírito Santo lhes permitia que falassem» (*Actus Apostolorum*, II, 1-4).

Era o cumprimento das promessas de Jesus: — «O Espírito da verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós porém o conhecereis, porque ficará convosco e estará em vós. Não vos hei-de deixar órfãos; eu virei a vós...» «Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que o Pai há-de enviar em meu nome, ensinar-vos-á tôdas as coisas e far-vos-á lembrar tudo que vos tenho dito» (*S. João*, XIV, 17-18 e 26).

*

O Bispo do Pôrto, D. Fernando Correia de Lacerda, publicou em 1680 a *Historia da Vida, Morte, e Milagres, Canonisação, e Trasladação de Sancta Isabel Sexta Rainha de Portugal.* A págs. 185-189, descreve-nos a origem do culto português do Espírito Santo, ligada a inspiração divina. Assim:

«Detiverão-se os Reys alguns dias na Villa de Leiria, e passarão á de Alemquer, e como Deos fala aos seus servos em sonhos, hũa noite em que o sono não fugia dos olhos da Sancta Rainha, sendo que muitas vezes o fasião fugir as vigilias, sonhou, que seria obra muito agradavel ao Senhor faser naquella Villa hua Igreja dedicada ao Espirito Sancto, na qual se celebrasse o Sacrosancto Sacrificio da Missa, e ainda que o tempo a que acordou do sono não era de todo dia claro, como era costumada a louvar a Deos, como Estrella Matutina, se vestio e foi ouvir Missa; tanto que a ouviu se

foi ao rocio da Villa, quem o Rio huas vezes inunda, outras pratea, e mandando chamar os Juises daquelle Povo, lhes ordenou, que mandassem quatro pedreiros, e seis trabalhadores, porque queria que se abrissem huns alicesses naquelle sitio, tanto que os Juises forão faser a diligencia, se pos a Sancta Rainha em oração no mesmo lugar, porque como aquellas acçoens eram inspiradas por Deos, não reparava em q̃ fossem vistas no mundo, e vindo os Officiaes, e trabalhadores, se levatou, e foi para onde determinava abrir os alicesses e chegãdo ao sitio destinado, os achou abertos, e desenhados, vendo a Sacta Rainha tam impensado sucesso, não sem cõsideração de que era superior prodigio, perguntou aos Juises, se os tinhão mandado abrir naquella forma, ou delles tinhão algua noticia, e os Juises lhe responderão, que nem elles nem outra pessoa algua havia dado principio a aquella obra, antes passando por aquelle sitio no principio da noite antecedente, não tinha aquella parte differença algua do outro campo, ouvindo a Sãcta Rainha este desengano, reconheceo o favor, e pondose outra vez em oração, deu, com muitas lagrimas de ternura, graças a Deos da maravilha...

Ainda que parecia, que não necessitava de mais firmesa a fabrica, a que Deos tinha feito a milagrosa plãta, como os alicesses da Igreja estavão só delineados à flor da terra, mãdou a Sãcta Rainha, que na forma da delineação, se posessem de maior altura, e depois de assistir na obra por algum espaço do dia, despedindo-se dos Officiaes, lhes disse, que trabalhassem com cuidado, porque lhes havia de pagar o jornal com ventagẽs, chegãdo ao Paço deu conta a El Rey do sucesso, de que elle recebeo grãde gosto...

Tanto que a Sãcta Rainha acabou de jantar como aquella obra era sancta, veio assistir a ella a tarde toda, e passando por aquelle sitio, ao declinar do dia, hua moça com hum molho de rosas nas mãos, disse a Sãcta Rainha a hua Dama sua, que lhas pedisse da sua parte, obedeceo a Dama ao preceito, a moça ao rogo, e passãdo as rosas da segunda mão às da Sãcta Rainha, ficarão ellas da melhor sorte, e cõ o melhor preço...

Chegado o tempo da Sãcta Rainha se voltar para o Paço, deu a cada hum dos Officiaes, e trabalhadores sua rosa, disendolhes que com ellas lhes pagava o dia, e rindo-se elles, cuidando que era graça, as aceitarão cõ grãde cortesia, admirando tanta urbanidade em magestade tam venerada, e para

continuar o trabalho, guardou cada hum a sua em lugar distinto, posto o Sol, depois de se ausentar a Sancta Rainha, tomãdo cada qual os vestidos, para se recolherem a suas casas, e querendo levar as flores, para testemunhas de que a Sãcta Rainha lhes fisera aquellas mercês, quando as buscarão, acharão dobras, e duvidando que fossem verdadeiras tam lucrosas transformaçõens; para se tirarem de duvidas determinarão ir buscar a Sãcta Rainha, a qual acharão ainda pela rua, e lhe disserão, que sua Altesa lhes mãdara por dobras em lugar de rosas, que elles não tinhão merecido tam liberal paga, e estavão certos da satisfação; ouvindo a Sãcta Rainha o sucesso daquella mudança, conheceo que era prodigio do Ceo, porque com outros semelhantes, tinha a divina grandesa, honrado a sua humildade, e pondo os olhos na terra e coração no Ceo, deu muitas graças ao Senhor...

Quando os Officiaes derão conta a Sãcta Rainha, do sucesso que os tinha em duvida, lhe não deu ella algũa resposta, e chamãdo hum delles á parte, lhe perguntou outra vez pello acontecimento, e elle lhe tornou a referir a verdade, e tãto que se certificou do milagre, os chamou a todos, e lhes impos o segredo, disendolhes q. se aproveitassem do dinheiro...»

*

Consoante se viu no texto de Correia de Lacerda, a Raínha Santa Isabel recebeu de inspiração divina a construção da igreja do Espírito Santo em Alenquer. Depois da construção do templo, foi instituído o culto. Como, através dos séculos, se conservou êste culto, popularizado pela tradição, conta-no-lo também o simpático Bispo do Pôrto. Consistiu na «representação do Imperio, e a procissão da candea (diz êle), e como a Santa Rainha teve a maior parte nesta introdução» (pág. 194).

Dia da Ressurreição vai com tôdas as honras, acompanhado de Nobreza e Povo, à Igreja de S. Francisco, o homem que fará de *Imperador*; leva dois homens, que fazem de reis, e três pagens que conduzem outras tantas coroas, «hũa das quaes deixou a Rainha Sãcta para aquelle acto». Chegam ao altar, oferecem as coroas a Deus, e um sacerdote, revestido de hábitos talares, coloca-as na cabeça do Imperador e dos reis, e vão todos acompanhar com majestade a procissão, «que naquella manhãa florida se fas a Christo Senhor Nosso resuscitado».

Na mesma tarde sai da igreja do Espírito Santo o Imperador.

«Deante do qual procedē festins, e trombetas, dous pagens, hum com a Coroa de Magestade, outro o estoque da Justiça, e vae ao mesmo convento onde torna a ser coroado, e depois de se distribuirem ramalhetes pellas pessoas Nobres do acompanhamento, dançavão elles com algũas donzellas, que a titulo de Damas, acompanhão ao Emperador, ás quaes se dava parte do dote para seu casamento; acabada esta função, torna o Emperador, com a mesma Magestade, á Igreja do Espirito Sancto, e offerecēdo a Coroa no Altar, a torna a receber das mãos de hum Sacerdote e se assenta em hum tono debaixo de hum docel, onde os Nobres o festejão com tanta reverencia, como se não fosse fingida a Magestade, e nesta forma continua o Imperio todos os Domingos seguintes, até o dia de Espirito Sancto, em cuja vespera sae o Emperador do mesmo convento, com toda a pompa, e com elle hum homem, que leva duas madeixas de cera benta na mão, hũa ponta das quaes fica ardendo no Altar da mesma Igreja, e o mais saindo a procissão della passando pella porta do carvalho, se vae estēdendo pellas ruas até chegar ao Altar da Igreja de Nossa Senhora de Triana, onde se enrola, e se poem nella, para arder por todo o discurso do anno; acabado o acto, vae a procissão com todas as Cruzes das Igrejas, e dos Conventos á Sācta Casa do Espirito Sancto, e nella bensem o pão, e a carne, que ao outro dia se ha de comer em hum vodo; o que tudo se ordenou por instrução da Sancta Rainha; e considerando o Imperio, e a candea, se he licito ajuisar a alheas acçõens, principalmente estas que são misteriosas, não podemos deixar de entender, que aquella candea poem a Sācta Rainha, vendo hum só Pastor, e hum só rebanho, estabeleça, em cumprimento de sua promessa, na Coroa Portuguesa, o Imperio Universal do Mundo» (págs. 194-196).

Vilhena Barbosa (1) e Pinho Leal (2) reconheceram que a festa do Espírito Santo se repetiu e propagou ràpidamente pelo reino todo, por isso granjeante de grande popularidade (3).

---

(1) Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas da Monarchia Portuguesa*, 1860, vol. I, pág. 14.

(2) Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. I, pág. 96.

(3) Cfr. minha *A Tradição nacional da Rainha Santa*, in *Revista de Historia*, 1923, ano XII, págs. 44-66.

Influenciado notòriamente por esta criação isabelina foi o voto do povo de Guimarães, quando em 1489 implorou do Céu o têrmo do flagelo da peste. Instituiu assim a *procissão da Candeia, do pavio* ou *do rôlo;* descreve-a o P.[e] Torquato Peixoto nas *Memorias resuscitadas da antigua Guimarães:* conduziam em andor um pavio de cera com a extensão dos muros da cêrca da vila, ornado de frutos, flores e ramos, também de cera, e iam oferecê-lo à Confraria do *Espírito Santo*, erecta na Colegiada. À porta da igreja, um cónego benzia os pães de trigo, que, à frente da procissão, eram levados por môças, garridas e louçãs; dêstes pães, uns lançavam-nos das janelas do edifício da Câmara os vereadores, outros distribuiam-nos aos enfermos, e, mais tarde, aos vereadores, às comunidades religiosas e pessoas importantes. A procissão acabou em 1866 (pág. 352).

A *Festa dos Imperadores* generalizou-se. Encontramo-la em Portalegre, Marvão, Nisa, no Nordeste alentejano (1); em Santiago-do-Cacém (2); em Sintra (3), Mercês e Colares (Sintra), Alcabideche (Cascais), cêrca de Lisboa; em Marmelete (Monchique) (4), Alté, Bordeira e Odeceixe (Aljezur), Bensafrim e Barão de S. João (Lagos) no Algarve; em Eiras (Coimbra), hoje desapareceu, e apenas alguns vestígios locais nos restam; na Trofa (Bougado: Santo Tirso), Guimarães, Paúl (Covilhã), Monsanto da Beira (Idanha-a-Nova), etc.

*

Em Sintra, um alvará de D. João II, datado de 27-v-1484, que D. Manuel I confirmou, concedia licença para se realizar na Sala dos Infantes, no Palácio Real, a festa do Espírito Santo; autorizava também, para tal fim, o corte de tôda a lenha necessária (5).

O *Imperador do Espírito Santo*, em Eiras, ou *Imperador de Eiras*, cêrca de Coimbra, saía até 1832, em cortejo ao estilo antigo. O Imperador ia com dois pagens e dois criados; acom-

---

(1) *Revista Lusitana*, vol. IV, págs. 134-136.
(2) *Revista Lusitana*, vol. XVII, págs. 190 e segs.
(3) *Revista Lusitana*, vol. IV, pág. 136.
(4) *Revista Lusitana*, vol. XXIV, pág. 274.
(5) Fr. Manuel da Esperança, *Historia Serafica*, cap. 37 do livro I, pág. 132.

panhavam-no a Câmara do Concelho, e a Nobreza, com a bandeira à frente; música, foguetes. O pároco esperava o Imperador no arco da capela-mor, com a cruz procissional alçada, entre tochas; o Imperador, ajoelhado aos pés do sacerdote, recebia dêle a coroa de prata, com as palavras: — «Eu vos constituo Imperador de Eiras». Saía o cortejo da matriz, percorria as ruas com a cruz e as tochas ladeantes; entrava na capela do Santo Cristo; aqui, o pároco tirava a coroa ao Imperador, ajoelhado de novo na sua frente. Então, montavam todos a cavalo, e a cavalgada, com a bandeira à frente, dirigia-se para o Convento de Celas.

Diz a tradição que os habitantes de Eiras pretenderam escapar à peste, de que era vítima Coimbra. Imploraram para isso a intercessão do Espírito Santo. Fizeram voto de eleger um homem escolhido entre êles, a «quem havião de tributar as offertas dos seus fructos, para que com o nome de Imperador do Espirito Santo festejasse ao mesmo Divino nos dias de Paschoa da Resurreição e Pentecostes» (1).

Observe-se: 1.º, o *Imperador* de Alenquer, a coroação, o cortejo nas ruas com a côrte improvisada, repetem-se nos cerimoniais de Eiras; 2.º, vai da Páscoa ao Pentecostes a realização dêstes cortejos e mais protocolo; 3.º, a origem do *Império* em Guimarães e em Eiras é na tradição a mesma, ou seja o voto popular ao Espírito Santo para salvação da tormenta da peste.

Nos costumes consagrados das *festas dos Imperadores*, entrava o bodo aos pobres e ao povo, autoridades, côrte, etc. Recorde-se o bodo dos tempos primitivos da festa em Alenquer: pão e carne. No Penedo (Colares), passeavam na véspera, pela aldeia enfeitada, um boi, que seria morto no dia da comemoração; o animal levava gaiteiro, acompanhavam-no com bandeira os mordomos da festa; havia foguetes. Depois de bento, o boi era abatido, e a carne cozinhada, em grande caldeirão de cobre, tudo próximo da capelinha de Nossa Senhora das Mercês ou de Santo António. Em bancadas sentavam-se os pobres, juntamente com os fiéis, que tinham feito voto de comer com êles, e comiam todos em louça própria, grosseira, com a pomba simbólica pintada no fundo de pratos e de

(1) Fabião Soares de Paredes, *Relação da villa de Eyras*, 1734.

tegelas (1). Também nesta povoação costumavam dar dois «pintos presos» (960 reis) às raparigas da aldeia, que tivessem casado no ano da festa: em Alenquer, recorde-se, davam parte do dote de casamento às donzelas participantes do cortejo.

As *Ordenações Manuelinas* proïbiram todos os bodos por devoção dos Santos, embora no exterior das igrejas; exceptuaram os do Espírito Santo, «estes se façam e outros nenhuns non», que se faziam na festa de Pentecostes (livro v, título 33, § 6.º).

Talvez possa também filiar-se na distribuïção de ramilhetes pelos «Nobres do acompanhamento» de Alenquer, o seguinte costume de Elvas: Domingo do Espírito Santo, à elevação na Missa Cantada, na igreja de S. Domingos, o sacristão deitava flôres desfolhadas sôbre os fiéis, e no fim da Missa distribuia pelas pessoas gradas ramilhetes, que o sacerdote oficiante benzera (2).

Da multiplicação das festas do Espírito Santo procederá o rifão, que diz: — *a cada canto Espírito Santo.*

Depois, aplicou-se a designação de *Império* a todo o bando festivo e dançante, que metesse como figura primacial um rei ou imperador (*Império do Rei Davide*, em Braga), até uma imperatriz, como havia «hum emperador com hua emperatris», acompanhados de oito damas, e seguidos de tamboril ou gaita, grupo êste que davam os alfaiates, costureiras e tecedeiras de Coimbra e têrmo para a procissão do Corpo de Deus em 1517 (3). Por fim, generalizou-se o nome de *Império* a qualquer grupo, onde houvesse uma personagem predominante: o *Império de Maria Garcia*, de Guimarães.

É nos Açores e na Madeira que estas festas do Espírito Santo conservam hoje ainda alguns caracteres antigos. O cortejo do Espírito Santo, no Funchal vai até à Senhora do Monte, com «batedores humildes» a juncarem e alcatifarem o chão de plantas odoríferas, e os carrejões carregam com

(1) Luiz Keil, *O Imperio do Penedo*, in *A Aguia*, vol. XII, 1917, págs. 50-52.

(2) Thomaz Pires, *Investigações Ethnographicas*, in *Revista Lusitana*, vol. X, págs. 3-5.

(3) João Pedro Ribeiro, *Dissertações Cronologicas e Criticas*, vol. IV, parte II, págs. 240 e segs.

regueifas e doçarias pomposas; há pirâmides de pães, carradas de ortaliças, carnes: depois as insígnias (a coroa com a pomba, o cetro, a bandeira, o pendão) são colocadas no meio da «copa» (salvas de prata, gomis, bules, etc.). O *Império* é formado por tudo isto, por todo o acompanhamento, e ocupa o terreno onde está uma grande mesa para doze pobres comerem lauto bodo. O sacerdote benze o pão nos cestos (1). Perduram também os *Impérios* de S. Miguel, «acompanhados pelas folias que ainda hoje marcam bem a nota arcaica e regional da festa, na ingenuïdade dos seus descantes e da sua música e no exotismo dos seus vestimentos» (2); «no traje festivo dos foliões do Espírito Santo, encontramos mais um especimen curioso da vistosa e extravagante indumentária local; n'ele se mantém ainda o vestígio do antigo aparato da folia, d'esse grupo musical já hoje quási a desaparecer, onde residem, assim como nos balhos populares e nos romeiros, as formas mais puras e antigas da música regional» (3).

Silva Carneiro descreveu em 1923, na *Alma Nova*, «Uma coroação na minha aldeia» (Ribeira Sêca, na ilha de S. Miguel (4).

Uma quadra ingénua, colhida por Teófilo Braga na ilha de S. Jorge, mostra bem a psicologia do povo diante do simbolismo da festa mais notável do Arquipélago:

Menina, se queres saber
Quem é o Espírito Santo:
Tem pés e bico vermelho,
O mais corpo é todo branco (5).

Na maior parte senão em todo o território metropolitano, conservam-se as festas populares em honra do Espírito Santo, quási reduzidas à comemoração litúrgica. Aqui e além, há costumes, que revelam ligações antigas: as «folias» de Atalaia,

---

(1) Jayme Camara, *De San Lourenço*, Funchal, 1932, págs. 207 e segs.

(2) Luiz Bernardo d'Athayde, *Etnografia Artística*, Ponta Delgada, 1918, pág. 109.

(3) Luiz Bernardo d'Athayde, id., pág. 101.

(4) *Alma Nova*, III série, vol. I, pág. 125.

(5) Teófilo Braga, *Cancioneiro popular das Sebes dos Açôres*, in *Revista Lusitana*, vol. II, pág. 6, n.º 81.

Peroviseu e Vale-de-Prazeres (concelho de Fundão), Vale-de--Lôbo, Benquerença, Meimão, Meimoa (concelho de Penamacor), Belmonte, etc., as «sinas» da povoação de Açôres (Celorico-da-Beira), a distribuïção de pão, arroz e carne aos pobres, no Sardoal, etc.

Há nas folias da Beira-Baixa o cortejo com o rei, o pagem, o alferes, dois mordomos e seis fidalgos. Leva o alferes a bandeira com a pomba do Espírito Santo; o rei tem coroa de lata, que o pagem conduz; êle segura na mão uma varinha ornamentada de fitas e de flôres de papel — o cetro. Os fidalgos têm tambôr, pandeireta e viola, onde se usam ainda; divididos em dois grupos, os fidalgos cantam canções de louvor ao Espírito Santo.

Basta-nos recordar esta de Vale-de-Prazeres, que o Dr. Jaime Lopes Dias colheu e publicou há poucos meses no IV volume da sua *Etnografia da Beira* «O que a nossa gente canta» [1]:

a) Quadra cantada à porta da capela do Espírito Santo:

— Oh! Divino 'Sprito Santo,
Que estás sentado na cadeira,
Dai licença ao Alferes
P'ra sair com bandeira.

b) Cantada à saída da capela:

— Oh! Divino 'Sprito Santo,
A pombinha quer fugir.
— Se quiser fugir, que fuja;
Vai ao Céu, e torna a vir.

c) Cantada pelas ruas:

— Se os passarinhos soubessem
Quando era a Ascenção,
Não comiam nem dormiam,
Nem punham os pés no chão.

d) Cantada à porta da igreja:

— Oh! Santíssimo Sacramento,
Que estais no vosso altar,
Dai licença ao Alferes
P'ra co'a bandeira entrar.

---

[1] J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, IV, Famalicão, 1937, pág. 125; as cantigas são acompanhadas de música respectiva.

e) Cantada na igreja:

—Oh! Santíssimo Sacramento,
Que estais no vosso altar,
Aqui está o 'Sprito Santo,
Que vos vem a visitar.

f) Cantada à saída:

—Oh! Divino S'prito Santo,
Vamos dar volta ao povo,
Pedir ao nosso rei
P'ra entrar Alferes novo.

Nos jantares dominicais em casa do rei, do alferes, do pagem e dos mordomos, a ementa é de condição obrigatória: a sopa, o arroz, o ensopado, o prato desconhecido, que é surprêsa do dia e chega escondido, e a sobremesa de arroz-doce. Os fidalgos cantam antes das sopas, antes do arroz, antes do ensopado, diante do prato desconhecido, e ao arroz-doce. E cantam sempre de pé. No fim são distribuídos ramos de flôres pelos convivas, e de novo os fidalgos entoam canções laudatórias, agora em homenagem à dona da casa e de cada confrade da folia. Depois vai o cortejo percorrer a povoação.

Como sempre, o Império sai no Domingo de Páscoa e desde então, aos domingos, até ao Espírito Santo.

A «folia» de Alpedrinha cantava, entre outras, estas quadras alusivas:

À porta do 'Sprito Santo
Está 'ma pedra lavrada,
Onde os Anjos vão cantar,
Quando tocam a alvorada.

Desce abaixo, Pomba Santa,
Dêsse Cruzeiro Divino,
Vem buscar nossas almas,
Sem vós não há alívio.

Divino Espírito Santo,
A Pombinha quer fugir;
Ela abriu as asas, e vai
E Vai ao Céu, e torna a vir.

Divino Espírito Santo,
Que lá 'stais nessas alturas,
Dai-nos luz aos nossos olhos,
Já que estamos às escuras (1).

No lugar da Trofa, freguesia de Santiago-de-Bougado, no concelho de Santo-Tirso, vão à Capela do Espírito Santo muitas crianças ao colo das mãis, para serem coroadas; depois de três voltas à capela, colocam-lhes na cabeça a coroa do Espí-

---

(1) Salvado Motta, *Monografia d'Alpedrinha*, Alpedrinha, 1933, págs. 486-489.

rito Santo. Esta prática de medicina mágica, derivada claramente do ritual da coroação da personagem, que tradicionalmente recebeu a investidura em dia da festa do Espírito Santo, procura na virtude religiosa da cerimónia representada a cura da gôta infantil, cuja origem atribuem a terem as mãis bebido água ou outro líquido emquanto dão de mamar aos filhos (1).

Uma cantiga de romaria, recolhida pelo Dr. Leite de Vasconcellos e publicada nos *Ensaios Ethnographicos*, refere-se aos presentes oferecidos à Senhora Santa Combinha, no «Domingo do Espírito Santo»:

Senhora Santa Combinha
Tem um manteuzinho branco,
Que lhe deram as dueiras,
Domingo do Esprito Santo (2).

«Dueiras» são as pastoras da «dua» (adua), isto é ao serviço pessoal do gado, como guardas de rebanho, porcos, etc.

Outras cantigas a Santa Combinha ouvi às raparigas em Cambra. Entre elas lembro as seguintes:

Senhora Santa Combinha,
Real Espírito Santo,
A vossa capela cai,
Mandai fazer um convento.

Senhora Santa Combinha,
Pequenina, tão airosa!
Vem a gente de tão longe
Para ver tão linda rosa!

A capela do Espírito Santo é na freguesia, junto de antiga tôrre medieval de atalaia, hoje em ruínas: pela vizinhança da capela, chamam-lhe Tôrre do Espírito Santo. A coïncidência da festa de Santa Comba e seu deminutivo Santa Combinha com a do Espírito Santo, não pode admirar, se atendermos que a palavra «Comba» deriva da forma latina «Columba», e a pomba é o símbolo natural, visível, evangélico, do Espírito Santo.

---

(1) *Revista Lusitana*, vol. XIX, (1916), pág. 244.
(2) *Ensaios Ethnographicos*, vol. II, pág. 248.

«Alvoradas», muito cedinho, cantam os romeiros do Espírito Santo, como é costume fazer em dias de festa litúrgica primacial e sobretudo no Sábado de Aléluia. Em Sarnadas (concelho de Vila-Velha-de-Ródão), as «alvoradas» têm por exemplo esta forma:

Alevante-se, vigário,
Erga-se, não durma tanto,
Que nós já vamos seguindo
Todos ao Esp'rito Santo.

Em Mação, ranchos cantavam também as «alvoradas do Espírito Santo»; representavam-se os autos, ouviam-se as «alvoradas», e distribuia-se o bôdo, junto da igreja do Espírito Santo. O mesmo costume vivia em aldeias do mesmo concelho. Resta hoje a «Bênção do Pão», em Mação: as padeiras levam à igreja grandes tabuleiros com pãis e flôres, no dia de Pentecostes, para que o sacerdote os benza. Francisco Serrano recolheu a letra dos cantos e a música de acompanhamento de adufes e almofarizes [1].

Divino Sprito Santo,
Divino Imperador,
Amparai a minha alma,
Quando dêste mundo fôr.

(*Alvorada*, de Mação).

Vamos ao Espírito Santo,
Que lá há muito que ver:
Nos altares enfeitados
O pão bento a crescer.

(*Alvorada*, de Caratão e Santos, no concelho de Mação).

À porta do Espírito Santo,
Está um poço de água fria,
Onde se lavam os Anjos
E mais a Virgem Maria.

(*Alvorada*, de Carvoeiro).

E mais, e mais; procurando bem, encontrar-se-á mais e melhor. Que êle *a cada canto Espírito Santo!*

---

[1] Francisco Serrano, *Romances e canções populares da minha terra*, Braga, 1921, pág. 61.

*

De uma notícia inserta em o jornal de Lisboa *A Voz*, de 11 de Abril de 1936, pelo Sr. Corte-Rodrigues, vejamos como os costumes das festas em honra do Espírito Santo se reflectem nos Açôres:

«Nas outras ilhas diferem muito estas festas das que se realizam em S. Miguel. Têm talvez um carácter mais primitivo, mais interessante.

No Faial não se realiza o cortejo das vacas enfeitadas a caminho do matadouro. As esmolas são adquiridas com o produto das arrematações das promessas e oblatas dos irmãos. Na Terceira, porém, efectua-se êsse cortejo à maneira de S. Miguel. Ao contrário do que acontece nesta última ilha, na coroação os emblemas são levados pelos «irmãos» e em alguns sítios é o mordomo quem coroa.

Como nas aldeias é que estão ainda bem vincados os costumes, não deturpados por inovações tendentes a estragarem tudo, veremos o decorrer destas festas numa aldeia da ilha do Faial, a Feteira. A organização da confraria é a mesma das de S. Miguel. Oito dias antes da festa (em geral um domingo) o mordomo convida raparigas, uma banda de música e organiza o cortejo que sai da sua residência e vai buscar os emblemas que estão noutra casa: duas alas de raparigas principiando pelas mais pequenas e acabando nas maiores. No intervalo destas duas alas, vão em geral dois quadros (1) levados por quatro raparigas. Atrás segue música e povo. De volta, no «quadro» da frente vem o estandarte trazido por uma rapariga e no de trás vêm três raparigas, a do meio trazendo a coroa e as outras duas: uma a salva e a outra o cetro. Os emblemas são colocados em casa do mordomo, onde é oferecido um «brinde» (2) a expensas do dono da casa, não só aos convidados e irmãos como a tôdas as pessoas que se encorporaram no cortejo.

---

(1) Nomes dados a um quadrilátero formado por quatro varas.

(2) Espécie de «copo de água» constituído por vinhos, licores e bolos.

No sábado, há arraial e tiram-se sortes a ver quem fica mordomo no ano seguinte.

No domingo, realiza-se a coroação de manhã, com missa cantada. O cortejo sai de casa do mordomo, organizado da seguinte forma: duas alas de homens, no «quadro» da frente vai o futuro mordomo levando o estandarte, e no de trás segue o detentor da mordomia daquele ano com uma pessoa que a seu convite leva os restantes emblemas. Após a coroação do mordomo, o cortejo volta ao «império» e, modificado, só traz o segundo «quadro», no qual o mordomo é quem leva a coroa, a salva e o cetro.

A pessoa que levou os emblemas para a igreja, acompanha-o dentro do mesmo «quadro». Os emblemas são colocados na «copeira» (1), onde há sempre uma pessoa da confraria ou a convite desta. Ao entardecer organiza-se um terceiro cortejo com rapazes e homens que vão buscar as promessas e as ofertas a-fim-de serem arrematadas. Durante as arrematações há uma banda de música que toca numa tribuna.

Com pequeníssimas variantes efectuam-se as festas do Espírito Santo nas outras ilhas. No Pico aparece um curioso costume: no cortejo da coroação incorporam-se raparigas levando açafates cheios de argolas de massas sovada. Por vezes são grandes as filas dessas carreteiras. À noite realiza-se o arraial. A certa altura vedam-se os caminhos com varas de maneira a deixarem sòmente um pequeno intervalo por onde possa caber apenas uma pessoa. E, à medida que os que estão na festa vão saindo, ofertam-lhes dêsses bolos em forma de biscoitos grandes a que chamam argolas ou rosquilhos de massa sovada. E sejam ricos ou pobres, da terra ou não, todos têm um dêsses bolos sem que em troca tenham de dar qualquer coisa.

Numa aldeia da mesma ilha — a Manhenha — costuma-se dar vinho de graça a tôdas as pessoas. Se alguém se recusa a beber, tratam-no de vaidoso e ficam todos ofendidos. Santa gente, para a qual todos são amigos! Não se sente por aquelas aldeias a constrangedora miséria dos grandes meios. Ali todos têm as suas terrinhas e os que nada têm, os deserdados da fortuna, aquêles que não podem pelo seu trabalho ganhar o pão de cada dia encontram sempre uma alma caridosa que lhes dá um pedaço de pão ou um catre onde durmam.

(1) O mesmo que «teatro».

Mas verdadeiramente curiosas são as festas da segunda-feira do Espírito Santo na ilha Terceira — a princesa dos Açôres, princesa pela fidalguia do seu povo, pelo seu heroismo, pela sua hospitalidade tão celebrada e tão verdadeira. Povo cheio de nobres tradições, tem-se sabido destacar dos outros mercê da sua lhana urbanidade. O visitante é recebido amàvelmente, mostram-lhe o que há de belo por essa ilha de aldeias pitorescas e, ao afastar-se, leva sempre saüdades daqueles montes, daquela boa gente, daquela cidade meigamente acolhedora.

Na segunda-feira de manhã, das verdes pastagens descem até ao povoado lindas vacas de úberes enormes regorgitando de leite. Junto das mãis vêm os bezerrinhos de barbilho, todos lustrosos na sua pelagem macia. E, percorrendo as ruas, os pastores ordenham para grandes copos aquêle leite morno, perfumado, que se cobre de espuma como se fôsse cerveja. E todos naquele dia podem ter um pequeno almoço agradável sem lhes custar coisa alguma.

À tarde realiza-se a tourada à corda, costume tìpicamente terceirense e que constitue para o povo o mais apreciado divertimento. Depois dos afamados jantares do Espírito Santo, que na Terceira quási são pantagruélicos banquetes, é que tem lugar a tourada.

Por tôda a parte há uma animação febril. As tabernas estão cheias — vendem vinho de cheiro, favas de molho e ovos cozidos. Das janelas das casas debruçam-se, rindo e conversando, graciosas raparigas, figuras esbeltas daquela fina esbelteza que lhes dá o sangue de raça tão espalhado, até mesmo nas classes pobres.

De todos os pontos da ilha acorrem forasteiros como formigas que se dirigissem a um torrão de açúcar. Uns de carro, outros a cavalo, os mais pobres a pé, todos se encaminham para lá na mira de se divertirem.

No touril, onde se encontram desde a véspera à noite recolhidos os touros; escolhe-se um dêstes, ata-se-lhe nos chifres uma corda de grande comprimento que na extremidade oposta é segurada por alguns homens de grandes camisas brancas vestidas por cima das calças, a quem chamam pastores. O touro é lançado nas ruas na povoação. As cenas picarescas repetem-se a cada momento: uma mulher apanhada de surprêsa enfia-se por uma casa dentro soltando gritos medonhos de mêdo. E o bicho passa desorientado: bramando de raiva.

Além naquela taberna há um movimento desusado. Parece uma briga... O que será? É um homem vermelho, ébrio, que se tenta livrar de braços que o prendem e numa voz avinhada: que diabo! Êle sabia o que estava a fazer... E num arranco sai para a rua cambaleando. O touro aproxima-se. Rebentam gargalhadas nas janelas e o famoso toureiro, jovial, cortesão, cumprimenta as senhoras, tira da algibeira um lenço encarnado e põe-se a fazer piruetas em frente do touro. O bicho pára a olhá-lo; parece condoído de tamanha inconsciência... Mas o nosso homem sente dentro de si os ardores da raça lusitana, vêm-lhe à mente os grandes feitos dos heróis nacionais, lembra-se de ter lido em qualquer parte que um tal Ursus salvara uma donzela subjugando um touro à fôrça dos seus músculos e num nervosismo incita o animal, batendo com o pé no chão e clamando em altas vozes: «Eh! touro! Eh! touro!» Mas o bruto não arranca.

Então o toureiro capacita-se que o tinha ali estarrecido perante a sua incomparável coragem e, voltando as costas ao boi, numa atitude de Júpiter olímpico cumprimenta majestosamente a assistência que tôda se retorcia num alegre gargalhar de espectadores de circo. Àquela prova de desprêso o touro perde a cabeça, investe contra o bêbado, ergue-o no ar, atira-o ao chão, torna a levantá-lo e bufando, os olhos coruscantes, atira-se ao desgraçado numa fúria epiléptica. Os pastores debalde pucham a corda; a fera continua num desespêro cada vez maior. Nas casas próximas há senhoras que têm fanicos, vélhas que se benzem, crianças que riem, homens que nas janelas gesticulam esbaforidos dando conselhos que ninguém ouve. O desgraçado está quási morto e o touro cada vez mais bravo. Um homem acode em socôrro do pobre toureiro, abrindo e fechando um guarda-sol a-fim-de chamar a atenção do bruto. De facto êste largando a vítima lança-se contra o novo provocador que consegue meter-se numa casa. Cego de raiva, esquecido da primeira vítima ei-lo lançado pelas ruas da terra levando de rastos os pastores numa correria doida.

Então as senhoras, já vélhas, contam por entre ais que de uma vez numa tourada em S. Carlos um homem quebrara as duas pernas pelo distender-se rápido da corda que o apanhara de improviso; que numa freguesia morrera um vélho espatifado pelos chifres do boi; que os desastres eram cada vez mais freqüentes. E maldizem semelhante diverti-

mento, mas lá por dentro sentem um certo prazer e até gostam de assistir a êsse espectáculo que lhes relembra os vélhos tempos em que donairosos os seus bem amados davam provas de coragem. E no intervalo dos touros vão servindo bolos e licores aos convidados. À noite há arraial com música. E emquanto os heróis da festa gemem nos hospitais, os touros dirigem-se em passo vagaroso para as pastagens, no perfumado silêncio duma dessas noites de Maio banhadas de luar, noites de sonho em que o oceano imenso parece coberto de pequeninos espelhos».

14) O Brasil no folclore português

Não podemos estranhá-lo. O Brasil, tão ligado a Portugal pelo passado e pelo presente, prende a poesia popular na inspiração do longe a que a saüdade e amor dão graça e encantamento. De tôdas as manifestações do povo, a que melhor desdobra as intimidades da alma, é a poesia. Com ela exprime os estados da alma, os anseios do coração, as aspirações que são vida e dão vida, porque, embalando o sentimento no ritmo da música e na evocação do além de nós, nada tem maior singeleza e expontaneidade.

Alegre neste momento, triste a seguir, esperançado hoje, desiludido amanhã; sentimental e invocativo, satírico já e impiedoso, trágico e brutal, no amor e na saüdade, no revez e no desespêro, no ciúme e na vindicta, o cantar reflecte o cantor. Não lhe peçam artifícios, nem lhos busquem. O sino tange como o bronze lhe faz timbrar, o cantor popular canta como Deus o fêz.

Entre as cantigas populares formaremos sem dificuldade o riquíssimo Cancioneiro do ciclo brasílico.

Dos vélhos tempos, em que Portugal e Brasil eram um corpo e uma alma só, o folclore conserva a seiva e a chama. A migração de cá para lá continua no corpo e na alma.

Entre os rapazes e famílias inteiras, que transferem residência e luta pela vida para terras do Brasil, e quem cá fica desta banda do Atlântico, mantêm alimento poético as saüdades mais vivificantes e ternas.

O sentimento mais delicado anda expresso nas quadras que valem poemas, em que o rapaz decide ir ao Brasil buscar fortuna, e promete à noiva ou simples namorada que há-de voltar:

Rosa, que estás na roseira,	Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar fechadinha,	Deixa-te estar até ver,
Que eu vou ao Brasil e volto,	Que eu vou ao Brasil e volto,
Quando eu vier serás minha.	Inda te hei-de vir colhêr [1].

Partiu o namorado. Nascem e renascem a todo o momento as saüdades, e com elas a vontade insistente de a namorada o ir ver. Mas, por onde? E então aí surgiu outra corrente poética de quadras de tipo característico, inspirado por êste sentimento:

Se o Mar tivesse varandas,
Ia-te eu ver ao Brasil;
Mas o Mar não tem varandas,
Diz'-me, amor, por onde hei-de ir.

Se o Mar tivera varandas,
Para eu ir ao Brasil e vir...
Mas o Mar não tem varandas,
Diz'-me por onde hei-de ir.

Se o Mar tivesse varandas,
Ia-te eu ver ao Brasil;
Mas o Mar não tem varandas,
E eu a pé não posso ir.

Estas quadras são «cantigas de amigo», e nelas encontramos decisão exclusiva da mulher. Sem perderem o tipo, há todavia quadras que mostram convite do homem ou o fazem suspeitar:

Se o Mar tivera varandas,
Ia-te eu ver ao Pará;
Mas o Mar não tem varandas,
Meu amor, anda tu cá.

---

(1) A melhor explicação desta quadra no que significa de resguardo e protecção para a rosa na roseira, está em outra que canta assim:

Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar, que estás bem,
Mimosa e regada
À sombra de tua mãi.

Bem clara está a psicologia do cantor destas cantigas, poeta-cantor na quadra trasmontana em que êle finta não saber por que motivo o Brasil o chama; vai-o porém confessando, e desvenda o coração:

Não sei que me quer o Brasil,
Que tanto chama por mim;
Foi p'ra lá o meu amor,
E eu nunca mais o vi.

Sinal cavalheiresco do homem que parte para tão longe e prende lealdades na terra, manifesta-o êle de forma paralela à das primeiras quadras desta nota. O sentimento não mudou. Há de novo apenas o penhor material da relíquia ou prenda, que promete estimar e restituir no regresso. Não será o Donzel do Mar, mas o penhor da lealdade sobe na alma como padrão de juramento:

Ó coração de três penas,
Dá-me uma para eu levar,
Que eu vou ao Brasil e volto;
Em vindo, torno-ta a dar.

Não faltam depois os suspiros. O apartamento faz esquecer a uns, mas acrisola cada vez mais a outros, para os quais o anexim tem aplicação constante: «Longe da vista, perto do coração». Não é viver o alimentar saüdades; a alma punge, o corpo esmagado reage, e a chuva de lágrimas ou o dealbar de suspiros, soluços e ais, desoprime. O suspiro avultou símbolo vivo de saüdade, seja êle artifício, ou a libertação de pêso que esmaga o coração:

Quem me dera dar um ai,
Que se ouvisse na Baía!
E que o meu amor dissesse:
— «Êste ai donde viria?»

As cartas vêm de lá, as cartas vão de cá; em papéis amorosos deixam os namorados palavras de saüdade e de promessa. Confiam-lhes segredos, nem sempre ficam entre os dois, porque muitas cartas são «notadas» ou inventadas em ditado, que o signatário lança e outrem escreve. Logo vem ao

espírito a imagem preciosa e gentil das andorinhas, que vão e voltam no seu tempo:

Em carreira para o Brasil
Andam sempre as andorinhas;

mas, quantas que vão e não regressam ao beiral amigo, onde as espera o ninho, que o caiar a casa respeitou! Os outros dois versos desta quadra gritam a queixa da ingratidão:

Nunca trazem novas tuas,
E eu sempre a mandar as minhas!

Por fim, êle regressa a Portugal. No mar viu-se aflito e em perigo de vida; lembraram-lhe nos momentos terríveis os santinhos de sua afeição, os que implorava quando criança, de mãos postas, e talvez nunca perdesse no coração, durante os trabalhos escabrosos e os negócios difíceis; para que o salvassem, prometeu-lhes um altar novo ou capela inteira, vestidos tafuis e ricos ou melhoria no templo. Chega são e salvo; aí o temos a cumprir lealmente a promessa feita. E na aldeia, o Brasileiro, o senhor Brasileiro, pois que o é todo que vai ao Brasil, há capela nova, imagem nova ou vestida de novo, andam obras na matriz pobrezinha de tudo menos de afeição dos devotos. O dinheiro do senhor Brasileiro dá-lhe prestígio de bom emprêgo e dá de comer a quem precisa.

As quadras piedosas reflectem o facto, principalmente quando aludem aos santuários de grande movimento de romeiros e por isso de grande estima:

A Senhora da Saúde
Tem um manto que reluz,
Que lho deu um Brasileiro,
Que se viu no Mar sem luz.

A Senhora da Peneda
Tem um telhado de vidro,
Que lho deu um Brasileiro,
Que se viu no Mar Perdido [1].

Numa quadra conhecida, o Brasileiro mandou de lá o objecto do voto cumprido. Ou o voto das quadras transcritas

---

[1] O santuário de Nossa Senhora da Peneda, junto de Arcos-de-Valdevez (Distrito de Viana-do-Castelo); encerra a imagem de maior veneração em tôda a província do Minho. De Nossa Senhora da Saúde há muitos santuários espalhados por Portugal.

foi no regresso a Portugal e cumprido cá, ou na ida para o Brasil, e, retido o cumprimento, adiado até o regresso à pátria; a que vou transcrever a seguir não oferece dúvida: o voto foi erguido de cá para lá, e, uma vez chegado o devoto ao Brasil, mandou para Portugal as provas materiais da realização cá:

Ao Senhor da Piedade,
Quem me dera poder ir,
Para ver as portas novas,
Que vieram do Brasil (1).

Alguns, que voltaram, logo sentiam arrependimento de vir. A terra brasílica chama-os de novo. Não se afazem ao viver aldeão donde partiram. Em certa quadra, saída evidentemente da imaginação de antigo militar ou de pessoa muito ligada a militares de postos inferiores do exército, alude o poeta irònicamente aos que vão para o Rio-de-Janeiro e de lá voltam orgulhosos de embófia e importância, como quem sobe de pôsto, sem deixar todavia de andar por postos inferiores.

Adeus, Rio-de-Janeiro,
Perdição de tanta gente;
Quando vão, parecem cabos,
Quando vêm são uns sargentos (2).

Então, êsses que se sentem deslocados, ou estão arrependidos de voltar, seja por que motivo fôr, lamentam-se. Êles vieram, outros vão, e há no espírito dos que regressaram, o ciúme pelos que partem e o desespêro de os não acompanhar:

Tudo é Brasil, Brasil!
Ai, Jesus, quem me lá dera!
A culpa tive-a eu;
'Stava lá, não me viera.

---

(1) O Senhor da Piedade é venerado em Elvas com as festas mais notáveis do ano religioso.

(2) No folclore português há o tipo de quadra popular, em que o cantor invoca uma povoação e lhe diz adeus, despedindo-se dela; começa pelo adeus:

Adeus, ó vila de Fafe,
Hei-de te mandar varrer.
C'uma vassoura de prata,
Ou de ouro, podendo ser

Uma aspiração para todos, lá ou cá, prendendo-os à terra do Brasil, está em ter lá uma casa; e, como a cantiga do desejo de ir ao Brasil fala nas varandas do Mar, o poeta do povo sente a beleza imaginativa da casa com varandas voltadas para o Mar:

Tôda a vida desejei
O que nunca pude armar:
Uma casa no Brasil
Com varandas para o Mar.

A fidelidade revela-se na constância com que a rapariga espera o moço, que foi para o Brasil. Ao fim da ausência antevê a fidelidade por tanto tempo mantida. A rosa espera na roseira que o rapaz venha de lá colhê-la.

Tenho o meu peito fechado,
A chave está no Brasil;
O meu peito não se abre,
Sem a chave de lá vir.

Os rapazes, quando insatisfeitos ou disiludidos não encontram par, apelam para o Brasil e para as Brasileiras. Quando tudo procuram no Brasil e esperam lá ir buscar ou que de lá lhes venha, não é demais que esperem também noivas:

Hei-de me ir para a Brasil
Casar c'uma Brasileira;
Já que não há nesta terra
Rapariga que me queira.

E o que lá foi e voltou à terra, desfaz de tôdas as conterrâneas, porque não valem a boniteza das do Brasil, nem a terra vale as que por tão longe viu:

Vila-Nova já foi vila
Agora é um charqueiro;
Quem quiser moças bonitas
Vá ao Rio-de-Janeiro.

(*Fronteiras*, jornal do Recife, Dezembro de 1936).

15) Como Nossa Senhora anda na alma, no coração e na bôca do povo português

(Esbôço dum cancioneiro mariano)

Se fôssemos supor que era possível reünir tôdas as cantigas com alusão a Nossa Senhora, enganar-nos-íamos. De tal forma brotam da fonte perene, manancial cheio de luz escondida na alma humana, que os louvores à Virgem surgem sempre e em tôda a parte, ouro eterno do mesmo filão de amor.

Ora novas, originais, cristalinas, singelas como Aquela para quem se erguem nas nuvenzinhas de incenso poético do culto íntimo e humilde; ora acomodadas de outras já sabidas, o que lembra as emissões de diversas côres nos faróis girantes: — as trovas de Maria são puríssimas, rosas de todo o ano que nascem no canteiro místico da alma.

Amor, piedade, esperança, arrependimento, promessa, gratidão, alegria, formam arco-íris no altar português, erguido à Mãi de Deus.

São tantas as variantes da invocação mariana, sem ter conta nas que provêm da origem corográfica da igreja, onde os homens veneram a imagem, são tantas as tintas com que a imaginação pinta os atributos e o valimento de Nossa Senhora, que já exigiria trabalho de monta colhê-las e reüni-las.

A 25 de Março festeja o mundo católico a *Anunciação de Nossa Senhora; Senhora de Março* e *Senhora da Encarnação*, lhe chama por isso o povo.

Tomei assim o pretexto de colhêr um punhado frêsco dessas rosas portuguesas, nos jardins da nossa terra, e depô-lo no altar virginal da Senhora.

Portugal tem, nas trovas em honra e louvor de Maria, as iluminuras de maravilha e de sol do Livro de Horas, onde nós rezamos orações de cada dia e de cada instante.

Quem leia, de olhos bem abertos, as trovas de Nossa Senhora, e as sinta como notas derramadas de um daqueles instrumentos que os pintores põem nas mãos dos anjos, imaginar-se-á dentro de altíssima tôrre, debruçado sôbre o mundo, em galeria de janelas pequeninas, ogivais, infantis, ingénuas como a luz da madrugada, que entra por elas e o desvaira de côr.

Os arraiais, com as policromias de fogo, não tem maior espontaneidade nem maior emoção.

Nossa Senhora, Mãi de Jesus

Do tronco nasceu a rama,
Da rama nasceu a flor,
De David nasceu Maria,
De Maria o Redentor.

Sant'Ana teve Maria,
Maria teve Jesus.
Oh! que lindo ramalhete
Para enfeitar a Cruz!

(Coimbra).

Sempre virgem

No seio da Virgem pura
Incarnou Divina Graça;
Entrou e saíu por Ela,
Como o sol pela vidraça.

Vossa alma é mais pura
Que os puros cristais;
Formosa, sem mancha,
Bemdita sejais!

Duma vinha dá-se uma cepa,
Duma cepa dá-se uma rosa,
E duma rosa o Redentor.
Aió, aió.

Na «Confissão de Nossa Senhora», cantada em Mação, a Virgem vai confessar-se «por guardar o preceito do Unigénito Filho»; o padre, ouvida a confissão, diz:

Levantai-vos de meus pés,
Pomba branca, cristalina,
Onde todo o bem se encerra,
Onde está a luz divina.

Anda associada a Incarnação do Jesus com a Eucaristia, nesta quadra da Vidigueira, logo seguida de outra referente ao Natal:

Semeou-se o Pão Divino
Nas entranhas da Senhora:
Nasceu uma só espiga,
Que sustenta a gente tôda.

Essa espiga, quando nasce,
É na noite de Natal,
Entre as onze e a meia-noite,
Antes do galo cantar.

Natal

Acordai, pastorinhos,
Vinde a Belém,
Achareis o Menino
Nos braços da Mãi.

Maria, Maria,
Sois mar de grandeza!
Maria, Maria,
Sois mar de pureza!

(Dos *Autos Pastoris*
do Litoral Coimbrão).

No presépio: os Reis

São chegados os três reis
Lá das partes do Oriente,
A visitar o Menino,
Santo Deus Omnipotente.

Guiados por uma estrêla,
Vieram ter a Belém,
Onde estava o Rei do Mundo,
Que nasceu para nosso bem.

A estrêla se escondeu
Por trás duma estrebaria;
Dentro estava o Deus Menino,
E mai-la Virgem Maria.

. . . .

Santos Reis, santos c'roados,
Foi Jesus que vos c'roou,
Jesus, que p'ra vos salvar,
Deus ao mundo enviou.

Nesta noite tão feliz,
Cantemos com alegria:
Já nasceu o Rei da Glória,
Filho da Virgem Maria.

(Beira).

Na fuga para o Egipto

Com Jesus nos braços
Tôda a noite andais
Mais vosso esposo,
Bemdita sejais!

Por duras montanhas
A pé caminhais
Buscando o Egipto,
Bemdita sejais!

Nossa Senhora na Sagrada Família

Cantai, anjos, ao Menino,
Que a Senhora logo vem;
Foi lavar os cueirinhos
À ribeira de Belém.

Nossa Senhora do Monte,
Lá na sua janelinha,
C'o seu Menino nos braços,
Fiando na sua ròquinha.

A ròquinha era de ouro,
E o fuso de prata fina,
E o linho, que a Virgem fiava,
Era da glória divina.

E o pano, que tecia,
As freiras lho vinham comprar,
P'ra camisas do Menino,
E toalhinhas p'r'ó altar.

(Funchal).

Ó meu Menino Jesus,
Quem Vos há-de acalentar?
É a mamãzinha,
Que lh'há-de dar de mamar.

(Tondela).

A cantiga, que cantava a Virgem,
Quando embalava o Menino:
«Anda cá, meu vaso de ouro,
Meu Sacramento Divino».

(Óbidos).

Calai-Vos, meu Menino,
Que a Senhora logo vem;
Foi lavar os cueirinhos
À fontinha de Belém.

Nossa Senhora lavava,
S. José estendia,
E o Menino chorava
Do frio que fazia.

(Alandroal).

Estando a Virgem,
À borda do rio,
Lavando os paninhos
Do seu bento Filho,

A Virgem làvava,
São José estendia,
Menino chorava
Com frio, que fazia.

Cala-se o Menino,
Cala-se o Amor;
Isto são navalhas,
Que cortam sem dor.

A Virgem ao peito
O foi aconchegar.
Logo o Deus Menino
Deixou de chorar.

(Mação).

A Senhora das Candeias (2 de Fevereiro)

Da minha janela rezo
À Senhora das Candeias,
Que me guarde o meu amor,
Que anda por terras alheias.

Se a Senhora da Luz chorar,
Está o Inverno a acabar;
Se a Senhora da Luz rir,
Está o Inverno p'ra vir.

A Senhora de Março (dia 25)

Homens e mulheres de Bemquerença (Penamacor) rezam a Nossa Senhora, para serem «assoldados»: uma por dia, rezam no mês trinta e uma Ave-Marias, e, no dia 25, nove rosários. Dizem no primeiro dia:

Convosco me assoldado,
Ò Virgem Maria;
A soldada, que Vos peço,
É a paz e alegria.

Paz e alegria
Era o que eu mais queria.
Êste mês de Março
Tem trinta e um dia,
Por isso Vos rezo
Trinta e uma Ave-Maria.

A Senhora da Abadia
Tem uma fita no braço,
Que lhe deram os Anjinhos
A vinte e cinco de Março.

Nas madrugadas dos Domingos e Dias-Santos da Quaresma, cantam seis ou oito rapazes solteiros de Mação o «Têrço de 25 de Março» ou «Têrço da Encarnação». A voz

modula, no silêncio fresco e suavíssimo da madrugada, estas quadras:

Côro: Ave, ó Maria,
Estrêla do ar,
Mãi pura de quem
Quis Deus incarnar!

Deus Vos revestiu
De virtudes tais,
Que sois um prodígio:
Bemdita sejais!

Voz: Tiveste o teu parto
E Virgem ficais,
Serás sempre Virgem:
Bembita sejais!

Grande Deus Supremo,
Senhora, nos dais
Para nos redimir:
Bemdita sejais!

A Senhora das Dores (Paixão)

Diálogo de Nossa Senhora com seu Filho

Quinta-feira de Endoenças,
Sexta-feira da Paixão,
Falou a Virgem com Cristo:
— Onde vais, Filho meu?
— Eu vou a Jerusalém.
— Não vás lá, ó Filho meu,
Que lá estão os judeus
Todos p'ra te prender.
— Escute, escute, lá, minha mãi,
Que eu me atrevo a dizer
O que lá me farão:
Porão-me uma c'roa de espinhos,
E outra de jungos meirinhos,
E com ela me arrastarão.
Quem isto não quiser ver,
Subirá aquêle outeiro,
Que lá verá as ruas regadas
Com o meu sangue verdadeiro.

(Barroso).

À *Senhora das Dores*, cantam em Alpedrinha:

O querido Jesus,
Vós o acompanhais
Até ao Calvário,
Bemdita sejais!

Que tristes suspiros
Então não lançais,
Que chegam aos Céus,
Bemdita sejais!

No vosso regaço
Seu corpo aceitais
E sôbre êle cais,
Bemdita sejais!

Sem filho, sem Deus,
Então suportais
Cruel soledade,
Bemdita sejais!

A dor ainda cresce,
Quando reparais
Que expira Jesus,
Bemdita sejais!

A todos, que passam,
Triste, preguntais,
Se há dor como a Vossa:
Bembita sejais!

Estas quadras são cantadas por uma voz de homem; o povo, em côro, repete ao fim de cada uma:

Bemdita sejais,
Senhora das Dores!
Ouvi nossos rogos,
Mãi dos pecadores!

Senhora das Dores,
Que tão alta estais,
No Céu e na terra
Bemdita sejais.

Bemdita sejais,
Ó Virgem das Dores,
Tende compaixão
De nós pecadores.

Na Aleluia: "Alvíçaras"

Alviç'ras, ó Virgem Santa,
Pela nova que Vos dou:
Céus e terra já se alegram,
Que Jesus ressuscitou.

(Mação).

Virgem, como estás alegre,
Co'a Ressurreição na mão;
Aleluia, já é festa,
Alegre-se o coração.

(Idanha-a-Nova).

Oh! que novas tão alegres,
Que trago à Virgem Maria!
Ressuscitou o Seu Filho
Nesta manhã de alegria.

(Idem).

Aleluia, aleluia,
Aleluia já é festa;
Alegrai-Vos, Mãi de Deus,
Nossa alegria é esta.

(Alpedrinha).

Dai-nos as alvíçaras, Senhora,
Que nós vo-las vimos pedir;
Vosso amado Filho
Já tornou a ressurgir.

(Idem).

A Senhora de Agôsto (dia 15)

Senhora de Valinhas,
Não vos torno a rezar,
Que me tiraste as merendas,
As horas de eu descansar.

Senhora da Nazaré,
Já lhe não torno a rezar,
Que me levou a merenda
E me trouxe a serandar.

(Vale-de-Lôbos).

Ó Senhora dos Remédios
Já vos não hei-de rezar,
Que me levaste as sestas
E as horas de merendar.

Senhora das *Necidades*,
Não hei-de ir à vossa festa,
Que me tirais a merenda
E mais a hora da sesta.

(Barcelos).

Nossa Senhora é rosa, Jesus é cravo

Nossa Senhora é rosa,
O Menino é craveiro;
Lindo cravo, linda rosa,
Lindo amor verdadeiro.

(Atalaia — Pinhel).

Jesus é um lindo cravo,
Sua mãi é uma rosa,
De tôdas do meu jardim
A mais linda e mais formosa.

(Olival — Ourém).

Que rosa é aquela
Que vai no andor?
É Nossa Senhora,
Mãi do Redentor.

(Idem).

Senhora das Dores,
O vosso Menino:
As noutes são grandes,
Êle é pequenino.

Nossa Senhora é rosa,
O seu Menino é cravo;
S. José é o jardineiro,
Daquele jardim sagrado.

(Miuzela — Beira-Baixa).

Êle é pequenino,
Mas é bem criado,
Filho duma rosa,
E neto dum cravo.

(S. Martinho de Bougado).

Nossa Senhora da Lapa
É linda como uma rosa;
No reino de Portugal
Não há outra tão formosa.

(Lapa).

Senhora do Couto,
Sois branca assucena:
Quem Vos adorar,
Não pode ter pena.

Senhora do Couto,
Ó rosa encarnada
Sois a mãi de Deus,
Nossa advogada.

Senhora do Couto,
Ó rosa em botão,
Trago-vos, Senhora,
No meu coração.

Senhora do Couto,
O que estais de airosa!
Com a mão no peito,
Não Vos cai a rosa.

(Nabaínhos — Gouveia).

Invocações e preces a Nossa Senhora

Valha-me Nossa Senhora!
Que linda palavra eu dei!
Nossa Senhora me guarde
Já que eu guardar-me não sei.

Nossa Senhora da Lapa,
Pequenina e bem feita,
Levai, levai minh'alminha
Para o Céu e bem direita.

(Lapa).

Nossa Senhora me ajude,
Ela me queira ajudar!
Sem a sua santa ajuda,
Ninguém pode trabalhar.

Ó Senhora da Assunção,
A Vossa bênção me dai;
Entregai a minha alminha
A nosso eterno pai.

Ó Senhora da Assunção,
Que lá no alto estais,
Tôda cercadinha de anjos
Bemdita sempre, sejais.

(Santo Tirso).

Nossa Senhora da Lapa,
Estendei-me a Vossa mão;
Colocai-me bem juntinho,
Junto ao Vosso coração.

(Lapa).

Guiai-nos, Senhora,
Com a Vossa luz.
Bemdito é o fruto
Do teu ventre, Jesus.

Lembrai-Vos, Senhora,
Dos devotos teus;
Oh! Santa Maria,
Sois a Mãi de Deus.

Sim, rogai por nós,
Senhora das Dores.
Oh! Virgem Sagrada,
Mãi dos pecadores!

Livrai-nos, Senhora,
Da infeliz sorte,
Agora e na hora
Da nossa morte.

(Mação).

Ave-Maria, de grande valor,
Raínha dos Anjos,
Do Céu resplandor;
Muitas maravilhas
Àquele Senhor;

Orações divinas
À Virgem Maria,
Deus a escolheu:
P'ra ser mãi sua
Pois dela nasceu.

(Santo Tirso).

Ave-Maria

Virgem casta e pura,
Dos Céus alegria,
Ouvi os que dizem:
Ó Ave-Maria.

Mãi de piedade,
Usai-a connosco;
Vós tudo podeis,
O Senhor é convosco.

Raínha dos Céus,
Que quereis que eu faça?
Oh! doce Maria,
Cheia sois de Graça!

Oh! Virgem Maria,
Olhai para nós,
Agora e sempre:
Bemdita sejais.

Deus terá por bom
Tudo o que fizeres.
És a mãi ditosa
Entre as mulheres.

Ave-Maria
De grande valor,
Raínha dos anjos,

Do Céu resplandor,
Ao mundo vieste dar
Prazer e alegria.

(Vila Real).

Oração para o levantar

Ergui-me de madrugada
A varrer a Conceição,
Encontrei Nossa Senhora
C'um rosário de ouro na mão.
Eu pedi-lhe um bocadinho,
E ela disse-me que não.

E eu tornei-lho a pedir,
E ela deu-me o seu cordão,
Que lhe desse doze voltas
Ao redor do coração,
E que lhe desse mais uma,
Que chegasse do Céu ao chão.

(Barroso).

Salve Raínha

Salve Raínha,
Rosa divina,
Cravo de amor,
Mãi de Nosso Senhor.

Invocações patrióticas

Nossa Senhora da Póvoa
Deitai os olhos ao chão;
Dai fôrça aos Portugueses,
P'ra defender a Nação.

(Vale-de-Lôbos).

A Senhora do Sameiro,
No meio do areal,
Com a sua mão direita
Abençoa Portugal.

(Viana-do-Castelo).

Nossa Senhora da Lapa,
Pequenina e engraçada,
Foi a mãi dos Portugueses,
Quando estavam em batalha.

(Lapa).

Nossa Senhora da Lapa
Nunca saíu da lembrança
Aos soldados Portugueses,
Que andavam pela França.

(Idem).

Nossa Senhora da Lapa,
Com Vossa coroa real
Sempre fostes e sereis
Raínha de Portugal.

(Idem).

Nossa Senhora é Mãi do Céu e Madrinha da gente

Minha Mãi do Céu, valei-me,
Que a da terra já não pode;
A do Céu sempre está viva,
A da terra logo morre.

(Comum).

Ó Virgem dos Altos Céus.
Nossa Mãi, nossa Madrinha,
Dai-nos o Céu por esmola,
Já que dêle sois Raínha.

(Lousa — Beira-Baixa).

Adeus, Senhora da Lapa,
Sois a minha boa Mãi;
Só a Vós quero eu amar,
Só a Vós e a mais ninguém.

(Lapa — Cernancelhe).

Nossa Senhora do Monte,
Aquela que está ali dentro,
Há-de ser minha Madrinha
No dia do casamento.

Nossa Senhora é Mãi,
É Mãi de quem a não tem;
Hei de pedir à Senhora
Que seja minha também.

Ó Senhora da Peneda,
Senhora da Penedinha,
Comadre de minha mãi,
Senhora minha Madrinha.

Nossa Senhora da Lapa,
Senhora tão pequenina,
Comadre de minha mãi,
Senhora minha Madrinha!

Nossa Senhora da Lapa,
Da Lapa ou da Lapinha,
Chamai-me Vós afilhada,
Q'eu Vos chamarei Madrinha.

Os milagres da Senhora

Senhora da Apar'cida
Apar'ceu na Barreirinha;
Oh que milagre tamanho!
Senhora tão pequenina!

Nossa Senhora do Pôrto (de Ave)
É estrêla da manhã;
É saúde dos enfermos,
É a nossa salvação.

(Póvoa-de-Lanhoso).

A Senhora do Sameiro
Fêz um milagre no Monte;
O menino pediu água,
A Senhora fêz a fonte.

(Viana-do-Castelo).

A Senhora da Assunção
Assubiu acima ao Monte;
Formou-se logo um fonte,
Aonde se Ela assentou.

(S. Simão-de-Novais).

As promessas a Nossa Senhora

Nossa Senhora da Lapa,
Tem um manto bordadinho,
Que Lhe trouxe um seu devoto,
Que lá veio do Alto Minho.

(Lapa).

Nossa Senhora da Lapa
Tem uma fita amarela,
Que lhe deram os soldados,
Quando vieram da guerra.

Nossa Senhora da Lapa
Tem ofertas importantes;
Tem uma cr'oa de prata,
Que é meada de brilhantes.

Nossa Senhora da Lapa
Tem uma toalha nova,
Que lhe deu um Seu devoto,
Que lá foi da Granja Nova.

As romarias em homenagem de Nossa Senhora

Ó Senhora da Abadia,
Vinde abaixo, dar-me a mão.
Eu sou raparia nova,
Cansei no arrebentão.

Nossa Senhora da Granja,
À Vossa porta me assento,
Cansadinha do caminho:
Virgem, dai-me algum alento.

(Proença-a-Vélha).

Ó Senhora da Assunção,
O caminho pedras tem;
Não fôsse o Vosso milagre,
Não iria lá ninguém.

Nossa Senhora da Lapa,
Aqui vimos lá do Minho;
Somos de tão longes terras,
Mas não nos custa o caminho.

(Lapa).

Ó Senhora da Assunção,
Dai-me água da Vossa fonte,
Que eu já venho cansadinha
De assubir ao Vosso monte.

(Santo Tirso).

A Senhora do Socorro
Já lá vem de S. Romão,
Com o seu Menino ao colo
E S. José pela mão.

(Óbidos).

Nossa Senhora da Graça,
Eu aqui 'stou a chegar;
Botai-me as vossas bênçãos
Lá de cima do altar.

(Celorico-de-Basto).

Nossa Senhora da Lomba,
A Vossa capela alveja:
Dizem os vossos devotos
Que inda há-de ser igreja.

(Pinhanços).

Nossa Senhora da Graça,
Eu p'ra o ano lá hei-de ir,
Ou casado, ou solteiro,
Ou criado de servir.

(Idem).

Nossa Senhora da Lomba,
Tem giestas o Vosso caminho.
Puderas tê-lo, Senhora,
De rosas bem cobertinho.

Nossa Senhora da Graça
Tem água num cantarinho,
Para dar aos romeiros,
Quando vêm de caminho.

(Idanha-a-Nova).

Senhora da Nazaré,
Perto vem o Vosso dia;
Eu hei-de lá ir êste ano,
P'ra cumprir a romaria.

(Vale-de-Lafões).

Nossa Senhora da Póvoa,
Ó Santa tão milagrosa!
Vai gente de tôda a parte,
Para ver tão linda rosa.

Nossa Senhora da Póvoa,
Descei ao Vosso arraial;
Romaria como a Vossa,
Não na há em Portugal.

(Vale-de-Lôbos).

Ó Senhora dos Remédios,
Vinde ver a nossa gente;
Dai-lhe saúde a tôda,
Qu'ela tôda vem doente.

A Senhora do Sameiro
Bota contas ao terreiro:
Bota uma, bota duas,
Bota o rosário inteiro.

(S. Simão de Novais
— Barcelos).

Ó Senhora dos Remédios,
Vinde abaixo, dai-me a mão.
Eu sou romeirinha nova,
Abafo do coração.

A Senhora do Sameiro
Bota fitas a voar,
Vermelhinhas e branquinhas,
Tôdas vão cair no mar.

(Idem).

A Senhora dos Remédios,
Tem o remédio na mão;
Tem o remédio da vida,
Também o da salvação.

Ó Senhora da Saúde,
Eu bem alto vo-lo digo:
Para o ano lá hei-de ir,
Que Vos tenho prometido.

(Idem).

A Senhora da Saúde
Aqui vimos visitar;
Tantos anjos me acompanham
Quantas passadas vim dar.

(Idem).

As romarias de Nossa Senhora do Rosário em Santo-Tirso cantam as *excelências da Senhora*. São doze as excelências; cantam a primeira; segue-se a segunda, que é cantada duas vezes; a terceira três vezes; até à décima segunda, sem que se possa acabar a série, desde que comece:

Ua Ave-Maria,
Cheia de graça;
Cheia de graça;
Ó de graça cheia!
Quando o mar abranda,
O sol alumeia;

Se êle alumeia,
Deixá-lo alumiar;
Nasce na serra,
Põe-se no mar!

Se êle se põe,
Deixá-lo pôr;
São as cinco chagas
De Nosso Senhor!

Nos primeiros tempos da República, fecharam a cadeado de ferro a grade do altar de Nossa Senhora da Lapa (Cernancelhe), o que provocou tristeza e revolta. Mais tarde foi retirado o cadeado, e o povo ficou satisfeito. Ao facto alude a poesia popular:

Nossa Senhora da Lapa,
Com cadeias Vos prenderam;
Perdoai aos desgraçados,
Que tanto Vos ofenderam.

Nossa Senhora da Lapa,
Muito alegre hoje fiquei;
Já Vos vejo sem cadeias,
Já mãos ao Céu levantei.

(Lapa).

Se os romeiros vão com fé homenagear a Virgem, também se esquecem de cumprir o voto. Por isso depois lamentam a falta cometida:

Nossa Senhora da Granja,
Bem me podeis perdoar:
Vim à Vossa romaria,
Só p'ra cantar e bailar.

(Proença-a-Vélha).

Na Senhora da Apar'cida
Numa pedra me assentei:
C'o sentido no amor
Nem a 'mola à Santa dei!

(Celorico-de-Basto).

(*Letras e Artes*, suplemento literário das *Novidades*, Lisboa, 27 de Março de 1938).

16) O Natal no folclore e na arte popular

O Natal é quadra rica de manifestações folclóricas. A sugestão do mistério religioso, combinada com o particular condicionalismo das festas do período cíclico, desenvolveu a inspiração poética. A riqueza sentimental da comemoração deu asas aos poetas do povo para os cantares reveladores dos objectivos e do carácter dêles.

Por certo, a origem dêstes cantos é cultual, de feição mais ou menos eclesiástica; nem por isso deixa de haver originali-

dade e espírito de adaptação na expressividade poética do povo, dentro dos moldes encontrados.

Na variedade dos cantos populares do Natal há grande unidade. A fantasia envolve-os, modifica-os, amplia-os com acréscimos ingénuos, provindos de vária origem afim.

Comecemos o cancioneiro:

Antes de nascer o Menino

Nasceis de noite, às escuras,
Assim o quereis demonstrar,
Que, como sol verdadeiro,
Nos vindes alumiar.

Nascei, nascei, meu Menino
Nascei, não façais demora!
É bem que nasça o sol,
Da mais pura, bela, aurora.

Oh! meu Menino Jesus,
Boquinha de requeijão!
Dai-me da vossa merenda,
Que minha mãi não tem pão.

Pastores, do verde prado,
Quem vos deu novas na serra?!
—Um anjo de Deus mandado,
Que desceu do Céu à Terra! (1).

(Beira).

Oh! meu Menino Jesus,
Boquinha de santidade!
És a segunda Pessoa
Da Santíssima Trindade.

Pastores do monte e prado,
Acordai, por vosso bem;
Ide já fechar o gado,
P'ra ver Jesus em Belém (2).

(Mação).

Ao nascer do Menino

Abre-se o Céu e a Terra
Cantemos com alegria!
Já nasceu o Deus-Menino,
Filho da Virgem Maria.

Em Belém tocam ao fogo,
Ao portal já sai o fumo:
Já nasceu o Deus-Menino,
Para salvação do Mundo! (3).

(Beira).

Andam na bôca do povo fragmentos de outros cantares mais longos. Nem sempre o colector pode verificá-los no

---

(1) Severo Portela, *Romances Religiosos da Beira*, Pôrto, 1929, págs. 24-25.

(2) Francisco Serrano, *Romances Populares da minha Terra*, Braga, 1921, pág. 82.

(3) Severo Portela, id., pág. 26.

meio da cascata fragorosa das canções populares. Tiro esta quadra à colecção de Pedro Fernandes Tomaz:

Esta noite, à meia-noite,
Ouvi cantar ao divino;
Eram os anjos do Céu
A embalar o Menino [1].

(Coimbra).

Também entre as *Velhas Canções* do mesmo folclorista encontrei esta quadra de presépio, de Coimbra como a antecedente:

Eu bem vi Nossa Senhora
No presépio de Belém
Com seu filhinho ao colo,
Que lhe estava muito bem [2].

(Coimbra).

Flutuam no ar os cantares do povo, como fôlhas sêcas, que o vento dispersou e baloiça ainda.

Vejamos agora uma canção — romance do Natal — que mantém até final a rima consoante de Maria:

Conto do Natal

Caminhavam p'ra Belém
O S. José e Maria;
Tanto andavam pela noite,
Como andavam pelo dia.

Ao chegarem a Belém,
Tôda a gente ali dormia:
— «Abre as portas, ó porteiro,
A José e a Maria».

— «Não vos posso abrir as portas,
Que a vida me custaria»;
Foram para uma cabana,
Que S. José conhecia.

São José foi buscar lume,
Que lume ali não havia;
Volta S. José com o lume,
Já o menino nascia.

A touca, que a Virgem tinha,
Em três partes a partia,
Para cobrir o Menino,
Que outras faixas não havia.

---

(1) Pedro Fernandes Tomaz, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, Coimbra, 1913, pág. 59.

(2) Id., pág. 60.

Chegou um Anjo do Céu,
Que paninhos lhe trazia:
Uns de ouro, outros de prata,
Outros de cambraia fina.

A Mãi co'o filho nos braços
Dar-lhe de mamar queria;
Emquanto o filho mamava,
Chorava a Virgem Maria.

O menino, então, falou:
Oh! que grande maravilha!
«—Porque chorais, Virgem Pura?
—Porque chorais, Madre minha?»

—«Choro pelos pecadores,
Que em todo o mundo havia;
Que uns me pedem riquezas,
Outros me pedem a vida.

Só a salvação da alma
A todo o mundo esquecia;
Se Deus lhe não acudisse,
O mundo se perderia!

Respondeu o Deus Menino
À Mãi, a Virgem Maria,
Que, de todo o mundo inteiro,
Êle o Salvador seria [1].

(Mação).

No fim desta transcrição, quero chamar a inteligência para a forma delicada, por que o pensamento do poeta aludiu ao nascimento de Jesus, numa quadra de S. Simão-de-Novais, colhida por Fernando C. Pires de Lima:

Duma flor nasceu a vara,
Da vara nasceu a flor;
Duma flor nasceu Maria,
De Maria o Redentor [2].

(S. Simão-de-Novais).

É uma maravilha de inspiração em forma poética de cânone arcaico, encadeado.

Prossigamos o caminho através do largo Cancioneiro Natalício.

---

(1) Francisco Serrano, *obr. cit.*, págs. 88-89.

(2) Fernando de C. Pires de Lima, *Cantares do Minho — Cancioneiro popular*, Barcelos, 1937, pág. 22, n.º 151.

Noite de Natal

Pela Noite de Natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhando vai José,
Caminhando vai Maria.

Ambos os dois p'ra Belém,
Mais de noite que de dia,
E chegaram a Belém,
Já tôda a gente dormia.

— «Abri a porta, porteiro,
Porteiro da portaria»;
Não deu resposta o porteiro,
Porque também já dormia.

Só encontraram pousada
Dentro duma estrebaria;
Ali ficaram os dois
Até ao romper do dia.

Buscou lume S. José,
Porque a noite estava fria;
Lá ficou ao desamparo,
Sòzinha, a Virgem Maria.

Quando voltou S. José,
Já viu a Virgem Maria
C'o Deus Menino nos braços,
Que todo o Mundo alumia.

E veio um Anjo do Céu
Cantando: Ave-Maria!
Agora mesmo, em Belém,
Nasceu Jesus de Maria.

Veio ao Mundo esta noite,
Dentro duma estrebaria,
Entre um boi e uma mula,
E sem outra companhia.

Demos graças a Deus Padre
E a Jesus Cristo também;
Que sejam ambos louvados
Para todo o sempre: Amen.

Recolheu esta canção Pedro Fernandes Tomaz, no Distrito de Castelo-Branco, e informa que era cantada na Beira-Baixa e no Alentejo [1].

Nela se reproduz o modêlo a que obedeceu a de Mação, narrativas ambas. Os pormenores divergem; a divergência maior está, porém, na filosofia do acontecimento, comentado pelo poeta-cantor. É a personalidade do poeta, aplicada à reprodução do texto recebido: — o ponto acrescentado ao conto.

No exemplo de Mação, a Virgem chora a ingratidão dos homens, e o Menino promete ser o Salvador do Mundo

[1] Pedro Fernandes Tomaz, *obr. cit.*, págs. 61-62.

inteiro; notem-se: o nascimento de Jesus, as lágrimas queixosas da Virgem, que, na alegria de ver o Filho-Deus, vê a maldade ingrata da humanidade, e a fala do recém-nascido a consolar a Mãi, — factos que realmente engrandecem na psicologia do cantor, e na dos ouvintes, a transcendência do mistério evocado.

No canto de Coimbra, o poeta filosofou menos e terminou a narrativa com uma quadra-oração, em que louvou a Deus Padre e a Jesus Cristo, «para todo o sempre: Amen».

Na «Oração do Natal», que se segue, e foi colhida no Cadaval, ainda o modêlo fundamental é o mesmo das canções anteriores. Não a dou na íntegra, para evitar as repetições escusadas; traslado apenas o passo revelador da fantasia do poeta, que a revestiu de ornatos teatrais, e incluiu nela argumento anacrónico, tal a subida de Nossa Senhora ao Céu na Quinta-feira da Ascenção, sem falar da presença de S. Francisco.

Oração do Natal

....
Quando ia chegando a Belém,
Tôda a gente dormia:
— «Abre a porta, porteiro,
Que é S. José mais Maria»,
— «A minha porta não se abre,
Sem que se declare o dia,
Não abro a porta a passageiros,
Sem que a fala lhe conhecia».

Emquanto S. José foi buscar lume,
Já a virgem tinha o menino;
Chega S. Francisco,
Rezando Ave-Maria;
Ave-Maria rezada,
Subiu ao Ceu,
Jesus Cristo lhe preguntou:
— «Como ficou lá a Virgem?»
— «Ficou coberta de ouro,
Mais o seu bendito Filho».
— «Inda isso não é nada,
Para o que ela merecia».
Um lenço com que se cingia,

Mais fino que a holanda,
É d'ouro, não de latão.
Subiu Nossa Senhora ao Céu,
Quinta-feira da Ascenção,
Visitar os Santos Padres.
.... [1].

(Cadaval).

Também os pòveiros deram forma à canção do Natal
Reproduzo o mais importante e característico da versão:

Versos ao Menino

Em uma cabana vélha,
De penhascos naturais,
Entrou lá Nossa Senhora,
S. José e ninguém mais.

Onde os pastores costumavam
Recolher dentro os seus gados,
De todo desprotegidos,
Sem vizinhos pelos lados.

Não houve em Belém pessoa,
Que quisesse ir morar nela,
Sòmente os dois peregrinos
Se abrigaram dentro dela.

Começou Nossa Senhora
A varrê-la e a limpá-la;
S. José com muito gôsto
Foi prontamente ajudá-la.

Encheu-se tôda a cabana
De cheiros maravilhosos,
Que vinham dos altos Céus
Para aquêles dois esposos.

Tendo isto por notícia,
E por mistério dos Céus,
Poseram-se de joelhos,
Dando louvores a Deus.

S. José petiscou lume
Com um fusil que trazia;
Fizeram uma fogueira
Pelo frio que então fazia.

Tirou dos seus alforginhos
A refeição que levava,
Disse para Nossa Senhora
Se com êle consoava.

Desde que a Virgem entrou
Naquela ditosa lapa,
Estava tão resoluta,
Que de nada se lembrava.

E só por obedecer
Ao patriarca José,
Se pôs à mesa com êle,
Comeram com muita fé.

---

[1] José Maria Adrião, «Tradições populares colhidas no concelho do Cadaval», in *Revista Lusitana*, vol. VI, pág. 110 (1910-1911).

Comeram com muito gôsto
A ditosa consoada;
Deram louvores a Deus,
Por ser também arranjada.

Disse-lhe Nossa Senhora
Que repousasse e dormisse,
E, se por êle chamasse,
Prontamente acudisse.

A Virgem logo sentiu
O seu parto milagroso,
Chamando com meiga voz:
«Vem cá, meu esposo».

....

Nasceu o Menino-Deus
Com prazer e alegria,
Ficando resplandecente
Sua Mãi Virgem Maria.

....

Dando S. José as faixas
E também os cueirinhos,
A Virgem Nossa Senhora
Embrulhou o Deus-Menino.

E logo daqueles campos
Um boi-bento a correr
Veio ter à cabaninha
Para o Deus-Menino ver.

Entrou dentro da cabana,
Junto com um jumentinho,
Puseram-se de joelhos
A adorar o Deus-Menino.

O boi-bento bafejava
Com o seu bafo e vigor
O frio que maltratava
Ao divino Redentor.

Eu te abençôo boi-bento,
Que fiques abençoado,
De todos os animais
Tu serás o melhor gado.

....

Logo que os pastores souberam
Que era nascido o Menino,
Desprezaram seus rebanhos,
E poseram-se a caminho.

Vieram muitos pastores
À cabana de Belém,
Adorar o Deus-Menino
E dar-lhe o seu parabém.

....

Logo um pastor lhe ofereceu
Um pequenino cordeiro,
Por saber que era nascido
O Salvador verdadeiro.

....

Em Dezembro, a vinte e cinco,
Nasceu o Menino-Deus,
Vamos todos adorá-lo,
Erguendo as mãos aos Céus [1].

(Póvoa de Varzim).

....

---

[1] A. Santos Graça, *O Pòveiro*, «Usos, Costumes, Trações Lendas», Póvoa de Varzim, 1932, págs. 204-205.

Outro cantar de Mação revela ainda a unidade inspirativa, que conformou os cantares do mesmo tipo narrativo do nascimento do Menino, por vezes fortemente eivados de expressivo realismo.

Noite de Natal

Linda noite a do Natal!
Que noite tão preciosa!
Nasce o Rei celestial
Do ventre da Gloriosa.

Não quis nascer em palácios,
Em dourada e rica cama,
Foi nascer lá em Belém
Em uma pobre cabana,

Onde comia o boi manso
E a mula maliciosa;
Em cima dumas palhinhas,
Não quis cama côr de rosa.

O boi, como era manso,
O Menino bafejava;
A mula maliciosa
Só comia e resmungava.

Da palha da sua ceia
P'ra cama o boi oferecia;
A mula maliciosa
A palha tôda comia.

E a Virgem, amorosa do filho divino, amaldiçoa a «mula maliciosa»: «Maldição te deito, mula». E acrescenta:

A ventura de ser mãi
Nunca tu a gozarás.

Por fim, para que os pastores entrem para adorar o Menino:

Entrai, pastores, entrai,
Por êsse portal a dentro,
Visitai o Deus-Menino
No seu santo nascimento (1).

(Mação).

Destas acusações à mula do presépio, aqui no cantar maçanense amaldiçoada pela Virgem, provém a crença popular na maldição do híbrido maldoso.

E concomitantemente os louvores do boi, — «o boi bento»

(1) Francisco Serrano, *obr. cit.*, págs. 83-84.

— e por extensão aplicados à vaca, dedicam a estes animais a estima religiosa, que, no Norte de Portugal, faz dêles uns entes queridos quási de família. O bafo das vacas é santo, porque Jesus, quando nasceu, foi bafejado por uma vaca (Estremadura) e, em conseqüência, no lançar sementes à terra, chega-se ao focinho da vaca ou do boi, a cesta onde elas estão, para que as bafejem, e para que as sementeiras surtam abundantes e gradas (Minho, Douro, etc.).

A mula foi amaldiçoada por tirar e comer a palha do presépio, onde a Virgem colocou o Menino-Jesus (Norte). Destas crenças populares nos falou o D.or Leite de Vasconcellos nas *Tradições populares* (1).

O *boi bento* aparece nas procissões do Minho, enfeitado com vistosa ornamentação popular, que vai das fitas e santinhos às lantejoulas e espelhos.

Continuemos: uma canção bailada da Beira-Baixa, com reflexo directo da liturgia no refrão dado pelo brado angelical da Missa, anunciador do Nascimento do Menino-Jesus:

Menino-Jesus

Oh! meu Menino-Jesus,
Vinde à face da Igreja.
Gloria in excelsis Deo!
Que Vos quero dar um beijo,
Onde todo o Mundo veja.
Gloria in excelsis Deo!

Oh! meu Menino-Jesus,
Oh! meu menino-Jesus.
Gloria in excelsis Deo!
Logo viestes nascer
Na noite do caramelo.
Gloria in excelsis Deo!

Todos os filhos dos ricos
Dormem em leito dourado.
Gloria in excelsis Deo!
Só Vós, Menino-Jesus,
Numas palhinhas deitado.
Gloria in excelsis Deo!

Todos os filhos dos ricos
Têm belos travesseiros.
Gloria in excelsis Deo!
Só Vós, Menino-Jesus,
Prêso a êsse madeiro.
Gloria in excelsis Deo!

Cantigas canta-as a Virgem,
Quando embala Jesus.
Gloria in excelsis Deo!

---

(1) Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*, págs. 176-178.

Vem cá, meu Amor-Perfeito,
Que tens que morrer na Cruz.
Gloria in excelsis Deo! (1).

(Proença-a-Vélha).

Amor-Perfeito chama a canção ao Menino. Vejamos o comentário, em duas quadras populares:

Não chames Amor-Perfeito
Às coisas, que a Terra cria;
Amor-Perfeito há só um,
Filho da Virgem Maria (2).

Esta não sei onde foi colhida, mas é comum; estoutra vem de Trás-os-Montes:

Chamaste-me Amor-Perfeito,
Coisa, que a Terra não cria;
Amor-Perfeito só Deus,
Filho da Virgem Maria (3).

(Argozêlo).

A seguir, quero acentuar a intervenção dos pastores nos contos do Natal. O espisódio evangélico do Natal inclue a revelação do Nascimento do Menino aos pastores, pelo aparecimento de um Anjo, no meio dêles, instruídos pelo Anjo, guiados pela estrêla que vai deter-se por cima do estábulo de Belém, vão adorar o Deus nascido, oferecer-lhe os seus presentes. Nos autos pastoris, nos presépios, nos louvores ou «loas» cantados à Virgem ou ao Menino, lá estão os pastores como personagens de primeiro plano, diante da Sagrada Família, na lapinha ou presépio, êles em adoração humilde e recolhidamente admirativa.

---

(1) Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. II, *O que a nossa gente canta*, Famalicão, 1927, pág. 133.

(2) Agostinho de Campos e Alberto de Oliveira, *Mil trovas populares portuguesas*, 3.ª ed., Lisboa, 1917, pág. 7, n.º 22.

(3) Mário Aldino de Spoleto, *Cantares da minha terra*, Pôrto, 1935, pág. 37, n.º 153.

Menino-Jesus

Alegre-se o Céu e a Terra,
Cantemos com alegria,
Que já nasceu o Menino,
Filho da Virgem Maria.

Oh! meu Menino-Jesus,
Convosco é que estou bem!
Nada dêste mundo quero,
Nada me parece bem.

Nossa Senhora é rosa,
Seu filho um lindo cravo,
S. José o jardineiro
Daquele jardim sagrado.

Entrai, pastores, entrai,
Por êsse portal sagrado,
Vinde adorar o Menino,
Numas palhinhas deitado (1).

(Tortozendo e Cova da Beira).

Outros pastores dançam de satisfação, forma característica de manifestar alegria:

Canto dos Pastores

Pastorinhas do deserto
É pois certo
Que na noite de Natal,
Num curral,
Baixou o filho de Deus
Lá dos Céus!

Quem nos deu tanta alegria?
Foi Maria!
E quem nos deu tanta luz?
Foi Jesus!
Onde nasceu tanto bem?
Em Belém!

Quem de Mãi tem primazia?
É Maria!
Quem 'stá em palhas de feno?
É o pequeno!
Quem de pequeno pai é?
É José!

Quem à graça nos conduz?
É Jesus!
Quem fêz a Terra e os Céus?
Foi só Deus!
Cantemos os seus louvores,
Ó pastores! (2).

(Ribatejo).

Êste canto que segue, curto e incisivo, colhido por Pedro Fernando Tomaz, provirá de canto maior, em que na narrativa surge o Anjo a acordar, não já pastores, mas pastorinhas. Ficou dêle êste retalho: uma quadra, em que o Anjo chama as pastorinhas, outra em que elas adoram Maria:

---

(1) Jaime Lopes Dias, *obr. cit.*, pág. 135.
(2) Pedro Fernandes Tomaz, *obr. cit.*, págs. 68-69.

Canto de Natal

Acordai, pastorinhas,
Vinde a Belém;
Achareis o Menino
Nos braços da Mãi.

Maria, Maria,
Sois mar de grandeza;
Maria, Maria,
Sois mar de pureza (1).

(Distrito de Coimbra).

Do mesmo folclorista, podemos tirar, entre outras canções dos pastores nos *Autos Pastoris*, esta quadra de revelada satisfação dos pastores, que foram a Belém:

Junto da lapa de Belém,
Grande alegria tivemos;
Vamos p'rós nossos casais
Gabar-nos do que fizemos (2).

(Figueira da Foz)

À volta destas canções do presépio gravitam muitas outras, que são borboletas em procura da luz. Não têm já Natal, vivem dêle, porém. É a Sagrada Família do Menino e é o tratamento do Menino, que lhes dão assunto:

Jesus, Maria José

Estando a Virgem
À borda do rio,
Lavando os paninhos
Do seu bento filho.

A Virgem lavava,
S. José estendia,
Menino chorava
Com o frio que tinha.

Cale-se o Menino,
Cale-se o Amor;
Isto são navalhas,
Que cortam sem dor.

A Virgem, ao peito,
O foi conchegar;
Logo o Deus-Menino
Deixou de chorar (3).

(Cardigos).

---

(1) Pedro Fernandes Tomaz, *obr. cit.*, pág. 72.
(2) Pedro Fernandes Tomaz, *obr. cit.*, pág. 75.
(3) Francisco Serrano, *obr. cit.*, págs. 90-91. Com muitas variantes ou fragmentada (v. gr. em Lisboa), esta canção natalista anda espalhada por Portugal.

Em Fozcôa canta-se uma canção pastoril, que provém da adoração dos pastores, variada ali com particularidades singulares, e acompanhada de estribilho animador:

Os pastores em Belém
Todos juntos vão à lenha,
P'ra aquecer o Deus-Menino,
Que nasceu na noite boina (1).

Vamos a Belém, a Belém, a Belémzinho,
Vamos a Belém adorar o Deus-Menino (2).

Pastores, que andais à lenha,
Não queimais o rosmaninho,
Que é donde a Virgem,
'Stendia os cueiros do Menino.

Vamos a Belém, a Belém, a Belémzinho,
Vamos a Belém adorar o Deus-Menino.

Curiosa é a seguinte «loa» de Casegas:

Canto de Natal

Em Vosso louvor cantemos
Ao seu filho, d'alegria.

Os Anjos o acompanham,
Ai acompanham o nosso cura

Lá traz nas suas mãos
A divina formosura (3).

(Casegas).

Recolheu êste canto musicado o S.or Rodney Gallop.

Quadras avulsas, que chamariamos de ciclo post-natalício, espalharam-se por Portugal, sem dúvida pertencentes a cantos de louvores, desarticulados.

---

(1) *boina* = cast. *buena*.

(2) Edmundo A. Correia Lopes, *Cancioneirinho de Fozcôa*, Coimbra, 1926, págs. 131 e segs.

(3) Rodney Gallop, *Cantares do Povo Português*, Lisboa, 1937, pág. 87, n.º 59.

Vários exemplos:

—P'ra quem são as camizinhas
Que se vão para fazer?
São do Menino-Jesus,
Que já 'stá para nascer (1).

José, embala o Menino,
Que a Senhora logo vem;
Foi lavar os cueirinhos
Ao chafariz de Belém (4).

(Alpedrinha).

—De quem são as camisinhas,
Que estão no estendedoiro?
—São do Menino-Jesus,
Que está no altar em coiro (2).

(Beira).

Cantiga, que canta a Virgem,
Quando chora o seu Menino:
—Anda cá, meu bago d'ouro,
Meu Sacramento Divino (5).

(Mação).

José, embala o Menino
Com a mão, nanja co'opé;
Que o Menino, que embalais,
É Jesus de Nazaré (3).

(Mação).

Borboleta bonitinha,
Saia fora do rosal,
Venha cantar doces hinos
Hoje, noite de Natal (6).

(Figueira-da-Foz).

O S.or Rodney Gallop encontrou em Elvas êste canto, modificado, por intercalação, da quadra conhecida de António Nobre:

Nossa Senhora faz meia
Com linha feita de luz,
—Ó linda Rosa!—
Com linha feita de luz.

O novelo é lua cheia
As meias são p'ra Jesus,
—Ó linda Rosa!—
As meias são p'ra Jesus (7).

Duma quadra conseguiu o poeta popular fazer duas por intercalação e repetição paralelística.

(Elvas).

(1) António José Salvador Motta, *Monografia de Alpedrinha*, Alpedrinha, 1933, pág. 451.
(2) Severo Portela, *obr. cit.*, pág. 27.
(3) Francisco Serrano, *obr. cit.*, pág. 81.
(4) António José Salvador Motta, *obr. cit.*, pág. 451.
(5) Francisco Serrano, *obr. cit.*, pág. 82.
(6) Pedro Fernandes Tomaz, *obr. cit.*, pág. 67. É de origem brasileira, como diz F. T. em nota?
(7) Rodney Gallop, *obr. cit.*, pág. 62, n.º 29.

Não popular mas popularizada e, como tal, pertencente ao tesouro encantado na lírica do povo, é a quadra que D. Carolina Michaëlis, D.or Leite de Vasconcelos e D.or Cláudio Basto comentaram na *Lusa* em 1917:

No seio da Virgem-Mãi	No ventre da Virgem bela
Incarnou divina Graça;	Incarnou Jesus por Graça
Entrou e saíu por ela,	....
Como o sol pela vidraça.	....
No ventre da Virgem Santa	No ventre da Virgem Pura
Incarnou divina Graça;	O Verbo incarnou por Graça
Entrou e saíu por ela,	....
Como o sol pela vidraça.	.... [1].

O D.or Cláudio Basto publicou em 1922 um opúsculo com as «Considerações sôbre a história duma quadra popular», tiradas da *Lusa*, às quais acrescentou mais algumas de D. Carolina Michaëlis e dêle. Neste opúsculo reüniu sete variantes, deduzidas quási tôdas do texto [2]. Como com tantas outras quadra e canções acontece, também esta chegou ao Brasil, e conserva-se, pelo menos, na região do Nordeste.

*

Pedro Fernandes Tomaz anotou a melodia de sete cantos de Natal e de dois dos Reis, de Coimbra, Figueira-da-Foz, Ribatejo e Distrito de Castelo-Branco [3].

Francisco Serrano anotou seis cantos de Natal e três dos Reis, de Mação, Cardigos, Carvoeiro, Evendos, e umas «janeiradas» de Chão-de-Lopes (Amêndoa) [4].

Lopes Dias anotou dois cantos de Natal, um de Proença-a-Vélha e o outro de Tortozendo e da Cova-da-Beira [5].

---

(1) *Lusa* (Viana do Castelo), vol. I, págs. 69-70 (15-VII-917); vol. I, pág. 81 (15-VII-917); vol. II, págs. 43-44 (15-XII-917 e 1-I-918).

(2) *No Seio da Virgem Mãi*, considerações, etc., Viana-do-Castelo, 1922 (27 páginas).

(3) Pedro Fernandes Tomaz, *obr. cit.*, págs. 59-79.

(4) Francisco Serrano, *obr. cit.*, págs. 80-96.

(5) Jaime Lopes Dias, *obr. e vol. cit.*, págs. 133-135.

Correia Lopes anotou quatro cantos de «janeiras» e Reis, de Fozcôa, Pôrto e Vila-Real (1).

Apenas Fernandes Tomaz em uma anotação e Lopes Dias nas duas reproduções musicais, nos dão o acompanhamento.

Rodney Gallop anotou melòdicamente cantos do Natal, de Casegas (Beira-Baixa), dos Reis, de Canas-de-Senhorim, Covilhã e Sércio («Pauliteiros»: concelho de Miranda-do--Douro), e das «janeiras», de Ponte-de-Lima (2).

*

Anda o Natal na paremiografia portuguesa com bom punhado de adágios e rifões, principalmente de índole agrícola, o que não admira, se atendermos à base económica da população rural. Eis alguns:

— Em caindo o Natal à segunda-feira, o lavrador tem de alargar a eira.

— Em caindo o Natal à sexta-feira, por onde podéres, semeia.

— Em caindo o Natal ao domingo, vende os bois e compra trigo.

— Vai o ano mal, se não há três cheias até ao Natal.

— Para o ano não ir mal, hão-de os rios encher três vezes entre o S. Mateus (21 de Setembro) e o Natal.

— Se queres desgraça em Portugal, dá-lhe três cheias antes do Natal.

— De Todos-os-Santos ao Natal, bom é chover e melhor nevar.

— De Santos ao Natal, ou bem chover ou bem nevar.

— Entre os Santos (1 de Novembro) e o Natal, Inverno natural.

— De Todos-os-Santos ao Natal perde a padeira o cabedal.

— Dos Santos ao Natal, cada dia mais mal. Do Natal ao Entrudo, come-se capital e tudo.

— Quem quere bom ervilhal, semeia-o antes do Natal.

---

(1) Edmundo A. Correia Lopes, *obr. cit.*, págs. 127, 131, 133 e 41, respectivamente.

(2) Rodney Gallop, *obr. cit.*, pág. 87, n.º 59; pág. 76, n.º 45; pág. 83, n.º 53; pág. 134, n.º 114; pág. 123, n.º 105; respectivamente.

— Pelo Natal sacha o faval.
— Pelo Natal sacha o nabal.
— Pelo Natal, que tenha o alho bico de pardal.
— O Natal em casa e a Páscoa na rua.
— Pelo Natal sol, por Páscoa carvão.
— Pelo Natal ao jôgo, pela Páscoa ao fogo.
— Festa do Natal no lar, da Páscoa na praça.
— Se a Páscoa é a assoalhar, é o Natal atrás do lar; se é atrás do lar, é o Natal a assoalhar.
— O Natal ao soalhar, e a Páscoa ao luar.
— Pelo Natal, se houver luar, senta-te ao lar; se houver escuro, semeia outeiros e tudo.
— Do dia de Santa Catarina (25 de Novembro) ao Natal um mês igual.
— Do Natal a Santa Luzia (13 de Janeiro) cresce um palmo o dia.
— De Santos ao Santo André um mês é; e de Santo André ao Natal três semanas.
— Não há ano afinal, que não tenha o seu Natal.
— O Entrudo borralheiro, o Natal em casa, a Páscoa na praça.

*

A mais notável manifestação folclórica do Natal está, porém, nos autos pastorís do Natal, do Nascimento do Menino-Jesus e dos Reis Magos. São os «representatórios» e «esterlóquios» de Freixo-de-Espadacinta, Miranda-do-Douro, Bragança, etc., os «presépios» de Portalegre, os «ramos» e «representações» de Vinhais, Mirandela, os «entremeses» de Amarante, etc. Não há muito, que Cardoso Marta publicou *Os Autos Pastorís da Minha Terra*, que é Figueira-da-Foz, ainda hoje representados pelas festas do Natal, Ano-Bom e Reis, nas agremiações operárias da cidade ([1]). Outros autos estão ainda em voga em Tolosa (Niza).

Nestes autos populares, tão ingénuos como delicados, reflecte-se a candura primitiva da adoração do presépio. Êles revelavam a exterioridade do mistério. Diante do presépio os figurantes adoravam o Deus-Menino recém-nascido; can-

---

([1]) *A Língua Portuguesa*, vol. IV, Lisboa, 1935, págs. 150 a 171.

tavam e dansavam cerimonialmente; todos os cantos de Natal provêm, a meu ver, desta adoração poética, iluminada pela mística do presépio, com a figuração viva das personagens essenciais.

Em Cascais adquiriram celebridade os cânticos originais e pitorescos do Natal, Ano-Bom e Reis, com assuntos religiosos, executados por crianças e adultos. Em Leça-da-Palmeira, Setúbal, Proença-a-Vélha, Mação, Tortozendo, Cardigos, Cova-da-Beira, Algarve, Madeira, e, mais ou menos rudes, em Portugal inteiro, os cantares do Natal têm unção especial. Nêles sentimos a origem na festa cultural do Deus-Menino e nas representações cénicas, que a popularizaram.

Na *História do Teatro Popular*, de Teófilo Braga, publicada em 1871, podemos avaliar a importância da inspiração do Natal no teatro do povo.

As loas madeirenses diante das «lapinhas», os cantares do presépio, sugeridos pelo cenário onde vivem palpitantes aos olhos dos visitadores e admiradores tôdas as particularidades da vida popular, sob a idea geral e convergente da adoração do Menino-Jesus, até os ranchos dispersos das «janeiras» ou «janeiradas» e dos «reis» ou «reisadas», com músicas, cantares de louvor e evocação do Menino, depois lançados ao louvor da gente a quem pedem com que façam também a festa, em suma, tôdas estas provas da época de festas, que findam um ano e abrem outro, saíram do presépio.

E o presépio foi também uma escola de arte popular. Os barristas do século XVIII desenvolveram a arte frágil da escultura do barro.

Os mestres da arte muito trabalharam e trabalharam superiormente. Diz Cyrillo Volkmar Machado, em referências à António Ferreira: «Não é possível ver modeladas em barro melhores figuras campestres que as que conhecemos dêste Artista raro, do último Século» (1). Aos seus grupos campestres alude também Raczynski (2). De Machado de Castro, o mais delicado barrista de alma portuguesa e de sentimento

(1) Cyrillo Volkmar Machado, *Colecção de Memórias*, Coimbra, 1922, págs. 205.

(2) A. Raczynski, *Les Arts en Portugal*, págs. 242, 438 e 441, e *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal*, Paris, 1847, págs. 96-97.

popular, se não derivam, como vulgarmente se quere ver, todos os barristas e bonequeiros de segunda e terceira ordem até aos escultores populares do barro, não reste dúvida de que foi o mais popular e popularizado escultor do século XVIII, porque melhor e mais que nenhum outro reflectiu nos presépios a alma popular. Os presépios de Machado de Castro são a mais pujante rapsódia da vida do nosso povo; tôdas as cenas de família, de recreação, de romaria, de trabalho, aparecem justamente nas multidões de personagens populares do presépio.

A multidão de discípulos de Giusti em Mafra, seminário de artistas plásticos, espalharam por Portugal a grande escultura italiana e a deliciosa arte do barro. Barros Laborão, substituto do artista italiano, continuou a efervescência artística da escola de Mafra, êle próprio continuado em seus filhos, Manuel Joaquim de Barros e José Pedro de Barros.

Faustino José Rodrigues, hábil discípulo de Machado de Castro, fêz presépios, como por exemplo o dos Marqueses de Borba, ou pelo menos colaborou nêle.

Nicolau Vilela foi muito procurado pelos escultores do século XVIII, para dêle obterem modelos de atitudes, que modelava em barro (1). Em Santarém no convento da Trindade, modelava com habilidade Fr. Manuel Teixeira, discípulo de António Ferreira; fazia presépios, e elogiaram-no Cyrillo e Raczynski (2). Inácio da Piedade e Vasconcelos, cónego secular de S. João Evangelista, modelava em barro figuras de grandeza natural, que cobria de admiráveis buréis; não se sabe se teria feito igualmente figurinhas de presépios; seria no entanto muito capaz de as fazer (3). António Ferreira teve um rival açodado em Faria, que, diz Raczynski, deve ter modelado em barro, por ser a especialidade daquele, e porque nada se lhe conhece de escultura em pedra (4). O P. João Crisóstomo Policarpo da Silva, quando estudava no Colégio das

---

(1) Cyrillo Volkmar Machado, id., pág. 204.

(2) Cyrillo Volkmar Machado, id., págs. 205-206; A. Raczynski, *Les Arts en Portugal*, pág. 243, *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal*, págs. 97 e 284.

(3) Cyrillo Volkmar Machado, id., pág. 202.

(4) A. Raczynski, *Les Arts en Portugal*, pág. 441, e *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal*, pág. 83.

Portas de Santo Antão, modelava figuras de barro para se distrair, e daí lhe veio a habilidade que o notabilizou: «a matéria em que melhor trabalhava era o barro», declarou Cyrillo (1).

Os mais numerosos e cenográficos presépios são o da Sé e o da Estrêla, que Machado de Castro fêz, evidentemente em colaboração com os numerosos discípulos, sem, a-pesar-disso, quebra de unidade e de solidariedade artística e de realização, que só a direcção do maior de todos e por todos acatado tinha capacidade de conseguir.

Dispersos os discípulos e ajudantes da obra comum e particular, espalharam trabalhos por tôda a Província portuguesa e foram por aí fora trabalhar também. Assim estenderam a arte do barro para além de Lisboa. Por isso, em todos os centros produtores de barro, os presépios surgiram com caracteres comuns aos de Lisboa. Estudei no meu livro *Os Barristas Portugueses (nas escolas e no povo)*, publicado e em 1925 pela saüdosa Imprensa da Universidade, o caso especial dos presépios e barristas de Estremós (2).

De degradação em degradação, afastando cada vez mais a arte popular da arte que lhe deu impulso nobre, os barristas do povo ainda hoje fazem figuras de presépio para pequeninos exemplares. São rudes, revelam porém a semente de que um dia germinou a estirpe a que pertencem.

Em Estremós podem seguir-se as fases desta degradação da arte popular, desde os exemplares do século XVIII, por outros do século XIX, característicos, até exemplificação recente da qual o Museu Etnológico tem algumas provas na sua Secção Etnográfica (escultura popular do barro).

Em Estremós, em Lisboa, nas Caldas-da-Raínha, em Mafra, em Coimbra, em Gaia, no Prado, os santeiros e barristas populares continuam a fazer figurinhas de presépio e personagens, que, em serem de presépio, muito devem à tradição do presépio e são como a mundanização das personagens do cenário sacro da romaria de Belém, a ver o Deus-Menino e festejar o acontecimento.

Muitas são as habilidades do povo em matéria de arte, a escultura do barro, porém, não teria atingido entre nós feição

(1) Cyrillo Volkmar Machado, id., pág. 206; A. Raczynski, *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal*, pág. 274.

(2) Págs. 77-96.

popular sem a grande escola setecentista dos grandes artistas que deram a todo o povo português a lição do presépio armado e feito de barro.

Depois dêsse facto, o presépio popularizou-se. Havia duas circunstâncias a seu favor: a tradição do Natal, sobretudo o Natal figurado nos autos e nas armações eclesiásticas das igrejas, e a facilidade material e económica de adquirir um presépio. O exemplo frutificou, e os oleiros populares dedicaram-se à arte com entusiasmo e proveito. Multiplicaram-se indefinidamente os presépios, e a cada passo os encontramos de diverso tamanho e valor, principalmente nas cercanias dos centros artísticos.

Como dos autos saíram as cantigas, que o povo ainda hoje canta, em música entoada de caracteres arcaicos, sem que lhes reconheça a origem, também a escultura popular actual saíu dos presépios, isto é, do que correspondia em arte plástica à arte cénica dos autos pastoris do Natal.

(Do *Bazar*, edição do jornal *A Voz*,
Lisboa, 25 de Dezembro de 1937).

LUÍS CHAVES.

CALÃO MINDERÍCO [1]

Alguns têrmos do "Calão" que usam os cardadores e negociantes de Minde, concelho de Alcanena

---

A

adueiro e **adueira** — Castanheiro, a que também chamam *maranhoeiro.*

agadanhar — Apanhar, colhêr, furtar.

Num quintal, pouco passante da meia-noite. O vento sopra rijo dos lados da Ladeira e a chuva é impertinente:

—Então?... Achaste?

—Estão aqui. Parecem cabritos.

—*Agadanha* e... *peniche!* Se algum gritar, ferra-lhe um sôco atrás da *chaveca* para o calar...

Tratava-se de uma *descoelhação* (pequena) no quintal de um vizinho, incapaz de oferecer um coelho para uma patuscada.

agüentas (os) ou **auguentas** — Os ombros, por ser aos ombros que se transportam objectos pesados.

àgum-cousa — Alguma coisa. Nesta frase elimina-se geralmente o *l* de *algum*, pronunciando *àgum;* e empregam a forma arcaica *algũa*, que, perdendo o *a*, toma aspecto masculino; cf. *ũ'hora* (Leite de Vasconcellos).

— «Senta-te aqui, *homa*, e vê se comes *àgum-cousa*».

O ditongo *ou* emprega-se sempre em vez de *oi* nas palavras *mouta* e *cousa*, em vez de *moita* e *coisa.* Algumas vezes desdobram o ditongo, fazendo sentir as duas vogais distintamente.

Alhandra (o de) — O lume, os fósforos, uma fogueira, etc.

Em tempos já remotos, houve uma fábrica de fósforos em Alhandra, fósforos chamados de *espera-galêgo* por levarem algum tempo a produzir chama, visto que eram de acender por fricção; e, emquanto o lume não pegava na madeira do palito, tinha o interessado de estar à espera, a fazer caretas e a espirrar, em virtude do fumo do enxofre que lhe ia penetrando no nariz.

---

(1) Pronuncia-se assim ou *mindrico.*

Da Alhandra, risonha vila do concelho e comarca de Vila Franca de Xira, tiraram os Mindericos o nome para o lume.

âmbria – Fome, larica, peneira... Está-se mesmo a ver a adaptação da palavra castelhana *hambre*, que significa fome.

As constantes viagens dos Mindericos por terras alentejanas levam-nos à fronteira, e familiarizam-nos com a língua espanhola.

andré — O mestre da música; o regente da Banda.

— «Ó *chará: miranta* as *cardosas* do *andré*... parece que os *modeios* andaram a contas com elas».

(Isto dizia um Minderico a outro, quando notou as calças do mestre da música um tanto *esfiampadas* pelo uso e pela tardança na sua substituïção).

Chama-se *andré* a qualquer mestre de música, por se chamar *André* o primeiro regente da Banda de Minde.

antónio-ferreira: — «Ah cachopa; vai lá *escar* o *atoino-ferreira* a *vê* se escavaco uma pouca de *vale-do-pôrco* para *o de Alhandra...*». O *atoino-ferreira* é o podão.

apiamado — Cheio, repleto, a transbordar, etc.

— «A *covana* está com os *mirantes apiamados* de *regatinha*» (aquela está a chorar; está com os olhos arrasados de água).

Argem (a-d') – Panela, tacho, caçarola, púcaro, bilha, cântaro, infusa, e, geralmente tôda a louça de barro vermelho.

Vinham de Árgea, freguesia do concelho de Torres Novas, os melhores utensílios de barro vermelho que em Minde se usavam; e, disto, aproveitaram para o «calão» a frase *o-d'Argem* e *a-d'Argem* que é como êles pronunciam o nome dessa freguesia.

Arraiolos — Terra alentejana, espécie de empório comercial das lãs que os Mindericos iam comprar ao Alentejo. Disto proveio a designação de lã. *A de Arraiolos:* a lã, o pêlo, o cabelo. A lã de ovelha: *a de Arraiolos do regué-gué.* Os cabelos do cão: *os de Arraiolos do modeio.*

arrepia (o) – O frio, o gêlo, a geada.

arrojadeira — A grade de lavoura, geralmente puxada por bois. Sòmente no campo se vêm mulas e éguas a puxar à grade; ali só os bois puxam a grade, que, por andar de rastos sôbre as leivas da terra arada, ou de fôjos, se chama *arrojadeira.*

assarsino (ou *assassino?...* Êles pronunciam *assarsino*) — O orifício inferior do aparelho digestivo, *anus vocatus*.
Não obstante haver em Minde homens inteligentes, até entre os de mais idade, nenhum dêles me foi capaz de explicar a razão dêste vocábulo.

atafona — A barriga, o ventre.
A *atafona* (a *tahona* dos Castelhanos e dos Árabes) é um moinho movido por bêstas, ou até pela mão do homem, como o era primitivamente; e, assim como na *atafona* se reduzem a farinha os cereais que ali se deitam, também na barriga se reduzem a bôlo alimentar os géneros de que preparamos a nossa comida. Por semelhança se chama *atafona* à barriga.
— «Não há fôlha da costa que seja capaz de lhe embutir aquela *atafona...*».

azeiteiros — Os chifres dos animais cornígeros, principalmente dos bovídeos, por serem êstes ornamentos vulgaríssima almotolia onde guardavam o azeite.
Os cardadores, que iam de terra em terra, de serra em serra, desempenhar as suas funções, nunca se esqueciam de levar um avantajado *azeiteiro*, para ver se, na volta para casa, o podiam trazer cheio do precioso azeite, que em Minde não abundava por êsse tempo.
A designação generalizou-se de tal maneira, que, hoje, ouvimo-la com freqüência por muitas partes.

B

bagaceiras — As varas do lagar de azeite. O lagar de azeite é a *classe* do *grisol* ou do *Vale da Serra*, ou simplesmente o *grisoleiro*. O *lagareiro* é o *covano* da *classe* do *grisol*.

baiúca — Casa, barraca, habitação. Esta designação também se encontra generalizada por muitas partes.
Um dia, um vèlhote da minha aldeia, precisando de vender umas libras de oiro, levou-as a Santarém, e ali, entrou numa ourivezaria e preguntou a como lhas pagavam: *a cinco mil e cem*, responderam-lhe. Não se conformando com o preço oferecido, entrou noutra ourivezaria e fêz a mesma pregunta, obtendo como resposta: *cinco mil réis.*
— «Ora esta!... Ora eu... já rejeitei cinco mil e cem que me ofereceram ali atrás numa baiúca *com'a*

esta... estou agora *deserto* para largar as *livras* por êste preço... *Neja* eu!»

O ourives é que não gostou mesmo nada que lhe tratassem a garrida loja por *baiúca*...

bàlhadeira *(bailadeira)* — Saia, anágua, etc. Deve provir do facto das saias bailarem com o vento, ou até de, nos bailaricos de roda, as saias dançarem mais do que quem as vestia.

balões — Sapatos. Os Mindericos, que calçam muito mal, parece que ligam muita importância à calceamenta dos forasteiros. E, quando querem troçar do recém-chegado, ou apontar-lhe o ridículo do vestuário, dizem uns para os outros, entre sorrisos mordazes, em que são mestres: — «Olha-lhe *p'rós balões*...».

Não é preciso mais nada para desconcertar o visitante, que não chega a saber de que se trata...

1. **bandarra** — O relógio. *Bandarra* era um sapateiro de Trancoso que fazia profecias àcêrca da vinda do rei D. Sebastião. Muitas se lhe atribuem.

2. **bandarra (as do)** — As horas. Como se designa por *bandarra* o relógio, *as do bandarra* são as horas.

É de notar esta maneira de dizer, portuguesinha, aliás *a do*, *as do*, etc. Variadas aldeias temos nós, muito principalmente aí para os lados de Torres Vedras, cujo nome se forma com esta mesma frase elítica: — *a dos Quentes*, *a dos Negros*, *a dos Francos*, *a dos Cunhados*, etc. E, no calão minderico, elidem o substantivo, contentando-se com o artigo e com o complemento gramatical.

baptizar — Deitar a *regatinha* na *chaveca* do *terraiozinho*.

— O *covano* que deitou a *regatinha* na *chaveca* do *terraiozinho* é o «padrinho».

barbela — A corrente do relógio, por se parecer com a barbela das cabeçadas das cavalgaduras. Havia, e há ainda, as correntes a que se chama: *correntes de barbela*.

— «Se fores ao Casal Grande, não te esqueças de trazer sempre os *mirantes* na *barbela*, quando não, às duas por três, ficas sem o *bandarra*.

Basilinha — A *Basilinha* era uma mulher simplória, uma destas criaturas de quem se diz que não são nem para o comer, nem para o ganhar, e pelas quais não vem o mal ao mundo. Foi um dia àsperamente censurada por ter deixado ir em paz uma cobra que muito bem

podia ter morto (pois esta gente ainda tem a crença na extrema maldade das cobras); ela porém apenas respondeu aos censores: — «Ora! Ela nada me disse, e eu nada lhe disse!»

Nasceu disto mais um têrmo para o calão, pois comparar alguém com a *Basilinha* é o mesmo que chamar-lhe pateta, e formou-se o ditério: — «Aquêle é como a *Basilinha:* só responde ao que lhe preguntam; não adianta palavra».

beijos da liôa — Trovões, raios, etc.

belém (o de) — O púlpito. Como nada escapa aos Mindericos, e como é muito celebrada a beleza dos rendilhados do púlpito dos Jerónimos, em Belém, é possível que venha daqui o têrmo que se adoptou para a chamada *cadeira da verdade* (nem sempre...).

berlícua — A camisa que se veste sôbre a pele.

bõa *(bom-a)* — Feminino de bom.

— «*Êst'homa nã* é mau, mas a mulher dêle *nã tãim* nada de *bõa*».

Nalgumas povoações ribeirinhas da Borda de Água, é freqüente ouvir:

— «Êste melão é *bum*, mas as melancias não são *bõas*».

Em Minde diz-se: *bom, bõa (bom-a).*

bòdor — Espécie de miniatura de estere, pouco mais de um palmo entre os prumos, e meio palmo de altura; serve de suporte, num arame que vai de um ao outro prumo, às maçarocas que se vão ensarilhando para formarem as meadas, ou que se vão torcendo no fuso da roda, ou ainda na ocasião de se *encherem* as canelas que se colocam na lançadeira para o constante girar, ao bater das *queixas*, entre os fios da trama, para formar o tecido, quere seja de lanzinha para saias, quere seja do chamado *pano minderico* ou *pano apisoado*, para os fatos dos homens... Também se chama *caneleiro*, na região.

bolôa — Capa. Talvez por ser uso entre as Mindericas irem casar-se de capa. E como o casamento trazia logo a idea de bôlos, é possível que a capa tomasse êste nome.

bonzar-se — Sacramentar-se (tornar-se bom).

boticário — O *José Borges*, ou mais correntemente o *zé-borja*, como êles tratavam êste farmacêutico, que durante muitos anos ali viveu e tinha a sua farmácia numa casa pequena

por detrás da capela-mor da igreja, quási junto da entrada da antiga fábrica de fiação de Domingos Guedes. Como se chamava *José Borges* êste boticário, assim se emprega hoje a designação de *zé-borja* para indicar um farmacêutico.

Houve ali um homem riquíssimo, que chegou a ter honras de Negociante-Mor de Portugal (dizem), chamado *Manuel Boticário*, porém não me consta que êste homem tivesse tido qualquer farmácia. Ainda o conheci, a pedir esmola, montado numa burra branca, percorrendo as casas de alguns poucos amigos que o não esqueceram nas horas da desgraça. As campanhas miguelistas devoraram-lhe boa parte dos seus opulentos cabedais. Se D. Miguel tivesse vencido, é possível que êle não tivesse acabado os seus dias às sopas de uns e de outros...

botins — Qualquer espécie de calçado, menos os sapatos, que se chamam *balões*. Também se diz: *botins de chincheiro*, ferraduras, e *botins de pasmado*, canelos (dos bois).

braçadeiro — O colete. Por abraçar o tronco do homem, deixando livres os braços?

brasileiro — Serrador. Não atinjo a origem dêste têrmo do calão. Todos os serradores que para ali costumam vir serrar, e poucos são, por carência de pinheiros (havia os castanheiros e os grossos troncos de cerejeira), vêm dos Amiais. Teria vindo algum a quem chamavam *brasileiro?*

bravio (ou *brabio*, como geralmente dizem) — O coelho.

brinçalar — Vindimar. Cortar as *brinçaleiras*. Também se ouve dizer, vulgarmente, *brinzalar* e *brinzaleiras* (uvas).

brinçaleiras — Uvas.

Segundo o Sor J. A. Carvalho, conhecedor, como poucos, do calão de Minde, êste têrmo deve provir de um sítio da Mata, chamado *Brinçais*, no qual se cultivou a vinha pela primeira vez em Minde; e porque vieram dali as primeiras uvas, chamaram-lhes *brinçaleiras*, que também pronunciam *brinzaleiras*, talvez para dificultar um pouco mais a compreensão.

Não é muito antigo em Minde o cultivo da vide, mas a necessidade de aproveitar o formosissimo campo que se conserva imerso durante três e quatro meses cada ano, fêz compreender aos Mindericos que sòmente as videiras tinham a precisa resistência para poderem viver todo êste tempo debaixo das águas, sem que houvesse

qualquer interrupção na sua frutificação, que vem tanto mais rápida, quanto mais prolongada é a cheia da Mata. Houve um ano em que as uvas nasceram e amadureceram em dois meses, pouco mais.

bringeis — Alforges. Derivará de Beringel, antiga povoação do Alentejo, onde, desde tempos imemoriais, se usavam as *alforjas* dos Castelhanos? Teriam vindo dali os primeiros alforges que os Mindericos conheceram, e de que aproveitaram os modelos para se dedicarem depois ao seu fabrico?...

C

cabaças — Dão êste nome a qualquer qualidade de pêras, fruto que por ali não abunda, dando-se, aliás, muito bem nos terrenos fortes de Minde; mas por serem raras as pereiras, abundam os ratoneiros que lhes furtam as pêras, o que faz que os proprietários descuidem o seu cultivo. A Mata, se não fôssem as anuais enchentes, seria um riquíssimo pomar para as duas importantes freguesias: Minde e Mira.

cabaneira — Vaca. Em qualquer junta de vacas, uma é a *boirisca* (a dos cornos mais abertos) e outra a *cabana* (a dos cornos mais juntos, arqueados para dentro ou um pouco pendentes). Uma é a *cereja*, a outra a *laranja*. Uma é a *castanha*, a outra a *morena*. Nos bois, um é o *galante*, o outro o *cabano;* um o *ramalhete*, o outro o *boirisco*, ou *moirisco;* um o *galhardo*, o outro o *brilhante;* um o *cabano*, o outro o *galante*, etc.

cacetar — Cacetar as oliveiras: varejar. É de muito uso ainda em Minde e arredores o bárbaro modo de colhêr assim a azeitona das oliveiras, que muito se ressentem de tão maus tratos.

caçôas — As orelhas. Há certa semelhança entre os pavilhões auriculares que os humanos usam de cada lado da cabeça e as barbatanas laterais dos cações. Será por isso que se adoptou êste têrmo?

camareta — O pedraço, o granizo.

Na minha aldeia, que confina com Minde, a cuja freguesia em tempos pertenceu, joga-se um jôgo com uma pedra pequena e redondinha, a que chamam *camareta*. Haverá relação entre o jôgo da minha aldeia e o granizo no calão de Minde?

camôchos — Sapatos de trança ou de ourelos.

Camôcha era uma mulher de Alcanede (tia dos Alves, António, Francisco, José, Teresa, Joaquina, etc.) que casou em Minde e fazia sapatos de ourelos. Como lhe chamavam a *Camôcha*, chamaram *camôchos* aos sapatos que ela fazia e vendia.

canto da Macaínha — Campo-Santo; o cemitério.

Junto do cemitério de Minde, que tem exactamente a forma de um ferro de engomar, cujo vértice olha para o poente, para a Costa, e cujo lado-base é a frontaria da igreja matriz, de que até há pouco era uma espécie de anexo, havia uma vèlhota que ainda conheci e a quem chamavam a *Macaínha;* e como no *canto*, próximo da sua casa, é que se enterravam os mortos, daí a frase: *canto da Macaínha.*

— «Se te não atiras à *fôlha da Costa* e à *vista-baixa*, estás aqui, estás no *canto da Macaínha*, e não haverá *inácio* que te valha...».

capazinhos — Feijões. Houve e há ainda, em Minde, uma família de *capazes;* não posso descobrir que relação possa haver entre os *capazes* de Minde (e da Mira) e os legumes de que se nutrem, de inverno, as populações aldeãs. Mas é possível que alguma relação existisse.

caramoiço — Diz-se também *caramouço.* Monte de pedras. Por semelhança com os montes da Beira, o Caramulo e o Caramulinho?

Na Serra de Santo António diz-se *caramouço*, e também se diz *maroiço* ou *marouço.*

cardosas — As calças; vestuário masculino.

A risonha freguesia do concelho de Vila Franca de Xira, denominada *Cardosas,* nada teve para a formação ou aproveitamento dêste vocábulo do calão minderico.

O assentarem os cardadores, verdadeiros inventores do calão, a carda inferior sobre a côxa da perna direita, ensebando assim a parte das calças dêsse lado, talvez desse origem a chamar *cardosas* às calças, que, pelas cardas, tão maltratadas eram, e continuam a ser, não obstante já haver poucos homens que se dediquem a cardar lã; isso, hoje, é com as máquinas da Covilhã...

cardosas de dentro ou **cardosas de baixo** — As ceroulas. Como as *cardosas* são as calças, as *cardosas de baixo* serão as ceroulas. É natural.

carne esfoladia — Vid. **saltacatrepa.**

caroceiro do grisol — O enceiradoiro do lagar de azeite. O enceiradoiro completo compõe-se de oito ceiras de uns noventa centímetros de diâmetro. À liga de esparto com que se tecem as ceiras chamam os esparteiros *empreita.*

caroço do grisol — É o bagaço com que na região costumam estragar a carne de porco, ou *vista-baixa.*

carrancudas — As nuvens.

carrasquinhas — Os seios. Por quê? Nalgumas terras chamam *carrasca* à casca de pinheiro bravo, que apresenta grandes saliências. Haverá qualquer influência entre umas e outras protuberâncias, na imaginação fértil dos Mindericos? Seja como fôr, o que é certo é que as mãis não cessam de recomendar às filhas: — «Cautela, nunca consintas que o *covano* te ponha as *gâmbias* nas *carrasquinhas*...».

Casal Farto — Lugarejo do têrmo de Ourém, onde vélhos e novos, mulheres e crianças se dedicam à construção de móveis de pinho, que depois vendem pelas feiras. *A do Casal Farto:* a mesa, a cadeira, a cómoda, etc.

Da proveniência destas rudimentares mobílias que muito bem servem a quem não pode adquirir outras, veio a designação de *mobílias de mogno de Ourém.* A mesa, a cadeira, etc. também se chamam *a do Charneco.*

cascalheiras — Nozes, com as quais se não pode lidar em segrêdo.

— «Dá Deus as *cascalheiras* a quem não tem *joãos-de-valí*...».

castrôfo e **lacatrôfo** — Mestre sapateiro. Será por semelhança, ainda que um tanto vaga, com *catronho*, pé?

Há quem informe que se chama assim porque, ao chegar a casa dos freguezes, para trabalhar, põe tudo em desordem, como em desordem mantém sempre o tabuleiro da sua ferramenta.

Designa-se ainda o simpático manipulador ou manufactor de calçado por *oficial de tripeça, mestre cerol, chumeco*, etc.

catar — *Jordar* os *galfarros* nos *de Arraiolos.*

— «Não tiras as *gâmbias* da *chaveca*, cachopa! Vai buscar um pente e *jorda-me* êsses *galfarros*, *nã* sejas desmazelada...».

catorze — Coveiro. Durante anos exerceu êste triste mister um pobre diabo chamado *Catorze*, por alcunha. Era cunhado

de outro, quási mentecapto, a quem chamavam *Zambujo*, que depois modificaram para *Jambujo*, e depois para *Jamburro* e *João Burro*, tanto mais que êle se chamava João. Do nome dêste coveiro se dizia que: «em Minde eram precisos *catorze* para enterrar um».

catronhos — Os pés: — «Arreda *p'ra* lá os *catronhos!*»

caturra — Cabeça. De turra?... De caturra e caturrar? Como se chama cabeçudo a um teimoso, e isto para lhe não chamar burro, que é um dos animais de maior cabeça, é possível que provenha daí a designação.

— «No domingo vou pôr a *regatinha* na *caturra* do *terraiozinho*...» (vou baptizar o garoto...).

ceifar — Tombar o *fôlha-da-Costa* (cortar o trigo). É vulgar ouvirmos dizer a alguém que passe por quem ande a ceifar: — «*Atão*, andas a tombar nêle?...», ou ainda: — «*Atão*, toca a alagá-lo *p'ró* chão?».

chanfalhar — Diz-se de objecto mal seguro nos seus pregos, juntas ou parafusos.

— «Isto precisa de ir ao concerto, que está a *chanfalhá* e acaba de se *estragá* de todo...».

chanfalho — Coisa vélha e inútil. Objecto desconjuntado. Pessoa vélha e achacada.

— «Tira daqui êsse *chanfalho*, que para nada serve».

— «Olha: estou um *chanfalho*; já não presto para nada».

É ainda recordado por muitos um pobre tecelão, que se fêz noviço de convento, e a poder de persistência, chegou a padre. Mal sabia ler, coitado, mas era de costume sãos, e por isso lhe chegaram a dar ordens de missa. Por ser assim uma espécie de padre de 4.ª classe, lhe chamaram o *padre chanfalho*.

chão da Mata — Ser dócil, condescendente, permitir tudo quanto lhe queiram fazer...

— «Aquilo é como o *chão da Mata*...».

É que o chão da Mata, húmus e terra vegetal proveniente do antigo arvoredo que ali se deveria ter desenvolvido, e finíssimo calcário escorrido das serranias próximas, é de grande facilidade no cultivo; é terra *que não parte charruas*, como se diz noutras partes, deixa-se romper com a maior facilidade. Daqui o ditério vulgaríssimo em Minde, aplicado a pessoas que *tanto se importam que a água corra para cima como para baixo*.

chapa — Moeda de dez-réis (actualmente não existe). Remendo que se deita na roupa de vestir ou até no bragal de uso (vid. *tapa-chapa*).

charal (pronunciam geralmente *chará*, porque eliminam quási sempre os *rr* e os *ll* finais) — O cardador, o patrício, o Minderico, o conterrâneo.

Os primeiros Mindericos que largaram da sua terra, para agenciar a vida, foram os cardadores; depois foram os compradores de lã, e mais tarde os colocadores dos produtos com ela elaborados. E, como lá por fora, se encontravam freqüentemente, e conheciam o *xará* brasileiro, que significa a pessoa que tem o mesmo nome de outra (de quem é *xará*), aproveitaram o têrmo que modificaram para *charal*, mas que, em todo o caso, pronunciam *chará*... *Chará do ninhou* (quási pleonasmo) — Minderico, cardador de Minde.

charneco (a do) — Mesa, cadeira, qualquer móvel de madeira, por ter havido em Minde um antigo carpinteiro chamado *Charneco*.

Não pude averiguar se assim se chamou êste homem por ser natural do Casal do Charneco (Serra de Santo António), ou se êste lugar se chamou assim por ter sido fundado por algum ascendente ou dercendente do Charneco de Minde.

— «Vamos lá, rapazes, que já está o primeiro cavaleiro na do *charneco* e o *cresta* já vai muito alto...».

— «Vamos rapazes que já está o almôço na mesa e já é tarde.

charnequeiros — Pinheiros. Em Minde não há pinhais. Alguns pinheiros, que se podem considerar isolados, no sopé da Costa, alguns, poucos, na subida para o Covão do Coelho, muito poucos na raiz da Serra, e nada mais. Os pinheiros não são próprios de serra, dão-se melhor na charneca. É por isso que lhes chamam *charnequeiros*.

chaveca — Cabeça (*tôrre*, *caturra*, são sinónimos em calão de Minde). Para êste têrmo encontro uma singela explicação. Deve ter qualquer analogia com *chavelha*, que é uma peça de madeira que se coloca na ponta do cabeçalho do carro, na ponta do temão do arado, ou da tiradoira da grade (a que também chamam *solas*, não sei com que direito e razão...); e, como essa peça constitue, por assim dizer, a cabeça de qualquer dêstes instrumentos de

tracção, é possível que à cabeça humana e de qualquer animal se tivesse dado a designação de *chaveca*, de *chavelha*, ou até de *chave*. Significa também inteligência, queda, habilidade, tendência, inclinação.

—«Outro ofício, que não tens *chaveca* nenhuma para isto».

—«F... não tem *chaveca* para o negócio».

chavèqueiro — Barrete, carapuço; por andar na cabeça, ou *chaveca*.

chincheiro — Animal cavalar; besta de carga, carro, automóvel, bicicleta, etc. Primitivamente dizia-se *chincheira*; hoje diz-se *chincheiro*, se se trata de animal ou veículo a que se aplica o masculino; e *chicheira*, quando se trata de animal ou veículo a que se atribue o feminino.

O *Dicionário* de Faria, edição de 1855, regista *chincheiro* (de *chinche*, percevejo?), como têrmo da Beira, significando *rossim*, e *chinchorro*, significando *ronceiro*. Se assim se usa na Beira, resta saber em qual das Beiras, ou em que ponto delas, e se foram os Beirões que aproveitaram o têrmo do calão dos negociantes de Minde, se foram estes que o trouxeram para o seu calão.

chocalheiros — Tremoços, que, quando maduros, dentro da vagem produzem um som acascavelado. Liga-se talvez êste nome à lenda que afirma ter a Virgem excomungado *(sic)* os tremoços por terem feito barulho à sua passagem na fuga para o Egipto...

chorar — Por falta de têrmo apropriado, usa-se o circunlóquio: —«Ter os *mirantes apiamados* de *regatinha*» (ter os olhos cheios de água, de lágrimas).

cimba — Pronúncia vulgar da palavra *cima*. —Veio de *cimba*, foi para *cimba*, etc.

cinco-pontas — Lenço de assoar. *Lenço da mão*, como lhe chamam as cachopas do lugar.

Na Serra de Santo António, de quem se assoa à mão (e ainda se encontra disso) dizem: «Aquêle assoa-se ao *lenço de cinco pontas*». À mão chamam lenço.

Em Minde, pelo contrário: aproveitaram a designação de *cinco-pontas*, os cinco dedos, para significar o lenço de assoar.

cinqueto — Pão de trigo, *fôlha da Costa*, etc.

Quando eramos menino e moço, comprava-se por cinco-réis um pãozinho de trigo, cujo aroma e sabor

parece que sentimos ainda. Havia também o pão de dez-réis, o de vintém, e o de pataco, que era um pão de mais de meio quilo. Provirá do pãozinho de *cinco-réis* a designação de *cinqueto?*...

classe — Casa, repartição. *Classe do francisco vaz*, a igreja; *classe do Touquim*, a escola (Vid. *escola*).

classe do mota — A adega, o lagar de vinho, ou *lagareta*, como também se diz na região, e ainda *lagariça*.

coçadores — Os joelhos. Ninguém se coça com os joelhos. Será porque os cardadores aparecem sempre com as calças coçadas nos joelhos, pelo constante exercício das cardas sôbre êles?

As preguntas que deixo sem resposta são para os estudiosos, que vierem depois, e se propuserem completar êste trabalho.

cópio — Muito, abundante, farto, opulento, opíparo, importante, etc.

Como em Minde se conhecia a língua latina, sendo vulgaríssimo ouvirem-se frases na língua de Cícero a pessoas que não sabiam o *hora*, *horae*, não é impossível que êste têrmo tenha a sua raiz na palavra latina *copia*.

cordoeira — A saca, a bôlsa do dinheiro, no tempo em que quási só girava ouro, prata e cobre. Estas bôlsas que, para muita gente, constituíam uma prenda de carinho de mulher ou namorada, eram artìsticamente bordadas e com os seus cordões de variadas cores. Daqui, possìvelmente, o têrmo *cordoeira*.

Por tôda a parte se diz, ainda que com pouca propriedade nos tempos modernos: *puxar pelos cordões à bôlsa*... Os de Minde, quando muito, poderão dizer: — *puxar pelos atilhos à cordoeira*...

cortiços — As costas. Efectivamente, quem tinha colmeias, costumava levar os cortiços às costas, às vezes amarrados com uma cilha (chama-se *cilha de colmeias* a uma fila de cortiços colocados em sítio próprio). Em todo o caso parece fraca razão para se chamarem *cortiços* às costas... Será pela forma arredondada delas?

cousa — Nunca pronunciam *coisa*, mas sim *cousa*. Pronunciam: *Sousa* e não *Soisa; mouta*, em vez de *moita; couto*, e não *coito; afouto* e não *afoito*. Mas nunca dizem *noute* como alguns puristas e perliquitetes muito do nosso conhecimento.

1. **covanita** — Jaqueta. *Covanito* e *covanita* são dois têrmos que em Minde se usam vulgarmente para designar pessoa ou coisa oriunda ou proveniente do Covão (o Covão do Coelho).

2. **Covanita (a da)** — A taberna. A *Covanita* era uma vélha simpática, de boa chalaça, que tinha a sua taberna mesmo à esquina da rua que vem da igreja desembocar na Praça. Por isso *a da Covanita* é uma taberna e *o da Covanita* um taberneiro. Chamavam-lhe *Covanita* por ser oriunda do Covão do Coelho.

covano — Homem, indivíduo, um terceiro de quem se fala, ou a quem propositadamente queremos desviar da nossa conversa.

Êste vocábulo deve ter a sua origem quer no Covão do Coelho, quer no Covão do Feto. Os habitantes dêstes lugares, o primeiro da frèguesia de Minde, o segundo da de Monsanto, iam à missa dominical a Minde; e os Mindericos tinham-nos como uma espécie de provincianos que descessem à cidade; eram tidos como verdadeiros Saloios de Minde, que se arrogava o título de capital daquelas serras, que o era por direito da inteligência e de faculdades de trabalho dos seus habitantes.

— «Cautela; abranda lá a *piação*, não vá o *covano* saber por quanto lhe podemos vender as *monizas*...».

cresta — O *cresta* é o sol, pelo efeito que a sua luz forte produz sôbre a pele mimosa das raparigas de Minde. Talvez pela sua vida de tear, pois as mulheres de Minde nunca vão trabalhar a uma propriedade, são de finíssima pele, muito mimosas e brancas, sem excluir o tom formoso, rosado, da face, para o que dispensam muito bem o auxílio das drogas francesas...

crestador — O calor. Vem da palavra *cresta*, que é o nome que dão ao sol.

cruzar-se *(jordar o Demo)* — Benzer-se. *Bonzar-se* (1).

cruzeiros — Os braços. Porque quando alguém abraça outrem cruza os braços?... Porque a posição da mulher de soalheiro é de braços cruzados? Porque costuma cruzar os braços aquêle que, sem esperança, não vê maneira de vencer uma dificuldade?

---

(1) *Santiguarse*, dizem os Espánhóis.

D

dar à piadeira *(bater a piadeira)* — Ralhar, falar, conversar animadamente.

— «As *covanas* estão há que tempos *p'ràli* a dar à *piadeira*» (estão há tempos a ralhar).

desencardoar *(desencardoar neto)* — Pagar; dar dinheiro; solver uma dívida; desembolsar.

Eu creio que há aqui vício de pronúncia. Talvez deva dizer-se *desencordoar;* por influência de cordoeira. Compare-se o têrmo *desencordoar*, com a nossa frase *puxar pelos cordões à bôlsa.*

didi — Pequeno, de somenos importância, antónimo de cópio; mau, ordinário, ridículo, insignificante.

dona amélia — Mantilha de senhora.

E

Eiras — O bairro mais alegre de Minde. Fica logo à entrada de quem vem de Tôrres Novas. Era ali que havia as antigas eiras públicas, onde se debulhavam os calcadoiros, mediante o pagamento de uma porção de palha e de alimpaduras, ou gança, que se dava ao eireiro, encarregado de vigiar as medas de trigo antes de debulhado.

Desde 1840 que ali se faz a feira anual de Julho, conhecida pela feira de Sant'Ana. Até essa data fazia-se a feira lá ao norte da povoação, perto da capela de S. Sebastião, talvez por ficar mais perto da chamada Lagoa do Santo, onde o gado podia beber. Por imposição do comércio da povoação, foi a feira transferida cá para o sul. Sem ficar no centro da povoação, é muito mais central, com grave sacrifício das pobres alimárias, que morrem de sêde.

el-rei (as de) — As estradas. Durante muito tempo se designaram por *estradas reais*, o mesmo que *estradas do rei*, as estradas de macadame; e daí tiraram os Mindericos o nome de *as de el-rei* para designarem as ruas e as estradas. Também (menos provável) pode ter influído nisso o ditote que o povo usa, quando lhe falam em herança pouco provável: — «Que me deixa?... Deixa-me as estradas livres para passear...» (Pertença alheia...).

emanar — Fabricar, manipular, casar, amassar, etc. Creio que é têrmo a que não é estranho o latim *manus*. E assim se diz: *emanar* os balões: fazer uns sapatos; *emanar fôlha da Costa*: amassar o pão; *emanar* a *berlicua*: fazer uma camisa, etc.

emanar-se — Casar-se, consorciar-se. Mesmo nesta acepção não parece estranho, visto que na cerimónia do casamento, segundo o rito da religião romana, os nubentes colocam as mãos uma sôbre a outra, no momento em que repetem o *arre... cebo... arre... cebo* do *gago* de João de Deus...

emproado — Cavalo. *Chincheiro* e *chincheira*: macho e mula. Burro: é *patarata, jacaré, jagodes* e *ganau* (do castelhano *ganado*, que êles pronunciam *ganao*).

encolher os mirantes — Morrer; dar o último suspiro.

enfigueirar — Defecar.

engenhar — Lucrar, ganhar, interessar, conseguir, amontoar, etc.

— «Desde que anda lá para as terras do Alentejo, tem-se farto de *engenhar neto*...».

engenho — Lucro, ganho, maquia...

enricar — Furtar, roubar, subtrair ardilosamente. Por quê?... Porque quem rouba se torna rico, ou, pelo menos pretende tornar-se rico?... Porque terá havido em Minde algum Henrique que tinha por uso e costume abotoar-se com aquilo que era dos outros? A primeira explicação parece a melhor.

escama — *Uma escama*: um vintém, a antiga moeda equivalente *(in nomine)* a dois centavos, mas com que se comprava quási meio quilo de pão...

escarduçar — Mais vulgarmente *escardoçar*. É a operação que antecede a de *imprimar*.

Depois de muito bem batida à verdasca, e cuidadosamente carapeada, junta-se a lã num pequeno monte onde o cardador a vai regando com os cinco fios de azeite que escorrem de seus dedos, os quais de vez em quando mergulha numa tijela de tender, mais de meia de azeite. Depois de amaciada por êste processo, senta-se o cardador numa tripeça, mantendo a perna esquerda na posição normal e encurvando a direita para baixo, de forma que fique com o pé sob a tripeça. Coloca uma das cardas com a pá sôbre o ante-braço esquerdo e sôbre a perna esquerda,

e coloca-lhe sôbre os longos bicos umas bêtas de lã, o que se chama *carregar a carda*. Depois assenta-lhe a outra em cima, com tôda a fôrça do pulso direito e dos dedos, que vigorosamente apoia na pá desta carda, puxando-a, como quem asseda o linho. Assim vai praticando até conseguir grossas pastas de lã, que vai colocando ao lado direito. É a lã escarduçada (Vid. *imprimar*).

escola — Em vez desta palavra diz-se no calão: *a do Touquim*. No vocábulo *Touquim*, antigo professor, verão explicada a sua utilização no «calão»; fácil se torna, por isso, deduzir que *a do Touquim* é a escola, a casa onde o Touquim (professor) exerce a sua actividade. *Classe do Touquim*.

esgalhurdar-se — Confessar-se, limpar a consciência. Também se costuma dizer *descarregar-se*, como é de uso em muitas terras: descarregar a consciência.

esmagar — Esmagar as *brinzaleiras* com os *catronhos*: é o mesmo que pisar uvas.

espanhóis — Tordos, pássaros de emigração.

Devo declarar que êste têrmo é recente no calão minderico; e suponho até *(honni soit...)* que teve a sua razão de existir na guerra internacional de Espanha. Os tordos são da Rússia; só em Minde são *espanhóis*. Com arroz são excelentes; muito melhores que o *melro do abade* de Guerra Junqueiro; e assadinhos na brasa com sal e um pouco de manteiga, não vos conto nada!

espreitadeiras — As estrêlas. Também lhes chamam *luminárias*.

F

fachineiras — Cavacas; achas, para queimar.

Principalmente nos bairros de Santarém chama-se *fachina* aos toros de pinheiro com um metro de comprimento.

Cinqüenta toros é uma talha de *fachina*. Ora, como estes toros são destinados a abrir em cavacas, não é muito que a estas se chamem *fachineiras*.

favóla — Pessoa que tem por hábito (fundado no desleixo consigo própria) andar com os dentes à amostra.

— «Não vêem aquêle *favóla* sempre a *arreganhá* a *tacha?...*».

ferreirar — Podar, cortar com podão (de *antónio ferreira*, podão).

fôlha-da-Costa — Trigo, pão de trigo, o chamado *pão-alvo*, entre o povo desta região.

Os terrenos de Minde não são próprios para a cultura do trigo. Têm ali o campo da Mata que poderia adaptar-se a esta e outras culturas, se não se transformasse numa grande lagoa, durante os meses de inverno, o que obrigou os Mindericos a aproveitá-lo para vinha, que resiste muito às inundações. A encosta da serra, a que chamam *Costa*, de pouquíssimo e pobre terreno, é que costumava ser semeada de trigo; dêste facto proveio o nome do trigo: *fôlha-da-Costa*.

frageleiro — O pescoço.

1. **francisco vaz** — Sacerdote, padre, clérigo de missa.

Deu origem a esta designação o nome do Padre Francisco Vaz, natural de Minde, que em religião se chamou Fr. Francisco de Jesus Maria, frade Arrábido.

Informa o professor Abílio Martins que êste frade nasceu no dia 2 de Fevereiro de 1775, dia em que se inaugurou a estátua de D. José, e faleceu a 8 de Março de 1855, com 80 anos de idade.

2. **francisco vaz ancho** — O bispo (o padre grande).

A palavra *ancho*, bom português antigo, não significa sòmente largo, mas também grande, na acepção de corpulento e grande ou alto na designação de pôsto ou categoria.

Os prêtos Angolanos também chamam ao governador *govulo*. Ao simples governador ou administrador chamam *govulo catito* ou *pequeno*, e ao governador geral chamam *govulo ionene* como quem diz governador grande ou, como diriam os Mindericos, governador *ancho*.

frutos — Resumem-se os nomes dos principais: peras, *cabaças;* maçãs, *manecas* ou *redondinhas;* ameixas, *doentias;* abrunhos, *giesteiros;* damascos, *jinós;* cerejas, *gunilhos;* pêssegos, *reboliços;* melancias, *pataeiras;* melões, *campinos;* azinhas, *alentejas;* boletas, *porqueiras;* azeitonas, *carouchinhas*.

fusca — A noite. Por tôda a parte se diz o *lusco-fusco*, à boquinha da noite.

— «Deixa-me ir até ao *parreiral*, que já aí vem a *fusca*.

fusqueiros — Madeiros, toros de madeira destinados ao lume. Não sei se se lhes dará êste nome por serem os madeiros

destinados aos grandes borralhos do serão, pela noite *(fusca)* adiante, ou se é porque, lambidos das chamas, êles se tornem fuscos. Parece-me que a primeira explicação cabe melhor ao caso.

fústria — Blusa, gribalda (de Garibaldi, caudilho italiano, cujos partidários usavam uma espécie de blusa que foi a precursora das diversíssimas *camisas* de que se tem enfeitado o fascismo nas diversas terras).

G

gadelhudo — Pecado. Cabe aqui uma divagação dos meus tempos de colegial. Era o colégio dirigido por padres espanhóis, sob a fiscalização do padre Manuel Domingo del Sol, natural de Tortosa, onde nasceu em 1836 e faleceu em 1909. Costumavam os padres, para nos amedrontar, falar-nos muito de pecados, principalmente de *los de barba y bigote*. Compare-se a bigodeira dos pecados espanhóis com as guedelhas dos pecados em Minde...

1. **gáfete** — Meio tostão (antigamente, cinco réis...).

Aparecia por Minde a esmolar um pobrezinho, de Gáfete, no Alentejo, que estava sempre munido de trocos em moedas de somenos valor. Daqui o adoptar-se o nome da terra do pedinte para a moeda de pouco valor.

2. **gáfete ancho** (um meio tostão grande) — Vinte e cinco tostões, dois escudos e meio. Também se chamava *gáfete ancho* à antiga moeda de um pinto, vinte e quatro vinténs, 480 réis (Informação de J. António de Carvalho).

gaivo (as do) — As galinhas, os galos, frangos, etc.

A estas aves domésticas que servem para a nossa alimentação, chamou-se primitivamente *penosas*, mas tornou-se tão corriqueiro o têrmo, que passou a usar-se a denominação de *as do gaivo*. A razão disto é que ainda não conseguimos averiguar.

galfarros — Parasitas da cabeça; *pediculi capitis; viajantes, passeantes* (estes são mais pròpriamente os que se acoitam na roupa mal limpa e cuidada).

galhurdo — Porco, sujo, enxovalhado. *Engalhurdar-se* quere dizer emporcalhar-se. *Esgalhurdar-se* significa limpar-se, confessar-se, bonzar-se (tornar-se bom).

gâmbias — As mãos. Por tôda a parte do nosso país se emprega o têrmo *gâmbias* para designar as pernas, conforme se

diz na Itália *(gamba)* e em França *(jambe)* e até em Espanha onde se chama *jambon* ao presunto, como se se dissesse *pernão;* mas os Mindericos, para desviar atenções, aplicaram às mãos o estranjeirado têrmo.

— «Se o vires em *qualqué* parte, deita-*lh'as gâmbias* e leva-o *p'ra* casa. É teu, ninguém tem nada com isso».

ganilho — Garoto de pé descalço, empregado sempre em sentido depreciativo.

Na Serra de Santo António, lugar vizinho, chamam *ganelho* a um porquinho pequeno. Modificação da palavra *ganado* passando pelo deminutivo *ganadelho* e caindo em *ganelho?* Provirá daqui o *ganilho?* Tudo é possível neste mundo. No Brasil chamam *garrote* a um bezerro novo. E por que lhe chamam *garrote?* Simples modificação da nossa palavra garoto, passada pela bôca dos prêtos de Angola que para ali foram trabalhar em tempos distantes.

Os Angolanos ouviram chamar *garotos* aos filhos dos brancos, e entenderam que todos os animais, emquanto novos e junto das mãis, se deviam chamar garotos; mas como êles não têm o *r* brando como nós, porque então começam a confundi-lo com o *l*, em vez de garotos, diziam *garrotos* ou *garrotes.*

Conheci um oficial de deligências em África que me pedia licença, de vez em quando, para ir ver «o seu *muier* e suas *garrotes*» que eram os filhos.

E não vá alguém admirar-se, porque êles chamam a um pinto um *reitão de garinha,* a um leitão, chamam um *reitão di pôlco,* e a um cabrito um *reitão di cabla,* etc.

gargantear — Cantar. *Gargantear-se à do francisco vaz:* cantar à missa; *gargantear-se à Senhora:* cantar ladaínhas; *gargantear-se à da Covanita:* cantar o fado.

giralda — Cama. Ficar na *giralda:* ficar doente, sem poder levantar-se; cair de *giralda:* adoecer; cair à *giralda,* só se emprega para significar que a mulher está prestes a dar à luz. Veja-se o que faz uma simples preposição!

— «O Zé da Ana?... Está muito *mal'homa!* Se aquilo não volta, podem chamar o *francisco vaz,* que o *canto da Macaínha* é que o tem de *impará... Nã* sai da *giralda!*»

gravanços — Grãos de bico. Palavra imitada do castelhano *grabanzos,* cuja pronúncia se assemelha.

grisol — Azeite. Vulgarmente, segundo informa J. António de Carvalho, chamam *grisol* a uma almotolia de barro verde, das Caldas, de forma de gomil, com uma asa, gargalo muito estreito e a bôca alargada (como fôlha de malva), que tem um bico ou goteira por onde escorre o azeite. É costume escolher a almotolia muito bem *governada*: isto é, que tenha o gargalo o mais estreito que seja possível. Para quê? Para poupar o azeite. De crisol?

A minha madrinha era uma mulher rica, que viveu sempre pobre; e tinha uma almotolia muito *governada*... Quando azeitava a tijela das couves dos criados, fartava-se de dar voltas com a almotolia sôbre a pratalhada; o pior é que, por muito que *abençoasse* a comida, pouco era o azeite que empregava; mas quem visse tantos meneios e trejeitos, não deixaria de dizer que estava ali uma mulher que dava aos seus servos a comida bem azeitada.

grunhir — Beber. Lembrar-se-iam os Mindericos do barulho que os suínos fazem com as ventas, quando bebem a sua lavadura, quási grunhindo?

guarda das de el-rei — A porta, porque impede que quem passe na rua nos entre em casa; e, como se disséssemos, uma guarda da rua, ou de estrada. Vid.: *lérias (a do)*.

guia — Cara, rosto, semblante, feição, parecer. Bem pôsto o nome?... Mal pôsto?... É com o inventor; mas os Mindericos, que o adoptaram, é porque lhe encontraram suficientes créditos para isso. É a parte dianteira dos mamíferos e até das aves; a que vai na frente, como a guiar o resto da construção...

— «Sempre vens hoje com uma *guia*...».

Guimarãis — *O de Guimarãis, a de Guimarãis, um de Guimarãis*, são expressões que designam *tesoura, canivete, toalhas*, etc., por serem fabricados em Guimarãis estes objectos. *As guimarãis*, as maias.

gunilho — Cerejas. O tempo do *gunilho*, quando vier o *gunilho, lá p'rà Sant'Ana*..., são expressões que significam a aproximação do calor do verão.

H

homa — Maneira de pronunciar a palavra homem. Os Mindericos têm diversas pronúncias no que respeita a terminações. Assim, vulgarmente, dizem *Mané*, por Manuel,

andá, por andar, *vendê*, por vender, etc., exactamente como se diz no Estado do Pará, donde me parece que não serão oriundos...

— Ouve lá, Maria, *cá*-dêle o *tê homa?*

— *Ê* sei lá; *á Mané*, vai lá *arriba* a *vê* se *vês* o *tê* pai...

— Deixa lá, cachopa; logo *cand'êl vié*, podemos *falá*; o negócio *nã comete* pressas...

I

imprimar — Cardar a lã, reduzindo-a a pastas finíssimas, que são depois entregues à mulher que as reduz a fio, na sua roda de fiar. As cardas de *imprimar* têm os bicos quási rasos, e são muito mais leves que as de *escarduçar*. Aquêle têrmo não pertence ao calão; mas como se relaciona tão de perto com o mister dos que o usam, regista-se, quando para mais não seja, como homenagem aos simpáticos *charais*. (Vid. *escarduçar*).

inácio — Curandeiro, cirurgião, médico, etc. Há uns cinqüenta anos, talvez, viveu em Minde um curandeiro chamado Inácio Rodrigues Matias, a cujos cuidados e prática se entregavam confiantes os enfêrmos Mindericos; e, porque êste se chamava Inácio, todos os mais têm de se chamar inácio e inácios serão para todo o sempre, talvez, se outro têrmo não vier substituir êste, o que muitas vezes acontece, quando já há «muitos *covanos* que *penetrem* na *piação*...».

invisível (o) — O ar, o vento, a aragem.

ir p'ra jan-coelho — Queixar-se de alguém; ir para a Justiça com alguém; intentar demanda no Tribunal.

Com muita honra para os Mindericos, decorreram períodos de 20 anos, sem que um Minderico entrasse no Tribunal, excepto como vogal de conselho de família, ou como testemunha de alguma questiúncula civil. Se havia pancadas (nunca tiros ou facadas), lá se *amanhavam* uns com os outros de maneira que nada se soubesse em Juízo.

J

jagodes — Burro, besta de carga, animal (em sentido depreciativo ou insultuoso). Não me foi possível averiguar a origem ou a razão dêste têrmo; mas talvez não seja sem

relação com o depreciativo *zé-bode*, que por ali se emprega para significar um *zé-ninguém*, um *zé-faz-fôrmas*, um *zé-quitolis*, etc. Também se chama *patarata*.

jancoelho — O Juiz de Direito; a Justiça, em geral. O Tribunal de Pôrto-de-Mós. Do nome de um juiz popular que houve em Minde. Talvez avô ou bis-avô do Lourenço Coelho, há poucos anos felecido.

jãos-de-valí — Os dentes. Pronunciam indiferentemente *joãos-de-valí*, *joões-de-valí* e *jãos-de-valí*. Há-de haver uma razão para esta designação, Qual? Não consegui sabê-la. Já de si o plural de João é curioso. Em plurais e femininos de palavras os Mindericos não têm qualquer dificuldade.

Houve em Minde um homem de apelido *Mau*; pois a mulher era conhecida pela *Máua*; a mãi do padre *Calhau* era nem mais nem menos que a *Calháua*. É possível que tivesse havido em Minde algum homem chamado João Vali, cujos dentes, ou pelo seu tamanho, ou pelo seu feitio ou côr tivessem alguma coisa de notável, passando-se a designar os dentes pelo nome dêsse homem, ainda que um tanto deturpado.

1. **joão de penhas (as do)** — As pernas, também chamadas *as de Santo Amaro*, por ser êste santo, na católica romana, o advogado das pernas e braços, isto é de aleijões, etc.
2. **joão de penhas (dar às de)** — *Dar às de joão de penhas* é o mesmo que *dar às de vila diogo* (aqui diz-se *às viras do diogo*, por se ligar a idea de fugir e mostrar as viras dos sapatos). Êste *João de Penhas* era um homem de pernas curtíssimas; parece que em sentido irónico, ou por antonomásia, é que se dizia *dar às de joão de penhas*. Talvez porque êste, quando corria, tinha de mexer as pernas com maior rapidez que qualquer outro, é provável que os Mindericos aproveitassem assim o facto para a frase do seu calão.

joca — Tosquiar, o que tosa ou tosquia as ovelhas. Por se ter chamado *Joca* um dos mais antigos tosquiadores que houve em Minde, *jocas* se ficaram chamando todos os que aliviam do pesado velo as ovelhas e carneiros. Cabe dizer aqui que os tosquiadores (ainda os de Minde) eram as pessoas menos atiladas que havia. Apernavam o animal e colocavam-no entre os pés; depois, dobrados como ângulo agudo, sem a menor flexão de joelhos, iam tosquiando a

rês, com desusada perícia. Chegavam à noite sem poderem ter-se de pé! Nunca se lembraram que sôbre o leito de um carro, sôbre uma cancela apoiada em dois cavaletes, ou coisa semelhante, que sempre se encontra em casa de lavradores, lhes seria mui fácil fazer a tosquia sem molestar os quadrís. Hoje parece que já há quem assim a faça. Ainda bem.

jones — Chapéu. Por quê?... Nunca consegui sabê-lo É êste um dos vocábulos que se tem conservado, sem dúvida, desde o início do calão. É possível que seja proveniente do nome de qualquer indivíduo que se tornou notado pelo uso do chapéu, no tempo em que, nas serras, poucos o usavam. Parece-se com *John*, em inglês.

jòninho e **jònico** — Chapéu de senhora. Deriva de *jones*, chapéu.

jorda! — Sai! Gira! Põe-te a andar! É o imperativo do verbo *jordar*, tomado como interjeição.

jordão (o do) — O compadre, aquêle que levou o *terraiozinho à classe do francisco vaz*, a-fim-de receber o *regatinho na chaveca* (do rio Jordão, onde Cristo foi baptizado).

jordar — Fazer, gastar, engenhar, despejar, adquirir, desperdiçar, etc. Êste verbo faz lembrar o *to get* dos inglêses que significa tudo quanto a gente quiser...

Jordar fôlha da Costa: amassar o pão, tender o pão, cozer o pão; *jordar* os *botins* para o *jagodes:* fazer umas ferraduras para o burro.

jordar para a Macaínha — Morrer; encolher os *mirantes*. Ir para o *canto da Macaínha*, para o cemitério.

jordeiro — O padrinho. Deve ser têrmo derivado de Jordão, o rio sagrado, onde se diz ter sido baptizado Cristo, por seu primo João Baptista.

— Como se chama o *tê jordeiro?*

— O *mê jordeiro?*

— Sim, *homa!* Aquêle que te deitou *regatinho* na *chaveca*, na *classe do francisco vaz.*

jordoar — Baptizar. Apadrinhar uma criancinha. De *Jordão*, rio da Palestina.

Juncal — Juncal é uma frèguesia situada nos pinhais, entre Alcobaça e Pôrto-de-Mós, e pertencente a êste concelho. Há ali, desde remotíssimos tempos, umas olarias de louça de barro vidrado, de que os pratos, sopeiras, terrinas saladeiras, covilhetes e outras espécies de louça de uso corrente, apresentam ainda hoje a mesma pintura: espé-

cie de mancha azulada ou esverdeada, de que saem três ou quatro plumas que mais parecem dedadas. Há mais de trezentos anos que assim se ornamenta a louça do Juncal; e é por isso mesmo que às sopeiras, pratos largos, tijelas, bacias e alguidares se chama em Minde: *um* ou *uma do Juncal.* Já sabemos que se trata de louça grosseira, mas louça de mesa.

Um dia um cardador notou um movimento brusco de um dos companheiros e um cão que caínhava desesperadamente:

— Que foi isso, *homa?...*

— Foi o *modeio* que foi lá dentro *ao do Juncal* e *enricou* um bom naco de *vista-baixa* que estava no *maltesão;* vai eu *ferrei-lhe* com a do *manco* na *chaveca,* e tenho aqui a *assadura...*

Cfr. adiante *marinha.*

L

labrêgo — Arado, araveça, charrua, etc. É têrmo de muito boa água, mas desusado na região; por isso os Mindericos inteligentemente o aproveitaram para o seu calão.

Lembra-me ter ouvido um dia empregar a inversa, a um rapaz que hoje deve estar um vélho: chamou *arado* a um sujeito dos Casais Robustos com quem discutia; mas nunca tive a confirmação de que êste têrmo fôsse empregado para chamar estúpido a alguém; foi um desabafo de ocasião...

lacatrôfo — O sapateiro. Também há já quem simplifique o têrmo e diga *catrôfo. O do lacatrôfo,* qualquer coisa feita de couro e que não tenha nome especial. Tanto pode ser uma bôlsa como um cinto. Se o Minderico se quiser referir a algum dêstes objectos, olha-os, e chama-lhes *o do lacatrôfo,* e tôda a gente percebeu, excepto o *covano* que não conhece a *piadeira...*

lampanas — Batatas. Diz-se na região, de indivíduos que apenas têm laracha, dos de muita parra e pouca uva, que são batateiros, o mesmo é que dizer *lampaneiros.*

leôa — Trovoada. Cfr. o nome da Serra Leôa...

leões — Trovões.

lérias (a do ou as do) — A porta. Havia em Minde um carpinteiro antigo que se esmerava em fazer portas; parece

que foi dos primeiros que deixaram de fazer as portas com dois coices, pondo em prática o *pião* e o *bancal*, sucessores do coice e precursores dos lemes, cachimbos e gonzos (Vid. *guardas das de el-rei*).

ligadinho — Cunhado.

lilú — Parente.

— «Ah, pois... *nã* sei *p'ra* que aquêle anda a *sacrificá* o corpo, se *nã* tem *lilús* a quem *deixá* o *neto*, nem *as do pai-Adão*...».

linhas tintas — Chouriços, farinheiras, negritos, etc.

Não pareça estranho o têrmo *linhas tintas*. Para os modernos a designação de *linhas tintas* pode ser esquisita. É que, antigamente os Serranos não compravam linhas. Semeavam o linho, maçavam-no, tasquinhavam-no, fiavam-no, torciam-no e clareavam-no, até ficar o fio alvíssimo, quási como o algodão de hoje; mas como não podiam usar linhas brancas para coser os fatos escuros, tingiram as linhas de três côres: azul escuro, prêto, e castanho, servindo-se do anil, da capa-rosa, do pau de campeche e de uma qualidade de fungos que se encontram no verão, nos restolhos de trigo. Daí a denominação de *linhas brancas* e de *linhas tintas*.

lobar — Sachar. Parece vir do substantivo lôbo. Ora os lôbos arranhavam a terra de volta dos currais. arrancando as ervas, revolvendo tudo, na mira de encontrarem passagem para o interior. Haverá qualquer relação entre estes dois têrmos?

loja — Em calão diz-se: *a da Marrôa, a do Rijo, a do Borrego, a do Vaz Neto*, etc. dos nomes dos que tiveram loja durante maior espaço de tempo.

luminárias — Estrêlas.

M

madrinha do céu — A lua, a que também chamam *a da paveia*, por motivos que se dirão quando se definir a palavra *paveia*. Em quási tôdas as aldeias dos arredores de Minde ouvi chamar à lua *a madrinha do céu*, principalmente quando se chama para o nosso satélite a atenção das criancinhas. É a lua uma das coisas que mais prendem a atenção das crianças, e que maior impressão lhes causa. E, como à lua se atribuem malefícios vários que muito prejudicam as crianças (...) o povo encon-

trou êste agardável eufemismo para *dispor a lua a favor das crianças.*

maias — Designam-se por êste nome as papoilas. Nesta região aplica-se o nome de *maias* a diferentes plantas em flor, conforme os lugares. A uma espécie de espadana que floresce no meio dos trigais, e de que se encontram três variedades mais vulgares, a de flores vermelha, a de flores carmezins, e a de flores côr de rosa viva, também se denomina *maia.* A uma erva que dá flores amarelas muito aromáticas, e cresce em sítios abrigados do sol, chamam *maias* também. Em Minde são as papoilas que merecem êste nome.

maltesão — Vinho. Durante muito tempo foi conhecido por *mota;* depois passou a usar-se o nome de *maltesão;* também não pude averiguar a razão dêstes nomes (1).

Manco — O mais afamado mestre de cardas que houve em Minde; ninguém como êle apresentava um casal de cardas tão perfeitas; e, como homenagem à sua habilidade, as cardas começaram a chamar-se *as do Manco.* Havia dois pares ou casais das *do Manco:* as de bicos longos, ou de *escarduçar;* e as de bicos rasos, ou de *imprimar.* Como ferramenta auxiliar das cardas, apenas uma pedra redonda, côr de chumbo, um tanto áspera que desempenhava dois papéis: o de amolar as cardas, e o de lhes acertar os bicos (Vid. *escarduçar* e *imprimar*).

mané-boticairo — O negociante. Êste Manuel Boticário que foi um dos mais poderosos negociantes do nosso País, conheci-o ainda nos seus últimos tempos, montando na sua fiel burra branca, quási tão vélha como êle, reduzido à extrema miséria. Visitava os amigos, passando um dia em casa de um, dois dias em casa de outro... para que se não dissesse que andava a pedir. Era tão pronto em acudir a uma necessidade, como em justiçar por suas próprias mãos aquêle ou aquêles que lhe fizessem, a si ou aos seus criados, qualquer desacato. A vida dêste homem é um dos capítulos mais assombrosos de História de Minde.

manecas — Maçãs. Desconheço a razão. Como informação, direi que em Pôrto-de-Mós e arredores, terra de exce-

(1) [*mota,* de nome próprio? *maltesão,* de *maltês?* — J. L. de V.].

lentes maçãs, há uma antiqüíssima família de *Manecas*. Ainda hoje quem entra na Vila, cá em baixo, ao Rossio, a primeira casa que encontra à sua direita foi mandada construir por um sujeito chamado *Manecas*.

mané-sousa (Manuel Sousa) — *Membrum virile*. Não conheço a razão certa por que assim se chama.

maranhôas e **maranhoeiras** — Castanhas. Tôda a gente sabe a fama universal que adquiriram as *castanhas do Maranhão*, de que ainda hoje se importam grandes quantidades do Brasil. Das *castanhas do Maranhão* aproveitaram os nossos amigos de Minde mais uns têrmos para a sua linguagem. Aos castanheiros também chamam *maranhões* e *maranhoeiros*, e ainda *adueiros*.

marco da portela — Queijo. Primitivamente o queijo branco, de cabra, que é saborosíssimo nesta região, ainda que muito pobre de gorduras. Chama-se assim, devido isto a um marco que houve antigamente na Portela (entre Mira e Alvados), marco que, visto de longe, tinha certas semelhanças com um queijo.

marialva — A gravata. Geralmente diz-se ali, de alguém que anda vestido com certa garridice: — «Aquêle anda hoje todo à *marialva*». Como a gravata, numa terra em que raros eram os que a usavam, era sinal de luxo, talvez se trasladasse para o calão esta denominação.

marinha — Copo, garrafa e outras vasilhas de vidro. O nome provém da Marinha Grande, onde se fabricam objectos de vidro.

marinha de mirantar — Espelho, que é o *marinha* (vidro) onde as *covanas* e as *terraiazinhas* costumam *mirantar* a *guia*. (...onde as mulheres e as raparigas costumam mirar ou olhar a cara).

1. **marrão, marrôa** — O avô, a avó. Presume-se vêlho, geralmente, aquêle que tem já alguns netos em sua volta. Os vêlhos passam as horas de calma sonolentos e os serões a pender, em volta da fogueira do lar, nas longas noites de inverno. *Marroar*, e *amarroar*, significa, na terminologia daquela região, o mesmo que *amadornar*, passar pelo sono, dormitar. Provirá daqui o têrmo?

2. **marrão** — É também, nos arredores de Minde um grande e pesado martelo com que se partem os pedregulhos que estorvam o caminho, ou se desejam afeiçoar para os cunhais de uma casa.

3. **marrão** — É ainda porco macho, por modificação da palavra *varrão*.

marreca — A foice de mão; *marrècar:* ceifar; *marrècar* o *fôlha-da-Costa:* ceifar o trigo. Chama-se assim êste utensílio campestre por causa da forma das suas costas que são como as de um marreca (ave).

marrôa — *O da marrôa:* o balcão. A *Marrôa* era a dona de uma das mais antigas, se não a mais antiga taberna de Minde; daí chamar-se ao balcão *o da marrôa* e talvez o nome de *marroaz* que se dá à moeda de tostão seja proveniente das tabernas; *as da marrôa:* as prateleiras da loja.

marroaz — Moeda de cem reis; um tostão; cinco vinténs; dez centavos.

— «*Augun-dia* um *fôlha-da-Costa* de meio *marroaz* chegava *pá* gente *comê* em todo o santo dia, e muito à vontade; agora...» (em Minde pronuncia-se *marroais;* o som *ás* é convertido em *ais*, tanto aqui, como na Mira, como em Alcanena...).

menízias, menizas e **monízias** — Mantas. Terá o seu nome derivado de algum antigo fabricante chamado Moniz?...

mère — Mãi. É palavra francesa. Compare-se com o que se diz na palavra *père.*

mèrinha — Madrinha. Cfr. *mère.*

mestre-grosso — Alfaiate. Nome provindo dum antigo alfaiate de Minde, assim chamado.

mestre-régio — O casaco. É possível que, há 70 ou 80 anos, o casaco fôsse usado em Minde apenas por dois homens: o professor e o cura. Ora o casaco do padre era mais conhecido por *casaca,* por ser mais avantajado em comprimento; e ficou o do professor conhecido por *casaco.* Como o professor se designava, ali e em todo o país pelo *mestre-régio*, tomou o casaco o seu nome...

migança — O chefe do correio. Sendo mulher não se lhe chama *migança*, mas sim *achega.* Alcunhas dos primeiros chefes da estação dos correios de Minde.

mimosas — Árvores de fruto.

Minderico — Natural de Minde. Ninguém diz, depreciativamente, *um Mindeiro*, como se diz *um Alcaneneiro, um Benaventeiro, um Alcariote, um Mirante, um Serrenho*, etc., nem tampouco se diz *um Mindense.*

mioleira — A testa, por fazer parte da caixa dos miolos.

mirantes — Olhos. Costumam tratar-se por Mirantes os habi-

tantes da Mira, progressiva povoação ao norte de Minde uma escassa légua. Últimamente, porém, a propósito de haver na Beira um concelho chamado *Mira*, os Mirantes mudaram o nome da sua terra para *Mira-de-Aire*, quando nada têm que ver com a serra de Aire, que ainda fica ao sul da linha transversal de Minde. E agora já se não chamarão *Mirantes*, mas sim *Miradairenses*, que é nome mais aparatoso. A denominação de *mirantes*, que se dá aos olhos provém do verbo *mirar*, ver, olhar, espreitar, prestar atenção.

modeio — Cão ou cadela.

moínho da fonte — Do nome de uma povoação da freguesia do Pedrógam de Tôrres Novas, onde existem duas fábricas de papel desde tempos muito remotos. Na linguagem de Minde significa *carta*, *postal*, *requerimento*, tudo quanto seja papel, por ser conhecido ali o seu fabrico.

— «Ouve lá: vais hoje a *Tôrres Noves*?... Se fôres, não te esqueças de me *avizá* para me levares uma do *moínho da fonte* para o *francisco vaz* da Zibreira».

moínhos da fonte da classe do neto — notas. Textualmente significa: *papéis do banco* (casa do dinheiro).

montante — Moeda de dez tostões, mil réis; actualmente um escudo.

— «Vá lá! Puxe pela *cordoeira* e *jorde* para cá os vinte *montantes* que ficou a dever ao *homa*!»

monteiras — Ceiras do lagar. Eu conheci, ali para os lados dos Filhós ou Goucharia, se não estou em êrro, uns esparteiros que se chamavam Monteiros. Seria algum antepassado dêstes Monteiros, fabricantes de ceiras, que teria dado o nome de *monteiras* às ceiras do lagar?

morenos — Bois. Em muitas aldeias da Estremadura dão-se nomes quási constantes às duas vacas, ou aos dois bois de uma junta. Nas vacas predomina: se uma é *laranja*, a outra é *cereja*; se uma é *cabana*, a outra é *boirisca*; se uma é *morena*, a outra é *ligeira*; se uma é *redonda*, a outra é *doirada*, etc.; nos bois há sempre o *cabano* e o *galante*; o *prêto* e o *castanho*; o *boirisco*, ou *moirisco* e o *galante*, etc. Lembro-me também que li em criança uma historieta no género da *Princesa Magalona*, em que havia uma *vaca morena*. Daqui provém o referido nome comum *moreno*.

mota — Vinho. *Um marinha de mota*: um copo de vinho. Nunca me foi possível averiguar a razão do emprêgo

desta palavra. Quem nos dirá que não provém da conhecida cega-rega que antigamente se cantava e tinha como fecho obrigatório:

«Que vinho deita,	«Que vinho leva
«Que vinho bota,	«À Ribeira Mota?...».

moucas — Favas. Parece que, em tempos idos, a casa que mais favas produzia, era a de uma proprietária abastada, conhecida pela alcunha de *a Mouca;* e, porque assim era, chamaram-lhes primitivamente *as da Mouca;* e depois, por simplificação: *moucas.* Com o uso de veículos de tracção mecânica, é hoje o legume que tem menor consumo, porque vai rareando o gado cavalar.

mouteiro — Carrasco (árvore). Viver nos carrascos, nunca sair do meio dos carrascos, é ser-se selvagem. Como estes arbustos são de pequeno porte, não excedendo geralmente dois metros de alto, crescem em *mouta* ou *balsa*, e daqui lhe veio a designação.

N

naifa — Faca, navalha (também se conhecem pelo nome de *as de Guimarãis* estes objectos). É têrmo muito generalizado em tôda a parte, desde a permanência dos soldados Inglêses em Portugal em 1810 (de *knife*, subst. inglês).

namorar — *Jordar* a *piação* com uma *terraiazinha* ou com uma *covana*, conforme a idade.

— «O *covano jorda* a *piação* com a *terraiazinha*, e estão aqui estão *emanados*».

negociante — Veja: *mané-boticairo.*

negrinhas e **negritas** — Azeitonas. Há certa diferença entre azeitona e azeitonas, tanto na linguagem vulgar da região, como no calão. Azeitona é o conjunto de frutos que se leva ao lagar para fazer azeite; azeitonas são os frutos que se guardam em salmoira para serem usados como conduto. No primeiro caso diz-se: *vale-da-serra;* no segundo, *negrinhas.*

neto — O dinheiro. Parece que houve em tempos, em Minde, um homem chamado Neto, que, por ser muito rico, ter muito dinheiro, lhe deu o seu nome para a posteridade.

ninhou — Minde; a nossa terra; o lugar onde nascemos. Parece que deve tratar-se da modificação da palavra *ninho*, na acepção de *lar.*

O

ourelos — Os suspensórios com que se seguram as calças dos garotos, que os usam cruzados nas costas e no peito.

P

pai-Adão (a do) — A enxada; a terra (Vid. *polir a do pai-Adão).*

paivante — Cigarro brèjeiro.

palhoto, palhota e **palhoteira** — Vizinho, vizinha, vizinhança.

pandilha — Charuto; cigarro grosso, como usavam dantes os carroceiros.

pandilha de calça-branca — Cigarro brèjeiro, paivante.

parisal — Machado. Seria alcunha de algum ferreiro que fabricava machados, ou de algum serrador que os usava, a palavra *parisal?* Na serra de Santo António chama-se *parisal* a uma propriedade sem valor de cultura, a um homem alto e magro e a um cabeço ou outeiro desamparado.

parreiral — Lar, casa, residência, penates. É costume antigo das nossas aldeias, ensombrar as casas de residência com a frescura de uma latada, o que além de agradável, tem a utilidade de, no tempo próprio, produzir uns deliciosos cachos, tanto mais apreciáveis quanto maior é a carência de frutos. Creio que por esta razão é que, em calão, se chamou *parreiral* à nossa cubata.

— «Visto não estar cá o *covano* do *parreiral*, voltarei ao cair da *fusca*».

pasmados — Bois. Tem pouco uso no calão êste têrmo com que designam os pacíficos animais tão amigos do homem, que, como agradecimento, acaba por levá-los ao matadouro e comer-lhes a carne; mas é um dos têrmos mais próprios, mais quadrantes que eu tenho encontrado. Repare-se, em tardes de verão, nas extensas lezírias do Tejo, nos bois já fartos, que remoem e vasculham o lustroso lombo com a cauda, de olhar parado no horizonte tranqüilo, e diga-se então se o têrmo *pasmados* não está bem aplicado.

passar à tosadeira — Comer, passar a queixos, meter na pá do bucho; engulir.

pássara-moira — Borboleta. Êste têrmo, como alguns mais que temos registado, não pertencem pròpriamente ao

calão de Minde, mas fazem parte da singular maneira de falar desta gente.

passeantes — Parasitas do corpo humano. *Viajantes* (vide êste têrmo).

pataeiras — Malancias. Antes de se conhecerem as deliciosas e inegualáveis melancias dos campos de Almeirim, as de mais fama que se conheciam nesta região eram as de Pataias, freguesia situada nos pinhais ao norte de Alcobaça; e, porque assim era, os Mindericos aproveitaram a palavra para designar o fresco fruto.

patarraz — Homem baixo, atarracado e gordo. O *patarraz* é um grosso cabo que servia para sujeitar o mastro ao corpo do navio; como o seu enrolamento produzia um volume grosso, é possível que venha desta semelhança a alcunha que se aplica aos homens gordos.

pàteiro — Gafanhoto, saltão, saltarelo. É por *pàteiro* que tôda a gente designa o gafanhoto, porém não me foi possível saber a razão do nome. Será por ter muita fôrça nas *patas*?... Por se servir delas como de potentes alavancas nos grandes saltos que dá?...

paveia (a do) — *A do paveia* é a lua. Vejamos a razão por que assim lhes chamam os Mindericos. Desde tempos antigos, os católicos se serviram de meios propensos a amedrontar as criaturas simples, por meio de imagens ou símbolos; e assim, para fazerem crer ao povo que se não deve trabalhar ao domingo, contaram-lhe que, andando um homem a cortar silvas, ao domingo, veio um anjo e lhe disse: — «Pecaste perante Deus e perante o mundo, e julgaste que ninguém te via no meio dêste matagal. Pois bem: para que tôda a gente te veja pelos séculos dos séculos, vais morrer e serás colocado na lua com o teu forcado e a tua paveia de silvas».

Há quem pretenda ver, nas sombras da lua, um homem levemente inclinado para a frente, na posição de quem espeta o forcado numa paveia de silvas. Eu nunca consegui ver tal coisa. Há coisas que não conseguimos ver com os olhos que temos na cara... (1).

---

(1) [Temos aqui a historieta ou lenda do «homem na lua», muito conhecida dos etnógrafos. Cfr. as minhas *Tradiç. Pop. de Portugal*, §§ 3 e 30. — J. L. DE V.].

pedra d'era — O altar. Esta mudança de letra na palavra *ara*, que se transforma em *era*, não é sòmente de Minde. Por tôda a parte eu tenho ouvido dizer:

— «Assenta-te na *pedra d'era:* || assim como ouvires, espera».

Ora é sabido que ninguém se vai sentar na *pedra d'era*, repositório de relíquias de extrema veneração para os católicos. Parece que está ali a palavra *era* apenas por necessidade de rima.

pé-leve — Enxertador. *Pèlevar:* enxertar. Certamente o primeiro homem que veio enxertar para as vinhas da Mata, mal roupido e mal calçado, teria recebido a alcunha de *Pé-leve;* é claro que lhe aproveitaram imediatamente o nome para designar o seu ofício.

pelota — Qualquer espécie de carne, se bem que à de porco se chama *vista-baixa* e à de cabra *regué-gué*. Quando alguém aparece desprovido de peças de vestuário, diz-se que anda *em pelota*, por andar em pêlo, ou em pele. Daí a carne.

penedo-verde — Couve, repôlho, e, em geral, qualquer espécie de hortaliça, vulgar na região.

penetrar — Compreender, perceber, entrar, entender o que se diz.

— «*Peniche*, que o *covano* está a *penetrar* na *piação*» (cuidado, que êste sujeito está a entender o que nós dizemos).

peniche! — Cautela!... Caluda!... Silêncio!...

— «E agora... *peniche*, e toca de *dar às de João de penha...*».

pentear, pentear-se — Alisar *os de Arraiolos*.

pêra do cerrado — Abóbora (por haver abóboras com a forma de pêras?).

pére — Pai:

— Ah cachopo, onde foi *tê pére?*

— Sei lá... *Tauvez teja* lá *p'rò parreiral.*

Vê-se aqui claramente a palavra pai em francês, *père*. *Pèrinho* chamam os Mindericos ao padrinho, assim como chamam *mère* e *mèrinha* à mãi e à madrinha.

perneiras — Meias. *Perneiros:* peúgas.

piação — Conversa, linguagem. A *piação* dos *charais* (ou *charales)*, a *piação* do *ninhou:* o calão de Minde.

piadeira — Fala, língua, linguagem (o mesmo que *piação).*

piar — Falar, ralhar, conversar, cuscovilhar, etc.

— «Que estás tu *p'rá i* a *piá, homa!*»

pinhoada — Os dentes que alguém mostra, rindo-se.

— «Não vês aquêle a *arreganhá* a *pinhoada?...* Julga que nós queremos *sabê* a idade que êle tem?...» (eufemismo usado para chamar burro a outrém).

pitadas — Carpinteiro. O vélho *Pitadas* era especialista no fabrico de rodas de fiar lã. Estes primitivos aparelhos compunham-se de uma banca de pouco mais de meio palmo de altura, apoiada em quatro pés, a modo de tripeça, tendo, erecto, a um têrço do seu comprimento um prumo (tábua grossa, de doze ou quinze centímetros de largo), no qual se inseria o eixo que penetrava na maçã central da roda. Esta era formada por uma camada cilíndrica, como são as abas das peneiras, sôbre a qual deslisava a *correia* que era um grosseiro cordão de fiado de lã. Esta *correia* accionava o carreto ou noz que sustentava o fuso longo e aguçado, onde se ia formando a maçaroca de lã fiada. A fiadeira imprimia movimento à roda, apoiando os dedos indicador e médio da mão direita nos raios da roda, ao passo que, com a mão esquerda, ia distribuindo a fina pasta de lã ao fuso, estendendo-a a todo o comprimento do braço para a adelgaçar do fio.

planeta — Dia. *O meio do planeta:* o meio-dia.

poder — Quantidade, porção grande.

— «A feira êste ano meteu um *podê* de gente! e, se as colheitas forem boas, para o ano que vem, cai aí o *podê* do mundo».

— «A minha nogueira tinha ainda um *podê* de nozes, pois foram lá e roubaram-nas tôdas!»

polir a do pai-Adão — Cavar. *A do pai-Adão* é a terra, porque de terra se diz ter sido feito o vélho pai da humanidade; e significa também a enxada.

primeiro cavaleiro — O almôço, a primeira refeição do dia.

Q

quincas — Pedreiro. Um *quincas* é um pedreiro, porque, tendo-se chamado *Quincas* (alcunha) um dos antigos pedreiros de Minde, ficou o nome para todos os seus sucessores.

R

ramos-figueiros — Os irmãos, que são ramos nascidos do mesmo tronco. Aqui, a mãi (ou o pai), parece representada pela figueira, e os irmãos são ramos da mesma figueira. Para se encurtar a frase diz-se: *ramos-figueiros*, assim como se diz, por exemplo, no norte, *farinha triga* em vez de *farinha de trigo*.

regatinha — Chuva, água, regueira, riacho (de uma das nascentes que se encontram à beira da Mata, que também contribue um pouco para que êste campo se encha). Talvez por esta nascente deitar tão pouca água, muito principalmente de verão, que é quando mais falta faz, chamaram os Mindericos *regatinha* à água, visto que a nascente se chama *regatinho*.

regatinhar — Verter águas.

1. **regatinho** — Uma das nascentes que alimentam a Mata no inverno, mas, de verão, chega quási a secar. Há quem tenha ido lá dentro e caminhado pela gruta donde emana a água, durante grande distância. Parece que por ser pouquíssima a água, que o *regatinho* fornece, é que à água e à chuva chamaram *regatinha*.

2. **regatinho** — Nascente de água, entre o campo da Mata e a estrada nacional que conduz à Mira e a Pôrto-de-Mós, cujo caudal é tão pobre que às vezes não consente que as mulheres acabem de lavar a roupa que levam.

De um sujeito que começa as conversas, mas nunca as acaba diz-se: — Aquêle é como o *regatinho*...

regatinho do jordão — Água do baptismo.

regatinho santo — Água-benta.

reguégué — Ovelha, carneiro, gado lanígero (A. de Jesus e Silva escreveu, por vezes, *renhé-nhé*).

regueiro de val-milheiro — Partes pudendas da mulher.

Relego — Um dos locais de Minde, na parte mais antiga da povoação, que é a parte que vai do Cereijal até ao Oiteiro, e onde em tempos foi o relego, ou celeiro dos maiorais da terra. Emprega-se êste têrmo na região por *regabofe*, *bom passadio*, etc.

— «Aquêle tem tido um *relego* em casa do padrinho... Que se vá aproveitando, que aquilo não pode durar sempre».

remexido — O negócio. Efectivamente, nada há mais remexido e inquieto que o negócio dos Mindericos. Que de esforços não fazem êles para *impingir* ao camponês da Borda de Água uma manta de lã que êles conseguem fazer de frouxel de algodão, pedindo por ela 100 escudos, mas que vêm a ceder por 25, depois da coisa bem conversadinha... É por se remexerem tanto na luta pela vida — que é a do negócio — que lhe chamaram *remexido.*

renhonhon — É palavra onomatopeica para significar a gaita galega, ou gaita de foles, que, durante muitos anos antecedeu as filarmónicas nas festas de aldeia. Tinha o privilégio, de que se não privava o gaiteiro e respectivo *tramboleteiro* de ir à frente do próprio guião, ao passo que a filarmónica se encorpora atrás do pálio...

rijo — Lojista, caixeiro, comerciante, que também, em caso de necessidade, se conhece pelo nome de *Borrego, Vaz Neto,* etc. dos nomes de outros tantos comerciantes, o que lhes serve às mil maravilhas para modificar o calão e torná-lo de mais difícil fixação.

Êste *Rijo,* assim chamado por ironia, visto que era bem fraco e corcunda, tinha uma loja em frente da porta lateral da igreja. Ainda o conheci muito bem, assim como aos dois sobrinhos que o ajudavam na labuta do modesto estabelecimento.

risota — Primo.

roda-pé — Bigode.

— «Aquêle tem um *roda-pé* capaz de dar de *Arraiolos* para tecer um par de *bringeis...»* (Vid. *zé-pedro*).

rõe *(rõim)* — Maneira vulgar de pronunciar a palavra ruim. *Arrotes rões:* maus arrotos, arrotos de quem está indispôsto do estômago, depois de uma laboriosa e defeituosa digestão.

— «Ah! deixe-me aqui, *mulhé; tanho* andado hoje *tan rõe, tan rõe* que não sei que diga!»

ròivá *(roival)* — Pronúncia corrente da palavra rival. Não pertence ao calão, como outras que temos registado, e se aqui se inclue, é por ter pronúncia muito característica, e por não ser de fácil interpretação para estranhos.

— «Já sabes?... O Caçarula não *qué i* à feira para não se *encontrá* com o *ròivá...»*.

S

sagalhota — A cinta que os homens usam não só para segurar as calças, mas também como ornamento e como prenda de abrigo. Enrolavam-na à cintura apanhando as calças e as abas do colete, deixando os cadilhos caídos, sob a aba da jaqueta, do lado de trás, como ornamento indispensável. Tratar-se-á de uma derivação de cigalho? Os cadilhos pendentes são um pedaço da cinta, são um resto, um *cigalho*... É o mesmo que faxa noutras terras.

sal do Brasil — Açúcar. Houve tempo em que só do Brasil nos vinha o açúcar com que as nossas santas avós preparavam os saborosíssimos bôlos e regueifas que ainda são lembrados hoje; daí o nome.

saltacatrepa — Cabra, chibo, carne dêstes animais, que também se chama *carne esfoladia*, em contraposição à de porco, que se não esfola. A carne de carneiro ou de ovelha, chama-se *reguégué*. Provêm da qualidade das cabras que sobem a tôda a parte e por tôda a parte saltam, e formou-se da junção de dois verbos: *saltar* e *atrepar* (subir).

1. **samoucal** — Cajado, porrete, cacete, varapau. Um pouco ao sul da Serra de Santo António, e perto do caminho que os negociantes e cardadores de Minde levavam antigamente para o têrmo de Torres, Alemquer, etc., um sítio que foi em tempos uma densa floresta, composta de zambujeiros, medronheiros, folhados, carrascos, aroeiras, carvalhiças, etc., e onde naturalmente os Mindericos se proviam de magníficos cajados, que nos arredores de Minde não encontravam, nuas como são as encostas que formam a formosa bacia minderica. Do sítio onde iam cortar os seus cajados, que depois *encoziam* e descascavam ao forno, para os endireitar, envolvendo-os seguidamente com cal de caiar, para lhes dar a côr avermelhada que tanto apreciavam nêles, tiraram a designação.

2. **samoucal** — Parvo, patola, lorpa, palerma, falto, apoucado do juízo, estúpido.

sana — Sacristão. Por *Sena*, apelido dum indivíduo que exerceu êste ofício, e que, sem saber ler uma letra ou um algarismo, cantava o cantochão perfeitamente. O Patriarca D. José III apreciava-o muito por muito se rir com êle.

sant'ana (a de) — Feira. É em Julho que se realiza em Minde uma concorrida feira de gados, quinquilharias, louças, frutas, móveis de pinho de Ourém, cutilaria, etc. Tudo, excepto os panos de Minde e outros artefactos da indústria da terra. É do que menos se vê. Por isso é que, em calão, se chama *a de sant'ana* a qualquer feira.

1. **santo amaro (as de)** — As pernas. Segundo o Agiológio romano, Santo Amaro, a quem martirizaram, partindo-lhe as pernas, ficou advogado dos que sofrem delas; por isso os Mindericos que foram sempre muito entendidos nestas coisas de igreja, chamaram às pernas *as de santo amaro.*

2. **santo amaro (a de)** — De *vista-baixa:* o presunto, a perna de porco.

sêde — Ter sêde: ter precisão de *grunhir regatinha;* necessitar de passar a *regatinha* à *tosadeira.* Não há vocábulo próprio (eu, pelo menos, desconheço-o), havendo, por isso, necessidade de empregar uma frase ou circunlóquio (Vid. *grunhir*).

semear — Deitar à *terrugem.* Semear trigo: deitar o *fôlha-da-Costa* à *terrugem.* Semear ervilhas: deitar as *ventosas* à *terrugem.*

sequeira — Um *sequeira* é um gato, porque quási sempre andam sêcos os gatos. O peixe não é para êles, nem ali se compra carapau para o gato, e, se êle não tem ratos de que se nutra, está o caso bicudo: tem de ser *sequeira,* por fôrça (de sêco, magro).

serradaire — O mato. É nos contrafortes da Serra de Aire que os Mindericos costumam ir cortar o mato com que guarnecem os seus pátios e currais e com que fazem as camas ao gado. É um mato muito miúdo e pobre, em que abunda a pimenteira, o alecrim, rosmaninho, e outras espécies aromáticas, mas que contém muito azote e traz grande porção de terra vegetal, produzindo magníficos estrumes.

serralheiro (a do) — A chave, o trinco, a tranqueta, o cadeado, etc.

— «Antes de ires para a *giralda,* não te esqueças de dar volta à do *serralheiro,* ouviste?...».

T

tacha — Dentes. Arreganhar a *tacha*, arreganhar a *favola*, ficar de bôca aberta, arreganhar a *pinhoada*, etc.

talha-mar — O nariz, por ter certa semelhança com o dente de muro que é costume construir-se como defeza dos pilares das pontes de alvenaria.

tapa-chapa — O capote. Creio que, por tôda a parte costumam as mulheres chamar ao casaco que vestem para sair à rua o *tapa-misérias*. É o caso do capote, no calão de Minde. *Chapa* é o remendo que se costuma coser por cima do tecido que se rompeu. Deitar um remendo de *chapa*. Quando se recorta o tecido esfacelado a-fim-de lhe aplicar um remendo de melhor pano, a substituir o que se rompeu, diz-se *deitar um remendo em costura* ou *aplicar um taco*. Ora o capote é o *tapa-remendos*, ou *tapa-chapas*.

tarrantar — Dormir. Há aqui uma onomatopeia? mas quási tão difícil de descobrir como de perceber uma poesia ou apreciar um quadro que os nossos modernistas fazem e pintam. *Terran-terran-tar:* resonar, dormir!

terraios, terraiozinhos — As crianças, os filhos pequenos, a garotada miúda.

— «Vê se cozes umas *lampanas* com *navega* para o primeiro cavaleiro dêsses *teirraiozinhos*...».

terrantês e **terrantesa** — Diz-se do homem ou mulher que se apresenta sem mêdo, com ares de valentaço...

— «Não a achei mudada; apareceu-me *tarrantesa* como dantes...».

1. **terrugem** — Uma terra, uma aldeia; a terra que se pisa e lavra; o chão. Conf. o nome de uma aldeia aí para os lados de Sintra.

2. **terrugem (deitar à)** — Vid. *semear*.

tinoco — Tio. Por semelhança das sílabas iniciais?

tôrre — A cabeça, por ser a parte mais alta do edifício do nosso corpo. Quási sempre se emprega em sentido depreciativo: *turris pediculorum*.

tosadeira — A bôca, porque serve para tosar, cortar, dilacerar os alimentos, visto que os dentes actuam a modo de tesouras.

tosadoiro — O queixo. Chama-se *tosadeira* à bôca, por *tosar* a comida; ao queixo chamam *tosadoiro*, talvez por semelhança.

tosar — Comer, passar à *tosadeira;* bater, cortar a lã.

touquim — O professor. Conheci muito bem o vélho *Touquim*, que ensinava ali à praça, em sua própria casa, visto que Minde não possuía ainda edifício escolar; e para se saber quão tarde o logrou, basta dizer-se que a sua primeira escola foi construída segundo o modêlo Adães Bermudes, melhoramento conseguido por Justino Guedes, irmão de Mestre Roque Gameiro. Hoje, na linguagem pitoresca dos Mindericos, um professor é o... *touquim.*

trocar a neto — Comprar. *Jordar o neto:* fazer negócio; *neto:* é o dinheiro.

V

valalteiro — Carro de bois, por que, de tempos antigos, vinham do Vale-Alto, logarejo próximo do Covão do Coelho, quási todos os carros de bois que os Mindericos adquiriam para os serviços agrícolas.

vale-da-serra — Azeite. É o Vale-da-Serra um lugarejo nas abas da Serra de Aire, pertencente à freguesia do Pedrógam de Tôrres Novas, e por ser ali muitíssimo abundante o olival, chamaram *vale-da-serra* ao azeite (Cfr. *negrinhas*).

vale-do-porco — A lenha. O Vale-do-Porco fica situado na encosta da Serra de Santa-Marta, a cair para o Covão de Feto; e é ali que desde tempos muito remotos os Mindericos, e as Mindericas, já vèlhotas e necessitadas, costumam ir buscar lenha para o seu borralho. Os feixes que levam são pequenos, por terem de subir uma íngreme ladeira; mas, chegadas ao alto do Covão Formoso, mesmo à entrada do Carreiro do Meio, ou mais além ao Carreiro Pequeno, deitam-nos a rebolar, e êles lá vão serra abaixo até quási ao pé dos Poços, que ficam mesmo à entrada da povoação. É um alívio ver a pesada carga a *caminhar pelo seu pé...*

vélho e **vélha** — O pai e a mãi. Entre os prêtos Ambaquistas é muito freqüente ouvir-se falar dos *nossos vélhos.* Não quero dizer com isto que os Mindericos fôssem a Angola buscar uso idêntico para o seu calão. Temos aqui fenómenos paralelos.

veneso — Arroz. Antes de se conhecer o arroz carolino e o de Burma, quási todo o arroz nos vinha do entrepôsto comercial do Oriente, que era Venesa. Muito bem aproveitado o têrmo.

ventosas — Ervilhas.

1. **verdelho** — Lago, lagoa, etc.

2. **verdelho ancho** — O mar.

viajantes — Parasitas do corpo humano, mas dos que não saltam. Pedículi.

vista-alegre — O lenço.

vista-baixa — O porco, que é, de facto, um animal que não costuma fitar os olhos nas estrêlas, nem se preocupa com as fases da lua. É um dos têrmos mais apropriados do calão de Minde, mas usado por outras terras, actualmente.

voadeira ou **andarilha** — Uma perdiz.

Z

zé-coutinho — Um albardeiro. O mais antigo, ou um dos mais antigos albardeiros que houve em Minde (creio mesmo que era de Alcanena), chamava-se *Zé-Coutinho*. Não foi preciso mais nada para que todos os albardeiros de Portugal se passassem a conhecer por *zé-coutinhos*, no pitoresco calão Minderico.

zé-pedro — Bigode. Relação, certamente, com algum indivíduo dêste nome, que usasse bigode.

Zé-Pereira — Vélho agiota que ajuntou muitas libras e moedas, por isso, quando se diz: *uma do Zé-Pereira:* quere-se dizer uma libra; *as do Zé-Pereira:* as libras. Também se chamam *loiras*, como já se viu.

APÊNDICE

ALGUNS FENÓMENOS FONÉTICOS

No decorrer dêstes apontamentos já vimos que os Mindericos têm algumas maneiras especiais de pronunciar, das quais a mais notável é a eliminação dos *rr* e *ll* finais das palavras: *Mané* (Manuel); *jantá* (jantar); *podê* (poder). Há outra que não passa despercebida a qualquer estranho, que é a troca do conjuntivo pelo pretérito perfeito: «Êles *fizerem* êste ano uma grande festa!... Mas os *mai-ricos nã derem* nada para ela. É sempre assim, quando *queram* coisas feitas é *co'os jaquetas* que vêm ter».

Fizerem, por fizeram; *queram*, por querem.

Êste é o seu falar correntio, mas não é preciso que o Minderico seja letrado, para que evite tôdas estas pronúncias, quando se encontra fora da sua terra, o que é coisa mais de admirar. Em Minde usam a fala *caseira;* fora de Minde *vestem* como vêem vestir, falam como tôda a gente fala, sem se lhes notar o menor constrangimento.

Santarém — Outubro, 1937.

F. SANTOS SERRA FRAZÃO.

ESBOÇOS DA VIDA RURAL NO CONCELHO DE ELVAS

UM FOGO

A Aldeia nas vésperas do S. João, logo que por volta do meio-dia, vê chegar os ranchos das ceifas, e lhe parece que o astro rei desceu à Terra, fecha-se a sete chaves, encosta os postigos, e recolhe-se. A família e os vivos desaparecem.

O chilrear da passarada escondida nos sombrachos, são gritos de angústia e de sofrimento.

As casas mais agachadas do que nunca, mais unidas e mesquinhas, têm um tudo-nada de habitações primitivas, e, na sua alvura rutilante, o que quer que seja de enternecedor e de imaterial. As cortinas de panos variados, caem dos postigos em expressões humildes, e lá dentro ouve-se o ressonar tranqüilo, sadio, dessas mocidades heróicas e exuberantes que, de carnes acobreadas pelo Sol, e pelos rescaldos dos restolhos e caminhos, em lagos de suor barrento, e descuidoso desalinho, dormem veladas pelas mãis, refazendo-se daquela manhã de ceifa, que foi um interminável dia de tragédia. É a hora consagrada de descanso que a batalha das ceifas impôs, que êsse drama repetido todos os anos ajustou à intensa vida da campina como imperiosa lei de conservação. Não corre bafo de vento, e no arvoredo dos quintais, em quietude resignada e mesquinha, ouve-se o chiar das cega-regas acossadas pela calma, prenúncio de que o fogo do Sol cai em alucinações sôbre o povoado. Os longes com os reverberos de luz e de fogo iludem a visão, não deixando perceber que névoa é aquela que tapa a tarja azul do horizonte, e o atira para mais além, o dilata para outro mundo.

As mulheres da ceifa dormem num à vontade sereno e tranqüilo, estiraçadas sôbre a fresquidão dos ladrilhos, ou entre os portados, corpos esculturais que são rodilhas humanas na hora da sesta, sem frescura, sem perfume, sem nenhum viço de mocidade. Descuidosas e felizes, a Aldeia e as gentes abandonadas ao cantar das cega-regas, dormem a sono sôlto. Aquela chiadeira monótona e irritante que o calor atiça, é centinela vigilante a anunciar que a calma está no auge.

Cantavam as cega-regas desesperadamente, não indo a sesta a mais de meio, quando na tôrre da Igreja o sino começa a gritar alucinado. Um estremecimento sacode o casario. O sineiro, imponente, em atitude febril e desvairada, mal seguro no campanário, em ânsias de que o sino lhe obedeça, que sinta o que êle sente, que leve aquêle clamor bem longe, badala febrilmente. Desfigurado e arquejante, o sineiro está possuído de delírio supersticioso, e faz sair do bronze gritos sinistros e aterradores, comunicando-lhe todo o sentimento de alvorôço, que êle lança aumentado em arrancos febris por cima da Aldeia adormecida. De avezados a ouvi-lo majestoso e austero lá no alto, espécie de maioral da grande família que realça e alegra a grandeza das manadas e rebanhos, e píscolas; a cantar nas bodas e baptizados; a rezar docemente pelas Ave-Marias, aquêle clamor angustioso, bradar de dor que o silêncio da Aldeia e a calma medonha espalham lùgubremente, sacode o gentio que desperta apavorado. Ouve-se rumor que vem não se sabe de onde, rugido indistinto a aproximar-se, qualquer coisa de sobrenatural que, misturado ao diapasão do sino, lança ondas de vago terror e de ansiedade. Dura um momento êsse rugido. E o sino grita mais alto, e a turba já na rua, fora de si, parece dementada: em seus movimentos maquinais e desordenados, lembra essas torrentes de fogo que no mês do S. João por invernadouro ressequido dentro, alastra impetuosamente em labaredas trágicas e invencíveis. O alarido contagia de pavor quando deixou de se ouvir a gritaria do bronze. E o espectáculo muda repentinamente, assumindo proporções indescritíveis. A multidão sugestionável pelo número e pelo cenário, terreno virgem onde muitas coisas imponderáveis se fixam e alastram avassaladoras, contaminando até a própria alma, não resiste à penetração violenta e aparatosa de seja o que fôr que venha de mundo diferençado. O substracto das multidões aumenta de fragilidade com o número, e quando há a espicaçá-lo, gritos desvairados de mulheres, ou chôros lancinantes de vélhas e crianças, e por cima de tudo isso, um sino a tanger em grita aterradora, a chicotear a turba, fica uma coisa enigmática e misteriosa, que não se sabe nunca de que é capaz.

O gentio está estremunhado. Move-se maquinalmente, desorientado por contágio e pelo alarido que se ouve de todo o lado. Homens de olhares espantados abrem violentamente

caminho por entre a massa compacta de mulheres a algaraviar, sem que ninguém pregunte onde nasce aquêle desvairamento. As ruas têm um aspecto quási trágico, fluxos e refluxos de gentalha que se atropela em remoínhos febris.

De-repente sente-se tropel medonho, debandada louca do povoléu acudindo instintivamente para um alto. Alguém tinha visto colunas de fumo negro a subir em turvelinhos enormes, e começa a berrar furiosamente, apontando com os braços:

— «Fogo! É fogo! Olhem! Olhem! Além! É fogo!»

E surge um côro de exclamações de espanto que se mistura ao sapatear de correrias em tôdas as ruas:

— «Ah! É na fôlha dos seareiros!»

— «Acudam! Acudam!»

Vagas de família acorrem aos pontos altos, agora subjugadas ao pêso da desgraça, deslumbradas com a majestade das colunas de fumo plúmbeo, a subir impávido, a subir sempre cada vez mais alto, para que tôda a planície, para que todos os seareiros vejam aquêle espectáculo comovente, mas majestoso.

Repentinamente, assim como depois de tempestade do céu, torrente impetuosa a engrossar, vai por desfiladeiro gritando maldições, e chegada ao vale se espraia, e entra em calma, e alastra a sussurrar em remoínhos caprichosos e sossegados, assim aquela multidão desvairada, diante da realidade palpável ali na sua frente, perde repentinamente a sanha supersticiosa, e a alma volta aos corpos, e surge o outro sentimento da gente rústica, sublime sentimento dos humildes: a abnegação levada ao heroísmo.

E o instante de desvairamento tinha passado.

— «Que desgraça!... Que desgraça!... Acudam àqueles pobres! Acudam!!»

As mulheres lamurientas exteriorizam todo o sentimento que lhes vai na alma, como se os bens de tôdas elas estivessem a arder, e de olhares esgazeados, fazem ecoar seus lamentos entrecortados de gritos lancinantes, quando vêem a coluna de fumo em ímpetos de fúria, aumentar sùbitamente.

Depois ficam os vélhos tartamudeando assômos de bravura que se foi; relatos dolentes de outras tragédias; rasgos de heroísmo da mocidade; a manter sem darem por isso, a pureza dos sentimentos de abnegação; elo magnífico dessa

cadeia que não se quebrou ainda na Aldeia. A alma da gente rústica, simples, e frágil, e sensível, passado o momento de excitação delirante, cai em letargo, para acordar plena de abnegação e de heroísmo.

A coluna de fumo negro continua a deslocar-se imponente, vagas de assalto que a densidade do pão vai regulando, e o rasto de fumarada pardacenta, acompanhamento a reforçar a grandiosidade do espectáculo, dá a justa medida da frente de batalha que vai travar-se.

A multidão caminha agora apressada para o fogo, longo cordão de gentio envolto em pó, e cai sôbre o arvoredo, e arma-se para a luta. Derruba ramaria onde quer que a tope, e de vasculhos ao ombro, corre a corta-mato, de caras à fumarada. Tôda a Aldeia ali vai. Cada habitante é um soldado. Marcha sem mandantes, porque um sentimento os comanda: a solidariedade humana. Os homens à frente, alvoroçados, pensam na estratégia daquela batalha, comentando a desgraça que caíu sôbre seus irmãos; dois anos de canseiras perdidas; a miséria dos lares; a mão criminosa que *puxou* o fogo. E os comentários feitos a correr, alastram exagerados a aguilhoar o heroísmo da família. Surge depois o sentimento sublime, que se evola aqui e além subtilmente das multidões alentejanas. O pão é o alvo máximo e sagrado da gente rústica. Por êle se luta até à morte. *Por isso Deus Nosso Senhor cria os pães para os viventes, e não perdoa a quem não enfrentar um fogo de pão, de rico, ou de pobre, cara a cara, a peito descoberto, como inimigo leal e esforçado. E as almas não penarão depois na outra vida, como muitas que por lá andam a penar.*

Todos ali vão cumprir um voto de religiosidade, e um dever para com o próximo.

Levanta-se uma aragem morna que inclina a fumarada. O magote de gentio estaca em alarido desconexo. As mulheres juntam-se ao grupo, ajoujados, embraçando firmes nas hilhargas, vazilhas com água. O vozear aumenta. Mais alguns passos, e eis que dum têso se vê em tôda a sua grandeza, a extensão do incêndio. Ecoam gritos delirantes em unísono, em ares de anúncio:

— «Não é dos seareiros! Não é dos seareiros!»

— «É a seara do lavrador!»

— «Ai que desgraça tamanha!»

— «Acudam! Acudam!»

As línguas de fogo alterosas e unidas, lambem o pão em sanha feroz, num eito enorme, e o fumo espêsso e pesado, cobre de manto plúmbeo o mar de espigas a ondear queixosas com o aproximar do fogo. E a aragem vai ateando as labaredas, e o zumbido das chamas, e os estalidos dos côlmos acossados pelo infernal brazeiro.

O populacho imobiliza-se estupefacto, perturbado, mesquinha fôrça perante a grandeza do incêndio. O manto negro, enorme manto de luto, parece desenrolar-se em vertigem rente à foice monstruosa de fogo, fumegando aqui e além, e estrelado de brazido, constelações ora brilhantes, ora amortecidas pelos raios ardentes do Sol.

Parte a primeira vaga de assalto. Depois seguem arrastadas, outras, primeiro hesitantes, por fim animosas e destemidas. Insensíveis ao cheiro acre da fumarada que ensombra o ar, empunhando os *vasculhos*, encaram o fogo. A multidão esbate-se no cordão de lume e de fumo, alastrando por instinto em grupos cerrados, os mais destemidos à frente, a tomar posições. Movem-se como fantasmas junto às línguas de fogo, a recuar e a avançar, ao sabor da aragem que faz rastejar as chamas, ou as apruma e faz subir mais alto.

— «Corram à frente, se podem!»

— «Arrodeiem-no por aquêle lado, que aqui não há nenhuma carreteira que o sustenha!»

— «Água!»

E as mulheres acodem cambaleantes, rescaldo dentro com a água, e lançam-na sôbre os homens, encharcando-os para acalmarem os incêndios dos corpos prestes a socumbir de insolação. Retemperados, vão para o seu pôsto de combate.

O crepitar do fogo mal deixa ouvir as imprecações dos homens. Pede-se água constantemente, para matar a sêde, e para molhar a *copa*. E as mulheres, *à formiga*, lá andam em vaivém, rubras e desgrenhadas, na sua missão heróica.

A luta corpo-a-corpo está no auge. Os homens brandem os *vasculhos* com denodo, mas as chamas resistem, respondendo a cada golpe com urros e explosões que os faz recuar. Parece por instantes que o inimigo vai ser subjugado, quando as chamas *entram* em manchas de pão mais fraco, mas os esforços de pão *acalcado*, mantêm os atarantes em respeito. Em alternativas de rasgos de heroísmo e desalento, se vai desenrolando a batalha. O monstro não fraqueja. Constantes reforços de pão mais denso, de espigas chumbadas de grão,

tornam-no invencível. Há homens a quem a resistência física faltou e foram vencidos. Extenuados, largam a luta.

Mas eis que um lado do cordão de lume começa a encolher-se, deixando ténue rasto de fumo a dissipar-se. O moral do gentio aumenta, e uma aluvião de heróis carrega a brecha aberta no inimigo. Pouco a pouco a frente de batalha diminue, e, quando uma enfiada de carros de trabalho, correndo à desfilada, apinhados de família, chegavam ao fogo, mal se viam nas baixuras, restos de fumo a fugir.

O povo da Aldeia triunfou mais uma vez. No seu regresso lento, os homens exaustos, — heróis ignorados — nem proclamavam seu feito. Era vê-los irmanados, felizes, almas tranqüilas, expressando nos semblantes e na alegria esfusiante, êsse salutar sentimento do dever cumprido.

Almas feitas de sacrifícios, de abnegação, e de heroísmo! Para vós, que andais uma vida inteira a revolver a Terra escaldante do Sul, caminhando a cantar com as píscolas para o fim sagrado do Pão, ficará uma lenda eterna em cada campo dessas singulares batalhas.

OS CORTA-RAMAS

Corta-ramas, à primeira vista, parece designar ofício leve, espécie de tosquiador de arvoredo, com sua tesoura a despontar raminhos desmandados, ou nascidos onde não convém. Ora *ramos* no presente caso, quere dizer lenho de *quercus*, massiço, sem limites de grossura, às vezes com cerne de *pau-ferro*, que não vai com secatória, mas com *malhos* de bom aço.

Noutros tempos, corta-rama era ofício *de empréstimo*, que se limitava, quando os pastos escasseavam, a deitar abaixo ramas de azinho, ou sôbro, para a gadeza manter as carnes e não morrer de fome. São disso testemunho as seculares sobreiras e azinheiras que se levantam alterosas por êsses campos fora. Quanto mais vélhas, menos vestígios têm de lutas com o homem. Mas com o rodar dos anos, o progresso foi-se metendo nas herdades, e, à proporção que êle ia conquistando terreno, o arvoredo dos montados, como sucedeu à cabeça esbelta do belo sexo, evolucionava para o *garçonismo*. Foi neste período de decadência, que eu comecei a ver os montados, e a conhecer os corta-ramas.

Nesse tempo, as ganharias nas folgas, ou nas horas de descanso, só falavam daquilo que se relacionava com a sua profissão. Encontrava nos seus diálogos e conceitos um sabor tão particular que, quando mal me descuidei, tinha adquirido a mania de os ouvir. A queda, por sinal, deu no goto a muita gente, a ponto de me julgarem perigoso socialista em activa propaganda de ideais. *Tempus est optimus judex rerum omnium*, e por isso e outras razões, não alterei o programa. Nas noites de inverno, sobretudo, frias e monótonas, depois da ceia, lá ia eu para a *cazinha* dos ganhões, onde em boa camaradagem, todos faziamos *meia lua* à grande chaminé, de grosso e amigo madeiro *toqueiroso* a crepitar, de chama suave e mística, a iluminar-nos de frente, em revérberos de luz acariciante, como que a irmanar-nos, e ali me conservava horas e horas.

Chegou a *época do corte*. E veio logo à colação falar-se em limpezas de arvoredo. Entre os ganhões estava o Joaquim Xòburra, manajeiro de corta-ramas, homem de sessenta já feitos, mas com mostras de quarenta, pessoa de mau aspecto, mas de bom fundo, robusto como o tronco de uma vélha azinheira, que se julgava, coitado, superior a tôda a gente. Dissertou tôda a noite, ante o auditório embasbacado, carregando a nota de que corta-rama, *lá na sua*, não era ofício para qualquer.

— « *Isto de cortes* — dizia êle — *para que entendam... a gente sabe demais como êles se fazem... mas conforme é o toque assim é o* **balho.** *Há uns* **estilos** *e umas aquelas, a que uma pessoa não pode fugir: se o lavrador está no que é seu, já sabemos que os malhos agüentam a fio uma quinzena, mas se é rendeiro, e a renda é salgada, verão vocêses retóricas!... O mato está basto... a terra é ruim e não pode com tanto arvoredo... o mato sujo não dá boleta... e assim uns* **arrodeios,** *para uma pessoa lhe arrimar* **estilha,** *que cada arrôba de lenha vale um dinheirão, não falando na madeira. Agora até pegaram a dizer que é boa* **mèzinha** *tirar a rama tôda às árvores, pramor do burgo! Grande descobrimento! Pudera... é o* **consuante...** *O diabo são êles!*»

E soltou uma gargalhada estridente, lá de dentro, que eu nunca mais esqueci. Coitado do Xòburra! Mal diria êle então, sempre tão senhor de si, que acabaria os dias, vélho e ensapado, feito paquete.

Aquela conversa aguçou-me o gôsto de acompanhar de

perto os corta-ramas, e, no dia seguinte, manhã cedo, lá estava eu no corte, junto dêles.

O montado era fechado, de uma densidade bem compassada, arvoredo novo salpicado àquem e além de pés desmarcados, por certo sobreviventes de uma camada que deu carvão. Os homens assentam o fio aos malhos, trepando cada um a sua árvore. Dali a pouco começa o martelar dos machados, e o desabar ruidoso da ramaria. As árvores, pouco a pouco, tornam-se transparentes, como que arrendadas, abertas como taças, rodadas, de copa nivelada, com uns ramitos na ponta das pernadas reais, que fazem lembrar os *repelhos* das badanas.

O manajeiro do corte, encarrapitado na sua árvore, pára muitas vezes de cortar, e olha os camaradas com ares cómicos, gritando recomendações para que o serviço fique a primor:

— «*Arrentem-me bem êsses cortes! E bem limpos! Pramor do temporal! Tomem sentido! Para que ninguém tenha de pôr* **bitáfe ó serviço!** *Quando haja duas das grossas quási pegadas uma à outra, fora com uma, que o patrão tem preciso de madeira prás as entreichaduras!*»

Os homens sobem e descem com uma presteza e agilidade pasmosas, e quando em terra, chamam sempre a atenção do govêrno e dos companheiros vizinhos para a árvore que acabam de limpar, cada um à porfia a fazer valer os seus méritos, particular que o ganhão alentejano muito preza por constituir a sua melhor garantia de trabalho.

O corte avança sempre, e à tardinha, quando o chão é uma esteira pegada de ramalhos, vê-se tudo aquilo invadido de gado, *no roedouro*, numa sinfonia exquisita da chocalhada, de toada cava, com acompanhamento das *mangas* que parecem rachadas, porque a ramaria, como surdina, lhes abafa o som.

Depois não tarda muito, que não apareça o carpinteiro a *assinar* a madeira, acompanhado de ganhões e carreiros, com quem vai dialogando a pretexto de tudo:

— «*Bela* **ponta** *esta pró arado dum govêrno... Aqui está um* **meio** *para canga, todo faia. Leva para lá êste cangão, não fique prái esquecido na lenha...*»

Quási sempre, mestre como é, desdenha do que lhe dizem os ganhões:

— «*Oh mestre: o mato leva uma* **snóca** *brutal, mas então, madeira?!*»

— «*Não é má... não é má... mas há melhor... que vocêzes disto não entendem... as terras é que a fazem rézia e macia pró falquejo... A diaba das terras de areia é falsa... E pinas querem-se de terras mestiças...*»

Voltei ao corte muitas vezes, e de tal forma me familiarizei com o Xòburra que êle um dia abriu-se comigo:

— «*Quando há tempos falamos de cortes, eu não adiantei conversa pramor dos camaradas. Mas sabe que mais? Contra mim falo: os cortes* **afalcuam** *muito os matos. Há arvorezinha que é um nó pegado... dantes não se via uma* **bilharosa,** *e agora é o que se vê... Estou em crer que é pior o malho que o burgo. Ainda se êste serviço fôsse feito por família da minha àquela...*»

Tinha carradas de razão o Xòburra. A prática tão generalizada de limpar *quercus*, é útil para a cultura frumentária, visto que por via de regra é executada na fôlha do alqueive, e vai dando pingue receita em lenha, rama e madeira, já que o burgo tomou à sua conta o que devia ser para os porcos, mas é um crime.

Machado e burgo são dois flagelos que vêm corroendo a nossa economia agrícola.

Vila Fernando (Alentejo) — Fevereiro, 1939.

CAPELA E SILVA.

RETALHOS DE UM VOCABULÁRIO

(SUBSÍDIOS PARA O LÉXICO PORTUGUÊS)

VOCÁBULOS

Aguilhão

Empregam êste têrmo (ou empregaram antigamente em Elvas) para designar *a parte estreita e aguda de uma -her dade, que penetra noutra.*

O *Novo Dicionário* não arquiva ainda esta acepção que encontrei nos *Elementos para um Dicionário de Geografia e História Portuguesa — Concelho de Elvas*, por Vitorino de Almada, tômo 1.º, ano de 1888, pág. 140, onde se lê o seguinte:

«**Aguilhão** — Na medição de diversos prédios rústicos, a que se procedeu na primeira metade do século XVI acham-se alguns têrmos especiais sôbre a forma do terreno, como *chave*, *manga*, *aguilhão* e outros.

«Parece que o *aguilhão* é a parte estreita e aguda de uma herdade que penetra noutra.

«Dá-se ainda em nossos dias a designação de *Aguilhão do Chacim* a uma ponta da herdade dêste nome, que entra por outra herdade vizinha; e já assim aparece denominada em documento de 4 de Fevereiro de 1765».

Tem o vocábulo, certamente, nesta acepção emprêgo figurado como julgamos o têm os outros dois.

O vocábulo *chave* já vem no *Novo Dicionário* como *provincianismo* sem localização, e assim definido: *recanto ou cotovelo, que uma belga ou um terreno faz, para algum dos lados.* (Vol. I, pág. 430). É usado, como acima se vê, no Alentejo (Elvas), onde tem outras acepções.

O vocábulo *manga* vem também na obra mencionada, como *provincianismo alentejano*, designando: *prolongamento de uma herdade entre outras*. (Vol. II, pág. 115). É usado em Portel.

Alcance

«O usual *copo de água* em dia de casamento: *servir o alcance*». (Colhido em Pias, concelho de Serpa).

É assim que vem definido êste vocábulo no *Vocabulário Alentejano* por mim começado a publicar na *Revista Lusitana*, vol. XXV, correspondente aos anos de 1923-25, pág. 64. Uma coincidência curiosa, sem dúvida, ocasionou que o mesmo vocábulo e sua acepção se vejam igualmente na citada revista a pág. 263, onde o S.or Manuel Rodrigues de Carvalho, num interessante estudo que ali faz acêrca de *O casamento em Barbacena*, traz a nota seguinte, que muito gostosamente vou transcrever visto completar a definição por mim então dada ao referido vocábulo:

«Antigamente, e julgo que ainda hoje no Baixo-Alentejo, era costume depois do casamento na igreja, saírem dois do acompanhamento, montarem a cavalo e irem a tôda a pressa dar a notícia de estarem já casados os noivos para receberem as *alvíçaras* da família. Isto quando os casamentos eram de famílias que habitavam nos *montes*, distantes da igreja da frèguesia. As *alvíçaras* eram os licores e os bôlos que os mesmos traziam ao acompanhamento e tomavam onde se encontrassem. Ainda hoje se diz de uma pessoa que passa com pressa: «parece que vai buscar as *alvíçaras*» ou «parece que vai no *alcance* de alguém» (no encalço). Talvez que esta designação *alcance* venha das primeiras bebidas que o acompanhamento tomava depois do casamento, que era em qualquer altura do caminho, em que os alviçareiros o *alcançassem* ou encontrassem».

Também ainda em Serpa o têrmo tem mais êste significado: *intervalo compreendido entre as aberturas dos braços*.

— «Que bom *lançóli* êste, que *nêim* tenho *alcance pra* êle!...»

A propósito de *alvíçaras* veja-se um outro interessante costume havido pela Quaresma em Alpedrinha e Idanha-a-Nova (Beira-Baixa):

«**Alvíçaras** — Numas localidades em Domingo da Ressurreição, noutras em Sábado de Aleluia, e noutras ainda alta noite de Sábado de Aleluia para Domingo da Ressurreição, grupos de raparigas cantam à porta do pároco e à porta da igreja, ou simplesmente à porta da igreja, versos alusivos à Ressurreição. É o que se chama *cantar* ou *dar as alvíçaras*. Nas povoações onde cantam à porta do pároco, êste distribue, pelos ranchos, amêndoas, passas ou tremoços» [1]. (Vid. *Aditamentos*).

Anjinho

É têrmo popular que define: «criança morta antes dos sete anos: *enterrou-se ontem um anjinho*». Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário* (3.ª edição), vol. I, pág. 132.

Quadra onde se vê a palavra na referida acepção:

«Ó adro, terra de igreja,
Onde se enterram *anjinhos*,
Ó terra que estás comendo
Corpos tão delicadinhos».

(Vid. *Cantigas do Povo para as escolas*, seleccionadas por Jaime Cortesão, Pôrto, 1914).

Num interessante e curioso livro que li há alguns anos, na biblioteca do regimento onde então fazia serviço, — livro intitulado *O Despotismo* e que tem como autor F. A. Pinto, vêm estas observações:

«No norte por *canalha* designam as crianças e passam a ter o nome de *anjinhos* depois de mortas; porque então vão ser págens do Grão-Senhor-Celeste» (pág. 465).

«Os sinos repicam festivamente a anunciar a morte do *anjinho*. E também quando o préstito entra na igreja» (pág. 466).

No Alentejo êste costume teve igualmente seu uso.

A quadra acima publicada, alude ao costume dos enterramentos serem feitos no adro das igrejas. Como o leitor cer-

---

[1] Jaime Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I (1926), pág. 129.

tamente sabe, os cemitérios são modernos, e por isso em tempos antigos sepultavam-se os cadáveres não só nos adros, como também dentro das igrejas e nos *cardais* anexos.

Há, acêrca de tudo isto, na tradição oral, alguns usos e costumes que por alheios a esta secção não relato, não resistindo, porém, ao desejo de transcrever para aqui três cantigas alentejanas, alusivas aos costumes apontados, recolhidas no inesgotável filão folclórico e etnográfico que são os *Cantos Populares Portugueses*. Eis as cantigas:

«Ó adro, terra de igreja,
Onde se enterram os mortos;
Naquela relvinha verde
Se consomem lindos corpos» (1).

«Abre-se uma sepultura
Dentro de qualquer igreja,
Mete-se-lhe o corpo dentro,
Calca a terra e não sobeja» (1).

«Tenho cama no hospital,
Um ladrilho na cadeia,
Sete palmos no *cardal*,
Um amor na minha aldeia» (2).

Barrela

«Lixívia que escorre da água fervente deitada em cima da cinza, que está num pano cobrindo a roupa já lavada, mas que se pretende embranquecer ainda mais». (Distrito de Évora). Não é o mesmo que *cenrada* (Vid. êste têrmo).

Mas não é só no Alentejo que se verifica a diferença de significação existente entre os dois referidos têrmos; também, no norte, essa diferença é notada.

Vejam-se, entre outros, que com certeza devem existir, os exemplos a seguir indicados.

---

(1) Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, respectivamente, págs. 350 e 352 do vol. I.

(2) Idem, *ibid.*, vol. IV, pág. 292. Já publicada no vol. I das minhas *Cantigas Populares Alentejanas*.

As *Trovas do Povo* coligidas por João do Minho (Pôrto, 1917), a pág. 137, trazem esta quadra popular:

«*Co'as* lágrimas dos meus olhos
Faço a *barrela* à roupa:
Muito me custa, meu bem,
'Star's numa terra e eu noutra».

(Norte).

Uma outra quadra de Trás-os-Montes, publicada na *Revista Lusitana*, vol. XVIII, pág. 270, diz:

«Tenho um lenço de três pontas
Que inda não foi à *barrela*,
Para limpar os meus olhos
Quando me fôr desta terra».

(Barroso).

Também os *Cantos Populares Portugueses* no vol. I, pág. 275, arquivam a cantiga:

«Eu quero-te tanto bem
Como à água da *barrela*,
Que se bota ao quinteiro,
Não se faz mais caso dela».

(Douro).

Esta quadra tem no Alentejo a variante seguinte:

«Eu quero-te tanto *bêim*
Comá cinza da *barrela*,
Que se *dêta prá* rua,
Nenguêim mais faz caso dela».

(Reguengos).

Há também *decoada* (lixívia; acto de coar a lixívia) e *infundiça* ou *infundice*, na pronúncia popular *enfondiça* ou *enfondice*, *fondiça* ou *fondice* (barrela, feita de urina, em que se põe de môlho a roupa muito suja, para depois se lavar mais fàcilmente). (Vid. *Novo Dicionário*, vol. I, pág. 1:069).

Antigamente em Portel, minha terra natal, punham às portas das casas, durante a noite, vasos de barro conhecidos

por *calhandros* que recebiam a urina destinada à *infundiça* ou *infundiçada*. Muitas vezes, para esta, também aproveitavam estêrco de gado ovelhum e *galinhaça*, isto, segundo me acaba de informar um bom vèlhote, meu amigo e patrício, que, quando rapaz, algumas vezes de madrugada fêz a recolha dos aludidos *calhandros* com urina dentro, a-fim-de sua mãi fazer a *enfondiça* à roupa.

Hoje, já não é de uso — os tempos também são outros! — esta vélha costumeira da minha terra e que eu já não observei, como igualmente poucas ou nenhumas são as mulheres que fazem a infundiça.

Basaréu (1)

É têrmo não registado no *Novo Dicionário* (3.ª edição) e que tem no Alentejo muitas e diferentes acepções.

Assim, por *basaréu* — provável corruptela popular de *vasaréu* — é conhecido em Évora e Alandroal *o vaso tôsco de barro, com duas asas, próprio para receber os dejectos e outros despejos.*

Também em Évora o aludido «vaso», muitas vezes, toma o nome de *basarico.*

Em Serpa e arredores designa *o pote pequeno de barro, onde têm a cal para as caianças.*

Em Évora, ainda, é muito vulgar chamar-se *basaréu* à lata da cal usada pelos caiadores.

O *Novo Dicionário*, vol. II, pág. 906, regista o vocábulo *vasaréu* como têrmo de Avis, significando *vasilha vélha; caco.*

Mas não foram estas acepções que motivaram o «Retalho» de hoje. Foi antes, sim, o significado que o têrmo tem em Vimieiro, concelho de Arraiolos, onde às *hastes de abrótea* chamam *basaréus* e é dêstes, depois de transformados em carvão, que os rapazes se servem nas noites de S. Martinho para riscar as paredes das casas onde geralmente moram raparigas novas.

É também com os *basaréus* que a gente pobre da aldeia acende os seus lumes, outro curioso costume.

---

(1) Ver *O Alentejano* (de Évora) de 21 e 28 de Novembro de 1928; o *Arquivo Transtagano* (de Elvas) de 15 de Março e de 15 de Junho de 1934.

Vem a talho de fouce dizer de um outro costume havido em Portel, não pelo S. Martinho, mas sim, por ocasião do Entrudo, embora êste seja mais «porco» que aquêle, como se vai ver.

É durante a época carnavalesca que os rapazes, mais matulões do que crianças, já *galhavanos* como por aqui dizem, munidos de *fungões* (1) se entretêm durante as noites dêsse tempo tão cheio de brincadeiras e de pirraças a riscar as paredes das casas, mas sòmente das casas mais caiadas, sem *aldemenos* cuidarem se nelas moram ou não raparigas novas.

Não são, como o leitor poderá desde já imaginar, apenas simples riscos, inofensivos, mas sim, muitas vezes os mais grosseiros palavrões a-par dos mais escandalosos «desenhos».

E é por isso que, não raro, de manhã, as criadas ou as donas das casas levam algum tempo no enfadonho trabalho de fazer desaparecer (raspando com facas, caiando, etc.), — o que com certa dificuldade acontece — tamanhas obscenidades. Êste serviço muito arrelia as pessoas que são forçadas a fazê-lo, por motivar comentários picantes e picarescos da parte dos transeúntes que ao passarem se intrometem, rindo e chalaceando com a serviçal ou pessoa que o está a executar.

Da prática dêste mau costume resulta que as vítimas são muitas vezes obrigadas durante essas longas noites de frio inverno a «dar caça» aos atrevidos rapazes para os convidar, caso venham a ser apanhados, com uma boa *melhadura*, de ordinário uma *data de orlhadas* ou uma *calda de açoutes.*

Mas, se tal sucede — o mesmo é dizer se a *melhadura* é dada — às vezes provoca, no dia imediato, algumas *garreias* por parte da família do rapazio malcriado, e com justa razão zurzido.

O Carnaval e a sua época em quási todo o Alentejo tem, e julgo que em todo o país, muitos usos e costumes estúpidos e sem graça.

Êste, de que lhes falo, dos *fungões*, pertence a êste grupo, e há uns vinte anos teve na citada vila grande voga, mas

(1) *Fungão* — Variedade de cogumelo, ou antes, de túbara, mas não subterrânea nem comestível, de côr arroxeada e que pela fricção ou pelo esmagamento produz tinta. Segundo Cândido de Figueiredo é têrmo geral.

agora, felizmente a bem da moral está mais atenuado e quási desaparecido.

Que os meus comprovincianos e sobretudo os meus patrícios me relevem a publicidade de tão censurável costume, mas atenda-se que, como apaixonado coleccionador de coisas etnográficas, me cumpre registar o que de bom ou de mau à etnografia interessa, e desta maneira só o intuito de subsidiar a etnografia alentejana me leva a arquivar costumes da natureza dos de hoje, das *casquelhadas* e de outros, satisfazendo-me, no entanto, por poder dizer-lhes que muitos dêstes costumes por mim registados, uns já caíram em desuso, outros vão felizmente desaparecendo.

Oxalá que estes desapareçam quanto antes, e aquêles não mais sejam ressuscitados! (Veja-se o «Retalho» *Gaimoar*).

Cabrapear

«Prender boi ou vaca com *cabrapeia.* Trazer o gado vacum *cabrapeado*».

O mesmo que *acabramar* [embaraçar os movimentos de (bois), ligando com corda o pé ao corno, para que não maltratem quem dêles cura — *Novo Dicionário*, vol. I, pág. 14].

Cabrapeia, *acabramo* (peia de *acabramar* — Idem, *ibid.*, pág. 14), ou *cabramo* (corda, que se prende a uma das pontas e ao pé ou à mão do boi, para que não fuja — Idem, *ibid.*, pág. 324).

São vocábulos não registados ainda por Cândido de Figueiredo (3.ª edição), que se encontram nas *Posturas Municipaes do Concelho de Portel* — ano de 1865 — no capítulo *sôbre olivaes*, artigo 18.º, que reza assim:

«Só poderão pastar nos olivaes bois e vacas grandes que nos mesmos entrem a lavrar andando *cabrapeados* fora do trabalho, com *cabrapeas* de sete decimetros de comprimento: quem infringir esta disposição pagará por cada uma vez oito centos réis, e mil réis pela infração».

Hoje em Portel são desusados os dois têrmos, e dizem sòmente *travar* (prender com corda ou corneira o pé à mão do boi ou da vaca).

As *Posturas* de onde transcrevi a disposição supra, bem como as *Posturas do Almoxarifado da Villa de Portel* — ano

de 1726 — de que mais tarde falarei, são dois curiosos manuscritos que estão no Arquivo Municipal da Câmara desta vila (maço 196), ambos de muito valor, quer pelo lado etnográfico, quer pelo lado lingüístico.

Para a etnografia contribuem êles com alguns *usos e costumes* interessantes; para a língua pátria trazem também alguns têrmos fugidos ao *Novo Dicionário* (como os acima citados), além de outros que, embora já registados, têm contudo acepção diversa da geral.

Canudo

Além das acepções registadas no *Novo Dicionário* de Cândido de Figueiredo, significa ainda no Alentejo: *tubo de ferro, geralmente comprido, com que se activa o lume.*

Êste tubo tem numa das extremidades apenas um pequeno orifício, e soprando-se pelo lado oposto, que é aberto, estabelece-se assim a corrente de ar necessária para o fim desejado: activar o lume. (Usado em Portel onde também havia *canudos* de cana).

Ainda por *canudo*, é conhecida no Alentejo a *dedeira de cana*, usada pelos ceifeiros, para resguardo dos dedos, quando na ceifa.

Os *canudos* são em número de três (para o mínimo, anelar e médio da mão esquerda; — o indicador e o polegar são às vezes resguardados, por dedeiras de cabedal). Têm de ordinário trabalhos artísticos de *enrameados* ou desenhos a côres, a que chamam *bordados.*

A êste propósito é interessante o artigo intitulado *Etnografia alentejana* (notas de folclore), do Sor D.^{or} Luís Chaves, na revista *Terra Nossa*, n.° 2, de Junho de 1916, pág. 27, nota 1, pela desenvolvida descrição que o ilustre etnógrafo ali faz dos *preparos* do traje da *acêfa.* Mas, ao falar de *canudos*, diz que estes são para o polegar, indicador e máximo [1] da mão esquerda.

Nas regiões que conheço no Alentejo, são aquêles dedos

---

[1] No *Vocabulário Alentejano* que venho publicando na *Revista Lusitana*, e no vol. XXXIII — ano de 1935 — pág. 110, no artigo *Canudo*, saíu *mínimo* em vez de *máximo.*

Ao Sor D.^{or} Luís Chaves peço desculpa do lapso.

que digo, os que podem trazer e trazem *canudos*, de contrário seria muito difícil, quási impossível ceifar, se outros fôssem os dedos *encanudados*.

Os *acêfadores* usam ainda:

«**Caleira** — *Prov. alent.* — Pedaço de couro, com que os ceifeiros resguardam a mão esquerda contra os golpes da foice. (De *calo*)». Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário*, vol. I, pág. 345 (Moura).

«**Galapos** — *Prov. alent.* — Espécie de dedeiras, com que os ceifeiros resguardam, dos golpes da foice, os dedos médio, anular e mínimo da mão esquerda. Conjunto das dedeiras, da caleira ou couro que reveste a palma da mão, e da correia que prende a caleira às dedeiras. Cp. *caleira*. (Cast. *galapo*)». *Ob. cit.*, vol. I, pág. 923 (Dist. de Évora e também em Moura). (Vid. *Aditamentos*).

Casquelho [1]

É como no Alentejo, especialmente no distrito de Év ora é conhecido o caco, caqueiro, pedaço de louça, sobretudo de barro. Em sentido figurado designa *mulher vélha, feia e pretensiosa*. O mesmo que *carcassa* ou *cascata*.

Em Serpa, ao caco, chamam *casquilho*.

A-propósito vou dizer de um costume havido ainda hoje na nossa província, e que consiste no acto de *aventar casquelhadas* para dentro das casas cujas portas, postigos ou janelas estejam abertas durante a éposa carnavalesca.

Mas êste costume, pelo menos em Portel, seria um pouco razoável se se resumisse a *casquelhadas*, só com *casquelhos*, bem entendido. Mas tal não sucede; e, assim, *aventam (atiram* ou *deitam) casquelhadas* de tôda a qualidade: umas perigosas, outras porcas.

Para as primeiras aquecem os *casquelhos* que metem dentro de panelas vélhas, atiradas, depois, como acima digo, para dentro das casas que por descuido dos seus moradores tenham aberta porta ou janela. Destas *casquelhadas* fáceis são de prever os resultados: algumas queimaduras, às vezes

---

(1) Publiquei no *Arquivo Transtagano* (Elvas), n.º 5, de 15 de Maio de 1933, um artigo com o título *Usos e Costumes* e subintitulado *Casquelhadas*, aproveitando agora os mesmos elementos para o «Retalho» de hoje.

graves, motivadas pela estúpida brincadeira e também pela distracção das vítimas.

Para as segundas envolvem os *casquelhos* em imundícies, dejectos até, e quási sempre, dando-lhes depois igual destino.

Destas, da mesma forma não é muito difícil calcular os seus efeitos.

Felizmente, hoje, o costume a que me refiro, com estas duas características, já vai desaparecendo.

Na Beira-Baixa também o costume tem seu uso, sobretudo em Benquerença — Penamacôr — onde ainda é vélho hábito dos moradores, os mais folgazões, nas noites de Carnaval, *deitar cacadas* ou *caqueiradas* com panelas vélhas cheias de latas, bogalhos, cacos, etc. (1).

No Algarve, em Vila Real de Santo António, igualmente os rapazes, no Entrudo, se entretêm a *deitar testadas*.

Ainda a-propósito transcrevo da *Revista Lusitana* (1911), vol. XIV, pág. 82, um costume parecido que o S.or Gomes Pereira ali regista como de uso em Murça:

«**Domingo da caqueira** — Em certo domingo da Quaresma as pessoas vizinhas e conhecidas entram em casa umas das outras e trazem para a rua tôda a louça de barro que encontram, e começam depois a jogar e a atirar com ela uns contra os outros, até a desfazerem em cacos. Por isso chamam a êsse dia *domingo da caqueira*».

O *Novo Dicionário* não regista o vocábulo *casquelhada*, mas arquiva o seguinte:

«**Caqueirada**, f. — Grande porção de caqueiros ou cacos. Reünião de objectos vélhos ou inúteis. Arremêsso de caqueiros; pancada com caqueiros». (Vol. I, pág. 371).

NOTA IMPORTANTE — Por atribuir aos vocábulos *retalhados* como aos *usos e costumes* que aos mesmos vocábulos se ligam, a determinadas localidades do Alentejo, não quero com isso dizer que tanto estes como aquêles não possam ser usados noutras províncias do país. Não; apenas quero dizer, que eu só no Alentejo e nas referidas localidades sei serem de uso. E tanto assim é que, quando porventura acontece saber que os mesmos são conhecidos e usados noutras regiões, faço sempre a devida citação.

---

(1) Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, vol. I, pág. 125.

Cenrada

«Água em que se faz ferver a cinza, e que serve depois para com ela se lavarem as louças, objectos de cozinha, etc., substituindo para tal efeito a água de sabão».

De ordinário esta *cenrada* destina-se à lavagem de louças muito engorduradas, louças de alumínio, etc.

Na minha terra (Portel) também fazem para a cozedura dos grãos uma outra *cenrada* a que é hábito juntar cascas de laranja ou de tangerina para a aromatizar.

O registo do vocábulo de hoje acho-o necessário, pois que, embora o referido vocábulo já se encontre no *Novo Dicionário* está ali, no entanto, com significação errada, a meu ver. Senão vejamos.

A *obra citada*, vol. I, pág. 410, regista o vocábulo como têrmo geral e diz que é o mesmo que *barrela*, definindo êste têrmo da maneira seguinte: *lixívia, dissolução alcalina, em que se immerge a roupa suja, para ficar limpa.* (Vol. I, pág. 253).

Ora, quanto a nós, se nos é permitido não corcordar uma vez mais com quem foi uma das maiores autoridades em assuntos lingüísticos, então não concordamos. E não concordamos por, todos os alentejanos o sabem, tal como nós, *cenrada* e *barrela* não serem uma e a mesma coisa; isto, assim, pelo menos, em quási todo o distrito de Évora. Aqui, *cenrada* é o que acima se diz; *barrela* «a lixívia que escorre da água fervente deitada em cima da cinza, que está num pano cobrindo a roupa já lavada, mas que se pretende embranquecer ainda mais».

Há, pois, esta grande diferença: na *cenrada* a cinza ferve dentro da água; na *barrela* é a água fervente que se deita em cima da cinza. A primeira serve para a lavagem da louça; a segunda, para o embranquecimento da roupa *(branca)*, depois de lavada.

Na *barrela* também é costume deitar ramos de alecrim, de alfazema, etc., para *dar bom cheiro* à roupa.

Igualmente o ilustre académico, Exmo Sor D.^or^ Luís da Cunha Gonçalves, na interessante conferência que fêz na Academia das Ciências de Lisboa, em 1922, intitulada *A Vida Rural do Alentejo*, pág. 15, faz a mesma confusão quanto aos significados dos dois têrmos. Pelo menos assim parece, pelo que se encontra na citada página, e que passo a transcrever:

«As cinzas do forno, que se chamam *picão* emquanto estão ardentes, vão a esfriar no *cinzeiro* anexo e são cuidadosamente guardadas para se fazer a *senrada* ou *lixívia* num aparelho de barro chamado *barreleiro*, porque dêle escorre a água da *barrela*, destinada a embranquecer a roupa já lavada, — outra tarefa doméstica em que tôda a mulher alentejana é hábil e perfeita».

Ainda, quanto ao vocábulo *picão*, devo fazer êste reparo: segundo Cândido de Figueiredo *picão é o carvão miúdo, feito de chapotas (Novo Dicionário)*, e não — como diz Cunha Gonçalves — *as cinzas do forno emquanto ardentes*. Note-se também a diferença de grafias: com *c* e com *s*, respectivamente em Cândido de Figueiredo e Cunha Gonçalves.

No *Novo Dicionário* vem êste artigo:

«**Encenrada** — *Prov. beirão* — O mesmo que *cenrada* ou *barrela*». (Vol. I, pág. 710). (Veja-se o «Retalho» *Barrela*).

Charais

Esta palavra já a registei na *Revista Lusitana*, vol. XXXIII (1935), pág. 130, desta maneira:

«**Charais** (ou **xarais?**), s. m. pl. — Caminhos? Campos? O vocábulo foi ouvido nas frases seguintes: — «por êsses *charais* fora» — «logo de manhã cedo foi *prô* monte, abalou por êsses *charais* fora» (Évora).

— ¿Terá relação com as palavras *charavascal*, ou *xaravascal*, que significam *campo inculto*, *chavascal* registadas por Tomaz Pires? Vid. *Vocabulário*, respectivamente págs. 122 e 109 (Elvas).

— Em Portel dizem com o mesmo sentido: *raivais*. — Ex.: «*Farti-me de gôrdar* gado por êsses *raivais* fora».

Eis uma quadra popular onde nos aparece a palavra desta nótula:

«*Nã* quero *amôris cabrêros:*
Sã brutos e animais,
Comem *migas* nos *caldêros*,
Ouvem missas nos *charais*».

(Alagoa — Portalegre).

Esta cantiga foi-me oferecida com muitas outras, em Dezembro de 1936, pelo Ex.mo S.or D.or Alexandre de Carvalho Costa, que neste mesmo jornal *(Brados do Alentejo)* vem publicando *Expressões Populares Alentejanas*, interessante subsídio para o estudo da linguagem popular da nossa província, a quem testemunho mais uma vez — agora em público, visto que já o fizera por carta, em devido tempo — os meus melhores agradecimentos. (Vid. *Aditamentos*).

«**Charais** — *Ao ... S.or Pombinho Júnior:* Leio sempre, com o maior interêsse, os curiosos artigos que o S.or J. A. Pombinho Júnior vem publicando no grande paladino da província transtagana, *Brados do Alentejo*, sob o título *Retalhos de um Vocabulário.*

Não tenho o gôsto de conhecer o paciente autor do interessantíssimo volume *Cantigas Populares Alentejanas*, que possuo e que considero um valiosíssimo subsídio para o conhecimento do léxico português: sou, porém, um grande admirador dos seus escritos, que muito devem contribuir para um mais perfeito conhecimento do riquíssimo vocabulário alentejano — filão inesgotável ainda não estudado inteiramente — sob os pontos de vista folclórico, lírico, filológico e até... filosófico. ¡Que filosofia encerram, na verdade, às vezes, os dizeres populares do alentejano!

Serviço valioso é, pois, aquêle que o S.or Pombinho Júnior está prestando à nossa grande província. Bem merece o autor dos *Retalhos* não só os nossos agradecimentos, mas até o nosso propósito de o imitarmos na sua diligência. Se o fizessemos, se cada um de nós, na nossa região, se empenhasse em seguir tão simpático exemplo, ¡que opulento repositório poderia organizar-se da linguagem característica do Alentejo!

Pela parte que me toca, alguma coisa tenho coligido, bem pouco, no entanto, para o meu desejo.

No último número de *Brados do Alentejo* consagra o S.or Pombinho Júnior o seu 106.° artigo da série *Retalhos de um Vocabulário* ao têrmo *Charais*, cujo significado é para êle duvidoso e procura deduzir de frases em que entra aquêle vocábulo.

Creio poder elucidar o meu ilustre e estudioso comprovinciano; e como julgo que êle o estimará, faço-o gostosamente, embora com sacrifício de afazeres inadiáveis.

Charais, como se sabe, é a forma plural de *charal*. Êste último vocábulo tem como étimo *chara*. Portanto *charal* = *chara* + *al*, sufixo de tão freqüente aplicação na nossa língua, para exprimir, além de outras, as ideas de quantidade, reünião, etc.

Assim, no Alto-Alentejo, designa-se por *charal* o terreno, o campo cuja vegetação exclusiva ou quási exclusiva é constituída pela *chara*.

— Atravessámos um grande *charal*.

— Daquele alto não se avistam senão *charais* — diz-se.

Assim, uma das conjecturas do S.or Pombinho Júnior não se afasta da verdade: os *charais* são na verdade *campos*. Mas se é certo que todos os *charais* são *campos*, é também certo que nem todos os *campos* são *charais*. Para o serem, é preciso que nêles vegete a *chara* em abundância.

A *chara* ou *xara* — ambas as formas são registadas pelo vocabulário — é um arbusto silvestre, de fôlha persistente, muito conhecido no Alto-Alentejo, onde o empregam como excelente combustível até no aquecimento de fornos.

É uma planta dicotiledónia, cistácea, visto que tem por tipo o *cisto*, que é, afinal, o nome científico genérico da *estêva*. Dela se pode extrair um produto resinoso, de cheiro activo característico, e que é o lábdano.

A *chara* dá flores grandes, de pétalas brancas em número de cinco: algumas dessas flores têm em cada pétala uma pequena mancha sanguínea, próximo do ovário; as cinco manchas da flor diz o povo que representam as cinco chagas de Cristo.

O *charal*, abundantemente florido dá à paisagem alentejana, tão mal apreciada por maldizentes, um aspecto risonho e festivo, animado pelo contraste do verde-escuro das fôlhas com a alvura deslumbrante das pétalas.

Quanto à quadra popular, colhida, em Alagoa, pelo meu prezado amigo D.or Alexandre de Carvalho Costa e publicada pelo S.or Pombinho Júnior, alguma coisa teria a dizer no tocante à interpretação do último verso, em que entra a palavra *charais*. Mas vai longe êste insípido arrazoado. — *Manuel Subtil*».

(Dos *Brados do Alentejo*, de 22-VIII-937).

NOTA — Ao Ex.mo S.or Prof. Manuel Subtil, do Instituto de Orientação Profissional, ilustre autor do artigo acima

transcrito, agradeci por carta em 14 de Novembro de 1937, as elogiosas referências que me fêz e aos meus modestos *Retalhos*, e informeio-o de que no distrito de Évora o vocábulo é só usado no plural, forma em que foi registado, não significando, creio, como no Alto-Alentejo, *estevais*, mas sim, mais ou menos as acepções que lhe dei.

Deita-gatos

É palavra ainda não dicionarizada por Cândido de Figueiredo e que no Alentejo significa o mesmo que *gateiro* [homem que conserta *(deitando gatos)* alguidares de barro, louças e também chapéus de chuva, etc., etc.] (Colhido em Portel).

Os *deita-gatos* são oriundos, normalmente, da Galiza; contudo, hoje, já os há naturais do país. Na referida vila de Portel crê-se, certamente também superstição de outras terras, que o telintar dos *ferrinhos* dos *deita-gatos* é anunciador de chuva ou de mau tempo.

O nome por que é conhecido *aquêle que conserta as louças* deve vir do facto de empregar *(deitar) gatos* nos seus consêrtos.

Já o D.or Brito Camacho no interessante livro *Gente Rústica* (1921), pág. 140, registou o têrmo, concluindo-se por isso que o referido vocábulo é da mesma forma de uso no Baixo-Alentejo, nomeadamente em Aljustrel.

Os períodos onde nos aparece são os seguintes:

— «Havia, entre os malteses, alguns que exerciam um pequeno comércio — os tendeiros, e outros que praticavam uma pequena indústria — os *deita-gatos*. Todos pediam esmola; mas os tendeiros formavam, por assim dizer, a aristocracia da classe, e os *deita-gatos* constituíam uma espécie de burguesia média nessa sociedade mal diferenciada».

Desassa! (1)

Interjeição popular equivalente a *bolas!* ou outra designativa de *enfado*, *desaprovação*, etc.; significa também o *malôgro duma emprêsa* ou *dum projecto*.

---

(1) Publicado em *O Alentejano*, n.º 2, de 17 de Outubro de 1928.

— «Sempre vamos amanhã à caçada?
— *Desassa!* a espingarda escangalhou-se-me, não posso!»
— «Então sempre casas com a Maria?
— *Desassa!* nem eu tinha mais que fazer!»

Eis a história do têrmo que é usado, segundo julgo, só em Borba:

«Numa sociedade da terra reüniam-se vários indivíduos, entretendo-se a jogar.

Duma vez, um dêles tinha planeado oferecer a alguns parceiros uma ceia, ao terminar a jogatina; o prato principal era carne assada, talvez o usual borrêgo ou chibo. Mas o jôgo era a dinheiro, e o anfitrião perdeu soma avultada e ficou furioso.

Maldizia êle a sua negra sorte, quando entra todo contente o empregado da sociedade, a quem fôra confiada a preparação da ceia.

— Está tudo pronto, em o sr. F... querendo...

— O quê? pregunta o infeliz jogador, que já se não lembrava senão do seu rico dinheiro.

— Pronta a ceia, a carne está assada... — replicou o criado.

— Ah! sim! pois *desassa!* que eu não quero saber de nada! E abalou porta fora, deixando a ceia que naturalmente foi comida pelos felizes parceiros que já o tinham *depenado*».

Do vocábulo *desassa* se formou *desassar*, que ali significa *prejudicar*, *malograr projectos; não ir àvante*, etc.

— A doença da minha irmã veio *desassar* a pescaria, que já não pode ser no domingo.

NOTA — Acho conveniente declarar que a republicação do «Retalho» — *Com sua licença...* — do presente «Retalho» e ainda a de mais quatro outros a publicar e que saíram no jornal atrás referido, a faço sòmente para satisfazer alguns pedidos — poucos, é certo — que me foram dirigidos, agora, após os primeiros «Retalhos» dos *Brados do Alentejo*. Outro, pois, não é o fim.

Igualmente devo declarar que a publicação de todos os «Retalhos» outro objectivo não tem, também, que não seja o de fornecer aos doutos filólogos e outros estudiosos umas achegas, embora insignificantes, para os seus trabalhos.

Desriscar (1)

O mesmo que *derriscar* ou *deriscar*, ou ainda *desarriscar* [apagar o risco ou a nota de (uma dívida na tenda ou taberna). Livrar de uma obrigação. — *Novo Dicionário*].

Vem a pêlo referir que em tempos que já lá vão, se pagava às Câmaras Municipais — possìvelmente só no Alentejo — uma contribuïção muito curiosa: seis cabeças de pardais que cada chefe de família era obrigado, sob pena de multa, a apresentar, em época determinada, nas secretarias das suas respectivas Câmaras.

A êste propósito transcrevo dos dois manuscritos a que fiz referência no «Retalho» *Cabrapear* as disposições que dizem respeito ao caso:

N.º 146—Posturas dos Pardaes

«Por s'evitar o grande prejuizo q. os pardaes, pegas e gralhas fazem ás Cearas e vinhas, mandamos que os moradores d'esta Villa, e moradores do termo de legoa adentro, sejão obrigados por todo o mez d'Abril athe meado de Mayo a darem meia duzia de cabeças, sob pena de quinhentos reis». (Pág. 68). (Ano de 1726).

A págs. 72-73 do referido manuscrito vem mais o seguinte:

«Aos oito dias do mez de Novembro de mil sete senthos e noventa e hum em esta Villa de Portel em os passos do Concelho della estando prezente e prezidindo em a mesma Junta o Doutor Desembargador Joze Peixoto de Brito Mexia, Corregedor desta Comarca e mais vereadores e procurador do Procurador do Concelho abaixo assignados determinárão as cousas seguintes, e para constar fiz este termo de Junta que eu Martinho Joze de Lima Escrivão da Camera o escrevy.

«Neste se prova que a postura a respeito da obrigação de apresentar pardaes, comprehenderá a todos os moradores

---

(1) Vid. *Arquivo Transtagano* (de Elvas), n.º 10, de 30 de Julho de 1933.

deste termo sem excepção, por ser esta postura traduzida em beneficio comum não admetindo portanto pessoas exceptuadas, e que a referida obrigação se verifique nos meses de Fevereiro e Março de cada hum anno e por não haver mais que requerer aliás que prever assignárão — Peixoto — Doutor Cavaca (?) Guião (?) — Figueira».

O outro manuscrito que é datado de 12 de Junho de 1865, encerra a disposição seguinte:

Sobre Cabeças de Pardaes

«Artigo 78.º — Todos os chefes de familia, residentes neste Concelho, são obrigados a apresentar ao Escrivão da Camara seis cabeças de pardaes, desde o 1.º até 30 d'Abril de cada anno, recebendo do mesmo funcionario um escripto mediante a entrega de 10 reis: Quem não cumprir o disposto neste artigo, sofrerá a multa de quatro centos reis». (Ano de 1865).

Ainda acêrca desta contribuïção e do vocábulo *retalhado*, um meu amigo que algum tempo viveu no Gavião, recorda-se, ter ali ouvido contar, mais ou menos isto:

«Que na referida localidade viveu antigamente um indivíduo muito folgazão que, um belo dia, aparecera na sessão camarária, levando um pardal vivo ao qual dependurou do pescoço quatro (cinco?) outros pardais, mas estes mortos.

Acompanhava o «cortejo» esta graciosa quadra:

«Os vivos conduzem os mortos,
São coisas naturais;
Queira *desriscar* da contribuïção
Manuel Gravilha de Morais».

No meu tempo de rapaz ainda a Câmara de Portel e os seareiros gratificavam todo aquêle que lhes levasse pardais ou sòmente as suas cabeças. Êste costume caíu, pelo menos ali, em desuso.

Enxó

É o mesmo que *enxós* (armadilha para perdizes). O primeiro vocábulo é *prov. alent.*; o segundo, *prov. da Beira-Baixa*. (Vid. *Novo Dicionário*, vol. I, pág. 746).

No Alentejo (Portel e Évora, por exemplo), cantam a *moda* popular que segue, onde nos aparece o vocábulo:

A rolinha

Ôlhá rolinha que anda no mato,
Ela *cuda* que anda só;
Cando mal se *nã* precata,
Tá caída na *enxó*.

Tá caída na *enxó*,
Tá caída na *'sparrela*;
Cando mal se *nã* precata,
Anda o caçador *co*'ela.

(Portel).

Esta *moda* já foi por mim publicada no *Arquivo Transtagano* (Elvas).

No Algarve também o têrmo é de uso como se verifica desta cantiga publicada pelo D.^or^ Estanco Louro em *O Livro de Alportel*, 1929, pág. 296:

«A perdiz canta no mato;
Ela cuida que canta só:
— *Tecatich, tecatich, tecatich*...
E está caída na *enxó*».

(Alportel).

Na *moda* acima está o vocábulo *esparrela* que, como têrmo geral, significa *armadilha de caça*, e como têrmo popular designa *lôgro, arriosca*, etc.

O falecido Prof. Teófilo Braga no *Cancioneiro Popular Português*, vol. II, 2.ª edição, 1913, pág. 322, na secção — *Cancioneiro infantil* — *Baldas das terras* — traz esta:

«Mirandum, Mirandum, Mirandela,
Quem não se acautela
Cai na *esparrela*».

A-propósito vou mostrar aos leitores mais outros têrmos designativos de *armadilhas*.

Assim, *abois*, ou *aboiz*, é o mesmo que *boiz* (armadilha para pássaros).

«Armar laços *aboizes*,
Coisa *q'eu nã* sei;
Homens são *comás* perdizes,
Engêtom sem saber de *quêi*».

(Évoramonte).

«O chaparro de bombordo,
Ao largo deita a raiz,
Eu não sou pardal, nem tordo,
Que caia nessa *aboiz*» (1).

(Alentejo).

O *Vocabulário regional* (1917), colhido no concelho das Lages — Ilha do Pico — pelo Ex.mo S.or F. S. de Lacerda Machado, traz o seguinte:

«**Loisa**, s. f. — Armadilha para matar ratos, coelhos ou pássaros. Consta duma lage ou tábua larga, armada com dois *loisões*, travados pela *verdizela*» (vid. estes têrmos).

«**Loisões**, s. m. pl. — Dois pausinhos, de tamanho desigual, terminando superiormente em cunha e tendo o menor um entalhe a 10 ou 15 milímetros da aresta superior, formando cabeça, que assenta sôbre o maior quando se arma a *loisa* (vid. êste têrmo), ficando os dois em ângulo agudo, mantidos em posição pela *verdizela*» (pág. 53).

«**Sutil** (acento tónico no *i*), s. m. — Armadilha para apanhar pássaros. Tem a forma da tampa dum baú e é feita de canas e vimes ou rachas de cana, no género de gaiola. Arma-se por processo análogo à *loisa* (vid. êste têrmo), tendo a *verdizela* (vid. êste têrmo) a forma duma semi-circunferência, presa pelas pontas na face posterior do *sutil*» (pág. 67).

---

(1) Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, vol. II, pág. 78.

«**Verdizela**, s. f. — Varinha, tendo em uma das extremidades dois entalhes para segurar os *loisões*, quando se arma a *loisa* (vid. estes têrmos), e na outra extremidade a isca». Também se diz na Madeira, onde há esta trova popular, colhida pelo S.ᵒʳ Urbano Soares:

«Eu vou por aqui abaixo
Cuma quem não quer a coisa;
Quem toca na *verdizela*
Fica debaixo da *loisa*» (pág. 71).

«**Verdizela**, f. — Vara flexível, com que se arma a boiz. *Ext.* Um dos paus da armadilha chamada *loisa*». (Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário*, vol. II, pág. 916. Todos estes têrmos, à excepção de *sutil*, estão registados como gerais.

O S.ᵒʳ Guilherme Felgueiras, ilustre Director da Escola Profissional de Paiã, vem publicando na *Gazeta das Aldeias* uma secção que intitula *Terminologia Agrícola — Linguagem dos Campos*, e no número 1:820 da citada revista, correspondente a 7 de Abril de 1935, pág. 213, diz:

«**Pescoceira** *(provincianismo minhoto)* — Pequena armadilha de arame, que apanha os pássaros pelo pescoço».

Êste vocábulo vem registado no *Novo Dicionário*, mas com significação diversa, e lá encontramos a pág. 404, do vol. II, indicado como *provincianismo* sem localização, o têrmo *pescócia* com idêntico significado.

Êste «Retalho» deve ser considerado mais pelo lado etnográfico do que pelo lingüístico, embora alguns provincianismos nêle venham apontados.

Esgravulhar [1]

«Mexer muito, revolver; remexer: *o que andas aí a esgravulhar?*»

Conta-se a propósito o seguinte:

---

[1] Publicado em *O Alentejano*, n.º 1, de 10 de Outubro de 1928, com algumas alterações.

O têrmo já está arquivado no *Vocabulário Alentejano* coligido por Tomaz Pires.

— Houve em tempo antigo (talvez no da antiga Universidade de Évora) uma pobre mulher, de nome Maria Dias, que morava numa casa cujo 1.° andar fôra ocupado por sete estudantes — outra variante diz que eram soldados. —

Os estudantes, no seu alojamento, antepassado das «repúblicas» coimbrãs, faziam grande barulho e mexida, *esgravulhavam*.

Maria Dias não sossegava em casa, com tamanho barulho, pensou em se queixar às autoridades. Um letrado redigiu-lhe o seguinte requerimento:

— «Diz Maria Dias, natural daqui, que se acha carregada com sete estudantes por cima de si. Êles noite e dia levam a *esgravulhar*; Maria Dias não os pode aturar».

O juiz, a quem era dirigido o «poético» requerimento, não quis ficar atrás em rimas, e lançou-lhe o seguinte despacho:

— «Quer êles *esgravulhem*, quer não, Maria Dias tem de agüentar a *esgravulhação*. Os estudantes não largam a casa de mão: pagaram a renda até ao São João».

Daí provém o dizer-se, ainda hoje, quando se ouve barulho no andar superior da casa:

— «Há lá uma *esgravulhação* pior que a dos sete estudantes (ou soldados) da Maria Dias!»

Êste modo de dizer é usado principalmente por gente antiga, e os sete tão de-pressa são soldados como estudantes; mas inclino-me mais a que a *esgravulhação* fôsse dêstes últimos. Não é muito natural terem soldados casas arrendadas, para mais com renda paga adiantada.

E que os estudantes da Universidade jesuítica *esgravulhavam* muito, é prova a Cadeia dos Estudantes. — Tantos eram os que mereciam ser presos, que valia a pena terem cadeia própria. (Colhido em Évora).

Ainda no Alentejo por *esgravulha* é conhecido «o homem — ou rapaz — irrequieto, turbulento e desassossegado, fura-vidas»; e também «o pião que gira aos saltos». O mesmo que o vocábulo *esgarabulhão*, já registado no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo, como têrmo popular.

Em Portel, «o pião que *balha* brandamente, aquêle que pôsto na mão quási se não sente, é conhecido por *pianinho*».

Será *esgravulhar* forma popular de *esgarabulhar* ou de *esgravelhar*?

Aos ilustres filólogos, que não a mim, simples coleccionador de «coisas etnográficas e fenómenos lingüísticos», cumpre estudar o assunto se alguma razão de ser tiver.

Espenicar

O mesmo que *debicar*, quer no sentido próprio quer no figurado.

Na quadra popular que se segue está, em meu entender, em sentido figurado, nìtidamente pejorativo, e isto por analogia com os frutos de que os *pássaros* debicam ou *espenicam* os mais belos, os mais saborosos, como se sabe.

O vocábulo, nesta acepção, é usado no distrito de Évora e, certamente, em quási todo o Alentejo.

Eis a quadra:

«Adeus, vila do Redondo,
Tudo à roda são quintais;
As mocinhas mais bonitas
São as 'spenicadas dos pardais».

(Redondo).

A mesma idea encerra a cantiga seguinte:

«Quem tem amores não dorme,
Tôda a noite leva aos ais
Com *fezes*, e com cuidados,
Não lhos *comam os pardais*» (1).

(Alentejo).

(*Fezes*, arrelias, apoquentações, etc.).

Uma outra quadra popular que recolhi em Reguengos de Monsaraz, em 1922, quando ali estive em serviço durante uns dois bons meses, diz, parecendo variante da primeira:

«Ó vila de Monsaraz,
'Stás cercada de olivais;
Tô*dá* môça que lá mora
'Stá picada dos pardais».

(Reguengos).

---

(1) Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, vol. II, pág. 212.

Estar picada dos pardais que se nota nesta quadra, e *ser espenicada dos pardais* que se encontra na primeira, são frases, sem dúvida, com sentido pejorativo, pouco lisonjeiras, portanto, para a dignidade das *môças* a que fazem referência.

O têrmo *espenicar*, embora já registado no *Novo Dicionário*, encontra-se ali, no entanto, com significação diferente.

Na linguagem popular alentejana há também os vocábulos *espenicão* e *espenicadela* que significam, respectivamente, *beliscão* e *beliscadela* (ou antes, *beliscadura*, pois êste último vocábulo não está também ainda registado). A propósito devo dizer que os sufixos — *dela* e *dura* — têm no Alentejo (e no sul) acepção diversa, caso que espero tratar em «Retalho» especial; e, se o não fizer, aqui fica desde já a anotação.

Nos meus apontamentos sôbre o assunto *(espenicar)* havia a nota seguinte: «Ver *Revista Lusitana*», mas por lapso havido então não indiquei qual o volume, página, etc., que deveria ver, e dêste modo foi-me agora impossível, por trabalhoso, verificar o motivo dessa indicação por difícil consulta aos vinte volumes que dessa revista possuo.

Daqui, é natural que o presente «Retalho» alguma alteração viesse a sofrer, melhorando sobretudo, mas pelo que acima digo e me aconteceu, não posso sabê-lo nem dizê-lo. (Vid. *Aditamentos*).

Fortuna

No sentido de *bens*, *riquezas*, *cabedais*, etc., é galicismo já popular. (Camilo censurou o seu uso desta maneira: «... grandes *fortunas*, como os franceses chamam às riquezas». Silva Bastos, *Estranjeirismos, Erros e Vícios da Linguagem*, 1933, pág. 81).

Cândido de Figueiredo chama-lhe *galicismo dispensável*, evidentemente, na acepção citada. E o nosso povo, que não sabe francês, dá à palavra o seu verdadeiro significado: *ventura*, *boa sorte*, *felicidade*, etc.

Cfr. as cantigas:

«Fui ao jardim às *felores*,
Colhi dumas, colhi doutras:
Encontrei o meu amor;
Destas *fortunas* há poucas».

Ou:

«Fui às flores de veludo,
Colhi dumas, colhi doutras:
Encontrei o jardineiro;
Destas *fortunas* há poucas».

(Montemor-o-Novo).

«Se fôres um dia ao mar,
Que a *fortuna* te não deixe:
«Bota a rêde, vai-te embora,
«*Quanto mais burro mais peixe*».

(Reguengos).

«Alto vai o *sete-estrêlo*,
Mais alto vai o luar,
Mais alta vai a *fortuna*
Que Deus tem *p'ra* me dar».

(Geral).

Contudo, também o povo, em algumas (?) das suas cantigas justifica a observação feita por Silva Bastos de que na primeira acepção é, infelizmente, *galicismo já popular*, pois conhecemos estas duas quadras, além doutros exemplos:

«Toma lá que te dou eu,
Toma lá minha *fortuna:*
Uma mão cheia de nada,
Outra de coisa nenhuma».

(Geral).

«Sou feia não tenho graça,
É disforme o corpo meu,
Não tenho *bens de fortuna*,
Mas que culpa tenho eu?» [1].

(***).

(Cp. o «Retalho» *Sobrescrito*).

---

[1] João do Minho, *Trovas do Povo*, pág. 57. É popular?

Gaimoar

«Cortar pela base o gaimão».

É palavra ainda não arquivada pelo D.or Cândido de Figueiredo no *Novo Dicionário*, e que encontrei na *Monografia do Concelho de Portel* — «Boletim da Direcção Geral de Agricultura», ano de 1897, pág. 1:015, onde se lê o seguinte:

«Tanto a cultura da aveia como a da cevada não são mondadas no concelho de Portel; mas quando a seara já está encanada e próxima a espigar, costumam os seareiros mandar *gaimoar* estas searas.

«A operação de *gaimoar* consiste em cortar pela base o suporte de inflorescência de uma planta vivaz que invade os campos, e que floresce pròximamente na época em que as searas espigam, emitindo um suporte muito mais alto do que a seara, no tôpo do qual desabrocha uma umbela de flores arroxadas. É esta a planta a que dão o nome de *gaimão* nos concelhos de Portel e Évora».

O *Novo Dicionário*, vol. I, pág. 921, traz o seguinte artigo:

«**Gaimão**, m. — *Prov. trasm.* — Haste florida das abróteas».

Nota-se pois que Cândido de Figueiredo localiza o uso dêste têrmo em Trás-os-Montes; mas, com o que acima se vê, na transcrição feita, fica igualmente localizado o seu uso no Alentejo, nomeadamente nos concelhos de Portel e Évora.

Na frèguesia de Vimieiro, concelho de Arraiolos, aos *gaimões* chamam *basaréus* e é dêstes, depois de tornados carvão, que os rapazes se servem nas noites de S. Martinho para riscar as paredes das casas onde geralmente moram raparigas novas [1].

Ainda a propósito dêste têrmo e do costume transcrevo do interessante livro do ilustre Professor catedrático D.or Agos-

---

(1) Publiquei um artigo acêrca dêste costume no *Arquivo Transtagano* (Elvas), 2.° ano, n.° 11, de 15 de Junho de 1934, pág. 161.

tinho Fortes, *Nótulas acêrca dum falar da Margem Esquerda do Guadiana*, etc. (1933), pág. 31, o seguinte:

«282 — **Gamão**, caule dum pequeno arbusto, que, aquecido à fogueira até chiar e percutido contra um obstáculo duro, dá um grande estalo, semelhante ao duma bomba de pequena fôrça. É aproveitado pelo rapazio nas fogueiras e mastros das noites de S. João e de S. Pedro».

«283 — **Gamona**, palha encerada, ligada à pele da zabumba pequena. Para as zabumbas grandes emprega-se o *gamão*. É passando o mão pela *gamona* ou pelo *gamão* que se toca a zabumba. Creio serem os dois têrmos de origem castelhana». (Mourão). (Veja-se o «Retalho» *Basaréu*).

Gato

«Pequena pele, preparada à semelhança e com o feitio de ôdre, para levar vinho, como se fôsse borracha. O mesmo que *zápete*, o quatro de paus, no jôgo do truque».

É desta maneira que o vocábulo vem definido, como *provincianismo alentejano*, no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figuiredo (3.ª edição, vol. I, pág. 940).

Mas, além destas acepções, tem o referido vocábulo, na nossa província, mais as seguintes:

No distrito de Évora, ou pelo menos em quási todo o distrito, chamam *gato* ao «utensílio de ferro, com quatro pés, em cima do qual descansa o espêto quando se assam ao lume «espetadas» de *carne-de-môlho*». É, afinal, o mesmo que *cavalinho*, arquivado já, nesta mesma acepção, na obra acima citada.

Em nosso entender, qualquer destas designações *(gato* ou *cavalinho)* que no Alentejo, especialmente no distrito de Évora, como disse, tem o objecto ou utensílio que venho tratando, lhe vem, certamente, da muita semelhança com os animais dêsse nome.

Em Lavre, concelho de Montemor-o-Novo, designa «vasilha pequena, de pele de *chibo*, em que os trabalhadores do campo levam água para beber».

Mas em Portel, já o mesmo vocábulo, entre os caçadores, quere designar o *gato-montês* (ou *gato-bravo?*); o *lince*, também chamado *lôbo-cerval* (na pronúncia popular *lôbo-cervato*) é na referida vila conhecido por *gato-cravo*.

Antes de terminar o «Retalho» devo dizer que não só em Penafiel, como também registou o saüdoso dicionarista e notável filólogo D.or Cândido de Figueiredo, *gato* é o mesmo que *êrro*, *engano* ou *lapso*.

Cá pelo Alentejo há igualmente *gatos* dessa espécie. E tanto assim é que, aquêles que nos exames cometem erros, ficam *gatados*, apanham uma *gata*, quando não apanham um outro animal como se vê na cantiga popular recolhida por António Tomaz Pires, infelizmente há muito falecido, cantiga que, embora cantada no Douro, também se pode cantar no Alentejo onde o vocábulo tem idêntica significação:

«Ó 'studante, deixa as môças,
Não as queiras enganar,
Se não quer's *levar raposa*,
Bem podes ir estudar».

Ainda a propósito desta última acepção que ao vocábulo se regista devo igualmente dizer que na gíria académica correm com o mesmo sentido os têrmos: *chumbo* e *gaita*; e as frases: *apanhar* (ou *levar*) *um chumbo* ou *uma gaita*, *ficar chumbado* ou *gaitado*, tudo isto, afinal, para dizer que se ficou «reprovado» num exame. (Vid. *Aditamentos*).

Todos estes vocábulos, no sentido apontado, já foram registados.

Home

«O mesmo que homem». É têrmo popular e antigo, assim o classifica o falecido D.or Cândido de Figueiredo no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (3.a edição, 1922), vol. I, pág. 1:009.

É vocábulo muito usado na linguagem popular da região alentejana e também em todo o país.

Alguns exemplos justificativos do seu largo uso.

A *Revista Lusitana*, vol. XVII, pág. 315, traz a cantiga seguinte:

«Ninguém se fie nos *homes*,
Nem no seu doce falar;
Êles têm falas de açúcar,
Coração de rosalgar».

(Santo Tirso).

Fernandes Tomaz nas *Canções Populares da Beira* — 2.ª edição, refundida e ampliada, 1923, pág. 20, regista esta

«Ó minha farrapeirinha
Como se chama o seu *home?*
— Chama-se batata assada
Sem azeite não se come».

(Figueira da Foz?)

No *Cancioneiro Popular Português* de Teófilo Braga (vol. I, pág. 236, 2.ª edição, 1911) encontra-se também esta cantiga, na secção *Cantilenas e chacoulas:*

«Tu és clara como o leite,
E o leite também se come;
E tens dois olhos na cara
Que enganam a qualquer *home*» (1).

(Est. e Alentejo).

No Alentejo recolhi eu há muito, entre outras, esta:

«Eu *hê*-de amar a magarça,
Que é erva que o boi não come.
Mal empregada menina
Num rapaz que *nã* é *home*» (2).

(São Manços).

Esta cantiga tem no Algarve a variante que se segue. (Vid. Estanco Louro, *O Livro de Alportel*, pág. 293):

«Eu hei-de amar a rabaça,
Que é erva que o boi não come.
Coitadinha da mulher,
Que cai na bôca do *home*».

(Alportel).

---

(1) Tomaz Pires nos *Cantos Populares Portugueses*, vol. II, pág. 279, arquiva quadra igual.

(2) Já publicada nas *Cantigas Populares Alentejanas*, vol. I, pág. 63, do autor.

Nas *Ilhas*, especialmente na *Ilha da Madeira*, dizem *hôme* como se vê no já citado volume da *Revista Lusitana*, pág. 141:

«A cabra vai pela vinha,
Vai berrando que tem *fôme;*
Grande castigo merece
Quem dá confiança a um *hôme!*»

(Ilha da Madeira).

O mesmo vocábulo aparece ainda na adivinha popular rimada seguinte, recolhida em Portel (Alentejo):

— Tem dentes e *nã* come,
Tem barbas e *nã* é *home?*

Alho.

Lavor

«Material de barro cozido para construção».

O *Novo Dicionário* não arquiva ainda esta acepção que encontrei no «Código de Posturas / da / Câmara Municipal de Évora / de 20 de Novembro de 1879 / *Ampliado e anotado pelo oficial da Secretaria* / Jaime Melquiades de Cavaleiro Pinto Bastos / *Com tôdas as posturas e editais / pela mesma Câmara publicados depois daquele ano, / incluindo a Lei da caça, / Regulamentos dos diversos Estabelecimentos / municipais, na parte de interêsse / público, e Tabelas das taxas a pagar nos / referidos estabelecimentos* / 3.ª edição / 1916 / », págs. 67-68, onde se lê o seguinte:

SECÇÃO VII

Lavor e Cal de Obra

«Artigo 129.º — Os proprietários ou rendeiros de telhais — fabricantes de *lavor* — «material de barro cozido para construção» — conhecido no comércio pelos nomes de lambaz, tijolo, meia, adobo grande, adobo pequeno, adobinho, telha, telhões, etc., são obrigados a ter fôrmas de madeira ou de metal com as dimensões abaixo designadas, e competentemente aferidas, sob pena de 2$50 de multa».

Por ter interêsse etnográfico e lingüístico transcrevo ainda do referido Código e artigo citado, o seu § 1.º que reza assim:

§ 1.º — As dimensões das fôrmas para o fabrico do lavor são as seguintes:

Lambaz

Comprimento . .	0^{m},420
Largura	0^{m},210
Espessura . . .	0^{m},075

Tijolo

Comprimento . .	0^{m},420
Largura	0^{m},210
Espessura . . .	0^{m},050

Meia

Comprimento . .	0^{m},420
Largura	0^{m},210
Espessura . . .	0,^{m}023

Adobo grande quadrado

Superf. quad. . .	0^{m},198916
Por cada lado. .	0^{m},446
Espessura . . .	0^{m},050

Adobo pequeno quadrado

Superf. quad. . .	0^{m},166464
Por cada lado. .	0^{m},408
Espessura . . .	0^{m},042

Adobinho quadrado

Superf. quad. . .	0^{m},127449
Por cada lado. .	0^{m},357
Espessura . . .	0^{m},032

Telha

Alt. do trapézio .		0^{m},450
Espessura . . .		0^{m},012
Bases	uma de.	0^{m},160
	outra de	0^{m},230

Telhões

Alt. do trapézio .		0^{m},465
Espessura . . .		0^{m},012
Bases	uma de.	0^{m},160
	outra de	0^{m},230

Ainda acêrca de «material de construção» encontram-se no *Novo Dicionário* os artigos seguintes:

«**Baldosa** — *Prov. alentejano* — Tijolo grande e quadrado (T. Cast.)».

«**Baldosinha** (1) — *T. de Serpa* — Espécie de tijolo para ladrilhos, mais pequeno que a *baldosa*. (Vol. I, pág. 240)». Um e outro têrmo são usados em Reguengos e Mourão.

«**Balharim** — *T. de Serpa* — Tijolo fino, com que se ladrilhavam as salas das casas ricas». (Vol. I, pág. 241).

---

(1) Espécie de tijolo *para ladrilhos (!)*. Não será antes *para ladrilhar?*

Marcela

Assim se diz de norte a sul em vez de *macela* (planta). É caso de etimologia popular influenciado pela palavra Março, segundo o sábio Prof. Leite de Vasconcelos. (Veja *Revista Lusitana*, vol. XXXII, pág. 282).

Alguns exemplos de como o seu uso deve ser geral no país:

«Ó que lindo luar faz
Para colhêr a *marcela!*
Vamo-la colhêr ambinhos,
Faremos a cama nela» (1).

(Minho e Douro).

Variantes:

«Ai, que rico luar vai
Para colhêr a macela!
Apanha, menina, apanha,
Fazei uma cama nela» (2).

(Douro).

«Que lindo luar 'stá hoje
Para colhêr a *marcela!*
Colhemo-la nós ambinhos,
Fazemos a cama nela» (3).

(Santo Tirso).

«Ó que lindo luar está
Para apanhar a *marcela;*
Nos olivais de Coimbra
Daquela mais amarela» (4).

(Espáriz-Tábua).

E ainda mais estas duas quadras que fazem parte das cantigas cantadas ao S. João:

«Donde vindes, S. João,
Tão bem cheirais a *marcela?*
—Venho do rio Jordão,
De fazer uma capela» (5).

(Lisboa).

---

(1) Teófilo Braga, *Cancioneiro Popular Português*, vol. I, pág. 157.

(2) Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, vol. I, pág. 202.

(3) *Revista Lusitana*, vol. XXII, pág. 84.

(4) Idem, vol. XX, pág. 207.

(5) Teófilo Braga, *ob. cit.*, vol. II, pág. 128.

Variante:

«Donde vindes, ó Baptista,
Tanto cheirais a *marcela?*
—Venho do jardim das flores
De fazer minha capela» (¹).

(Algarve).

No Baixo-Alentejo cantavam, antigamente, esta *moda:*

A macela (²)

Eu hei-de ir colhêr macela, } *bis*
Da macela a macelinha, }
Lá nos campos, verdes campos, } *bis*
Daquela mais miüdinha. }

Daquela mais miüdinha, } *bis*
Daquela mais amarela, }
Lá nos campos, verdes campos, } *bis*
Eu hei-de ir colhêr macela. }

(Serpa).

O têrmo já vem registado no *Novo Dicionário* como forma popular.

Pôrto

«Lugar, no ribeiro ou na ribeira, onde se passa fàcilmente a corrente». (Colhido em Portel).

O têrmo com esta significação ainda não registada no *Novo Dicionário,* há já muito tempo que o tenho arquivado no verbete respectivo da minha colecção de têrmos alentejanos, e encontrei-o agora, na leitura que fiz no «Boletim da Direcção Geral de Agricultura» — *Monografia do Concelho de Portel* — 6.° ano, n.° 10 — Lisboa — Imprensa Nacional — 1897 — edição do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indús-

(¹) Ataíde Oliveira, *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve,* pág. 164.

(²) *A Tradição,* n.° 6, 2.° ano, de Junho de 1900, pág. 93. O falecido S.ᵒʳ Dias Nunes, compilador da *moda,* diz em nota: «o povo pronuncia *marcela*».

tria, onde se lêem os períodos abaixo transcritos que aproveito para documentar o uso e significado do referido têrmo no Alentejo, e nomeadamente em Portel:

....

«Os ribeiros correm em leitos profundos, tornando-se perigosos no tempo das chuvas pela deficiência de pontes, sendo necessário procurar os baixos ou *portos*, como os denominam no concelho, para se poderem atravessar...» (Pág. 999).

....

«A falta de pontes nos ribeiros, representa um sério perigo no tempo das chuvas, pois a maior parte dêsses veios de água trazem uma corrente muito caudalosa, e não podem ser atravessados sem risco senão em sítios menos fundos que só os práticos conhecem e denominam *portos*; e estes mesmos chegam a estar invadeáveis na ocasião das grandes cheias». (Pág. 1:001).

....

Antes de terminar o presente «Retalho», vou indicar os nomes de alguns *portos* conhecidos em Portel.

No Degébe: *Pôrto do Pego de Lôbo (de cá* ou *de lá)*, conforme a direcção em que se marcha — Portel — Reguengos ou vice-versa, *dos Sete Arrátes, da Cascalheira, do Moínho da Maria Dias* (ou *do Moínho Novo*), *de Musgos, da Torjona (?), das Mestras, do Balanco, do Pisão, das Entre-Águas*, etc., etc.

Muitos dos *portos* são conhecidos por dois ou mais nomes, podendo até acontecer que nos agora indicados o caso se verifique, pois a indicação foi-me dada por mais de um informador.

Cândido de Figueiredo na 3.ª edição do seu *Dicionário*, vol. II, pág. 463, entre outras significações dadas ao vocábulo traz a seguinte, e diz tê-la colhido em Turquel: — *Abertura na vedação de uma propriedade.*

Relatório

Regista-se esta palavra por ter, na nossa província, significado diverso do geral.

Em Montemor-o-Novo, única localidade onde sei ser de uso, ouve-se freqüentemente a frase: *um relatório de letras* que quere dizer: *breves conhecimentos de leitura e de escrita.*

Veja-se, por exemplo, esta frase onde o têrmo nos aparece com a significação agora registada: — «*Nã* quero que *mê* filho faça *enzame*, mas que aprenda só *um relatório de letras*».

Também ainda na referida vila de Montemor usam *relatórios* na acepção de: *palavras elogiosas a respeito de alguém; boas referências*, etc.

Veja-se igualmente a frase seguinte onde se vê que o têrmo toma a acepção que apontamos:

— «Tenho *ouvisto* já alguns *relatórios* a *respêto* da senhora; por isso *q'ria* conhecê-la».

Nesta acepção tem o vocábulo emprêgo figurado?

Sobrescrito

É assim que o povo diz em vez de *envelope*, palavra francesa.

Já o S.or Silva Bastos, no seu útil livro *Estranjeirismos, Erros e Vícios da Linguagem*, pág. 67, censura, e muito bem, o caso desta maneira: «Com excepção de algumas pessoas do povo, as outras que se julgam no tom, dizem *envelope* em vez de *sobrescrito*, palavra corrente».

E que o povo assim diz, bem o prova a conhecida cantiga popular:

«Os olhos dos namorados
Têm um certo não sei quê,
Que serve de *sobrescrito*
À carta que se não lê».

Esta quadra já vem arquivada em algumas colecções do cancioneiro popular, e às vezes, no quarto verso, apresenta as variantes: *Quando a carta se não lê*, ou *À carta que ninguém lê*. (Cp. o «Retalho» *Fortuna*).

MODOS DE DIZER

(Andar ou ir) a cavalo

O S.[or] D.[or] Rodrigo de Sá Nogueira nas suas *Questões de Linguagem,* primeira parte, 1934, pág. 254, acêrca do assunto, diz:

«**A cavalo num carro** — *Alto-Alentejano,* de Portalegre, deseja saber se há razão que justifique o dizer-se no Alto-Alentejo *a cavalo no combóio*, *a cavalo num carro,* e ainda *montado no combóio, montado num carro.*

«Há razão, sim, e das mais poderosas. Há aqui o que se chama uma *extensão de significado,* muito usada (linguagem metafórica), e que provém da semelhança que notamos entre os factos que se dão em tôrno de nós.

«É assim que se costuma dizer: *a cavalo num burro, a cavalo numa égua, a cavalo numa mula, num boi, num cão, num pau, numa cana, num muro,* etc....

«Tudo quanto fica dito pertence a um ramo da Filologia chamado *Sematologia, Semasiologia* ou *Semântica...*»

Na *Revista Lusitana,* vol. XIX, pág. 314, no artigo *Folclore de Santa Vitória do Ameixial,* pelo D.[or] Luís Chaves, vem, no *Vocabulário,* o seguinte:

«**A cavalo** — Tudo o que não seja andar a pé, é *andar a cavalo;* ir de carro, é ir a cavalo, e às vezes diz-se claramente *a cavalo no carro*».

Na *obra citada,* vol. XXXII (1934), pág. 282, no artigo intitulado *Ementas gramaticais,* pelo Prof. Leite de Vasconcelos, lê-se:

«**Ir a cavalo...** — É muito corrente dizer-se, por metáfora, *ir a cavalo num pau, numa cana,* etc.; mas sòmente no Algarve foi que ouvi: *ir a cavalo num carro*».

Como acima se vê (Sá Nogueira e Luís Chaves), é também freqüente o seu uso no Alentejo, e ainda para mais o provar aí vão algumas cantigas populares:

«Eu subi à Serra d'Ossa
A cavalo num burrinho,
Fui com mêdo de cair
Dentro de algum barranquinho» (¹).

(Alentejo).

«Olha a condessa da Ega,
Que *anda a cavalo num cão,*
Pedindo ao ladrão Junot
Que lhe dê a sua mão» (²).

(Idem).

«Fui às festas do Bandarra
A cavalo numa aranha:
Descalço, ninguém me agarra;
Calçado, ninguém me apanha».

(Alagoa — Portalegre).

«Já corri o mar em roda,
A cavalo numa cegonha;
Não há que fiar nos *homes,*
Que são caras sem vergonha».

(Mértola).

É modo de dizer igualmente usado em Trás-os-Montes. Cfr. a quadra:

«Se tu visses o que eu vi
Nas alturas de Barroso:
Sete frades em camisa
A cavalo d'um raposo!» (³).

(Barroso).

(¹) Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, vol. II, pág. 233.
(²) Idem, *Cancioneiro Popular Político*, 2.ª edição, 1906, pág. 2.
(³) *Revista Lusitana*, vol. XVIII, pág. 267.

(Andar) a toque de caixa

Há dias procurando uns papéis encontrei os apontamentos das locuções da nótula de hoje e da nótula *Morder* (ou *roer*) *o cartucho*, a publicar. Achei-os curiosos, — embora digam respeito à gíria militar, creio eu, — por isso, aqui os publico.

Se é certo que o *Novo Dicionário* de Cândido de Figueiredo, não arquiva a locução acima citada, encontra-se, contudo, duas vezes, no *Dicionário Prático Ilustrado*, 2.ª edição revista, 1928, de Jaime de Séguier, por acaso agora por mim consultado.

Assim, nesta obra, pág. 171, s. v. *caixa*, vem a locução adverbial seguinte: «*a toque de caixa*, à pancada, à fôrça». E na pág. 1:132, s. v. *toque*, vem a mesma locução, mas agora significando: *a tôda a pressa*. E ainda esta: «*Ser corrido a toque de caixa*, ser escorraçado, ser pôsto fora».

É com tôdas estas acepções que eu faço o meu registo.

Por interessante e provàvelmente por nêle se encontrar — quem sabe! — a origem de tão significativo modo de dizer, transcrevo para aqui parte do capitulo XIV do curiosíssimo «*Regulamento para o Exercício e Disciplina dos Regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Magestade Fidelíssima, feito por ordem do mesmo Senhor por Sua Alteza o Conde Reinante de Schaumbourg — Lippe, Marechal General*» (1):

«...

CAPÍTULO XIV

Das Licenças absolutas, e por tempo determinado

8. Se qualquer official se não incorporar ao seu Regimento dentro de hum mez, depois de se lhe findar a sua licença, o Coronel dará conta a Sua Alteza o Marechal General, e na falta deste ao General do Exercito: depois *será notificado a toque de caixa*, condemnado em dous annos de prizão, e findos elles lançado fóra do serviço. (Pág. 167).

....»

---

(1) Êste livro foi impresso em Lisboa, na Régia Oficina Tipográfica, no ano de 1794.

Corresponde a estoutra, também da gíria militar: *(Andar) pela esquerda em linha.*

Notem-se igualmente estas comparações populares: *Apanhar (levar* ou *ser) como um tambor numa festa.*

Com sua licença... (1)

É expressão de que o alentejano usa e até abusa.

No distrito de Évora, usam-na principalmente quando se pronunciam nomes de animais:

— «Andava a guardar, *com sua licença...*, os bacoritos».

— «Vendi o burro, *com sua licença...*, na *fêra* d'Aires».

Fenómeno idêntico se passa pelo Baixo-Alentejo, onde, da mesma forma como em Évora, sempre parece mal à gente do campo, falar, diante de *gente de certa ordem*, em nomes de animais, sem que antes tente atenuar a sua tão considerada má-criação, para êles, bem entendido, pronunciando o usual dito, como se vê no exemplo seguinte:

«... é *cítula* (2) ir onde haja gente, e cá pelo mato só andam cabras, *com sua licença...*» Brito Camacho, *Gente Rústica*, pág. 181.

Mas em Quintos, concelho de Beja, também a usam para se tocar em qualquer parte do corpo, ou proferir-lhe o nome:

— «Tenho uma dor, aqui no *bescôço, com licença* de *mòmecêi*, há já uns dias».

— «É mesmo aqui, nos *espinhaços, com sua licença...*, que elas (dores) me apertam mais»; — ou então para fazer qualquer gesto que indique dimensões:

— «Era, *com sua licença...*, dêste tamanho (mostrando uma distância entre as mãos)».

Uma vez, em Portel, um homenzito, natural de uma das

---

(1) Publicado em *O Alentejano*, semanário regionalista de Évora, de 31 de Outubro de 1928, mas um tanto modificado.

(2) *Cítula*, s. f. — Raridade; caso extraordinário, etc.: — «Pouco cá vem, isso é lá uma *cítula*, quando acontece!» (Montemor, Alandroal, Reguengos...).

— O vocábulo na acepção referida já foi também registado pelo S.or D.or Leite de Vasconcelos, mas com a grafia *sítula.*

frèguesias do concelho, falando comigo acêrca de um seu filho, desta maneira — por palavras e gestos — se exprimiu:

— «Lá no *povo ninguéim* tem nada que *le dezer, com sua licença*..., nem tanto como isto (e indicou o tamanho de uma unha)».

É dito popular igualmente muito usado no norte do país, onde, quem fala de porcos ou de burros sempre se desculpa, dizendo: — *Com sua licença!*...

No Algarve, usam no mesmo sentido, mas talvez com mais freqüência, além da citada expressão, estas que se seguem e que também são usadas no Alentejo: *salvo o lugar* ou *salvo seja.*

— «Foi aqui, *salvo o lugar* (ou *salvo seja*) que o cão me mordeu».

E como êste exemplo tantos outros igualmente recolhidos das falas populares, poderíamos citar, se necessário fôsse.

Correr do sino (1)

É como ainda hoje designam em Portel as badaladas no sino da Câmara, à noite, à hora em que devem fechar as tabernas, mais conhecidas por *vendas.*

E assim é que, ouvidas as badaladas — o sino toca durante algum tempo — não têm os taberneiros a menor desculpa em caso de transgressão, por conservarem abertas, sem as devidas licenças, as portas dos seus estabelecimentos.

Num antigo *Código de Posturas*, da Câmara Municipal da citada vila existe sôbre o *correr do sino* a determinação seguinte:

....

«Artigo 57.° — Na multa de 1$00 incorrem os donos de qualquer casa em que se vendem bebidas alcoólicas, que depois do toque do recolher o façam ou tenham as portas dos seus estabelecimentos abertas e conservem dentro dêles os fregueses ou outros consumidores».

«§ 1.° — São exceptuados aquêles que estejam munidos de licença da autoridade competente».

---

(1) Publicado no *Arquivo Translagano* (Elvas), n.° 4, 1.° ano, de 30 de Abril de 1933.

«§ 2.º — As horas de recolher são, de 3 de Maio a 14 de Setembro às 22 horas e no mais tempo às 21, o que será anunciado pelo sino da Câmara, na vila, e nas frèguesias pelo sino determinado para tal fim».

....

Em Serpa, Quintos e Brinches, pessoa amiga me informou de que essas badaladas, no sino da igreja, são ali conhecidas por *toque das almas*.

Em Vila-Viçosa é o *sino de correr*, hoje também por algumas pessoas chamado *sino da Câmara*, que ali desempenha essas funções.

Também em Évora, em épocas recuadas, havia o *sino de correr camarário*. «Não se precisando desde quando, serviu o templo (de Diana) ao Município não só de açougue, mas de lugar onde o *sino de correr camarário* chamava cada noite os cidadãos eborenses ao recolher e ao descansar...» (1).

No Douro, em algumas povoações, há o *sino da ronda*.

«No relógio da tôrre, lentamente, ressoaram as 8 horas. O *sino da ronda* intimou o encerramento das tabernas» (2).

No *Dicionário da Antiga Linguagem Portuguesa* (1910), coordenado por H. Brunswick, pág. 280, encontra-se o artigo seguinte:

«**SINO, sino de colhêr** ou **sino de correr**, toque que marcava a hora de fechar as tabernas e recolherem a casa judeus e mouros.

— **Sino de oraçom**, toque das Ave-Marias. — **Sino da Trindade**, o mesmo que **sino de oraçom**».

Na vila de Portel há ainda o curioso costume dos namorados irem a casa das namoradas *dar o serão* (3) diante de tôda a família; o *correr do sino* indica também que é hora própria de terminar a «sentimental» visita. (Vid. *Aditamentos*).

---

(1) A. F. Barata, *Évora Antiga* (1909), pág. 193.

(2) Sousa Costa, *Ressurreição dos Mortos* (2.ª edição), pág. 207.

(3) *Dar o serão*. Fazer qualquer visita *à bôca da noite*, ou mesmo durante a noite.

(Ir) à de...

É elipse (1) muito freqüente na região alentejana. Equivale a: *ir a casa de...* «*Vou à do* (sr.) Nazaré *comprári* uns livros... espera». (Évora).

Esta maneira de dizer é igualmente de uso noutras regiões do país, e já foi devidamente estudada pelos eruditos filólogos Roquette, Júlio Moreira e Leite de Vasconcelos, os dois primeiros há muito falecidos, mas o último, felizmente, ainda vivo e no pleno labor das suas produções literárias.

Nestas duas quadras populares recolhidas por mim em Reguengos de Monsaraz, nota-se o caso:

«Fui chamado *à do 'scrivão*
Para fazer *'ma 'scritura:*
Morrer, sim; deixar-te, não;
Foi a minha assinatura».

«Ó José tu *nã* ames,
Duas na *mêma* rua:
Cando vás à duma,
A outra tôda se amua!»

Locuções verbais

O «Retalho» de hoje tem por fim dar a conhecer aos meus leitores — se me posso gabar de alguns ter, além dos obrigatórios — algumas locuções verbais formadas com o verbo *dar*, locuções na sua maioria ainda não registadas no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (3.ª edição — 1922).

As que vão seguir-se são tôdas elas de uso no Alentejo, em mais de uma localidade, mas sòmente indico aquela onde cada uma foi recolhida:

Dar ares é parecer-se, assemelhar-se: «o *picano dá ares ó* pai». (Portel).

Mas quem não se pode assemelhar ou igualar, comparar-se, a outrem, quer em qualidades, quer em haveres, *não pode dar água às mãos* a essa pessoa — tal a inferioridade!

---

(1) «*Elipse* (t. gram.) — Omissão de uma ou mais palavras na frase, sem que esta deixe de ser clara» *(Novo Dicionário)*.

— «*Quê! a Jôquina?!... Pff... nã* é *p'ra dar água às mãos à Zabéle,* nem coisa que se pareça!...» (Évora).

Contudo, *dá água p'la barba,* quem custa a aturar, quem se torna insuportável no seu procedimento.

— «*Dêsne c'o* rapaz começou a *crecer,* já *le dá água p'la barba; nã* o atura!...» (Reguengos).

Dar à perna é dançar; quem muito anda *dá às pernas,* e quem morre *estica-as* ou *dá às trancas,* etc. (Nesta última acepção ainda dizem outras mais plebeias). (Beja).

Quem dá atenção a outrem, lhe corresponde em questões amorosas, sobretudo, *dá atilho, corda* ou *guita.* (Campo Maior).

— «... môça de juízo que seja requestada por dois pretendentes, só *dá atilho* a um, se não se esquiva aos dois...» (1).

— «Há tal que só vem às funções para estar de escárneo ou armar *motim*... — Tivessem êles aqui quem lhes *desse corda,* outro seria o seu porte...» (1).

A pessoa que impõe, sem admitir discussão, a sua vontade, que só ela *quere, pode e manda, dá as cartas, os bons dias,* ou *dá os Domingos e dias Santos.* (Portel).

Quem fala muito, tagarela ou linguareja a vida alheia, *dá ao badalo, ao lambarão, à tramela* ou *ao tramelão,* etc. (Évora).

Quando alguém julga que se *benze* e *quebra o nariz,* isto é, julga uma coisa e lhe sai outra, não é bem sucedido, *dá ao diabo a cardada.*

— «Êle quis levar o *picano à fêra,* mas *deu ao diabo a cardada,* que *nã le faltarom fezes!*» (Beja).

Dar fé é gostar de saber o que se passa em casa estranha, bisbilhotear.

— «Visitas daquelas não vêm cá por amizade; é só *p'ra darem fé* do que se passa!» (Montemor).

Mas também *dá c'os burrinhos n'água* ou *no chão, dá com as ventas na parede, na porta, no sedeiro, na torneira,* etc., quem é mal sucedido. (Portel).

Dar nas vistas é tornar-se notado, digno de reparo, por boa ou má acção.

— «A Joana, como tôdas as *serrenhas,* fumava e bebia,

---

(1) Cfr. *O Campomaiorense,* de 24 de Junho de 1923.

e com os homens permitia-se tais liberdades, que mesmo em Messejana isso *dava nas vistas*, e suscitava comentários picarescos» (1). (Baixo-Alentejo).

Quem acerta ou tem bom resultado, *dá no vinte* ou *dá em cheio*. (Portel).

Dar de corpo (abaixar-se ou *agachar-se*, *cursar* ou *fazer curso)* é o mesmo que *defecar*. (Évora).

Em Odemira chamar por alguém é *dar vaia*. (Vid. A. Bessa, *A Gíria Portuguesa*, 1901, pref., pág. XXVII), o mesmo sucedendo em todo o Baixo-Alentejo, certamente, pelo que se vê neste exemplo:

— «Relanceou a vista pelo matinho curto, a um lado e outro da estrada; *deu vaia* aos cãis, que se tinham aproximado, sempre ladrando, e meteu esporas à égua, que deixara de tremer, mas se conservava parada» (2).

Mas parece que, também, em outras localidades do sul, *dar vaia* (ou *dar-de-vaia?*) é cumprimentar. (Serpa e Mértola).

— «Providencialmente apareceu ali o feitor do *Almo*, que *deu vaia* ao Clemente, preguntando-lhe se passava a noite na Degolação» (2). (Aljustrel).

Nos meus apontamentos também me aparecem as locuções neste mesmo sentido, como de uso em Odemira e arredores. (Vid. *Aditamentos*).

NOTA — No género do presente «Retalho» veja-se o interessante artigo — *Maneiras de dizer — Como fala o povo do Alentejo* — da autoria do ilustre Professor do Liceu de Évora, Exmo Sor D.^{or} Manuel Gomes Fradinho. — *Diário de Notícias*, de 26 de Setembro de 1921.

Mano, mana

São fórmulas de tratamento usadas entre pessoas da mesma categoria social: patrões, lavradores, são sempre *senhor* e *senhora*; mas gente da mesma igualha é sempre *mano Zé Chico*, *mana Maria Trêsa*, etc.

Em Portel, ao preguntar-se aos rapazes de quem são

(1) Brito Camacho, *Gente Rústica*, pág. 63.
(2) Idem, *ibidem*, respectivamente págs. 196 e 230.

filhos, respondem invariàvelmente: «do *mano Fulano*» ou «da *mana Fulana*».

O sábio filólogo D.or José Leite de Vasconcelos notou o fenómeno no Alandroal. Em Montemor-o-Novo não se nota tanto, havendo ali em sua substituïção o tratamento de *menina* para as mulheres novas ou vélhas, solteiras ou em qualquer estado civil: há *meninas* de 50 anos e 10 filhos! Em não tendo categoria para *senhora dona*, ficam em *menina*.

Em Quintos, concelho de Beja, usam os nomes em deminutivo: *Antonico*, *Francisquinho*, sendo de reparar que nesta aldeia os deminutivos são uma fórmula de delicadeza e aplicam-se a lavradores e lavradoras, mesmo já entrados na idade: *senhor Miguelzinho* ou *senhora Trezinha* são tratamentos respeitosos.

A-propósito de *mano* transcrevo a resposta que Cândido de Figueiredo — *Falar e Escrever* (3.ª edição, 1923), vol. III, págs. 142 e 143 — deu à seguinte pregunta:

P.: — «Será regular dizerem os alentejanos — «a *mana Estrudes*», «o *mano João*», tratando de pessoas com quem não têm parentesco?» — (*A. O.*, de Beja).

R.: — «Regularíssimo e vélho. Em Gil Vicente, em Jorge Ferreira e noutros quinhentistas, pode *A. O.* ver, a cada passo, *mano* e *mana*, no sentido de *vizinho* e *amigo*, *vizinha* e *amiga*.

Modernamente, é acepção desconhecida na maior parte do país, mas inda bem que o Alentejo a não deixa morrer.

E diga-me: nunca chamou *tiozinho* a um pobre homem que não é seu parente? Nunca chamou *filha* a uma adorada criatura, de quem não é pai?

Vamos lá, confesse». (Cp. o «Retalho» *Tio, tia*).

Modos de dizer

É sem dúvida alguma a *fala popular* muito característica e expressiva; contudo, o valor (significado) do têrmo nem sempre fica bem definido, por maior cuidado na definição — mesmo porque cada palavra tem seu significado próprio — sem que vá acompanhado do colorido, da vida que lhe dá a expressão onde se encontra, a *maneira especial de dizer* tão natural e inconfundível da gente do Alentejo.

Aí, sim, é que o têrmo «quere dizer» aquilo que dificilmente, isolado, sòzinho, é capaz de bem exprimir. Sucede até, como se sabe, que na frase muitos têrmos tomam significação diversa daquela que isolados, sem ser no discurso, têm usualmente.

Vamos apresentar alguns exemplos de *modos de dizer* da gente alentejana, para prova do que atrás se diz.

Vejam-se êstes diálogos:

— A *Zéfa* do Amarelo não tem *rigor pra nenguéim: é* mesmo *um vaso de prata pra tôdá gente!* Ela teve sempre *bom tom pra êle; ó cabo* e *ó resto* foi o que se viu!

— *Pois béim!* mas *ulha q'a* mim é que não me *foi o ver plo entender*, pois percebi tudo *inda* antes das coisas se darem!... *Advinhi*... vê lá tu!

— Sim?! *Nã sê pra quêle* anda com estas coisas, se *le tevér q'assuceder* algum *precataile* não se livra: *quem téim de morrer em palhêro*..., já sabes o que *lh'*acontece.

— *Tá béim!* mas a *candêa* que vai *adiente* é *q'alumêa.*

— Sem *dúda!* Lá isso é verdade!...

— ?!...

— Mas *ê nã* sabia!

— Parece que sim! que houve lá em casa *cavalinhos fuscos* e *Maria Morena* por causa da pessoa que sabes! *Ê* nunca *m'engani!* Aquilo é e foi sempre um *mariola de praça*, o marido dela: *ê má ruim q'à carne de cão!*

— Comigo é *q'havéra* de ser! *Ê* logo *le cantava o mê macarêno; êle logo havia de ver a como erom as sardinhas!?... Peste!... Foi sempre 'ma peste!...*

— Em rapaz parece que não; *nã quebrava um prato*, agora é o que se vê: *dêta a cantarêra abàxo!... Velhaco na 5.ª casa!...* Mas ela é que tem *na* culpa! *pâr que deu o nó. Nã q'ria* senão casar, agora aí tem!... Vê lá, Rita: Aquilo é *'ma enfermaria de bichócos*, o *'lapor do home: — Tá pôdre de todo!...*

— Mas, *ó* comadre *Zabéle*, aquilo *nã* é só d'agora!?... *Êle é com'ò cardo que narce c'o bico com que há-de picar!... Dês* que *casarom, q'ela* — coitada! — fêz aquêle bom *arrenjo*, todos os dias tem havido lá em casa *cachapim com couve!* Tem *sido o bom e o bonito! Têm caído montes e fontes!* Lá porque os pais dêle *tinhom* algum *cabedal!...* É bem *fêto*... bem *fêto*... Assim o quis... assim o tenha...

— E *antão* o pior *nã* é isso ainda!! Parece *q'êle* sempre *teve oficio de capa rôta! Faz mão báxa* a tudo que vê... — *Pegom-se-las coisas às mãos*... Dizem!...

— *Ulha quela,* aqui *pra* nós, *tamém nã é certa de todo!* Tem *tens* e *destêns* com tôda a *vezenhança! Inda onte* lá no pego fêz *lavarito c'a Ênacia à Bonecas!* Chamou-*le pantomenêra, encheu-la barriga de malandra,* disse-*le* tudo *canto* quis e *nã* quis!...

....

— O pai?!... Pff... isso *é um saco de vento,* mais *impestor q'impestor,* parece que *leva sempre o rei na barriga!*... A mãi, não, coitada!... Essa, sim, é *q'é* boa mulherzinha! É pessoa *munto respêtadêra* e *obsequiadêra*... Isso é *q'éi!*...

— Mas *ulha* que *nã le dêta a casa a perder!* É assim... *narceu c'as mãos fechadas!*... É mais *penicha* que *penicha!*... *Cando* era nova *lavava-se c'uma bochêcha d'água,* mas... parece que *nã se lavava em águas de rosa!* É, *plo menos,* o que dizem!

— *Má línguas,* Rita! Podes crer... Nada disso...

— ¡?!...

— Sim; houve, *calquér* coisa com um primo, mas sem importância...

*

— *Antão* que diz?

— Ora... *digo*... *que cevada nã é trigo!*

— *Nã* é isso!?...

— Se *nã* é isto, desembuxa, mulher, *q'assim nã percebo néim patavina (pitada)* do que queres dizer!...

— Sim!... Que *táli* foi aquilo *c'a Trêsa à Molhinha?!*

— Ah!... *Táva* bem de se ver: *à sorte e à morte neinguéim 'scapa!* Aí tens!...

— Pois *béim, Ti Ana!* Ela desde *pecanina* foi sempre *munto entricante.*

— Ai, filha!... *Nã* é só ela... *Antão nã* dizem que nós, as mulheres, *samos* tôdas assim?! *A que nã é calhandra perto le anda*...

— Lá isso é certo... Parece *q'a* desordem foi *tã* grande, *tã* grande que o largo *tava capaz de dári um 'stouro!*... Que se juntou lá *um àstóri de familha,* uma *imundice de gente* que *néim* calcula!...

— Aquilo tinha que se dar! Há *munto* tempo que *andavom a ferro e fogo*, por causa de umas contas.

— *Ná!...*

— *Ná!?* ou *se queres ver o teu enimigo, empresta-lo e pido-lo.*

— Isso é certo...

— Que ela *dizia* dêle, por causa disso, *cobras e lagartos, taméim nã* é mentira. E ontem ao encontrá-lo, lá no largo, *disse-le as últemas*, e vai daí, êle *cheio até ós gorgomilos, perdeu a cabeça*, deu-*le* a navalhada...

— Mas, *mêmo* assim ferida, que *nã* se *le* calou, *nã houve meio de abàxar a grimpa (garupa)!*

— *Ulhe*, quer' que *le* diga?!... *Ê* nunca *gosti* dela. Como *taméim nã* gosto de *muntas* amizades entre mulheres casadas; *nã* dão bom resultado... *Andavom* sempre juntas... Para onde ia uma, ia a outra... Quere dizer: *nunca andava o caldêrão séim a corda!...*

— Pois, pois!... Mas... os tempos *taméim mudom*, como sabes. *Ê* sempre *òvi dezer* que *muntas e bastas é que desmanchom o jôgo!*

....

— E o golpe foi grande?

— *Hum!?* Parece que não. Se calhar *nã* há-de ter *dúda!*

— Mas *ulha q'ê òvi dezer*, lá na fonte, que tinha lá ido o doutor, que ela *tava às portas da morte!...*

— *Ná!... Nã* me *chêra!... Mêmo erva ruim nã a quêmma a geada!*

— O que parece é que êle tem *tado munto apesarado c'o assucedido... Nã* calculava ver-se preso: *téim chorado os sete chorados!...*

— *Nã ademira!...* Êle é *comá travoada, que ôdespôis de passar nã é nada!*

— Êle é mas é *comô lête: conforme alevanta assim abàxa!*

— Bom... Adeus, passa *béim!* Vou-me a ver se trago mais um cantarinho de água...

— Até outro dia, *Ti Ana!...*

*

— Pois é verdade!... O *Chico Antónho tôdá* vida tem sido um *marmanjo de alto lá c'o charuto!*

— Se fôsse só isso?!

— Que mais *havéra* de ser?!

— Ora essa! Tu *nã* sabes que se *diz à bôca cheia* que êle *é mais ladrão que ratos!...* Dessem-*le asas*, logo *veriom* o *poêjo* que ali *tava!*

— Eh! lá!... compadre! Isso *taméim* não!... *Néim tanto ó mar, néim tanto à terra!...* É *comôs* outros!...

— *Pára lá!... Comôs* outros!?... Isso, sim! Lá no *povo nã hai* outro igual... É o *arriaga (pimpanaça)!...*

— Ah! sim!... *Nã no* sabia!...

— Sabes lá quem ali *tá*... É um *manilha de mã cheia...* Em rapaz *pintou a manta (e o diabo)...* Era *perciso tar-se sempre de pé calhado c'o êle...* E *mêmo* assim em a *gente* se *descudando, pregava-a na menina do ôlho...* É o que *t'eu* digo!...

— *Tá béim!... Tá béim!... Nã no* sabia...

*

— *Antão onte cando a Tia Chica das Taipas* te chamou — *moita, quatro vinténs! (moita carrasco!)* — *nã acudias?!...* Mas ela *fêz-te ir de esgalharêla...* A vèlhota *tem ainda amoras (na alma)... Nã dêxa fazêri pouco dela;* e nisso faz ela *munto béim!* Lá isso faz!...

— Pois por essa *marreléia* que sempre tem tido, é que a fêz e faz *andar à divina...*

— Isso é bom... É para o *diabo* da vélha *saber como elas mordem!*

— Mas, *mêmo* assim, *sem poder c'uma gata p'lo rabo, diz romas e catalomas da gentra,* isto, a-pesar-de *tar às sôpas* dela!...

— Sim, senhor. Mas olhe que a nora *taméim nã* é nenhuma especialidade... *Nã* é o que parece... *Dêta a alma abáxo a tôdá gente!...*

— Sendo assim... *é o pai cuspido e escarrado num panô!...*

— Ah! isso é...

*

— O que é que tem o *Manel da Horta Nova* que *anda c'o braço em cabrêsto?!* O que seria aquilo?!...

— *Nã sê...* Parece que caíu de um *chaparro abáxo, cando o alimpava,* e partiu o braço na *cana do pulso.*

— Coitado!... Agora lá em casa — com tanto filho! — *sem lume nem grume*, calcula a *larica* que *hande* passar... Sim, faço idea!...

— *Nã* há *dúda*, porque só *tão atidos ó* ganho dêle!... A mulher, essa *nã* vai *ós* trabalhos do campo — *nã porque le caiam os parentes na lama (chão)* — mas é porque *nã tá* acostumada...

— Mas aquilo do braço *é negócio de uns dias*, com certeza...

— Uns dias?! Ponha lá um *mesito*... *pra* mais que *pra* menos... e já *tá* com sorte!...

....

— Adeus! Adeus! *Vamos à vida, que a morte tá certa!*...

NOTA — No género dêstes «Retalhos» veja-se o interessante livro *Locuções e modos de dizer* usados na Província da Beira-Alta, apresentados sob a forma de diálogo por José da Fonseca Lebre, Tenente-coronel do E. M. I. (Separata do «Boletim da Classe de Letras» da Academia das Ciências de Lisboa, 1924 — Livraria Clássica Editora).

Morder (ou roer) o cartucho

Diz-se na linguagem popular de quem é vélho ou desdentado: «Êste já não pode *morder* (ou *roer*) *o cartucho*» — e poucas pessoas, se eu não estou em êrro, relacionam a origem das duas locuções com o serviço militar. Tão curiosos modos de dizer devem ter passado, julgo, dos antigos regulamentos militares, para as falas do povo, isto, pelo que abaixo se transcreve do já citado *Regulamento para o Exército*, etc., e, também, porque se sabe que em tempos idos os soldados, além de outras condições físicas, precisavam ter «bom dente» para *morder* o cartucho ao utilizá-lo, visto ser de papel e não metálico como é hoje.

Mas, actualmente, ainda ao soldado se exige «bom dente», embora por motivo muito diverso. É que, além dos benefícios de uma boa mastigação, os dentes, especialmente os incisivos, tornam-se necessários para segurar o tubo da máscara anti-gaz. Foi assim, pelo menos, durante a Grande Guerra com a máscara então usada.

Eis a transcrição:

«..

CAPÍTULO VII

Do manejo das armas

§ VII

Pegar no cartuxo ([1]) — *Dous tempos* — No primeiro leva-se a mão direita à cartuxeira, ou patrona pelo mais breve caminho, bate-se sobre ella e logo se tira hum cartuxo.

No segundo leva-se a mesma mão com o cartuxo, e o soldado o põe em distancia de meio pé da boca. (Pág. 98).

§ VIII

Morder o cartuxo — *Dous tempos* — No primeiro leva-se o cartuxo vivamente à boca, e se morde na extremidade.

No segundo rasga-se e torna o soldado a pollo na mesma distancia a quasi meio pé da sua boca. (Pág. 99).

....»

Estará aqui a origem das locuções? [Cp. a locução *(Andar) a toque de caixa*].

(Pôr) no ôlho da rua

O mesmo que *pôr fora de casa, despedir*, etc.

Cândido de Figueiredo, no *Novo Dicionário*, vol. II, pág. 286, já arquiva a locução s. v. *ôlho*. E nesta quadra popular recolhida por mim, também a locução se encontra:

«Senhora dona da casa,
A culpa é tôda sua:
Porque não pega num pau
E *põe* tudo *no ôlho da rua?*»

(Aldeia do Mato).

O falecido lexicógrafo S.or Oscar de Pratt, na *Revista Lusitana*, vol. XVI (1913), pág. 258, no artigo intitulado

---

([1]) O vocábulo assim grafado designa *frade da Cartuxa*. A grafia deve ser «*cartucho*, carga para espingarda ou peça». E daí *cartucheira* em vez de *cartuxeira*. (Vid. *Novo Dicionário*).

Notas à margem do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, traz o seguinte:

«**Ôlho da rua**, vem a ser o mesmo que *meio da rua*».

«Repolho em carne tão crua
que tôda a cozinha atrasa,
fora da ôlha da casa,
logo no *ôlho da rua*».

(Pinto Renascido, 188).

A locução corresponde a estoutras: *(pôr) no andar da rua* e *(pôr) no meio da rua*. Têm equivalentes.

Cfr. as cantigas:

«Amor, se não era
De vontade tua,
Porque me não *punhas*
No andar da rua?» (1).

(Baixo-Alentejo).

«Não venhas à minha casa,
Que eu também não vou à tua,
E logo que eu lá fôr,
Põe-me no meio da rua» (2).

(Alentejo).

Quebrar os olhos

É uma imagem bonita, uma maneira de dizer muito curiosa da nossa gente, esta, de *quebrar os olhos* que registo, por saber-se que na acepção geral *quebrar* é *reduzir a pedaços; fragmentar, partir*, etc.

Porém, no exemplo que segue e os leitores dos *Retalhos* vão ter ocasião de observar, deve significar aproximadamente: *fazer ciúmes; arreliar*, etc.:

«Não canto por bem cantar,
Nem por boa fala ter;
Canto só para *quebrar os olhos*
A quem me não pode ver».

(Redondo).

---

(1) *A Tradição*, n.º 3, ano 3.º, Março de 1901, pág. 32.

(2) Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, vol. III pág. 216.

Na Beira, segundo o falecido Mestre Teófilo Braga (vid. *Cancioneiro Popular Português*, vol. I, pág. 2), cantam esta variante:

«Não canto por bem cantar,
Nem por boas falas ter;
Canto para *cegar olhos*
A quem me não pode ver».

(Beira).

Vem nesta cantiga popular a mesma imagem, vestida doutra maneira:

«Não canto por bem cantar,
Nem por boa fala ter;
Canto para *fazer raivar*
A quem me não pode ver».

(Serpa).

(*Fazer raivar*, enraivecer; enfurecer, etc).

Em Trás-os-Montes, segundo D.or Pires de Lima (vid. *Cancioneiro Popular de Vila-Real*, 1928, pág. 92), anda a variante seguinte:

«Eu não canto por bem cantar,
Nem por boas falas ter:
Canto só *pra meter raiva*
A quem me não pode ver».

(Vila-Real).

Agora, mais algumas quadras populares, no mesmo género, variantes:

«Não canto por bem cantar,
Nem por ter fala bastante;
Canto por *fazer o gôsto*
A quem me pede que cante» (1).

(Baixo-Alentejo).

---

(1) Brito Camacho, *Gente Rústica*, pág. 186.

«Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo,
Canto por *espalhar mágoas*
Que trago no meu sentido» (1).

(Alentejo).

«Não canto por bem cantar,
Nem pelo bem que parece,
Canto para *aliviar*
Meu coração, que padece» (1).

(Minho).

«Não canto por bem cantar,
Nem por bem cantar o digo;
Canto para *aliviar*
Penas que trago comigo» (2).

(Beira).

E muitas mais variantes destas, poderíamos acrescentar às presentes, mas as publicadas bastam para provar que as cantigas populares correm de terra para terra, de região para região e, como já disse o ilustre Prof. Pires de Lima «o mesmo tema percorre Portugal em tôdas as direcções, variando de forma aqui e além». (*Ob. cit.*, pág. 8).

É o que se verifica nos exemplos agora publicados, sem dúvida curiosas modificações do mesmo tema.

Também conhecemos as locuções verbais *quebrar* (ou *partir*) *os dentes*, *quebrar* (ou *partir*) *as pernas*.

Tio, tia

Locuções de tratamento cujo uso o sábio Prof. Leite de Vasconcelos já assinalou em terras da Beira-Alta.

Mas usam-se também, com freqüência, na nossa província e, como ali, igualmente dirigidas às pessoas mais vélhas da terra, e do mesmo modo aos desconhecidos.

---

(1) Tomaz Pires, *ob. cit.*, vol. IV, respectivamente págs. 65 e 563.

(2) Teófilo Braga, *ob. cit.*, vol. I, pág. 2.

Assim, é usual ouvir-se:

— «*Ti Zé, ti Manel*, etc.».

Ou então:

— «Ó *ti* do carro, *arrime* lá *p'rá drêta, par'ê* passar».

— «Ó *ti* dos ovos, a como os vende?»

O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo, regista o vocábulo, como popular, nesta mesma acepção: «tratamento, que se dá aos homens de idade e àqueles de que se não sabe o nome».

No entanto, em Portel e outras localidades do Alentejo, também assim são tratados os conhecidos, mesmo sem serem homens de muita idade, como prova esta frase por mim ouvida:

— «Ó *ti* Limpinho, *dêxe-me ver* cinco cigarros».

A-propósito do caso devo ainda falar do costume dos *filhos* dos *padres* chamarem *tios* (e *padrinhos*) aos *pais*; costume que julgo geral, ou quási geral, em todo o país, e a êle fazem alusão estas cantigas populares:

«O rouxinol, *cando* canta,
No meio dá um assobio,
Como o *filho* do *vigairo*
Que chama ao *pai*, — *sinhor tio*» (1).

(Norte).

Variante:

«Que passarinho é aquêle
Que além deu um assobio?
É o *filho* do senhor *padre*
Que chamou ao *pai* seu *tio*» (2).

(Beira).

«Ailé,
Cascais,
Todos os *filhos* dos *padres*
Chamam *padrinhos* aos *pais*» (3).

(Alentejo).

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal* (1882), pág. 261.

(2) Teófilo Braga, *ob. cit.*, vol. I, pág. 32.

(3) Tomaz Pires, *ob. cit.*, vol. IV, pág. 279.

Mas tão *curioso* costume não é só de uso em Portugal, tem também o seu emprêgo em Espanha, onde o ilustre escritor alentejano, D.or Brito Camacho, com a sua costumada ironia, o notou desta maneira:

....

— «Calle de los *Abades!*

Esta rua tem uma certa nomeada, talvez menos por ter havido ali umas termas, do que ainda resta a amostra, do que por ser a única rua de Sevilha onde as crianças não têm *pai!*

En la Calle de los *Abades*
Todos han *tios*, ningunos *padres;*
Los *canonigos* non tienen *hijos*,
Los que tienen en casa son *sobrinicos*» (1).

....

Compare-se o «Retalho» *Mano, mana.* (Vid. *Aditamentos*).

Trocadilho

É, como se sabe, e segundo a definição do ilustre e falecido dicionarista Cândido de Figueiredo, o «uso de expressões ambíguas; jôgo de palavras, por ornato ou por gracejo». (Veja-se *Novo Dicionário*, vol. II, pág. 865).

Na linguagem popular e, especialmente nas cantigas, são os *trocadilhos* de muito uso e de grande efeito.

Queira o leitor observar os seguintes muito interessantes:

«Se fores colhêr *melindres*,
Colhe-os rentinhos do chão;
Ingratidões do meu bem,
Para mim *melindres* são» (2).

(Alentejo).

Variante:

«Quando colhêres *perpétuas*,
Colhe-as rentes ao chão;
As tuas ingratidões
Para mim *perpétuas* são».

(Montemor).

(1) Brito Camacho, *Longe da Vista* (1918), pág. 26.

(2) Tomaz Pires, *Cantos Populares Portugueses*, vol. II, pág. 134.

«Não há flor como o *suspiro*,
Que nasce do coração;
Se tôdas as flor's se vendem,
Só os *suspiros* se dão» [1].

(Alentejo).

Variante:

«O *suspiro* é uma flor
Cá p'ra minha 'stimação;
Tôdas as flores se vendem,
Só os *suspiros* se dão».

(Reguengos).

«Fui ao jardim das *felores*
Colhi uma *paciência;*
Nossa Senhora ma dê,
P'ra sofrer a tua ausência» [2].

(Alentejo).

Variante:

«Fui ao campo colhêr flores,
Colhi uma *paciência;*
Pedi a Deus que ma desse,
P'ra viver na tua ausência» [1].

(Idem).

Mas com a palavra *pena* são os *trocadilhos* mais freqüentes. Esta mesma observação já a fêz o S.or D.or Cláudio Basto, nas *Flores de Portugal.* E, sem dúvida, assim é. Quem não conhece as cantigas seguintes, cantadas de norte a sul do nosso país? Ei-las:

Com *pena*, peguei na *pena*,
Com *pena* de não te escrever;
Com *pena*, deixei a *pena*,
Com *pena* de te não ver [3].

Se eu soubesse, na verdade,
Que alcançava o teu sentido,
Mandava fazer umas asas
Das *penas* que eu tenho tido.

Se eu soubesse que, voando,
Alcançava o meu desejo,
Mandava fazer as asas,
Que as *penas* são de sobejo.

O papel em que te escrevo
É a palma da minha mão:
A tinta sai-me dos olhos,
A *pena*, do coração.

---

(1) O mesmo, *ob.* e *vol. cit.*, págs. 146 e 134, respectivamente.

(2) Idem, *ibidem*, vol. I, pág. 62.

(3) Tem muitas variantes.

PARTICULARIDADES GRAMATICAIS

Andær

É como da bôca da gente do campo se ouve vulgarmente a pronúncia de *andar*.

Se os alentejanos, especialmente os do Alto-Alentejo, os dos concelhos de Borba, Redondo e Montemor-o-Novo, forem chamados a dizer do uso da pronunciação citada, comprovarão em seguida como sendo das *falas populares* das suas regiões, frases como:

— «*Ê* cá nunca *andive* à escola, por isso *nã sê* ler».

— «Eu e o *Chico andivemos onte tod'ô* dia *ós* ninhos, e eu *achi* um com três *pássaros*».

— Etc.

Logo, não é de uma nova acepção do vocábulo ou de significado diferente ao geral, que vou tratar: é, antes, da maneira interessante como a gente do Alentejo, que desconhece as regras da gramática — sabe Deus se com algum benefício! — «conjuga» o verbo *andar*.

Da *Revista Lusitana*, vol. XXV, correspondente aos anos 1923-925, pag. 68, — pois o caso já fôra por mim apontado então — transcrevo o que ali disse (s. voc. *andar*) acêrca do mesmo verbo:

— «Como no Alentejo se faz a «conjugação» do verbo *andar:*

Imperfeito do indicativo	**Perfeito definido do indicativo**
Eu *andœva*	Eu *andive*
tu *andœvas*	tu *andivestes*
êle *andœva*	êle *andêve*
nós *andœvamos*	nós *andivemos*
....	....
êles *andœvam.*	êles *andiveram.*

Mais que perf. do ind.	**Imperf. do conj.**	**Futuro do conj.**
Eu *andœra*	Eu *andœsse*	Eu *andœr*
tu *andœras*	tu *andœsses*	tu *andœres*
etc.	etc.	etc.

Os outros tempos são regulares. Não menciono a segunda pessoa do plural, porque não se emprega. Represento por *œ* um som intermédio entre *a* e *e*, por assim me parecer a melhor forma de indicar a pronunciação dêste verbo.

É comum assim no distrito de Portalegre, e já no concelho de Borba, o que mais se aproxima daquele distrito».

Os verbos *haver*, *trazer*, *pôr* e *dispor* têm igualmente particularidades curiosas nas suas respectivas «conjugações».

A linguagem popular, e talvez mòrmente a alentejana, emprega grande número de desobediências às regras gramaticais que também, por interessantes, a seu tempo espero apontar.

O verbo "pôr„

Êste verbo tem também, nas *falas populares*, algumas formas verbais diferentes das usadas na linguagem culta e que a gramática preceitua.

No Alto-Alentejo (concelho de Portalegre) e no concelho de Borba, que eu saiba, a gente do povo «conjuga» o referido verbo — nos tempos que se seguem, visto os restantes serem regulares — desta maneira:

Perf. def. do ind.	**Imperf. do conj.**	**Futuro do conj.**
Eu *pus*	Eu *pôsse*	Eu *pôr*
tu *pôste*	tu *pôsses*	tu *pôres*
êle *pôs*	êle *pôsse*	etc.
nós *pômos*	nós *pôssemos*	
....	....	
êles *pôram.*	êles *pôssem.*	

Como já disse no verbo *andœr*, neste verbo também não indico a segunda pessoa do plural, porque não se emprega na região alentejana.

O verbo *dispor* ouve-se muitas vezes como se fôsse *disponir* (ou *desponir*).

Num estabelecimento da minha terra (Portel) ouvi a um homem da frèguesia de Amieira a frase seguinte:

— «*S'ê aldemenos* pudesse *disponir* da parelha, *àmanhéim* ia a *Moira!*»

Não ouvi ainda êste verbo noutra flexão verbal que não a apontada, que também é de uso em Borba.

No latim há *disponere* donde veio *dispor;* na antiga linguagem portuguesa ocorreu *despoer* ou *dispoer*, com igual significação.

Repetição enfática de "que,,

O «Retalho» de hoje foi sugerido pela observação feita pelo S.or D.or Cláudio Basto, distinto filólogo, nas *Flores de Portugal* — «Colecção de cem das mais lindas cantigas do Povo Português» — 1926, pág. 16, na quadra seguinte, ao notar a repetição enfática de *que:*

«Quem diz que uma saüdade
Que não chega ao coração,
Tome amores, viva ausente,
— Saberá se chega ou não!»

Nota-se fenómeno igual nestas duas quadras alentejanas:

«Que ausência tão custosa
Qu'eu agora vou a ter:
Foi-se o meu amor embora,
Tanto tempo sem *no* ver!»

(Aljustrel).

«Que lindo botão de rosa
Qu'eu tenho à minha direita:
Que sombra *que* 'stá fazendo,
Que lindo cheiro *que* deita!»

(S. Marcos — Reguengos).

E para terminar ainda esta, embora a repetição ali seja necessária, pois equivale a *isto, isso, aquilo, aqueloutro* — *que sim e mais (mas) que também*, etc.:

«Não me meta o pé por baixo,
Que me suja o meu *asseio*,
Ao depois não vá dizer
Que tal, *que* sim, *que* foi, *que* veio» (1).

(Estremadura).

---

(1) Tomaz Pires, *ob. cit.*, vol. IV, pág. 246.

Tocar e Mexer

Eis dois verbos de acepções bem conhecidas, que não viriam a ser «retalhados» aqui, se, a seu respeito, não corresse no *diz-se*... de uma certa vila do nosso distrito (Évora), o seguinte:

Alguém — oculta-se o nome para evitar o natural melindre — tinha em casa uma *governanta* a quem se ligou mais tarde pelos sagrados laços do matrimónio.

É conveniente, também, saber-se que êsse alguém, pela sua posição, pelos seus haveres, era considerado na vila como de categoria mais elevada que a da sua nova consorte, que, embora boa mulher de sua condição, tinha igualmente aos «olhos do marido» o mesmo defeito: *não ser fôrma do seu pé!*

Acrescia ainda ser a pobre mulher analfabeta, e o marido, que a todo o momento se sentia aborrecido e vexado por êsse motivo, pensou em lhe ministrar as primeiras letras, esquecendo-se — coitado! — que *burro vélho não aprende linguagem.*

E foi o caso...

Depois de alguns meses de beneditina paciência, supunha o «bom marido» que sua mulher já fazia bela figura no «falar e escrever».

Enganava-se, como se vai ver.

Um belo dia — dia de Festa — encontrava-se o casal à mesa, juntamente com alguns convivas.

O marido, emquanto se servia a sopa, ia apontando os prodígios feitos por sua mulher na aprendizagem das letras, e principalmente na gramática. Notou — pretexto apenas para exibição — que na mesa faltava determinado objecto. Logo acêrca da falta interrogou a mulher.

Esta, comovida com os elogios ouvidos, depois de mais uma vez preguntada a respeito do objecto que faltava, respondeu:

— «*Ê nã sê onde tá; ê cá nã le tuqui...*»

O «bom marido», incomodado com o que acabara de ouvir — e não era para menos — sabe-se que muito lamentou não ser aquêle o momento próprio para nova lição; no entanto, sempre lhe disse:

— «Minha filha! bem sabes que não é *tuqui*, mas sim toquei que se deve dizer! Não é assim?!...»

— «Pois! — lhe diz a mulher, embora desgostosa com a recomendação — *Seje* como fôr; o *qu'é* certo é *qu'ê nã le mexei*».

!?...

Fácil é supor, nesta altura, como o marido ficou — tanto mais que os convidados, a-pesar-dos esforços feitos, riram um pouco — e, passado o triste momento, voltando-se para a mulher a repreendeu severamente, depois de haver pedido muitas desculpas aos convidados, pelas tolices ouvidas, desabafou:

— «Que mal empregado tempo em que tive a paciência de te ensinar!... Então, minha estúpida (note-se o carinho de agora), não sabes que não é *mexei* mas sim mexi que se deve dizer?!...»

— «Ah!... sim!... Pois *vai à fava* mais a tua gramática, *qu'ê nã* quero mais aprender! — «*Antão cando* disse *tuqui*, não era *tuqui* era toquei; agora digo *mexei*, não é *mexei* é mexi!?...» Quem te percebe!?... *Ê* cá não!... *Ê* cá não!...»

E diz-se também, o que não admira, que a partir dêsse dia não mais houve lições; não mais houve mestre e discípula. Houve, sim, e por muito tempo, marido e mulher.

E foi desta maneira, tão estrondosamente, que acabou a obra de caridade, que o «bom marido» havia querido praticar.

Como êste «Retalho» mais parece uma história que outra coisa, vou terminá-lo como elas muitas vezes terminam:

«Vitória, Vitória,
Acabou-se a história».

VOCABULÁRIO

A

◉ **abastida,** barulho, ruído, etc. (Serpa).

◉ **aboa-à-nova,** o mesmo que ◉ *aboa* ou ◉ *aboínha* (borboleta branca, que o povo na sua simplicidade rude crê ser portadora de felicidade). É forma popular de *boa-nova.* (Cp. *bruxa* ou *má-nova*). (Distrito de Évora).

◉ **abusinhão,** passagem mal dada na roupa. (Vid. *coneta, chumelão* e *supilho*). (Évora).

◉ **acabantes,** não só; em vista de, além de, etc.

— «*Acabantes* pôrem-me com a casa, *inda* me põem a tratar dos filhos!» (Serpa).

◉ **aceitosa.** Diz-se da pessoa que gosta de aceitar; da pessoa metediça, que come aqui e acolá.

— «Aquela minha prima é *munto aceitosa: máli* se *l'ofrece* o cafézinho, nunca diz que não». (Montemor).

◆ **achegas.** Os forros, botões, etc., precisos para um fato. (Cp. *entretengas*). (Vid. *bronzelas*).

— «Trago só a fazenda, agora as *achegas* compre-as *vòmecêi,* e diga *canto éi...*» (É têrmo usado pelos camponeses dos arredores de Évora).

◉ **acòlmado,** acogulado, com cogulo (uma medida).

— «Leve os cinco litros de cevada, *qu'êles tã béim acòlmados*». (Mértola).

◉ **açorda-mona,** açorda (alentejana) que não leva peixe, ovos ou qualquer outro acompanhamento. (Cabeça-Gorda, conc. de Beja).

Sinais e abreviaturas:

◉ Êste sinal indica que os vocábulos se não encontram registados no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (3.ª edição — 1922).

◆ Êste, que os vocábulos já se encontram registados no referido *Dicionário,* mas com significação diversa.

As abreviaturas empregadas são as de uso em trabalhos desta natureza.

— Em Portel chamam-lhe ◑ *açorda-cega*; em Arraiolos, ◑ *açorda-solteira*.

♦ **açougue**. Em vários jogos de rapazes, o local onde os jogadores podem estar sem perigo de perder. (Reguengos).

◑ **adecoras**, salamaleques; mesuras exageradas; cumprimentos afectados. Atenções, etc.

— «Eu com êles não ando com tantos *adecoras*...» (Da loc. adv. *de cócoras*?) (Serpa).

— Corresponde ao provincianismo trasmontano *adéveres*, e ao têrmo minhoto *adevidos*, que significam: atenções, honras, deferências, etc. Estes dois vocábulos já estão arquivados no *Novo Dic.*, vol. I, pág. 38.

◑ **aferidar**, dar com intimativa ao cão a voz de *ferido*, para êle ir cobrar a caça, isto é, buscá-la. (Da rev. *A Tradição*?) (É têrmo de caçador usado em Serpa).

♦ **aflito**, enterite infantil. (Beja).

♦ **aguada**, pequeno descanso de um quarto de hora, que o *manageiro* dá aos trabalhadores para estes beberem água, fumar, etc. (Dist. de Évora).

♦ **agulhas**. É como em Évoramonte são conhecidos os dois ramos de *piorno*, entrelaçados, que seguram e terminam a cobertura das *serras* de palha.

♦ **agulheiro**, canal, estreito e profundo, feito nos fornos de carvão, para a saída do fumo. (Portel — Usado em Viana do Alentejo).

◑ **alcalharazes**, vestes de padre, e por extensão assim designam também as saias.

— «O padre logo que viu o boi, arregaçou os *alcalharazes* e desatou a fugir...» (Serpa).

— É provável que o vocábulo seja alteração do têrmo antigo *algaravazes*, que significa «orla ou fímbria de vestido talar». (Vid. *Novo Dic.*, vol. I, pág. 79).

◑ **alcusa**, o mesmo que *almotolia*. (Mina de São Domingos, Mértola).

◑ **alimpante**, guardanapo ou rodilha com que a gente pobre se *alimpa* à mesa. O mesmo que *andante*. (Vid. *limpante*). (Pavia, conc. de Mora).

— O têrmo é também usado em Évora e Reguengos.

◑ **almêcega**, lamaçal; atoleiro, donde os carros saem a custo. (Safára, conc. de Moura).

◑ **altingénio**, altercação; discussão azêda; declaração de acusações, etc. Também dizem: *altangénio* e *altengénio*.

— «Fêz um *altingénio c'o* sogro, *cudando qu'êle* é que tinha avisado a filha». (Reguengos).

altrafiscos, alfaias agrícolas: «os *altrafiscos* da lavoura». (Serpa).

— O mesmo que *òcharia* ou *ucharia* de outras localidades.

amola, o mesmo que *amolação*. Acto de amolar.

— No Alentejo é conhecida por *hora d'àmóla* a hora de descanso que os trabalhadores têm na *tirada* da cortiça, para amolar as machadas. (Portel e Évora).

amòstar-se, apregoar-se. Ser proclamado noivo, à hora da missa, pelo prior da frèguesia. (Redondo).

anafe? Fornalha de cozinha? (Serpa).

andalão, que anda muito. (Cp. *risão*). (Mourão).

andante. É assim conhecido o único guardanapo que em casa de gente pobre é utilizado à mesa, e certamente por *andar* de um para outro lado, de mão em mão. (Vid. *alimpante*). (Reguengos, Évora e Mora).

angonais, petrechos com que o animal de carga trabalha ao *engenho* da nora para tirar água. (Reguengos).

apatuscos. Como são conhecidos o fuzil, pederneira e isca.

— Os *apatuscos* são usados pelos camponeses alentejanos e guardados por estes na *fuzileira* de cabedal, sempre artistìcamente feita. (Portel — Usado em Viana).

— Em Montemor-o-Novo chamam-lhe *apetiscos*.

— Note-se que *petisco*, como têrmo geral, é o «fuzil para ferir lume na pederneira». (C. de F., *Novo Dic.*, vol. II, pág. 407).

aproveitadeira, o mesmo que *serra* (instrumento). É têrmo popular? É gíria? (Baixo-Alentejo).

arregoão, montículo de terra (com várias grêtas) soerguido pelo desenvolvimento duma *cilarca*. (Portel).

ar(re)quiz, pernada de árvore a que cortam a rama, e costumam tanchar no chão, à frente da cabana, servindo para pendurar chocalhos, coleiras, etc. (Safára, conc. de Moura).

— Segundo o que se lê no interessante livro *Gente Rústica*, pág. 83, parece que também no Baixo-Alentejo chamam *arquiz* «a uma pequena cabana que aos pastores serve de arrecadação».

— «Quási não se lobriga um *monte* habitado na vasta extensão que os nossos olhos percorrem, sem encontra-

rem alguma coisa em que repousem, uma árvore que ofereça a sua parca sombra ou liberalize o seu fruto rústico, pelo menos a malhada dum pastor, com o seu *arquiz* à frente, servindo de arrecadação».

◑ **assuísse**, berraria, barulheira, vozearia, etc. (Portel — Usado em Campo Maior).

◑ **atavário**, fúria, veneta. (Serpa).

♦ **avaria**, acto de coragem, de habilidade, etc. Proeza extraordinária. O mesmo que *áfrica* ou ◑ *agüidade*. (Portel).

— No *Novo Dic.*, como têrmo de Ílhavo, tem a acepção de: *cabriola*, *palhaçada*. (Vol. I, pág. 221).

B

◑ **babana**, ou **babanas**, homem aparvalhado, sem vontade própria, que se deixa sugestionar por todos. Palerma; tolo; piegas. O mesmo que *babanca* ou *babancas*, ou ainda *basbana*, já registados no *Novo Dic.* (Colhidos em Montemor — Usados em Évora).

♦ **bachareleiro**. Diz-se da pessoa que conta tudo o que ouve, incapaz de guardar um segrêdo. Bisbilhoteiro. (De *bacharel?*)

— «Nunca fui *bachareleiro*, tudo que me contam aqui fica!» (Montemor).

◑ **bacoreira**, mulher gorda e pouco asseada. (Évora).

— Já foi coligido por T. Pires.

◑ **baetas**, brinde, que os padrinhos do baptismo dão às mãis ou às crianças. É têrmo antigo, só usado no plural. (Évora).

♦ **balde**, forquilha grande com seis dentes, destinada sòmente ao *carrêgo* da palha. (Mora e Reguengos).

◑ **baldrugueira**, o mesmo que o seguinte. (Beja).

♦ **bandoleira**, bisbilhoteira; intriguista, etc. (Vid. *bilhardeira*). (Montemor).

♦ **banho**, pedaço de pote de barro que se coloca atrás do lume para o fumo não ennegrecer as paredes da chaminé. (Vidigueira). (Vid. *boneca*).

1. ♦ **baralha**, metade de um cortiço, no sentido longitudinal, onde os pastores (ou nos *montes*), guardam os queijos. *Fig.*: Homem mal arranjado no vestuário. (Reguengos e Mourão).

— O S.or D.or Leite de Vasconcelos recolheu no Alandroal o mesmo têrmo, significando: «prateleiro de cortiça com canas, para pôr os queijos a secar». *(Rev. Lusit.)*.

2. ◆ **baralha**, recipiente de cortiça onde nos *montes* é guardado o sal. (Reguengos).

◆ **barrão**, nuvem muito escura, anunciadora de chuva.

— «Assim que vi aquêle *barrão*, vi logo *munta fôrça* d'água!» (Portel).

◆ **barrete**, o mesmo que *êrmo* (crosta escamosa que se forma na cabeça das crianças de mama). (Évora e Reguengos).

— Em Portel esta crosta é conhecida por *musgo*; em outras localidades por *gusmo*.

◉ **barriga-negra**, o mesmo que *zorzal* (ave). (Mértola).

◉ **beldegueira**, mulher que vai a tôdas as festas, que nenhum divertimento lhe escapa. (Colhido em Montemor, onde é usado em sentido pejorativo).

◉ **belharócas**, covas feitas pela acção do tempo (chuva, etc.) e onde se acolhem animais. (Cabeça-Gorda, conc. de Beja).

◉ **berbaterno!** *(por)*, — interjeição. — Valha-me Deus! Bolas! (e outras designativas de contrariedade).

— «Por *berbaterno!* o que êste rapaz aqui fêz!» (Serpa).

◉ **bertoldinho**, indivíduo muito fraco, raquítico. (Cabeça-Gorda, conc. de Beja).

— Comparem-se os vocábulos *bertoldo* e *bretoldo*. O primeiro, arquivado por C. de F., no *Novo Dic.*, como *prov. transm.*, na acepção de: *brutamontes*; *palerma*. O segundo registado por A. Tomaz Pires, no *Voc. Alentejano*, com a significação de: *homem baixo e gordo*.

◉ **berundongas**, medicamentos caseiros, mèzinhas. (Reguengos).

◉ **bicho-tesoura**, insecto, também conhecido por *bicha-cadela*, *rapa*, *rapalhão*, *rapelho*, etc. (Viana do Alentejo).

◆ **bilhardeira**, mulher de costumes ordinários, de pouco valor moral. (Évora)

— Em Beja, porém, significa: «mulher de mau génio, sem contudo ser desonesta».

— Na Madeira, segundo C. de F., define: «mulher enredadeira, mexeriqueira».

◉ **bisbiu**, buraco pequeno; rasgão pequeno num tecido.

— «Vai começar a romper-se o casaco: já tem um *bisbiu* na manga». (Colhido em Évora — Usado em Serpa).

◆ **biscoiteira**, mulher mexeriqueira, enredadeira. (Vid. *baldrugueira*). (Évora).

◉ **bisgaia**, indivíduo *vesgo*; zarolho. (Mora).

bistonto, palerma; tolo; pateta. Indivíduo meio tonto e de modos grosseiros. (Vid. *babana*). (Serpa).

bolandeja, argola de ferro, achatada, que se aplica nos eixos de madeira dos carros alentejanos, para evitar que a *maça* da roda gaste os *limões*.

—Em Alandroal, segundo o S.or D.or Leite de Vasconcelos, chamam-lhe *burlandêra*. (Colhido em Montoito —Usado em Reguengos e Redondo).

bolieira, mulher que vai fazer bôlos a casas particulares, em ocasião de festas. (É têrmo antigo). (Portel).

bombinho, tubo de borracha, para passar vinho ou outros líquidos, de uma vasilha para outra. (Idem).

boneca, guarnição de tijolo nas chaminés, que se caia de côr mais escura; tem o fim de evitar que a chama do lume queime e ennegreça o resto da chaminé. (Portel).

—Nalguns pontos do Alentejo chamam-lhe *frade;* no Algarve, *sempre-noiva*. (L. de Vasconcelos). (Vid. *banho*).

—O nome de *boneca* vem-lhe certamente da semelhança que de ordinário tem com uma figura humana.

bonecreiro, homem, que antigamente na cidade amortalhava defuntos, despachava enterros, etc. (Têrmo antigo de Évora).

bonina, mordedura de bicho (?) —Espécie de cancro (?) — (É têrmo popular). (Serpa).

boquejadura, suspiro do moribundo: «deu a última *boquejadura* às oito da noite». (Idem).

botarego, poste de alvenaria para amparar uma parede pouco firme (em solidez). *(Botaréu?)* (Granja, Mourão).

boteto, indivíduo baixo e muito gordo. (Colhido em Évora —Usado em Serpa).

brèjoeiro, pequeno *brejo* (pântano). *(Brejeiro?)* (Gavião).

brincadouro, ou **brincadoiro**, brincadeira (de crianças): «é a tôda a hora um *brincadouro* pegado!» (Vid. *corremaça*). (Montemor).

brincos-de-princesa, fúcsias (flor de cálice branco e corola côr de rosa). (Dist. de Évora).

brincos-de-rainha, fúcsias (flor de cálice vermelho e corola roxa). (Idem).

brinquedos, amoras de silva. (Mora).

bronzelas, botões de metal (das calças). (Vid. *achegas*).

O conjunto de botões, fivelas, colchetas, etc.: «o fato *pra tar* pronto só *le faltom* as *bronzelas*». (Serpa).

bruxa, borboleta (nocturna) de côr escura. (Cp. *aboa-à-nova*). — O *Novo Dic.* regista o têrmo como brasileiro. É também usado no Alentejo (Portel e Beja).

◆ **burjaca**, bôlsa de couro usada pelos aceifadores, e onde estes trazem os *apatuscos*, papel e tabaco. É utilizada para evitar o uso do colete, que neste serviço produz muito calor, já pela época de verão, sempre muito quente no Alentejo, já pelo fatigante trabalho que é a ceifa. (Colhido em Évora).

1. ◆ **burra**, queixada de porco, que os rapazes no Alentejo, com grande aprêço, comem assada sòmente com sal. (Portel — Usado em Reguengos).

2. ◆ **burra**, tufo produzido em qualquer peça de roupa por imperfeição do corte. (Cp. *abusinhão* e outros).

— «O colete *nã* asssenta *béim*: faz *burras* aqui *adiente!*» (Montemor).

C

◉ **cabanejeiro**, aquêle que transporta os *cabanejos* de uvas na época das vindimas. (Évora).

◆ **cabéços**, cepas de urze. É palavra quási só usada no plural. (Beja).

◉ **cabouqueira**, o mesmo que *cabeça*. (É têrmo popular). Às vezes empregam o têrmo significando *inteligência*, *tino*, etc.

— «O *tê* rapaz sempre teve *cabouqueira prás* letras, *nã ademira* que faça boa figura!»

— É também corrente a pronúncia *cabòquêra*. (Colhido em Portel — Usado em Vidigueira).

◉ **caçapira**, o mesmo que *caçapeira* (lugar onde està a *ninhada de caçapos*). (Serpa).

◉ **cacarouco**, esqueleto de ave (galinha, perdiz, etc.) ainda com alguma carne.

— «Comeu a galinha *cais* tôda: só *le dêxou* o *cacarouco!*» (É têrmo familiar colhido em Évora).

◉ **cachamela**, o mesmo que *cachamorra* (pau com moca). (Gavião).

◉ **cachamelo**, rapazote, fedelho, *cachopo*. (Évoramonte).

◆ **cachorros**, ou **cachorrinhos**, espécie de alicates, que antigamente punham nas orelhas (sobretudo nos pavilhões) dos presos para dêles obter a confissão dos seus presumíveis delitos. (Portel).

◆ **cadela**, banco rústico de três pés, feito de pernadas de azi-

nheira ou de sobreira, e de que os trabalhadores rurais se servem quando nos trabalhos do campo. (Colhido em Cabeção, conc. de Mora — Usado em Lavre).

— Noutras localidades chamam-lhe *burro, cavalo,* etc.

caga-azeite, o mesmo que *libélula* ou *libelinha*. É ortóptero também conhecido por *donzelinha*. (Portel).

caga-lume *(pirilampo* ou *vaga-lume)*. (É têrmo plebeu já arquivado por C. de Figueiredo). (Évora).

— Êste insecto é igualmente conhecido pelos nomes seguintes: *abrecu* (prov. dur.), *arancu* ou *arincu* (prov. trasm.), *ar-em-cu* (prov. alent.), *avincu* (prov. trasm.), *caga-fogo* (t. bras.), *luzecu* (t. pop.), *luzecuco* (prov. alg.), *luz-em-cu* (prov. alent.), *luze-luze* (t. pop.), *luzica* (prov. minh.), *luzincu* (prov. minh.), *pastorinha* (prov. trasm.), etc. (Vid. *Novo Dic.*).

♦ **caiar** *(bôlos)* — *Fig.* — Meter bôlos em calda de açúcar, para ficarem brancos. As *cavacas*, os *cacharros*, etc., são *bôlos caiados*. (Évora).

càipéça, o mesmo que *peça;* queda, trambolhão, *cambalhota*, etc. (Cp. *càpêço*).

— «Grande *càipéça* deu o *tê* rapaz *onte!*» (Portel).

caixilha, onça de tabaco espanhol, que antigamente se vendia no Alentejo (como contrabando, evidentemente). (Idem).

calcanhar-de-São-Pedro, pão. (É têrmo popular).

— «Ora vejam! já um *calcanhar-de-São-Pedro* custa quinze *testões!*»

— «Com *'ma gutinha d'azête* e um *calcanhar-de-São--Pedro* já a *gente* se governa». (Montemor).

calças-de-cuco, planta, o mesmo que *dedaleira*. (Montemor? Évora?).

calducho, sopa de pão com bacalhau (ou queijo e ovos, ou tudo misturado) e batatas. O principal tempêro é o poejo. (Colhido em Portel — Usado em Reguengos e no Baixo--Alentejo).

♦ **calhandra**, mulher pouco asseada. O mesmo que *jaronda, bacoreira*, etc. (Cp. *calhandro*). (Gavião).

— No plural significa: tacto, juízo: «não *téim mêmo calhandras néinhumas prô* serviço». (Reguengos).

calhandreira, bisbilhoteira. Intriguista.

— O *Novo Dic.* já regista o vocábulo como colhido em Turquel. É também usado no Alentejo (Portel).

◆ **calhandro**, bacia de cama, de barro ordinário. O mesmo que *basaréu*, ou *basarico*. (É têrmo plebeu). (Portel).

— A *obra citada* traz o vocábulo como geral, significando: «grande vaso cilíndrico, em que se juntam imundícies».

◎ **calharim-de-aldraba**, homem pequeno, *fraca-figura*. (É têrmo plebeu), (Serpa).

◆ **calmas**, *fezes*, incómodos, arrelias. Apoquentações, etc.: «descanse que *nã le* dou *calmas!*»

— Tem emprêgo figurado. (Serpa).

— *Ter calmas*, ter princípio de insolação. (Cabeça-Gorda, conc. de Beja).

◎ **cambaretas**. Usado na locução adv.: *(andar) às cambaretas*, andar com dificuldade, por motivo de embriaguez, de doença, etc. O mesmo que *(andar) aos tropos-galhopos*, *às cambaritas*, etc. (Montemor — Usado em Beja).

◎ **cambriâna**, o mesmo que *lavareda*.

— «O lume hoje *dêta* grandes *cambriânas*». (Colhido em Mértola).

◆ **camelo**, lã (fiada) de má qualidade; lã grosseira. (Serpa).

◎ **camila**, ou ◆ **camilha**, mesa redonda ou de forma octogonal, tendo *caixa* (lugar) para brazeira. (Baixo-Alentejo e Portel).

◎ **camisa do baptizo**, a pele (do corpo). (É têrmo popular).

— «Apanhou tanta, tanta chuva que até *le* chegou à *camisa do baptizo*». (Colhido em Évora — Usado em Montemor e Beja).

◎ **camisinho**, plastrão, que se usa para luto. (Gavião).

◆ **camisote**, peitilho com colarinho que se usa em cima das camisas vulgares ou em cima das camisolas. É usado principalmente pelo luto. (Cp. o têrmo anterior). (Portel).

◆ **candela**, o mesmo que *lumaréu*. (É têrmo popular). (Serpa).

◎ **caneto**, lápis de ardósia. (Colhido em Portalegre).

◎ **canzear**, escarnecer; *fazer pouco de*. Fazer escárneo de; tratar à moda de *cão*, etc.

— «Nunca perderás êsse hábito de *canzear* com as pessoas?...» (Colhido em Portel — Usado em Ferreira).

◎ **càpêço**, ardil; engano, dolo; falsa promessa. Calote. *Pregar o càpêço*, fazer partida, falsear (em amores). (Cp. *càipéça*). (Serpa).

◎ **capela-do-ôlho**, o mesmo que *pálpebra*. (É têrmo popular). (Portel — Usado em Serpa).

♦ **capuchinha**, espécie de candeia pequena. (Serpa — Usado em Elvas, segundo o S.or T. Pires).

♦ **carapela**, pele muito fina, que se cria sôbre as feridas. (Terá emprêgo figurado?) (Montemor).

◎ **carapola**. Diz-se da rapariga ainda nova, adolescente.

— «Minha mãi quando casou era ainda uma *carapola*». (Portalegre).

♦ **careta**, marca que os rapazes usam no *jôgo da semana*, e que serve para representar um jôgo ganho. (É riscada no chão e tem a configuração de uma circunferência atravessada por três ou quatro diâmetros). (Colhido em Lavre, conc. de Montemor).

♦ **careto**, o mesmo que *caturro* (pequeno cachimbo, grosso e curto). (Colhido em Beja — Usado em Serpa).

◎ **carne-de-cão**, homem desprezível. (É têrmo ofensivo). (Serpa).

◎ **carneiro-pai**, carneiro destinado num rebanho à cobrição. (Cfr. rev. *A Tradição*, vol. I, pág. 97 — Serpa).

◎ **carraponto**, ponto dado sem perfeição, passagem mal dada (na roupa).

— «*'Stive prāli* a dar uns *carrapontos* na roupa que os *mês* rapazes *hande* vestir *àmanhéim*». (Vid. *abusinhão* e outros). (Évora).

1. **carregadeira**, forquilha grande e com muitos dentes, para encher as rêdes de palha. (Vid. *balde* e *desmoinhadeira*).

— O *Novo Dic.* regista-o como têrmo das margens do Sado. É também usado no Alentejo (Mora e Reguengos).

2. **carregadeira**, impressão dolorosa de *pêso* (nos olhos, na cabeça). O mesmo que *carregação*.

— «Tenho uma *carregadeira* nos olhos, que mal os posso abrir».

— «Esta constipação tem-me dado uma grande *carregadeira* na cabeça». (Montemor-o-Novo).

♦ **carreiro**, grande quantidade de *aboizes* ou *boizes* (armadilhas para pássaros) armadas em linha (numa *carreira*). (Colhido no Gavião).

1. ♦ **casamento**, côdea, que se tira ao pão quando se enceta numa das *cabeceiras*. (Vidigueira — Usado em Beja).

2. ♦ **casamento**, passa de figo, tendo pedaços de noz dentro. (Reguengos).

◑ **catrimpónia**, lamparina alimentada a azeite, servindo para aquecer, durante a noite, águas, caldos, etc., para doentes. (Évora).

◑ **catrinetas**, ou ◑ **catrinotas**, flores da família das compostas, vulgarmente chamadas *maravilhas* (espécie de *malmequeres*). (Viana, Beja e Portel).

◑ **cavalo-padre**, cavalo padreador, reprodutor. (Cp. *carneiro-pai*). (Colhido em Safára, Moura).

◑ «**cavalo-roaz**, cavalo soberbo, por causa das éguas». (A. Bessa, *A Gíria Portuguesa*, pref. pág. XXVI). (Odemira).

«**charepe** — *Prov.* — Sujeito desavergonhado; bisbórria; garoto — *Prov. alent.* — Pequeno lavrador». (C. de F., *Novo Dic.*, vol. I, pág. 428). (Vid. *xarepe*).

— Na primeira acepção é usado em Portel.

«**cherém**, milho moído. Ignoro a etimologia da palavra e suponho-a de origem castelhana». (Mourão, segundo o S.or D.or A. Fortes). (Vid. *xerém*).

— Note-se a diferença de grafias.

◆ **chibato**, o mesmo que *susto*. (Vid. *sarote*).

— «Há-*des* ir comigo *pra Portéli*, se *nã* dizes onde *tá* a *'spingarda!*»

— «Sempre me meteu um *chibato* com aquilo!» (Portel).

◑ **chumelão**, remendo mal deitado, com muitas *conetas*. (É têrmo popular com emprêgo figurado). (Vid. *abusinhão*).

— «O remendo que *dêtáste* no colete de *tê* pai, é *mêmo* um *chumelão*». (Reguengos).

◑ **coneta**, o mesmo que *carraponto*.

— «*Nã sê com'éi* que *vòmecei*, mãi, ponteou as meias que *'stão* tôdas cheias de *conetas!*» (Portel — Usado em Évora e Serpa).

corremaça, ou **corrimaça**, corrida prolongada e insistente das crianças, nas suas *brincas*. (Vid. *brincadouro*).

— «Que tal tem sido a *corremaça* hoje!» (Dist. de Évora e Beja).

— O *Novo Dic.* regista o segundo têrmo como popular.

D

◑ **danço**, o mesmo que *balho*. Dança. (É têrmo popular). (Colhido em São Geraldo, conc. de Montemor).

◑ **dàroeira**, o mesmo que *aroeira* (lentisco?) (Baixo-Alentejo).

— «Duma vez puseram um coelho morto dentro duma *dàroeira*, e deram-lhe um lugar na linha, de modo que fôsse ter com êle». (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 45).

— Em Portel por *dàroeira* é conhecida uma árvore (brava) semelhante à ginjeira. Tem a raiz muito custosa de arrancar, e o *coração da madeira* encarnado.

◎ **debulhadeira**, máquina de debulhar cereais. O mesmo que *debulhadora*.

— Dizem *debulhadeira*, certamente, por analogia com *caminheira*, *ceifeira*, *enfardadeira*, etc. (Campo Maior).

debulhar *(a sangue)*. Diz-se da debulha feita com os animais, e não com a *debulhadeira*.

— «Êste ano faço a *debulha a sangue*; com as minhas bêstas me governo».

— «Penso *debulhar a sangue* a minha *cevada-aveia*». (Distrito de Évora).

1. «**derrengado**, solto, desprendido: *cabelos derrengados*. — Pendurado: *subiu à cerejeira, caiu e ficou derrengado da árvore*». (C. de F., *ob. cit.*, vol. I, pág. 591).

— Não conheço o vocábulo nestas acepções, mas sim nas seguintes.

2. **derrengado**, amoroso; enternecido. — «Em vendo os filhos, *stá* logo *derrengado* por êles». (Évora).

◎ **derrengueira**, preguiça; moleza. Prostação, etc. O mesmo que *derreeira*.

— «Em vindo o v'rão ando sempre com *derrengueira!*» (Colhido em Serpa).

◎ **derrenguice**, ou **derringuice**, acto ou efeito de *derrengueira*. (Idem).

— Um e outro têrmo são populares.

◎ **desabelhamento**, operação que consiste em fazer sair as abelhas dos cortiços que vão ser crestados. O mesmo que *desabelho*.

— «Perto da malhada procedia-se ao *desabelhamento* das colmeias a crestar, batendo o cortiço...» (B. Camacho, *ob. cit.*, pág. 16). (Baixo-Alentejo).

desadorado, aflito, angustiado, etc. (Reguengos).

— O *Novo Dic.* regista o vocábulo como têrmo bras. do N., significando: *atacado de dor violenta. Impertinente.*

♦ **desafôgo**, quintal pequeno. Varanda. Pátio, etc. (Tem emprêgo figurado?)

—«É *'ma* casa *picana;* e *pra* mais *nã* tem *desafôgo* nenhum!...» (Colhido em Évora — Usado em Montemor).

◒ **desalumiar**, ter muita amizade a; gostar muito de; etc. (Tem emprêgo figurado).

—«Só *desalumia* por ela, e por mais *nenguéim*». (Serpa).

◒ **desalvorido**, o mesmo que *desalvorado, desaustinado,* etc. (Colhido em Reguengos — Usado em Serpa).

— Há também, como se sabe, *desaforido, desalvoreado, desarvorado, desensofrido,* etc.

◆ **desbarbado**, farto, cheio de (em sentido figurado). *(Desbravado?).*

—«A água *tá desbarbada de* ferver». (Serpa).

◒ **desburcinar-se**, desbruçar-se ou assomar-se (à janela ou varanda) com a maior parte do corpo fora. O mesmo que ◒ *esbrucinar-se.* Também dizem ◒ *debrucinar-se,* e às vezes ◒ *desbruçar-se.* (Portel).

◒ **desburricar**, colhêr os ◒ *pés-de-burrico* (rebentos que nascem nos pés das oliveiras). (Colhido em Moura).

◆ **descabeçar**, ordenhar um pouco as têtas das cabras, ovelhas, etc., para não endurecerem. (Portel).

— O *Novo Dic.* regista o vocábulo como provincianismo sem localização, significando: *terminar (a mungidura do rebanho).*

◆ **descadeirar**, descompor; dar uma desanda em alguém, etc. (Fig.).

—«*Nã sê* o *qu'éi* que *le fazerom, qu'ela lá 'tava indàgora* a *descadeirar* nêles!...» (Colhido em Reguengos).

◒ **descandelecer**, dormitar. (É têrmo popular colhido no Redondo).

◆ **descarnado**, deshumano; cruel; que não tem carinho, etc.

—«*Nã* tem dó da pobre mulher, que *tá tã* mal; é *mêmo descarnado* de todo!» (Évora e arredores).

◒ **desconhar**, lavar muito bem (o corpo), desencrostar tôda a sujidade, etc.

—«O *picano* só hoje é que ficou *desconhado: taméim 'tava* cheio de *purquêra!*» (Colhido em Serpa).

◒ **descoraçanado**, desanimado, sem coragem, etc. (Forma popular de *descorçoado,* ou de *descoraçoado?).*

—«A *Jôquina do Esturra* ficou *descoraçanada* logo que soube da nova!» (Colhido em Serpa).

◆ **desdém**, coisa pequena, mimo: «assim é *mêmo* um *desdém!*» (Serpa). (Tem emprêgo figurado?).

◕ **desencasquear** (e der.), tornar branco (com lavagem) coisas ou pessoas. O mesmo que *desencascar*, desencardir. Lavar bem de modo a não ficar sujidade alguma, etc.

— «A roupa esta semana *nã* ficou *munto desencasqueada*». (Dist. de Évora).

◕ **desencòcar**, sair fora do seu lugar (ôsso, tendão, etc.). Deslocar. O mesmo que *desmantelar*.

— «Caíu da *olivêra pro* causa dos ninhos, e *desencòcou* um braço». (Portel).

◆ **desenviscar**, dissolver (referindo-se sòmente ao sabão).

— «A água salobra *nã desenvisca* o sabão». (Colhido em Montemor).

◕ **desfera**, veneta, ira, fúria, etc. (É têrmo popular).

— «*Debàxo* daquela *desfera* é capaz de matar um *home!*» (Serpa).

◕ **desmainar**, diminuir, enfraquecer (referindo-se ao calor). *(Desmaiar?)* (Portel).

◕ **desmancha-teimas**, cacete, bordão. (Idem).

◕ **desmoinhadeira**, forquilha com cinco ou mais dentes, com que se *desmoinha*. (Cp. *balde*). (Mora).

◕ **desnoca**, acto ou efeito de *desnocar* (partir, escangalhar).

— «*Onte* lá em casa — com a *bubida* — foi *'ma desnoca* completa!» (Portel).

◕ **desordear**, fazer desordem; *garrear*, etc. (Colhido em Serpa).

◕ **despés**, disparate; absurdo. Dispautério; tolice, etc. (É vocábulo só usado no plural). (Colhido em Reguengos).

◕ **despicadeira**, mulher que *despica*, que nunca fica calada numa zanga com outras mulheres. Que tem resposta sempre pronta para tudo. (Serpa).

◕ **destomar**, desengatar ou desatrelar (a parelha do carro).

— «Só teve tempo de *destomar* a parelha e *jentari*». (Portel).

«**destroxo**, disparate, parvoíce. Tolice». (É têrmo de Odemira). (C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, vol. I, pág. 637). (Vid. *despés*).

◕ **diorrinha**, pião pequeno. O mesmo que *piorra* ou *pilorra?* (Colhido em Portalegre).

◕ **discutimento**, discussão; altercação; disputa. O mesmo que *tens* e *desténs*. (É têrmo popular). (Campo Maior).

E

eireiro, aquêle que trabalha nas eiras. O mesmo que *eirante*. (Colhido em Montemor).

eirenho, o mesmo que o vocábulo antecedente.

— «A temporada das eiras! Como se o trabalho não fatigasse os *eirenhos*, com freqüência êles se entregavam à folia, depois da ceia...» (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 151). (Aljustrel). É também usado em Évoramonte.

embéque, coisa pouca, sobretudo referindo-se a restos de comida.

— «Ainda aqui *'tá* um *embéque* de açorda, na tijela... Podes comer!...» (Colhido em Évoramonte — Usado em Beja).

emma, tira? região? (O têrmo foi ouvido por mim na feira de Aires, Viana do Alentejo, na frase seguinte: — «*Leve o apêro, home, qu'éi da emma do lombo!...*»)

— É têrmo alentejano? Usado onde?

emmarouvado, adoentado. Enfraquecido pela doença. Triste, etc.

— «A doença deixou-o *emmarouvado pra munto tempo!*» (Dist. de Évora — Serpa).

— O *Novo Dic.* regista como prov. alent., nesta mesma acepção, o vocábulo *emmarouviado*. (Vid. *ob. cit.*, vol. I, pág. 697).

emmèziar, fazer queixa, lamentar? (Serpa).

empalhascar, tornar-se palha; endurecer o caule das gramíneas.

— «Esta ventania acama a cevada, e o pior é que já ia *empalhascando*». (Évora).

empapoilar-se, enfeitar-se garridamente; vestir-se com apuro. É vocábulo usado referindo-se sobretudo a raparigas novas.

— «Em chegando à tarde, põe-se logo à janela tôda *empapoilada!*»

— «A *Antónha da Horta ós* domingos sempre se *empapoila*». (Dist. de Évora e Beja).

empata-caminhos, o mesmo que *lôbo*. (É têrmo popular). (Colhido em Mértola — Usado em Serpa e Beja).

— Há também na linguagem popular o vocábulo *empata-vazas* significando: *pessoa que gosta de criar dificuldades a outrém.*

◆ **empózia**, toleima, impostura. Vaidade. *(Embófia?)* (É têrmo popular). (Serpa).

◆ **encaraçado**, o mesmo que *mascarado*, pessoa mascarada. (Montemor).

— À *máscara* (usada pelo Entrudo) chamam *caraça*. (Portel).

◆ **encarcouchado**, indivíduo abatido pela doença ou por outra causa. (Vid. *emmarouvado*). (Serpa).

— Em Elvas dizem *encaròchado*. (Vid. Tomaz Pires, *Voc. Alentejano*, pág. 127).

◆ **encòtinhado**, encolhido com frio; o mesmo que *engalinhado*, *enganido*, *entanguido*, etc. (Serpa).

◆ **endengüíces**, objectos miúdos, principalmente brinquedos de crianças. Bugigangas, etc.

— «Na *fêra* havia brinquedos de crianças e outras *endengüíces*». (Montemor).

◆ **enderenço**, criança pequena considerada como empecilho; pessoa que serve de embaraço. Estafermo.

— «A mulher que vem trabalhar a dias cá *pra* casa, vem sempre com o *enderenço* do filho atrás». (Colhido em Évora).

— Deve corresponder ao provincianismo minhoto *ingrenço*, «pessoa, que só serve para embaraçar os outros; empecilho». (*Novo Dic.*, vol. I, pág. 1:070).

◆ **enfadarrilha**, cansaço ligeiro; fadiga; enfadamento.

— «O *alimal* o que tem é *enfadarrilha; nã* é aguamento». (Portel — Usado em Serpa. É também de uso em Elvas, segundo Tomaz Pires).

◆ **enfeite-real** (ou só ◆ **enfeite**), planta de fôlhas recompostas, usada na medicina caseira para atalhar as febres. Também se emprega para guarnecer os cestos de cerejas. (Évora — Usado em Beja e Serpa).

enfelpado, o mesmo que *enlaruçado* (envolvido em desordem).

— O *Novo Dic.* regista o têrmo como provincianismo algarvio. É também usado no Baixo-Alentejo. (Castro, Ferreira, Mértola).

◆ **engavelar-se**, engalfinhar-se; *enlaruçar-se*, etc. (Odemira — Usado em Beja).

◆ **engerido**, criança doente, enfèzada. (Montemor).

— O *Novo Dic.* arquiva *engerir-se*, significando: *encolher-se com frio* ou *com doença*.

◑ **enlaruçar-se,** o mesmo que *engavelar-se,* engalfinhar-se (à briga). (Baixo-Alentejo).

◑ **enramear,** adornar com *ramos, lavrados* (desenhos feitos à navalha pelos pastores, especialmente, nos *canudos, chaves, cornas,* etc.). *(Enramar?)* (Serpa).

◆ **enroladoiro,** ou ◆ **enroladouro,** mexeriquices, teia de intrigas. (Fig.).

— «Com tantos ditos e mexericos, anda a gente sempre metida neste *enroladoiro!*» (Colhido em Serpa).

◑ **enrolador,** mentiroso; mexeriqueiro; intriguista. Aquêle que faz ◑ *enrolices* ou *enroladoiros.* (É têrmo popular). (Idem).

◑ **enrolar,** juntar o gado, quando na pastagem, para o afastar de um certo sítio.

— «Mas ouvia-se um trovão, ainda surdo muito distante, e o compadre Rabino tratava de *enrolar* o gado: — Ó rapaz, *acareia* para cá aquêles porcos — e punha-se a caminho do *monte*». (B. Camacho, *Gente Rústica,* pág. 26). (Baixo-Alentejo).

— Na região citada também usam, quási no mesmo sentido, o têrmo *virar.*

— «Ó rapaz, vai *virar* aquelas ovelhas, que andam além no trigo». (*Ob. cit.,* pág. 114). (Idem).

enrolar as asas, morrer; cair morto. (Fig.).

— «Perdizinha que lhe saísse a jeito, já sabia que *enrolava as asas*». (*Ob. cit.,* pág. 110). (Idem).

◑ **entalanço,** entalação, *entaladela,* dificuldade na vida. (É têrmo popular usado em Portel e outras localidades alentejanas).

◑ **enteixar-se,** ◑ **entenxar-se,** ◑ **entoiçar-se,** etc., restabelecer-se de uma doença. (Montemor — Usado em Reguengos, Mourão, etc.).

◑ **entopeia,** o mesmo que *centopeia.* (Portel — Usado em Beja).

◑ **entrar por o gatilho** (?), entrar em qualquer casa sem se demorar nada.

— «Já lá fui, mas *nã* me *demori* nada, *entri* por o *gatilho*...» (Montemor).

entrègar (?), equilibrar; suster; segurar. (Colhido no Gavião).

◆ **entretengas,** pequenas costuras (falando-se de roupa, fatos, etc.)

— «O alfaiate *téim* o fato pronto, mas *fallom-le* as *entretengas*». (Cp. *achegas* e *bronzelas*). (Serpa). (Tem emprêgo figurado).

entretim, banha de porco (?).

—Terá ligação com o vocábulo *entretinho* que o *Novo Dic.* regista com a significação de: *membrana, que envolve os intestinos do porco?* (Gavião).

enxameador, homem que *enxameia*.

—«Enxamear é um ofício leve, como se diz que é o dar à bomba, de modo que o Figueiras, quando já não podia fazer outro qualquer trabalho útil, era *enxameador...*» (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 15). (Baixo-Alentejo).

enxarnicado (com *ch*?). Diz-se do indivíduo de génio assomadiço, *peguilhento*, que gosta de peguilhar, levantar questões, etc. (Serpa — Usado em Portel).

enxurriar, enxotar qualquer animal, especialmente o cão.

—«*Nã enxurriem* o cão, *còitadinho!...*» (Serpa).

erva-de-anjinho, planta da família das compostas, vulgarmente chamada *altemira*. O mesmo que *sujeira-do-Baptista*. (Cabeça-Gorda).

ervilha-de-quebrar, variedade de ervilha de que se aproveita a bainha (em verde e para comer), por muito saborosa e macia. (Colhido em Montemor).

ervilha-torta, o mesmo que o antecedente. (Colhido em Évora).

ervilhanas, o mesmo que *torradinhas*. Amendoim. (Portel e Reguengos).

escaimoso, a. Diz-se da pessoa cheia de esquisitices, pretensiosa, etc. (Idem).

escalfamento, cansaço, enfraquecimento. Forma popular de *esfalfamento*. (Portel).

♦ **escamel**, rapazola de 12 a 17 anos, que no *monte* faz os serserviços ligeiros, que vem à povoação às compras, etc. (Vid. *rapa*, criado). (Reguengos).

escarneadeiro e **escarneador**, o mesmo que *escarnecedor*, o que escarnece, trocista, etc. (Serpa).

escondalhas, jôgo popular também conhecido por *escondarelos*, *escondidas*, etc. (É termo antigo). (Portel).

esganota, risota, risada. (É têrmo popular usado em Lavre, conc. de Montemor).

esquita (?), medida de meio decilitro (de azeite?). O mesmo que *chenita?*

—Não tenho confirmação dêste têrmo, pois apareceu-me apenas numa lista enviada de Mértola. Parece que é usado na Mina de S. Domingos.

F

◕ **falquintim**, homem de pequena estatura, fraca corpulência, etc., mas muito remexido. O mesmo que *charepe* (gaiato), *fedelho*, etc. (Évora).

— Em Portel chamam-lhe *trinquete da Borda de Água*.

◕ **fanaco**, pedaço, bocado (sobretudo de pão). O mesmo que *tassalho*. (Colhido em Cabeção, Mora).

— Noutras terras do Alentejo dizem: *faneco* (é o mais usado), ◕ *fanoco* (usado em Mora), ◕ *fatacho* (Pavia), etc.

◕ **fandonga**, farinheira (enchido de carne de porco com farinha, etc.). (Alter do Chão).

◕ **faquinéu**, faca de grandes dimensões. Facalhão. (Colhido em Portel — Usado em Serpa).

◕ **farisca**, o mesmo que *faísca*. (Serpa).

◆ **farota**, o mesmo que ◕ *testanheira* (mulher brigona; enredadeira). (Campo Maior).

◕ **farrajo** (Vid. *fanaco*). (É têrmo popular colhido em Serpa).

◆ **farrapão**, o mesmo que *bicha-cadela*. (Arraiolos). (Vid. *bicho-tesoura*). É também conhecido ainda por: ◆ *farrapa*, ◆ *rapão*, ◕ *raspalhão*, ◕ *raspelho*, ◕ *respalhão*, etc.

◆ **farrusca**, ovelha vélha, doente e magra. (Baixo-Alentejo — Usado em Évora).

— «Aquela *farrusca* é mais ruim que a pele dum cão». (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 65).

— Em Portel é assim igualmente conhecida *a navalha vélha que corta pouco*. É de uso também em Beja.

◆ **fastio**, pequena cartilagem que alguns pintos trazem no bico, ao nascer, e que, para poderem comer, se lhes tira. (Fig.) (Serpa).

◕ **fatada**, provisão de roupa e de comida, que os tiradores de cortiça levam quando emigram de verão. (Colhido no Gavião).

1. ◕ **fatilho**, espécie de almofada circular que se coloca no pescoço das bêstas por detrás do *bornil*. O mesmo que *encôsto* (manta). (Colhido em Évoramonte).

2. ◕ **fatilho**, pequeno pano (de serapilheira) com que se envolvem as *estacas* (de oliveira) quando da transplantação. (Portel).

◆ **fato**, combinado número de cabras (ou ovelhas) pertencentes ao patrão, que na primavera recebem os *moirais* para

terem leite para o seu consumo. (Colhido em Safára, Moura).

♦ **fava** (gíria), o mesmo que *piolho*. Dente grande. (Portel).

♦ **favaleiro**, indivíduo sem importância, que não merece consideração, etc. (Serpa).

◉ **favancas**, indivíduo com os dentes *(favas)* grandes. (Portel).

◉ **fava-ratinha**, variedade de fava miúda. (Colhido em Portel — Usado em Reguengos e Serpa).

◉ **feijão-careto**, o mesmo que o seguinte. (Serpa e Mourão).

◉ **feijão-carinha**, também o mesmo que o seguinte. (Igrejinha, conc. de Évora).

◉ **feijão-prêto**, o mesmo que *feijão-frade*, *feijão-duas-caras*, etc. (Colhido no Gavião).

◉ **felipana**, pústula. No Alandroal, segundo o D.or Leite de Vasconcelos.

◉ **femeel**, ou ◉ **femiel**, fraco, raquítico, débil (referindo-se a pessoas). Terá relação com *femeal* (femenil?) (Colhido em Mourão).

♦ **ferrolho**, atilho e nó feitos do próprio cereal (trigo, cevada, etc.) com que os ceifeiros, na ceifa, atam os molhos. (Fig.). (Colhido em Mora — Usado no distrito de Évora).

◉ **ferrunchão**, mascarado. (Colhido em Mértola — Usado em Serpa).

— No Baixo-Alentejo também dizem: ◉ *destrajado*.

♦ **fiada**, festa no *monte*, feita pela lavradora, no dia em que se reünem as mulheres que lhe trazem o linho *fiado* gratuitamente (?). (Odemira).

— Corresponde à *adiafa*, *acabamento*, etc., no final de outros trabalhos agrícolas.

♦ **fiador**, rodilha com que a malta se limpa à mesa. O mesmo que *andante* ou *alimpante* (q. v.). (Colhido e usado em Évora).

♦ **fiança**, corda, que se liga aos chifres do gado vacum, que pela primeira vez *é tomado* na *carrêta*, *charrua*, etc. Tem emprêgo figurado? (Baixo-Alentejo).

— Em Safára, concelho de Moura, chamam-lhe *rasta*. C. de F. no seu *Dic.* regista, com acepção semelhante, os têrmos: *rastra* e *arrasta*, respectivamente prov. trasm. e ribatejano.

◉ **fio-de-água**, corrente pequena, fraca. (Fig.).

— «O *barranco de Valverde* só leva *máli* um *fio-de--água!*» (Dist. de Évora e Beja). (Cp. *sêde-de-água* e *vêrga-de-água)*.

◉ **fio-raivoso**, amoladela ligeira dada à faca (em objectos de barro, especialmente em alguidares). O mesmo que ◉ *sara-magús-magús*, ◉ *sarruço-marruço* de outras terras. (Portel).

◉ **fogo izagre** (?), pústula (?), que nasce e cobre grande parte da cabeça das crianças (de peito). O mesmo que *uzagre*. (Serpa).

◉ **folgueiro**, local à sombra de árvores onde o gado, no verão, passa as horas de maior calor. O mesmo que *acarro* ou ◆ *calmeiro*. (Colhido em Mértola).

forquilha-de-pela, forquilha com seis dentes, para separar a palha do grão. (Cp. *balde*, *carregadeira* e *desmoínhadeira*). (Reguengos).

◆ **frade**, intervalo, que por descuido ou inabilidade do caiador ficou por caiar. (Cp. *palhaço*). (Évora e Portel).

◉ **franzinela**, pessoa fraca, débil. Franzino. (Vid. *femeel*). (Évora).
— Em Elvas dizem *franzelinho*. (Vid. T. Pires, *Vocabulário*). Em Viana (do Castelo?), segundo C. de F., dizem: *franzeleiro* (franzino).

«**frasca** — *Prov. alent.* — Faina de fazer bôlos ou doces». (*Novo Dic.*, vol. I, pág. 902).

◉ **frasquejadeira**, mulher que *frasqueja*, que faz a *frasca*.
— «É uma grande *frasquejadeira* a tia Mónica...» (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 31). (Baixo-Alentejo).

«**frasquejar** — *Prov. alent.* — Fazer bôlos ou doces. (De *frasca*)». (*Novo Dic.*, vol. I, pág. 902).

◆ **frete**, presente de bôlos, que o afilhado (noivo) manda oferecer aos padrinhos antes do casamento (?).
— Tenho dúvidas neste registo. O têrmo foi-me enviado de Gavião numa só lista.

G

◉ **gabaia**, gabão; capote de bruel. (Gavião). Cp. *cabaia* (vestuário de grandes mangas usado na China e noutros países orientais).

◉ **gadaeiro**, indivíduo, que leva a comida aos trabalhadores rurais quando estes andam afastados do *monte*. O mesmo que *mantieiro*. (Colhido em Viana do Alentejo).

◆ **gâfeirosa**, lebre pequena, nova. (Colhido em Safára, Moura).

◉ **gaita de bôca**, o mesmo que o seguinte. (Évora).

◉ **gaita de vozes**, harmónica (de bôca). (Portel).
— Um e outro são têrmos populares.

♦ **gaitas**, feridas. (Vid. *rocas*). (Colhido em Montemor-o-Novo).

◉ **gáivea**, ferida (na cabeça). *Brecha. (Gaiva?)* (Colhido em Portel — Usado em Évora).

♦ **gaivotas**. Como são conhecidas as duas hastes de ferro, que na charrua seguram a *roda de direcção*. Ao conjunto da *roda* e das *gaivotas* chamam ♦ *armas*. (Alcáçovas, Viana).

◉ **galanduxas** (com *ch*?), mimos, demonstrações de carinho, etc.

— «Êle gosta dos filhos, mas *nã* é capaz de andar com *galanduxas* com êles». (É têrmo familiar só usado no plural; colhido em Évora).

◉ **galarouço**, elevação na testa ou na cabeça, produzida por pancada. (Évora).

— Em Portel chamam-lhe ◉ *galaruço*, ◉ *galeirão* ou *galo;* em Ourique, ◉ *galaroupo*. No Minho, segundo o *Novo Dic.*, é *galaripo*.

galga, o mesmo que o seguinte. Tem muitos outros significados, como por exemplo: *boato, fome, mentira*, etc.

♦ **galgueira**, o mesmo que ♦ *camalho, camastralho* (cama pobre, feita no chão, sem lençóis). (Colhido em Mértola — Usado em Mourão e Reguengos).

♦ **galheta**, bico do peito.

— «A *criença* só se cala *cando le* metem a *galheta* na bôca». (É têrmo familiar, que certamente nesta acepção tem emprêgo figurado). (Safára, Moura).

◉ **galupa**, o mesmo que *coelheira*. Parece que também dizem ♦ *garupa*. De um e outro têrmo ainda não foi por mim verificado o seu uso. (Cabeça-Gorda, Beja).

♦ «**gamarra**, galinhola». (A. Bessa, *A Gíria Port.*, pref., XXVIII — Usado em Odemira).

1. ♦ **gamela**, indivíduo avarento, mesquinho, pouco esmoler. (Colhido em Cabeção, Mora).

2. ♦ **gamela**, cavidade na canga dos bois onde entram as *fôlhas* (dobras) do *apêro*. (Safára, Moura).

— Em Alcácer do Sal chamam-lhe ♦ *tranqueira*.

gançar, dar.

— O vocábulo nesta acepção já foi arquivado como provincialismo alentejano por C. de F. (Vid. *Novo Dic.*, vol. I, pág. 930).

— Desconheço onde seja usado. No Alentejo significa: *apanhar, alcançar, agarrar, deitar a mão*. etc.

— «O burro fugiu da horta, vê lá *se o ganças*». (Dist. de Évora e Beja).

◆ **gancho.** Como é conhecido o conjunto de dois animais de tiro, diferentes (uma mula e um burro, por exemplo), puxando o mesmo arado, carro, etc. (Colhido em Arraiolos — Usado em Beja).

◎ **ganete,** ou **gasnete,** o mesmo que *gasganete,* etc. (São têrmos familiares). Usam-se também no plural.

— «Por isso a madrinha tem um trabalhão a enxotar os garotos da frente e já disse a um que se o apanha lhe torce os *ganetes*». (Barbacena — *Rev. Lusit.*, vol. XXV, pág. 263).

◆ **ganhôto,** o mesmo que *ganete.* (Vid. *gramiço*). (É têrmo plebeu usado em Serpa onde também dizem: ◎ *garganhol* e ◎ *gasganhol).*

◎ **gargoleta,** bôlha de ar (dentro da água).

— «*Nã sê* o *qu'esta* água tem, que *'tá* fazendo *gargoletas*». (Serpa).

◆ **garro,** visco *(suco?)* das enguias. (Lavre, Montemor-o-Novo).

— Êste têrmo não está confirmado.

◎ **garrocheiro,** condutor do carro alentejano, que trabalha por conta própria. O mesmo que *faniqueiro?* (Colhido em Serpa).

◎ **gazípo,** avarento; *unhas de fome,* etc. (Vid. *gamela,* 1.). (Colhido em Ourique).

gazôpo, cão pequeno. (*Novo Dic.*, vol. I, pág. 942). (Vid. *gosipalho*).

◎ **geêdo,** grande geada.

— «Caíu *hõis* um grande *geêdo*». — «Estes grandes *geêdos* é que dão cabo dos *larenjais*». (Alcáçovas, Viana do Alentejo).

◎ **genetia,** maus tratos infligidos a pessoas ou a animais. O mesmo que *judiaria.* (É têrmo familiar).

— «Êle *nã* pode ser bom: *tá* sempre a fazer *genetias ós* pobres *alimais*». (Portel).

◆ **geringoto,** cacete; bordão. (Évoramonte e Évora).

◆ **gonga,** burra vélha, sem préstimo. Por extensão também dizem da *mulher vélha e desdentada.* (Cabeção, Mora).

◎ **gosipalho,** cão pequeno. (Colhido em Reguengos).

— Já registado pelo S.or D.or Fradinho.

— C. de F. regista os vocábulos *gazôpo* e *gôso* nesta acepção.

◎ **gramiço,** o mesmo que *gasmiço,* goéla (Vid. *ganhôto*). (É têrmo plebeu).

— «Se o *Barôna* cá voltasse e levantasse um pouco o *gramiço pra* ver o Garcia de Rezende (teatro), pasmava daquilo que ali se faz!» (Évora).

grila, mentirola; pêta. (É têrmo familiar colhido em Portel).

◎ **grisa**, o mesmo que *harpa*, fome. (É gíria). (Serpa).

♦ **grou**, pequena courela: *arrendou três grous.*

— Parece derivar do nome próprio «Grou» de uma herdade que há na região, e que foi dividida em courelas. (Colhido em Cabeção, Mora).

◎ **guarda-salas**, faixa de madeira colocada interiormente nas grades das janelas de sacada, para resguardo. (Beja — Évora).

◎ **guinapa**, chiba de um ano. (Colhido no Gavião).

«**guineia**, discussão, briga por palavras». (C. de F., *Novo Dic.*, vol. II, *Adit.*, pág. 986). (Usado em Reguengos onde foi recolhido pelo S.or D.or Fradinho).

H

♦ **harpa**, fome; grande apetite. Corresponde ao têrmo gíria *âmbria* do castelhano *hambre*. (Colhido em Portel).

◎ **harpado**, magrizela; esfomeado. (Reguengos, segundo o S.or D.or Fradinho).

♦ **harpar**, andar com *harpa*. (Idem).

◎ **hartear**, o mesmo que *arrotear*; desbravar terreno inculto, etc. (Colhido em Mora).

herdança, o mesmo que *herança*.

— O *Novo Dic.* já regista o têrmo como provincianismo sem localização. É usado no Alentejo (Vidigueira).

homiziar, indispor. Intrigar, etc.

— C. de Figueiredo diz que é pouco usado nestes sentidos; contudo, em Serpa, é vocábulo muito vulgar.

horta *(armada)*. Como é conhecido o terreno de uma horta, cavado e preparado para receber a plantação. (Vid. *lavor*). (Cabeça-Gorda, conc. de Beja).

horta *(de contrato)*. Como é conhecida a horta que anda de renda, aquela em que a exploração é feita por conta do rendeiro. (Montemor).

hortejo, horta pequena. Terreno vedado com *sebes* (silvados, pitas, *rasmalhos*, etc.), onde fazem culturas hortícolas.

— O *Novo Dic.* já regista o têrmo como provincianismo, mas não localiza o seu uso. É usado no Alentejo.

I

◆ **imigo**, «película em volta das unhas». (T. Pires, *Voc. Alentejano*, pág. 55). (Elvas). *(Espinha-carnal?)*.

◉ **impáfia**, aquêle que tem impostura; impostor. O mesmo que *empáfia*. (Cp. *empózia*). (Belver, conc. de Gavião).

impertigar-se, aprumar-se. Orgulhar-se; ufanar-se. O mesmo que *empertigar-se* (1).

—«... e conheciam a senhora Maria do Cêrro do tempo, ainda próximo, em que ela andava servindo pelos *montes*, criada como qualquer outra, apenas mais *impertigada* que as outras...» (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 89). (Portel e Ajustrel).

◉ **imponir**, empurrar; mandar embora, etc.

—«Já me *tás imponindo* daqui para fora!?...» (Serpa).

—Note-se que *impor*, como têrmo geral, além de outras acepções, significa: «fazer retirar, despedir: *impor um hóspede*». (C. de F., *Novo Dic.*, vol. I, pág. 1:044). (Lat. *imponere*). (Cp. *disponir*, pág. 68).

◉ **inchapota**, ou **enchapota** (1), o mesmo que *chapota*. Diz-se da ramada sêca das árvores (azinheiras e sobreiras) acondicionada para a queima. *Rasmalhos* com que se fazem as *craveiras*, *belgas*, *moréias*, etc. (Colhido em Serpa).

indino, maldoso, travêsso; traquina. Emprega-se usualmente referindo-se a crianças. (Portel).

—É forma antiga de *indigno*?

◉ **ingorras**, o mesmo que ◉ *engorras* (polainas grosseiras usadas pelos trabalhadores rurais, feitas de chapéus vélhos, pedaços de saco, pedaços de esteirão, etc.) (Reguengos).

◆ **injuriada** (?), desgrenhada (referindo-se a mulheres).

—«A *Chica do Bento*, depois da *garreia*, apareceu em casa tôda *injuriada*». (Serpa).

◉ **injurivoso**, *injurioso* (de que é corruptela popular), infamante, ofensivo: *ditos injurivosos*. (Colhido em Reguengos).

---

(1) Na linguagem popular é freqüente a permuta de *em* e *en* iniciais com *im* e *in*, e vice-versa.

♦ **insulto** (*de gente, de familha*), aglomeração de pessoas; o mesmo que *adjunto* ou ◑ *àstóri*. (Fig.).

— «Por causa da falta de pão houve um *insullo de gente*, à porta do padeiro». (Serpa).

◑ **intessecar** (ou antes **entisicar**, *tornar tísico?*), esticar, estender, entesar (uma corda). (Colhido em Ferreira do Alentejo).

— Em Beja e em Portel, ♦ *tisico*, em sentido figurado, significa: *esticado, retesado*, etc.

— «Puxa êsse *cordéli*, põe-no *tísico*».

— Também se ouvem com freqüência frases como estas: *entisica lá o alfirme, a liaça*, etc.

◑ **iravia**, «água quente e farinha para engordar os cavalos». (A. Bessa, *A Gíria Port.*, pref., pág. XXVIII). (Odemira).

— Será *travia?*

J

1. ♦ **jacaréu**, burro grande, adulto. (Cp. *tarêlho*). (Montemor-o-Novo).

2. ♦ **jacaréu**, burra vélha (ou outro animal de carga), sem préstimo. O mesmo que *canorça*. (Colhido em Mora).

◑ **jancro**, «pequeno seixo em pedra rolada pelas águas»; em Beja, segundo o S.or D.or Leite de Vasconcelos. (Vid. *jango*).

— Em Cabeça-Gorda é o *jôgo* e não o seixo.

— Em Évora e Montemor o *jôgo* é conhecido pelo *jôgo das cinco pedrinhas*.

janela, ôlho: «ando mal da *janela drêta*».

— O *Novo Dic.* já regista o têrmo como popular. É de uso geral no Alentejo.

◑ **jango**, *o jôgo infantil das cinco pedrinhas*. (Colhido em Messejana).

◑ **jarimba**, o mesmo que *jaronda* (quer referindo-se a *porca vélha e magra*, quer a *mulher desmazelada e suja)*. (Colhido em Safára, conc. de Moura).

♦ **jarra** (?), *tarefa* onde conservam as azeitonas. (Ourique).

◑ **jerovana**, comida mal feita, mal temperada. O mesmo que *caldivana*, ◑ *caldufana, chanfana* e outros. (É têrmo popular). (Colhido em Serpa).

◑ **jóia-de-alforje**, o mesmo que *corna* (chifre de boi ou de vaca onde conduzem azeitonas, etc.).

— É objecto de uso vulgar nos *alforjes* dos lavradores, homens do campo, etc., e daí o ser assim conhecido. (Évora e Montemor).

◆ **jolda**, ou ◆ **joldra**, grupo de caçadores.

— «Nos dias em que saía a *jolda*, lá ia êle de *restolhada*, com o polvarinho e o chumbeiro a tira-colo...» (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 45). (Portel e Baixo-Alentejo).

◆ **jôrra**, emplasto feito com vinho, para curar certas dores. (Colhido em Serpa).

— Terá relação com o provincianismo minhoto *jôrra* que significa *vinho*, já registado por C. de Figueiredo? (Vid. *Novo Dic.*, vol. II, pág. 16).

— Também em Serpa, o referida têrmo, designa: *emplasto feito com cera, sebo, pez, cerol*, etc., *para obturar fendas em bilhas de barro.*

— A *ob. cit.* regista o vocábulo como geral, significando: *breu para vasilhas de barro.*

◉ **juar**. Forma popular de *jejuar*.

— «*Tou* farta de *juar* lá em casa da *sinhora*».

— Também dizem ◉ *jum* por *jejum*. (Évora e Beja).

◆ **judeu**, susto; sobressalto.

— «Ao ouvir passos sempre *apanhi* um *judeu!*...» (Vid. *sarote*). (Mora e Serpa).

L

◆ **ladrão**, *dorna*, tanque de adega.

— «No meio da adega, muito bem ficaria o *ladrão*». (B. Camacho, *ob. cit.*, pág. 229). (Baixo-Alentejo e Vidigueira).

◉ **lambarear**, contar mexericos; dar curso a intrigas, boatos, etc. (É têrmo familiar). (Colhido em Alvito).

◉ **lambaruça**, o mesmo que *lambão* (homem bruto, estúpido). Homem sôfrego, na comida; glutão, *garganeiro*. (É têrmo popular). (Colhido em Mértola).

— Em Elvas, segundo T. Pires (Vid. *Vocabulário Alentejano*, pág. 61) ao «homem grosseiro» chamam ◉ *lambaruço.*

◉ **lambisca**, mulher delambida, metediça. O mesmo que *lambisgóia.* (Colhido em Mértola).

◉ **lambude**, funil de lata com que se enche a *carne-de-môlho* (chouriços, lingüíças, etc.) (Colhido em Reguengos).

◆ **lamparina**, variedade de pastel de nata de grão. (Cabeção, conc. de Mora).

● **landoca**, mulher pouco asseada, suja. O mesmo que *bacoreira*. (Colhido em Portel — Usado em Évora e Beja).

● **laneta**, coelho grande. (É têrmo de caçador). (Safára, conc. de Moura).

● **lanzude** (?), lebre grande. (É têrmo de caçador). (Cp. *gàfeirosa*). (Idem).

● **lapeiroso**, pessoa (ou animal) de aspecto repugnante, chaguento; leproso. (Portel).

— O *Novo Dic.* regista com significado semelhante o têrmo açoriano *laparoso*.

● **laráu**, pano de serapilheira utilizado na apanha da azeitona. Também é conhecido por ◆ *lençol* ou ◆ *pano*. Ao conjunto dos *laráus* chamam ◆ *fato*. (Portel — Usado na Vidigueira).

● **larona**, o mesmo que *lazeira*; preguiça; *mândria*. (É têrmo popular). (Serpa).

● **laruça**, o mesmo que *guineia*, *garreia*, etc. (Cp. *enlaruçar-se*). (Beja).

● **lascarão**, grande ventania acompanhada de fortes bátegas de água. Terá emprêgo figurado? (Us. em Mértola e arredores).

◆ **latão** (?), púcaro de *fôlha* por onde se bebe água? (Colhido no Gavião).

● **laudácia**, o mesmo que *bebedeira*. (É têrmo popular também colhido no Gavião).

● **lavascão**, aquêle que desempenha numa casa os serviços domésticos mais rudes, ordinários, etc.: — «a vélha só faz os esfregados: é o *lavascão*».

— «O rapaz *éi* só *prós mandados* e *sêri* o *lavascão*, fazendo tôdas as lavagens de casas, cocheiras, etc.».

— É substantivo invariável em género. (Évora).

— Em Montemor-o-Novo designa «o ajudante de *cozinheiro* no *monte*».

◆ **lavor**, terreno na horta destinado às culturas, ou com estas. (Portel).

● **lé-lé**, bôlo de massa finta, sem dôce, que se dá às crianças em dia de amassadura. (Colhido em Évoramonte).

◆ **lençol**, rêde esférica (de corda de esparto ou de pita) para transporte de palha (?) (Serpa).

— Não confundir com a *rêde*. (Cp. *laráu*).

● **lhantra**, aro de ferro das rodas dos carros. (Vid. o têrmo seguinte).

— Os aros é mais vulgar serem assim conhecidos depois de usados *(sacadiços)*, de que em novos. (Colhido em Portel — Usado em Viana e Reguengos).

— Êste vocábulo mereceu a atenção especial do sábio filólogo D.or Leite de Vasconcelos, ao conhecê-lo, por serem raras as palavras começadas pelo grupo *lh*.

«**llandras**, arcos de círculo, feitos de ferro, que reforçam as pinas dos carros, sobrepondo-se-lhes com a mesma curvatura». (C. de F., *Novo Dic.*, vol. II, pág. 57).

liára (?), objecto feito de chifre, onde os caçadores e caminhantes levam aguardente.

— O chifre é aproveitado na parte mais grossa, tendo de um e de outro lado tampas de cortiça, e numa destas um pequeno orifício por onde sai o líquido. São objectos, como as *cornas*, *azeiteiros*, etc., trabalhados com desenhos artísticos. (Safára, conc. de Moura).

lidação, o mesmo que *lida*, acto ou efeito de lidar. Trabalho.

— «*Hôis* lá *pur* casa anda a *lidação* da *caïança*...»

— Convivência, familiaridade, etc.

— «O *Antónho* anda *éim munta lidação c'a* tua *gënte*». (Serpa — Usado em Portel).

lida-larida, azáfama, faina. Roda-viva. (É têrmo popular).

— «Anda *todô* dia numa *lida-larida* lá *pru* casa!» (Serpa).

«**limpante**, rodilho, para limpar talheres, loiça, etc.» (Vila-Viçosa). (C. de F., *ob. cit.*, vol. II, pág. 63). (Cp. *alimpante*).

lio, enrêdo, mexerico, etc.

— Será contracção de *enleio*, ou de *enliço*, ou ainda de *liorna?*, ou terá emprêgo figurado visto o têrmo, como geral, designar: *atilho; feixe, molho?* (Colhido em Mértola).

liorna, confusão, enrêdo. Barafunda. Empêço num novelo de linha. (Fig.). (Colhido em Beja — Usado em Portel e Serpa, e também em Mourão, segundo A. Fortes).

lisga, baba das crianças que estão chuchando em sêco. O mesmo que *laço* ou *liga* da cal. (É forma popular de *liga?)* (Colhido em Serpa).

louca, argola de massa (de pão), cozida no forno em dia de amassadura. (Portel).

lousan (com *z?*) *(loisã?)*, variedade de lagartixa? (Colhido em S. Teotónio, conc. de Odemira).

luz, vão de porta, janela, etc. (É têrmo usado pelos carpinteiros). (Portel).

M

◆ **mação**, o mesmo que *perruma* (pão para os cãis). (Colhido em Cabeção, conc. de Mora).

◉ **maçaqueta**, pão pequeno, que nos *montes* do Alentejo é distribuído aos trabalhadores. (Serpa). (Cp. o têrmo anterior). (É da gíria dos *ganhões*).

◉ **machona**, mulher máscula, que faz trabalhos próprios de homem. (Moura). (Vid. os dois têrmos seguintes).

machorra, o mesmo que *estéril* (que não pode ter filhos).

—Já foi dicionarizado pelo saüdoso D.or Cândido de Figueiredo.

◉ **machuna**, o mesmo que o antecedente.

—Diz-se também da rapariga que só tem *brincas* próprias de rapaz, «que não observa os preconceitos do sexo», como diz o S.or D.or Estanco Louro em *O Livro de Alportel*, pág. 247. (Colhido em Reguengos—Usado em Portel e no Algarve).

◆ **madeira**—*pião madeira*, diz-se do pião que a *balhar*, na mão, é àspero.

—«*Dêxa cá* aparar o teu (pião), *pra vêri* se êle *éi madêra* ou ◆*pianinho!*» (Vid. êste têrmo, pág. 31). (Colhido em Portel).

◉ **magocha**, espécie de *moreia*, mas não coberta de terra, a que se deita fogo para fertilizar o terreno. (Colhido em Mértola).

◆ **mainel** (?), prateleira de alvenaria. (Vila Viçosa).

—Esta palavra não está ainda confirmada.

◉ **malagou** (?), vadio. (É têrmo popular usado no Gavião).

◉ **malhana**, martelo usado pelos sapateiros. (Colhido em Serpa).

◆ **malho** (?), o mesmo que *machado* (instrumento cortante?) (Gavião).

◉ **manaita**, o mesmo que *manageiro*. No Alandroal, segundo o S.or D.or Leite de Vasconcelos.

◆ **manganilha**, vara comprida de castanho, que na extremidade mais delgada tem uma correia onde vai prender um pau curvo (o *prítico*).

—A *manganilha* serve ao *vareiro* para fazer cair das azinheiras as *boletas*. (Colhido em Safára, conc. de Moura).

◑ **mangroso.** Diz-se dos frutos com doença, *bichosos* (com *mangra*) e por extensão das pessoas que com êles se assemelham.

— «Êste melão está *mangroso*». (Portel).

— «... havia um porteiro que tinha o ar de um pepino *mangroso*, muito vélho, muito pequenino, muito torcido...» (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 51). (Aljustrel).

◑ **má-nova** (Vid. *bruxa*). (Reguengos).

◆ **maqueiro**, medida de madeira para medir a ração das *bêstas*. O mesmo que *celamim*? (É usado nos *montes* do concelho de Reguengos).

◑ **maquinèu**, dança popular que foi de uso no Baixo-Alentejo. (Manuel Dias Nunes, em *A Tradição*, vol. I, pág. 21).

◑ **marralha (s)**, o jogador que, nos jogos populares, fica em último lugar. O mesmo que *ralha (s)*.

— Ao jogador que fica em primeiro lugar chamam-lhe *mão* ou *mãi*. (Évora e Portel).

◑ **marranxo**, pescador. É também usado no Algarve. (A. Bessa, *A Gíria Port.*, pref., pág. XXVIII). (Odemira).

◑ **màrreléia**, mau génio, zanga, birra. Também se diz do indivíduo de *má catadura*. *(Má-raléia, ralé?)* (Portel).

◑ **marro** (?), maceta grande. (Que espécie de *maceta*?) (Mértola).

◆ **martilho**, maceta pequena. A mesma observação do têrmo anterior. (Idem).

◑ **martuço**, fruto da murta. Também dizem ◑ *murtuço;* no Alandroal, segundo Leite de Vasconcelos.

◑ **martunho**, o mesmo que o anterior. Baga de murta *(murtinho)*. (Colhido em Portel — Usado em Serpa, Beja e arredores).

◆ **matador**, mola ou botão de pressão com que as mulheres cerram os vestidos. (Colhido em Beja — Usado em Mértola e Ferreira).

◆ **medida**, fita de sêda com a imagem de um santo colada e letras impressas, que se vende nas festividades religiosas, revertendo o produto da venda para o cofre do santo. (Colhido em Montemor-o-Novo).

◆ **melindrar**, obsequiar, gratificar, etc.

— «Nunca lá vou a casa dêles que os *não melindre* com *càlquér* coisa».

— Ao presente, prenda, etc., chamam *melindre*. Terá emprêgo figurado? (Reguengos e Portel).

memórias, vento frio e cortante, vulgarmente conhecido por *barbeiro*. (É têrmo popular colhido em Safára).

milharinha, pequena ave canora. É uma espécie de *canário* ou de *verdelhão*. (Portel).

— O mesmo que *milheira?* não é a *milheirinha*, que Cândido de Figueiredo diz ser provincianismo duriense e o mesmo que *pintarroxo*.

missadela, o mesmo que o têrmo seguinte. (Reguengos).

missador, refeição que se toma depois da *missa-do-galo*, na Noite do Natal. (Alandroal, segundo o D.^or^ Leite de Vasconcelos).

missadura, o mesmo que os vocábulos antecedentes. Esta ceia compõe-se, normalmente, de *carne-de-môlho*, frita ou assada. (Portel — Usado em Mourão, segundo Agostinho Fortes).

moafeiro, aquêle que apanha *moafa* (borracheira). (Gavião).

mochuda, papas de farinha (Idem).

molhos, pedacinhos de tripa de carneiro e algumas gorduras, envolvidos num pedaço de *bucho* do mesmo animal, tudo atado com linha branca ou fio. Vendem-se nos talhos. (Portel e Serpa, e ainda em Mourão, segundo A. Fortes).

mòrgaria (?), desavença, bulha, altercação, zanga? Pancadaria?

— «Naquela casa, os dias de festa são sempre dias de *mòrgaria*: êle embebeda-se, e a mulher e as crianças levam logo pancada». (Montemor).

— Relaciona-se com o francês *morgue?*

muça, trabalhador rural que não sabe ou não quere trabalhar melhor, que mostra pouca habilidade nos serviços, etc. (Cp. *ruça*). (Azaruja).

N

nagalho. Como no Gavião é conhecida «uma porção de bolota que foi roubada». O mesmo que *negalho* que, em sentido figurado, designa *pequena porção?*

nascenço, o mesmo que *nascença*, *nascida* e *nascido*. Tumor, furúnculo. (Colhido em Serpa).

— A pronúncia popular é sempre *nacenço*, *nacida*, etc.

navalhas, os dentes maiores do *javardo*, do *varrasco*, etc. (Colhido em Safára — Usado em Portel).

— É com dois dêsses dentes que os carreiros fazem a *meia-lua* usada na testa, dependurada do cabresto, do gado muar. É amuleto contra o *mau olhado* ou *cobranto*.

◆ **netos**, pedacitos de pão deixado por qualquer pessoa em cima da mesa, depois das refeições. (Portel e Évora). (É vocábulo só quási usado no plural).

◉ **névoa-chovediça**, nevoeiro denso, a desfazer-se em chuva.

— «... onde os vi da outra vez encobertos agora por uma espécie de *névoa-chovediça*, como se diz no Alentejo». (B. Camacho, *Longe da Vista*, pág. 223). (Baixo-Alentejo).

nhónhó, criança pequena *de peito*. (S. Sebastião da Giesteira, conc. de Évora).

— C. de Figueiredo regista o vocábulo *nhonhô*, como têrmo brasileiro do Sul, significando: *tratamento familiar, que se dá aos meninos*.

nicòtice, coisa pouca; insignificância.

— «Come o resto dessa couve, para que fica aí essa *nicòtice!*» (Vid. *embéque*). (Évora).

— O *Novo Dic.*, vol. II, pág. 254, já regista o vocábulo como têrmo da Bairrada, significando: *nica; futilidade; bagatela*.

— Em Évora, no plural, também significa: *cerimónias exageradas; salamaleques*. (Vid. *adecoras*).

nique, o mesmo que ◆ *seca* ou ◆ *ferradela* (furo feito num pião com o *bico* de outro). (Portel).

— O *Novo Dic.* diz ser têrmo açoriano. É também usado no Alentejo, e corresponde ao provincianismo beirão e minhoto *nica* (ferroada).

◉ **nique-nique**, variedade de jôgo de pião em que é obrigado dar um *nique*, no pião do adversário, em cada jogada. (Portel).

«**norça**, articulação: *a norça do pulso*». (Em Avis, segundo o D.or Leite de Vasconcelos).

— Também como provincianismo alentejano designa: *pequena estaca de oliveira, em plantio*. (C. de F.).

◉ **noselha**, nó com aselha. (Colhido em Portel).

◉ **nuvirna**, o mesmo que *neblina*, *nublina*, *nubrina*, ◉ *nuvina*, etc. Chuvisca; *morraça*, etc. (Reguengos).

— Em Elvas dizem ◉ *nuvrina*, segundo Tomaz Pires.

O

ôcho, porção de azeite, equivalente a um oitavo do quartilho. (Redondo).

òficiente, digna, decente; suficiente (em condição).

— Deve ser corrupção de *suficiente* (bastante).

— «Não lhe ofereço para entrar, porque a casa não é *òficiente*». (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 223). (Alentejo).

ògadouro, o mesmo que *cabaço* (vasilha de lata, com um cabo comprido, para *ògar*). (Gavião).

ògar, regar com *ògadouro*. (Idem).

— Em Portel e Serpa designa o mesmo que *ougar* ou *aguar* (borrifar com água o chão para o varrer, ou simplesmente para o refrescar).

olear, pintar. Cobrir de tinta (de óleo).

— «*Nã ti* chegues *praí q'a barra 'tá oleada* de fresco». (Portel e Serpa).

olhamento, benefício, gratificação. (Teve um *olhamento* comigo: gratificou-me). (T. Pires, *Voc. Alentejano*, pág. 71). (Elvas).

— Em Montemor-o-Novo também o vocábulo é usado.

— Em Portel ouvi a frase seguinte: — «Eu o que faço não é *às atenças* de *calquér olhamento!*... É porque gosto de *àxiliar*...»

olhar *(uma galinha)*, ver se tem ôvo. (Lavre, conc. de Montemor).

olheiro, curioso, bisbilhoteiro; metediço. (Serpa).

— Como têrmo geral significa: *informador*, etc.

olhica, aquêle que espreita. (De *ôlho*).

— Já registado desta maneira, como provincianismo alentejano, a pág. 285 do *Novo Dic.*

— Também vem registado no *Voc. Alentejano*, pág. 147, de T. Pires. (Elvas).

òréguista, apanhador (e vendedor) de orégãos. (Serpa).

òstante, bastante, suficiente. Obstante. (Cp. *òficiente*).

— Deve ser corrupção de *obstante*. (Montemor — Usado em Elvas, segundo T. Pires).

oto, nervura principal da espiga do trigo, não esmagada pelas *facas* do trilho, e onde há ainda alguns bagos do referido cereal.

— C. de Figueiredo regista *outo*.

— É têrmo agrícola mais usado no plural. Os *otos* não são o mesmo que *cachos*, pois que estes são quási as espigas inteiras. Os *otos* são aproveitados para as rações dos animais de carga. (Portel e Aljustrel).

◆ **ourelo**, namôro. (Fig.).

— «*Tã* nova, a pequena, já tem o seu *ourelo*». (Usado ao norte do dist. de Évora).

— Em Messejana «o conversar dos namorados» é *fazer ourelo*.

P

◎ **pailó**, maricas; indivíduo afeminado que se ocupa em trabalhos próprios de mulher. (Portel).

◆ **paio**, pedrinha rolada, pequeno seixo (para o *jôgo das cinco pedrinhas)*. (Vid. *jancro*). (Idem).

◆ **paisano**, bode. Chibato reprodutor. (É gíria?) (Safára, conc. de Moura).

◆ **palhaço**, pincelada (de cal) dada na parede por pessoa inexperiente. (Cp. *frade*). (Serpa).

1. ◆ **palheta**, pá de madeira, para lixo. (A. Bessa, *A Gíria Port.*, pref., pág. XXVII). (Odemira).

2. ◆ **palheta**, palhinha com que os rapazes fazem sair os grilos dos buracos. (Lavre, conc. de Montemor).

◎ **palheto**, colher de pau, artìsticamente trabalhada com desenhos, ramos, etc. É trabalho predilecto dos pastores. (Serpa).

◎ **panejão**, o mesmo que *larâu (lençol* utilizado na apanha da azeitona). (Évora).

◎ **paninho-de-armar**. Em sentido figurado chama-se à «pessoa débil, fraca, e acostumada a muitos cuidados e atenções, que não suporta, por isso, trabalhos pesados, etc.».

— «Casou *c'uma* boa rapariga é verdade, mas que *nã éi pra* um *home do campo: éi mêmo* um *paninho-de-armar*, que *nã* pode fazer nada, e de *calquér* coisa adoece logo!» (Évora — Usado em Portel).

◆ **papéis**, o mesmo que *papelotes*.

— «Veio à terra só *pra fazêri papéis ca familha!*» (Montemor — Usado em Portel e Beja).

— Neste sentido também se usa no Algarve. Já foi registado pelo D.or Estanco Louro.

◆ **papeleiro**, aquêle que faz *papéis*. Tem emprêgo figurado. (A mesma localização do vocábulo anterior).

◆ **papelotes**, escândalos, cenas vergonhosas, pouco dignas e que não correspondem à posição da pessoa que os faz.

— «*Pur calquér* coisa, sempre *faz* uns *papelotes!...*» (Portel).

◑ **pardal-galego**, tentilhão (ave). (Idem).

◑ **parrocha**, o mesmo que ◆*chocho* (esconderijo feito de ramos de árvores, onde se abriga o caçador). (Vid. *tàmeira*). (Cabeção, Mora).

◑ **passinha-de-Deus**, passa de uva, não preparada com calda de açúcar. (Reguengos).

◑ **pataleta**, o mesmo que *tatarinha*, desmaio, etc.

— «*Onte* lá no *balho* deu-me uma *pataleta qu'ia* caindo no chão *séim* sentidos!» (Serpa).

◑ **patameiro**, lamaçal, *lagariça*. Líquido (especialmente água) entornado pelo chão, mas espezinhado.

— «Co'estas chuvas *arrenjou-se* um grande *patameiro* n'àzinhaga». (Portel — Usado em Évora e Beja, e também no Algarve, segundo Estanco Louro).

— Segundo T. Pires, designa *pântano* e usa-se em Elvas.

pau-do-ar, chifre (de boi ou de vaca).

— Já foi arquivado por C. de Figueiredo.

— «As colheres eram de *pau-do-ar*, com o cabo cheio de arabescos...» (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 105). (Aljustrel, Évora, etc.).

— Em sentido zombeteiro também dizem *marfim* (ou *tartaruga*) *do Alentejo.*

◑ **pedra-santa**, o mesmo que *anta* (monumento megalítico). (Avis).

◆ **pêga**, o mesmo que *candeia*? (Mértola).

— Será por o depósito se assemelhar à cabeça e bico de ave?

◑ **penenha**, o mesmo que ◆*pasta* ou *pina* (cada uma das peças que formam a roda do carro). (Montoito, concelho do Redondo).

◑ **penicha**. Diz-se da pessoa avarenta, *sovina*, etc. (Colhido em Portel).

◑ **pero-cigano**, variedade de maçã de pele muito avermelhada. O mesmo que *pero-carmesim*. (Odemira).

◑ **pero (do) Japão** *(pêrjapão)*, o mesmo que *nêspera*. (Portel).

— A árvore é conhecida por ◑*perjapaneiro.*

◑ **piana**, pequena *pitorra* (pião), feita de uma *boleta* cortada e um pauzinho. (Serpa).

◑ **pinceleira**, o mesmo que *cadeia*. Esquadra. (É gíria). (Portel).

◉ **piparralha**, gaitinha que os rapazes fazem do caule, ainda verde, da *cevada branca*. (Cabeça-Gorda, Beja).

— Em Évora também assim é conhecida, e ali dizem ao fazê-la o seguinte: «*Piparralha, piparralha, toca béim, q'àmanhéim dou-te um ventéim*». Se por acaso sucede não tocar *béim*, atiram-na fora e fazem outra.

— Em Portel chamam-lhe ◆*pipa*.

◉ **pisadeiro**, a *mão* do gral (peça, com que se pisam os temperos — sal, alhos, poejos, pimentões e coentros — para a *açorda* alentejana). (Mora).

◆ **pitorra**, o mesmo que *galinhola*. (É têrmo de caçador). (Safára, conc. de Moura).

◉ **plaimudo**. Diz-se dos galos (galinhas e frangos), que têm penas nas pernas e pés. (Serpa).

— Também dizem: *pelainudo*. (De *pelaina*, polaina?) (Montemor-o-Novo).

◉ **plome** (?), lamaçal. *(Polme?)* (Vid. *patameiro*).

— «Esta casa parece mais um *plome q'outra* coisa...» (Colhido em Odemira).

◉ **poada** (?), o mesmo que *nique*. (Mourão).

◆ **poço**. (Vid. o têrmo antecedente). (Cabeção, conc. de Mora).

— Em Serpa, segundo o *Novo Dic.*, vol. II, pág. 448, é o «utensílio de barro que se põe sôbre o fogareiro, para suster a panela».

◆ **polho**, carneiro novo, ainda inteiro. (Redondo, segundo o Sor D.^{or} Leite de Vasconcelos).

◉ **pomareiro**, vendedor de fruta (de *pomar*) no mercado. (Montemor).

◆ **potro**, espécie de *paio* ensacado na bexiga do porco. (Pavia).

preguiças, dois pedaços de cana de pequeno diâmetro, presos um ao outro por um cordão, nos quais se enfiavam as agulhas da meia, quando se largava o trabalho para elas se não desenfiarem das malhas. (É têrmo antigo recolhido em Évora).

◉ **primol**, cabrito (de um a dois anos). (Cp. *paisano*). (Safára, conc. de Moura).

◉ **provincio**, pequeno espaço de tempo.

— «Fui lá e vim num *província*». (Colhido em Montemor).

◆ **púcara** *(sub. fem.?)*, cogumelo comestível. (Odemira).

◉ **pu... nhais!**, interjeição equivalente a *bolas!... pôças!...* (Portel — Usado em Serpa).

Q

«**quadra**, o mesmo que *cavalariça*». (C. de F., *Novo Dic.*, vol. II, pág. 522).

♦ **quadrelo**, courela. Porção de terreno em quadrado. (Colhido em Estremoz).

— Em Viana do Alentejo, segundo Cunha Gonçalves, chamam-lhe *quadrela*, mas na opinião de Cândido de Figueiredo, na mesma acepção, é têrmo de uso geral.

1. «**quadrilha**, grupo de carrêtas, puxadas por toiros». *(Novo Dic.*, vol. II, pág. 523).

2. ♦ **quadrilha**, grupo de trabalhadores rurais, encarregados de certos trabalhos agrícolas (ceifa, azeitona, etc.). (Colhido em Mértola — Us. em Serpa e Moura).

♦ **quarteirão**, *courela* pequena (quadrada). (É têrmo antigo de Vila Viçosa). (Cp. *quadrelo*).

— «A *courela* tem a forma de quadrilongo; e quando é quadrada e pequena, chama-se *quarteirão*». (Padre Espanca, *Compêndio de Notícias de Vila Viçosa*, 1892, pág. 38).

♦ **quartel**, pequeno trato de terreno mais pequeno que o *farjal*.

— Parece que a ordem decrescente do tamanho de uma porção de terreno de semeadura, é a seguinte: *courela, farjal* e *quartel*. (S. Manços, conc. de Évora).

— No diário *Notícias de Évora* de... (não apontei a data) vinha êste anúncio: «*Courela* — Vende-se a das Perpétuas e *quartel* anexo, próximo da quinta dos Bastos».

◑ **queijo-de-entorna**, o mesmo que o têrmo seguinte. (Colhido em Beja — Usado em Serpa).

◑ **queijo-de-correr**, variedade de queijo que se conserva sempre brando, amanteigado e de *massa* mais fina que os vulgares, sendo branco no interior e amarelo no exterior. (Évora).

◑ **queijo-de-meia-cura**. Como é conhecida uma variedade de queijo ainda em meio de *curar*. (Portel).

◑ **quercalhices**, esquisitices; extravagâncias, etc.

— «*Ê nã* gosto nada dela: é tôda cheia de *quercalhices!...*» (Serpa).

quercalhos (ou **crecalhos**), o mesmo que o vocábulo anterior. (Idem).

questador (?), campo onde ainda não fizeram a apanha das espigas (de trigo), depois da ceifa ou da tiragem dos *roleiros*. (*Agostadouro?*) (Reguengos).

quicho, porco (suíno). (Montemor).

quinchoso, *hortejo* pequeno. (Alentejo).

— É têrmo já registado por vários lexicógrafos.

— O *Novo Dic.* também o arquiva, como provincianismo sem localização, significando: *pequeno quintal; cortelho.*

— Em Lavre, concelho de Montemor-o-Novo, chamam-lhe *conchouso*, forma que Cândido de Figueiredo diz ser desusada.

R

rabatinhos, amêndoas, confeitos, rebuçados e bôlos que nos *baptizos* o padrinho atira ao rapazio, no trajecto da igreja para casa.

— Às vezes os *rabatinhos* são atirados da janela ou da porta da casa onde é o *copo-de-água*. (Colhido em Portel).

— Terá alguma relação com o têrmo antigo *rebatinha*, coisa muito disputada?

rabeão (ona), o mesmo que *rabino*, travêsso, irrequieto. Que *rabeia* muito (referindo-se mais a crianças que a adultos). Cp. *andalão* (que *anda* muito), *risão* (que *ri* muito), etc. (Colhido em Portel — Usado em Serpa).

rabola, porção de mato que fica em certos pontos onde a *queima* não chegou, ou que não foi devorada pelas chamas. (Vid. *rebôlo*). (Lavre, conc. de Montemor).

raiol (no plural *raióis*), o mesmo que *belindre* (esfera de vidro — da garrafa dos pirolitos — usada num jôgo infantil). (Beja).

— Cp. no *Novo Dic.*, vol. II, pág. 546, o têrmo *raiola* que, como provincianismo beirão e transmontano, significa: *jôgo de rapazes*, etc.

raivinha, bôlo de farinha, ovos e mel. (Cfr. *A Tradição*, vol. I, pág. 42). (Serpa).

— No plural significa: «desejo de morder que as crianças manifestam quando os dentes lhes estão a *romper*». (Évora — Usado em Beja).

◎ **ralha (s).** [Vid. *marralha (s)*]. (Portel).

◎ **ralura**, ralação, *raladura*, raleira, ◎ *ralina*, etc. Apoquentação, moedeira. (Mértola).

— T. Pires registou: ◎ *raladela*. (Elvas).

1. ♦ **ramela** *(da fava)*, a parte também conhecida por *unha* que prende a fava à bainha. (Fig.). (Portel).

2. ♦ **ramela** *(da ferradura)*, o quadradinho de ferro que sai, com o ponteiro, do buraco dos cravos das ferraduras, ao serem atarracadas. (Por *lamela*?) (Idem). (Idem).

◎ **ramiça**, rama (demasiada) das plantas.

— «As *batatêras 'tão* cheias de *ramiça; nã dã* batatas que prestem». (Cp. *chamiça*, ramos sêcos, etc.). (Colhido em Montemor — Usado em Portel).

♦ **rapa**, vélho (ou rapaz) concertado numa casa ou no *monte* para ir à água, aos mandados, etc. (Safára, conc. de Moura).

♦ **rastilho**, peça de madeira com corrente, funcionando como tirante, que se prende à argola da *prítica* do carro alentejano, às charruas, etc., para se engatar uma outra parelha. (Safára).

♦ **realista**, o mesmo que *cantarrista* (grilo que *canta* muito e bem). (Colhido em Montemor).

◎ **rebitêso**, rijo, vigoroso (referindo-se a pessoas).

— «Aquilo *êi qu'éi* um vélho! com aquela idade vai ali ainda todo *rebitêso!...*» (Portel). Ouve-se também o têrmo fora do Alentejo.

1. **rebôlo**, «terreno coberto de mato». (C. de F., *Novo Dic.*, vol. II, pág. 560). (Vid. *rabola*).

2. **rebôlo**, almofada cilíndrica, onde se faz renda de bilros. (Fig.). (Montemor).

3. ♦ **rebôlo** *(jôgo do)*, o mesmo que *jôgo das cinco pedrinhas*? (Colhido em Odemira).

♦ **rédea**, ♦ *pendura* de uvas? (Colhido em Mora).

♦ **refôlho** (?), indivíduo que empresta dinheiro sem penhor?

— Não está confirmado êste têrmo. (Serpa).

— Em sentido figurado significa: *disfarce; fingimento.* *(Novo Dic.)*.

◎ **regrão**, *lápis* de ardósia. (Cabeça-Gorda, conc. de Beja).

♦ **reguinga**, a carta também conhecida por *cavalo*, ♦ *cavalete*, *conde* ou *valete*.

— «Que quer? Os reis, quando não são trunfos valem menos que um *reguinga*». (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 113). (Aljustrel).

—Em Portel e Évora há um jôgo de cartas conhecido pelo ◆*reguinga* ou ◎*rincha*.

◆ **relambóia**, terreno inculto, que se desbrava, para cultivar. (Colhido em Sobral, conc. de Moura).

◆ **relêvo**, turno; grupo. O mesmo que ◆*revêzo*.

—«... a não ser que o deixassem trabalhar um quarto mais no *relêvo* da noite». (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 207). (Aljustrel).

◆ **rêlho**, corda com duas ou três *braçadas* de comprimento, com que se prendem os bezerrinhos, durante um mês, em seguida ao nascimento, para que as mãis lhes tomem afeição. (Cp. *fiança*). (Safára).

◆ **rendeiro**, o mesmo que *cortor* (homem encarregado pela Câmara Municipal de multar os pastores que deixem os gados entrar em propriedade alheia, sem que para isso tenham licença). (Beja).

◆ **rendimento**, pontada, dor aguda, etc.

—«*Hõis tou mun máli: têinho aqúii* (apontando o lado direito) um *rendimento*...» (Colhido em S. Braz do Regedouro, Évora).

—Segundo C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, como têrmo geral, significa: *luxação* ou *deslocação de osso*.

◆ **ressaio**, pequeno passeio.

—«Precisa sair que *le* faz bem, que mais *nã* seja só um *ressaio!*» (Colhido em Beja—Usado em Évora).

◆ **ribanar**, levantar, erguer. (É têrmo popular).

—«Se és galo *ribana* a crista», assim diz uma cantiga popular. (Estremoz).

◆ **rijo**, conjunto de *ganhões*, *escaméis* e outros criados do *monte*. (Mourão).

◎ **risão**, risonho; aquêle que ri muito. (Cp. *andalão*). (Serpa).

◆ **risco**. (Vid. *regrão*). (Alcáçovas, conc. de Viana).

rocas, dores. (Vid. *gaitas*). (Montemor).

◆ **rodeio**, o mesmo que *chiqueiro*. (Cabeção).

—No Brasil do Sul, segundo C. de Figueiredo, designa: «Lugar onde se reüne o gado nos campos, em determinados dias, quando é preciso lidar com êle». (*Novo Dic.*, vol. II, pág. 628).

◆ **ronrom**, jôgo popular com uma bola de cortiça. Também assim é conhecida a *cova* para onde atiram a referida bola. (Portel).

◆ **ruça**, rapaz que começou a aprender os trabalhos do campo. Também assim é conhecido o ruim tirador de cortiça. (Cp. *muça*). (Lavre, Montemor-o-Novo).

— Noutros pontos do Alentejo chamam-lhe ◆ *ruço*.

— «Esta arte tem, é claro, os seus aprendizes, designados pelo têrmo depreciativo de *ruço*, isto é, *branco no ofício* de cortar lenha ou tirar cortiça». (Cunha Gonçalves, *A Vida Rural do Alentejo*, pág. 32).

S

◑ **sacaínho**, nome por que em Reguengos são conhecidos os habitantes de S. Tiago Maior, concelho do Alandroal. Os *sacaínhos* são de ordinário muito activos e laboriosos, e vão para aquêle concelho fazer searas em terras que não são suas, pagando depois as rendas nos mesmos cereais que colhem.

◑ **safanhão (ões)**, o mesmo que *frieira* (inflamação nos dedos, orelhas, etc., produzida pelo frio). (Mértola).

◆ **safardanas**, febres intermitentes, vulgarmente conhecidas por *sezões*. (Safára, Moura).

◑ **sàgôrro**, homem da serra; camponês (abrutado).

— «... à hora de abalar com as rêses que não tinham vendido apareceu-lhe um *sàgôrro*, tio de Joana...» (Brito Camacho, *Gente Rústica*, pág. 64). (Baixo-Alentejo).

— Em Messines (Algarve), chamam *sàgôrros* aos carneiros alentejanos de lã ennovelada, e por extensão e sarcasmo chamam também assim aos próprios alentejanos do Baixo-Alentejo (!).

◑ **sagúdia**, o mesmo que *canavoura* (planta). (Serpa).

◑ **sainim**, saia curta e com pouca roda. (Odemira).

◑ **salamanco**, coxo. (Cp. os três têrmos seguintes). (Montemor).

◑ **salamouco**, surdo, mas aparvalhado. (Cp. *salamorda* e *salamurdo*, usados em Trás-os-Montes). (Portel).

◑ **salapeiroso**, ou ◑ **sarapeiroso**, pessoa ou animal doente, cheio de mazelas.

— Formas populares de *laparoso*, que pronunciam *lapeiroso*? (Idem).

◑ **salapoio**, homem gordo, desajeitado. (Colhido também em Portel — Usado em Serpa).

◆ **salta-cardinhos**, o mesmo que *salta-pocinhas* (É têrmo popular). (Safára, Moura).

◉ **sameniquice**, esmola insignificante, de pouco ou quási nenhum valor; esmola própria de avarento. *Sovinice*. (Alter do Chão).

◉ **saramagús-magús** *(onomatopeia)*: afiadela. [Dá-lhe um *saramagús-magús* (à faca) nas bordas do alguidar]. (T. Pires, *Voc. Alentejano*, pág. 92). (Elvas).

◉ **saramusgas**, plantas lenhosas que se queimam nas fogueiras pelas festas dos santos populares (Santo António, S. João e S. Pedro). (Redondo).

— O *Novo Dic.* arquiva, como provincianismo minhoto, o têrmo seguinte: *saramuga*, o mesmo que *faúlha* (caruma sêca).

◆ **sardinha**, pequeno insecto *(lepisma?)*, de forma alongada, que no fim do outono e comêço do inverno aparece pelas paredes das casas. (Fig.). (Portel).

— Em Serpa, e possìvelmente no Baixo-Alentejo, chamam-lhe ◉ *saltaréu*.

◉ **sarote**, mêdo, susto. (Alandroal e Campo Maior).

— O mêdo, conforme é maior ou menor, na bôca da gente do povo tem vários nomes. Assim, é conhecido por: *cagaço*, ◉ *cagarruça* e *cagarruço*, ◉ *cegonhão* (segundo Tomaz Pires), ◉ *rabuço*, ◉ *seguinhão*, ou ◉ *suguilhão*, ◉ *surraço*, etc.

sêde-de-água, pequena porção (de água), um *golo*, etc. (Cp. *fio-de-água* e *vêrga-de-água*).

— «Se a vèlhota *nã* tivesse nada de seu, nem uma *sêde-de-água le davom!* Fica sabendo isto!?... Quem t'o diz, *tá* aqui!...» (Portel).

— Segundo C. de Figueiredo é geral o seu uso.

◆ **senado**, patifaria, maroteira, etc. (Évoramonte, Estremoz).

◉ **serejo** (com *c*?), serviço de condução de malas de correio, passageiros, etc., entre duas localidades. (Vidigueira).

◉ **sininho de S. Braz**, campaínha pequena, que antigamente se exportava para África, para enfeitar coisas de pretos. (É têrmo antigo). (Évora).

◆ **soldador** (ou simplesmente ◆ **solda**), homem de virtude, curandeiro; *menino-virtuoso* ou *menino-santo*. (Fig.). (Alandroal, Borba e Vila Viçosa — Avis e Gavião).

◆ **sôra** (?), pombo bravo (de raça pequena?) (Comenda — Gavião).

◉ **sujeira-do-Baptista**, o mesmo que *artemísia*. (Vid. *erva-do-anjinho*). (Êste Baptista é S. João). (Beja).

◉ **supilho**, remendo mal deitado (na roupa). (Vid. *abusinhão*). (Idem).

◉ **surdenho**, sôco, sopapo. (É têrmo popular). (Évoramonte).

◉ **surrasca** (com *o*?) rapazote, que no *monte* parte lenha, vai à água, ajuda a *feitora* em serviços ligeiros, etc. (Redondo e Montemor-o-Novo).

— É, mais ou menos, o mesmo que: *escamel*, ◉ *mandalete*, *paquete*, *rapa*, etc., de outras localidades alentejanas.

T

◉ **tabulacho**, tabuleiro, ou simples tábua, em que o *servente de pedreiro* conduz a argamassa. (Alandroal, Portel e Elvas).

♦ **tachim**, a primeira rodela de casca que se corta, ao partir-se uma *belencia* (melancia). (Montemor).

◉ **tagarrão**, pote de barro, de grande bôjo. (Serpa — Em Elvas, segundo o S.[or] A. T. Pires).

◉ **taimeira**, talha de barro, para uma pequena porção de vinho. (Cp. *tàmeira*) (Gavião).

taloca, pequena cova feita no chão para alguns jogos de rapazes. (Montemor).

— Em Portel chamam-lhe ◉ *chana*.

— Em Elvas, significa: «toca, buraco no tronco duma árvore, no chão, numa rocha». (Vid. *Vocabulário*, pág. 97).

— Cândido de Figueiredo também diz que é o mesmo que *toca*.

♦ **tàmeira**, *aguardo* (esconderijo) usado para a espera da caça, quer a reclamo, quer a negaça. (Castro Verde). (Vid. *parrocha* e cp. *taimeira*).

◉ **tapa-culpas**, pessoa que encobre faltas, defeitos, etc. de outrém. (Fig.). O mesmo que ♦ *tira-nódoas*.

— «... se tivesse querido fazer de *tapa-culpas* ou *tira-nódoas*, recompondo virgindades perdidas...» (Brito Camacho, *Gente Rústica*, pág. 126). (Baixo-Alentejo).

♦ **tareco**, chocalho pequeno. (Gavião).

◉ **tarelho**, burro pequeno, ainda de mama. O mesmo que *burcalho* (burricalho). (Montemor).

◉ **tarrabázia**, algazarra, confusão, *lavarito*, etc. (É têrmo pop.). (Serpa).

♦ **tarrote**, lata ou latão, onde se aquece a água para a *barrela*. (Moura).

◉ **têâça**, *teia de aranha*. (Cabeça-Gorda, conc. de Beja).

«**tejelina** — *Prov. alent.* — Mulher vaidosa, delambida; serigaita». (*Novo Dic.*, vol. II. pág. 994). (Cp. *tinge-linhas*).

◆ **tendilhão.** Assim era conhecido no antigo convento de Santa Clara, em Évora, o biombo que isolava as camas das freiras, nos dormitórios.

— O *Novo Dic.* de C. de Figueiredo, vol. II, pág. 796, traz o seguinte artigo:

«*Tendilhão*, barraca de campanha. Na Índia Portuguesa, dossel, com que no verão se resguardam do sol as machilas, e que também se chama *tenda*. (De *tendilha*)».

— O *Dic. da Antiga Linguagem Portuguesa* de H. Brunswich, pág. 295, regista: «*Tendilhom*, tenda, barraca».

◑ **ténica**, coisa pouca, sem importância, etc.

— «*Dêxê-le* a roupa; mas *nã* ficámos zangadas: foi assim por uma coisa *ténica*...» (Montemor).

— Parece-me que é forma só usada no feminino.

— Em Serpa — não sei onde vi a palavra, talvez na revista *A Tradição* — também se usa.

— Será forma popular de *técnica*?

◑ **tens e desténs**, disputa, rixa (mais por palavras que por actos). (Vid. *despés*). Corresponde à locução *dares e tomares*.

— «Elas umas com as outras é que têm os seus *tens e desténs!*... Com as pessoas de fora, não?...» (Portel e Évora).

◑ **terlinha** (?), homem ameninado, de compleição débil, etc. (Serpa).

◑ **tesminar**, ou ◑ **tresminar**, tresandar; exalar (cheiro irritante, nauseabundo). (Colhido em Reguengos — Usado em Portel).

◑ **testilheiro**, bisbilhoteiro, intriguista; mulherengo, etc. (Redondo — Usado em Mourão, segundo A. Fortes).

— Nas Beiras corre o vocábulo *testilhar*, que significa: *brigar; contender; altercar. (Novo Dic.)*.

◑ **tíbio**, valente; forte. (Portel).

— Note-se esta acepção. Em sentido geral, designa: *froixo; indolente*.

◑ **tigela da casa**, vaso de barro, com duas asas, destinado a receber os despejos. O mesmo que ◑ *basaréu* ou ◑ *basarico* de outras localidades. (Évora).

◑ **tigela de fogo**, vaso de barro, tìpicamente alentejano, que na cozinha substitue as caçarolas de esmalte ou de alumínio. Tem a forma de tronco de cone, com a base menor para baixo. (Beja, Portel e Reguengos).

◐ **tinefes**, coisas arrojadas, *coisas do arco da vélha*, etc. (Azaruja).
— C. de Figueiredo arquivou como provincianismo alentejano o vocábulo *tinebra* (temeridade; brincadeira arriscada).

◐ **tinge-linhas** (?), o mesmo que *trinca-espinhas*. (Cp. *tejelina* e vid. *terlinha*). (Alter do Chão).

◐ **tintinable**, guizo; cascavel. (Estremoz).
— Em S. Geraldo, conc. de Montemor, chamam-lhe ◐ *argorge*; no Gavião, tem o nome de ◐ *arjoz*.
— O *Novo Dic.* (pág. 818), regista: *tintinábulo* (campaínha; sineta).
— O *Dic. da Antiga Linguagem Portuguesa* (pág. 301), regista o mesmo vocábulo, significando: *soalhas* (cada uma das lâminas sonoras do pandeiro, ou das hastes do sistro).

◆ **toleirão**, o mesmo que *galo*, *galeirão*, etc. (Beja e arredores). (Vid. *galarouço*).

◐ **torrejão**, o mesmo que *caliça* ou *caliço*; entulho. (Serpa).

◐ **trancalhetas**, instrumento de madeira que consta de três tábuas ligadas só por dois pontos, e munidas de cabo, e que é destinado a substituir as matracas em Quarta-feira de Trevas. Os homens é que tocam as matracas, os rapazes servem-se das *trancalhetas*. (Cp. ◐ *trancanholas*, *castanhetas* e *castanholas*). (Redondo).

◐ **trapel**, pequeno rebanho. O mesmo que ◐ *chafardel* ou *fato*, mas ainda com menor número de *cabeças*.
— «Tinha só um *trapel* de gado: era uma marrã, *com sua licença*..., e sete *bácros*». (Montemor).

◐ **travales**, pessoa estouvada; doidivana, etc.
— «Quem pode aturar a rapariga? É um *travales*: *nã* pára nada com ela!» (Idem).

◆ **trízia** (?), pinheiro novo. (Lavre, Montemor).
— Terá relação com *terícia*, *icterícia*?

U

◐ **ucharia**. Como era conhecido antigamente nos *montes* de Évora o conjunto de facas, espetos, tachos de cobre ou de latão e outros *objectos de arame*.
— Em Vila de Frades, Vidigueira, etc., é o mesmo que *òcharia* (conjunto de alfaias agrícolas).
— Nesta acepção já foi registado pelo S.or D.or Cunha Gonçalves.

◉ **ulha!**... Oh!... É interjeição que exprime *espanto, admiração*, etc. (Portel).

◉ **ungüento** *(dos fradinhos* ou *dos frades)*, cáusticos de papel. (A. Bessa, *A Gíria Portuguesa*, pref., pág. XXIX). (Odemira).

V

valagoto, pequena vala? barranco?

— «... evitando aqui uma pôça, saltando além um *valagoto*...» (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 103). (Aljustrel).

— C. de Figueiredo já regista, como colhido em Turquel, o têrmo *valigoto*, significando: *pequeno vale*.

◆ **valência**, amparo, auxílio.

— «Vi-me *munto* mal, a minha comadre é que me acudiu; aquela mulher foi a minha *valência*». (Montemor-o-Novo).

— Deve ser alteração do têrmo antigo *valença*, «fortaleza, poder». (*Novo Dic.*, vol. II, pág. 899).

◆ **vapor**, lamparina alimentada a azeite, assente num pequeno estrado de madeira, onde os sapateiros aquecem os *ferros* do ofício. (Colhido em Évora — Usado em Arraiolos e Redondo).

◆ **varal**. Diz-se do indivíduo que não trabalha, daquele que só passeia, gastando muitas vezes o que não deve. Mariola.

— «*Dês* que *le* morreu o tio, sempre se fêz um *varal!*...» (Évora). (Compare o têrmo seguinte).

◉ **vareirão**, preguiçoso, madraço. (Serpa).

◆ **vareja**, o mesmo que *varejo* (acto de *varejar*).

— «Árvores de grande porte, muito bem tratadas, vê-se que por elas não passou a *vareja*, mas é-lhes familiar a podoa para as *destangalhar*». (B. Camacho, *Longe da Vista*, pág. 15). (Aljustrel).

◉ **vasquilha**, doença que ataca o gado lanígero. (Que doença?) (Colhido em Castro Verde).

◆ **veada**, fiada; fila. Camada.

— «... principiava-se a construção da *serra* e para mim nada mais divertido do que trepar lá acima e botar uma *veada*». (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 152). (Aljustrel — Usado em Portel).

◉ **velatório**, acto de *velar* (acompanhar) um morto, durante a noite que precede o entêrro. (Estremoz).

— É também usado em Elvas. (Vid. Tomaz Pires, *Voc. Alentejano*, pág. 105).

◆ **vélhas**, faúlhas saídas do lume. O mesmo que ◆ *castelhanos*, ◆ *espanhóis*, etc. (Colhido em Mora).

◉ **ventoice**. Na mulher é *leviandade, falta de reflexão;* na criança, *doidice, rabinice.* (Serpa).

verdurengo, o mesmo que *verdoengo* (que não está maduro, referindo-se a fruto).

— C. de Figueiredo no seu *Dicionário*, vol. II, pág. 917, classifica o têrmo como provincianismo sem localização. É usado no Alentejo (em Portel e Serpa), mas quási sempre na forma feminina.

◉ **vêrga-de-água**, uma *golada*, porção maior que uma *sêde-de-água.* (Fig.). (Cp. *fio-de-água*).

— «Bebe-*le* um *home* umas *vêrgas-de-água*, em cima da açorda, e fica que nem um *barra!...*» (Portel e Reguengos).

◆ **viajante**, homem contratado para levar o gado às feiras, servindo de pastor. (Montemor-o-Novo).

— Em Azaruja significa: *piolho.* Nesta acepção é têrmo de gíria.

◆ **viola**, o mesmo que *charrua* (alfinete *de segurança* ou *de dama*). (Colhido em Serpa).

© **vomitão (ona)**, o que vomita. Que vomita muito. (Cp. *risão*). (Idem).

X

«**xarém** — *Prov. alg.* — O mesmo que *xerém*». (C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, vol. II, pág. 946). (Usado em Ourique).

«**xarepe**, pequeno seareiro». (T. Pires, *Voc. Alentejano*, pág. 109). (Vid. *charepe*). (Elvas).

— Na *ob. cit.*, pág. 262, igualmente vem arquivada a forma *chârépe.*

◉ **xareto** (com *ch?*), corda comprida e grossa, de pita e crina, tendo uma argola de metal na ponta para lhe ser dada uma laçada, a-fim-de se apanhar o gado bovino, quando na pastagem. (Colhido em Safára, conc. de Moura).

«**xerém**, farinha de milho para papas. Papas de milho». (C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, vol. II, pág. 947, onde vem classificado como provincianismo algarvio). É também usado no concelho de Ourique e arredores, certamente trazido do Algarve. (Vid. *cherém*).

Z

◉ **zaburral**, *gostadouro* de milho zaburro. (Gavião).

◆ **zagalote**, o mesmo que *zangalote* (pequena bala de chumbo, usada pelos caçadores nas *montarias*). (Portel e Vidigueira).

1. **zambana**, homem desajeitado, e descuidado no trajar. Bonacheirão.

— «O *Manel nã têim* brio, é *mêmo* um *zambana*».

— C. de Figueiredo já regista o vocábulo, nesta acepção, como provincianismo sem o localizar. (Évora e Portel).

2. ◆ **zambana**, chocalho grande que se põe ao pescoço do gado bovino. Há uma grande variedade de chocalhos. (Portel — Usado em Évora e Reguengos).

◉ «**zamel das frêras**, homem afeminado». (T. Pires, *Voc. Alentejano*, pág. 111). (Elvas).

◉ **zangarilha**, andarilho (que anda muito). (Colhido em Mértola).

◉ **zangarilho**, homem alto e desajeitado. (Colhido em Reguengos — Usado no Baixo-Alentejo, e julgo que no Algarve).

◉ **zangorrear**, o telintar próprio dos chocalhos. Há no género: *zangarrear*, *zanguerrear* e *zinguerrear*.

— «Chegava-lhe aos ouvidos um *zangorrear* de chocalhos». (B. Camacho, *Gente Rústica*, pág. 87). (Aljustrel).

◉ **zarabola**, o mesmo que *zaranza* (pessoa atabalhoada). (Safára, conc. de Moura).

◉ **zargalheira**, mulher que, por virtude de passar privações aparenta mais idade do que na verdade tem. (Reguengos).

◆ «**zarro**, o mesmo que *zorro* ou *raposo*». (A. Bessa, *A Gíria Portuguesa*, pref., pág. XXIX). (Odemira).

◉ **zipada**, bátega, pancada (de água). (Colhido em Figueira dos Cavaleiros, conc. de Ferreira do Alentejo — Usado em Serpa).

◉ **zorrito**, o mesmo que *zorra* (carro muito baixo, com quatro rodas). Vagoneta. (Colhido na Mina de S. Domingos, concelho de Mértola).

◉ **zorzalão**, o mesmo que *zângão* (vàdio; explorador). (Alter do Chão).

◉ **zurraco**, chicote. Deve ser corruptela de *zorrague*. (Gavião).

ADITAMENTOS

Alcance

O *Diário de Notícias*, de 24 de Junho de 1938, traz um artigo intitulado *Em terras raianas*, onde se lê, entre outras coisas, o seguinte:

«*Montalegre, 23* — ... E quando a cerimónia terminou na igreja, logo os alviçareiros começaram na sua faina de atroar os ares com o estampido da pólvora sêca, dando a notícia do casamento aos povos vizinhos...»

*

Copo-de-água, beberete servido por ocasião dos casamentos e baptizados. (Dist. de Évora).

*

Monte, casal de herdade. (Alentejo).

— O *Novo Dic.* arquiva o têrmo neste sentido e ainda no de *montado*. Desconheço-o nesta acepção.

Canudo

O *Correio Elvense*, de 26 de Novembro de 1939, no artigo intitulado *Clima*, traz o seguinte:

«Tanto bastou para um autêntico escândalo, de que se falou, na rua ao soalheiro, durante a hora do despiolhamento, e á noite, ao serão, emquanto se atiçava pelo *canudo* o fogo da lareira».

*

Em Évora, quando o abastecimento de água era feito pelas suas antigas fontes e chafarizes, usavam-se *canudos* para mais fàcilmente recolher o precioso líquido. Os das fontes eram longas canas que tinham numa das extremidades um funil de lata ou mesmo um pedaço de chifre, a-fim-de adaptar à bica da fonte; para os chafarizes, aplicavam-se *canudos* mais pequenos, engrossados com um pedaço de pano, para ajustar na bica.

*

«De Évora diz-se também que não bebe quem não tem cana e corno. Com efeito as fontes da cidade têm as bicas tão altas que era preciso uma cana ôca com um copo de *pau do ar* para fazer o papel de funil que conduzisse a água para os cântaros. Hoje já se empregam *canudos* de lata com um alargamento em cima». [J. Soeiro de Brito, *Ditados Tópicos Alentejanos*, 1890 (1938 na capa), pág. 14].

*

O *Novo Dicionário* traz ainda êste artigo:

«**Xarrôco** — *Prov. alent.* — Dedeira, com que os ceifeiros resguardam dos golpes da foice o dedo polegar da mão esquerda». (Vol. II, pág. 946).

Charais

No *Diário de Notícias*, de 28 de Maio de 1937, na lista dos professores do ensino primário oficial agraciados com os diferentes graus da «Ordem da Instrução Pública», vem a concessão do grau de Cavaleiro da mesma «Ordem», ao S.or Prof. *António Filipe Charais.*

*

Em Portel, ainda com o mesmo sentido de *charais*, ouvi *alcanchais:* — «*Andi* por êsses *alcanchais* à busca de *tôdá còlidade* de erva *pra fazêri mèzinhas*».

*

No *Novo Dic.*, vol. I, pág. 71, encontra-se o artigo seguinte:

«**Alcanchal**, m. — *T. de Borba* — Caminho péssimo, intransitável».

*

◆ **Migas**, comida feita com fatias de pão fervidas em água, tempêros e gordura [azeite, banha, *pingo* de toucinho ou de *carne-de-mólho* (chouriço, lingüiça, etc.)].

— As *migas* comem-se acompanhadas de carne frita, peixe, bacalhau, etc.

— Não são «sopas de pão», nem o mesmo que «açorda». (Dist. de Évora).

Espenicar

O falecido Tomaz Pires arquivou, nos *Cantos Populares Portugueses*, estas duas quadras:

«O Senhor da Piedade,
À entrada dos currais,
As môças que lá 'stão dentro
'Stão picadas dos pardais».

(Vol. I, pág. 51).

«Ó minha maçã camoêsa,
Picada do rouxinol,
Se não fôssem as bexigas
Eras mais linda que o sol».

(Vol. IV, pág. 101).

Gato

Coligida por M. Dias Nunes na revista *A Tradição*, n.º 4, ano 1.º, de Abril de 1899, pág. 53, encontra-se, entre outras, a quadra seguinte que as raparigas de Serpa cantam à Senhora da Guadalupe:

«Virgem-Mãi da Guadalupe,
Quer'-lhe pedir uma cousa:
— O meu bem vai ao exame:
Que não *traga a raposa!*»

Correr do sino

Em Abril de 1935, recolhi em Portel, a seguinte cantiga:

«Ó senhor Juiz de Fora
Não mande *correr o sino*,
Que esta noite não é vossa,
É do Baptista Divino!»

Segundo a informadora, pessoa das mais idosas da vila, a cantiga fôra improvisada há mais de 60 anos, na noite de

S. João, por Carolina Borralho, a-fim-de obter licença da autoridade, que na ocasião rondava o *mastro*, para que êste durasse tôda a noite.

*

Em Reguengos de Monsaraz ouvi esta quadra:

«Eu bem sei onde tu *vás*
Certa noite *dar os serões:*
Meu coração é sério
Não *consinte* mangações».

*

No Vimieiro, concelho de Arraiolos, há o costume de os rapazes se juntarem, na noite de quarta para *quinta-feira de comadres*, munidos de chocalhos, guizos, esquilas, etc., percorrerem as ruas da vila com grande barulheira até o *correr do sino*, ocasião em que cada um recolhe a suas casas, caindo a povoação depois no mais completo sossêgo.

Locuções verbais

A locução *dar os dias santos* encontra-se nesta quadra, recolhida por Tomaz Pires nos *Cantos Populares Portugueses*, vol. I, pág. 225:

«Qual é a luz que alumia
Esta casa aos quatro cantos?
Desta porta para dentro
Quem *dará os dias santos?*»

(Alentejo).

Também nesta quadra se vê a locução *dar à tramela:*

«Amor, diz à tua mãi
Que não *dê* tanto *à tramela:*
Ela não gosta de mim,
Eu *taméim* não gosto dela».

(Portel).

*

Segundo o S.or D.or Estanco Louro (Vid. *O Livro de Alportel*, pág. 213) em S. Braz de Alportel (Algarve) *dar a adevaia* é o mesmo que «dizer adeus, falar a alguém, de passagem: *ela dë-me adevaia, q'ando ia p'r'à aldeia*».

*

Mais algumas locuções formadas com o verbo *dar*:

Quem *responde à letra*, isto é, dá pronta e adequada resposta a alguém, *dá-lhe com duas pedras na afunda*. (Serpa).

Dar por paus e por pedras, dar a casca, o cascarrão, o cavaco, o cavaquinho, sorte, etc., é zangar-se muito, irritar-se.

— «O *Antóino das Vacas deu por paus e por pedras* quando *le disserom* que o filho ficou *máli* no *enzame!*» (Portel).

Mas também *dar o cavaco* ou *o cavaquinho* significa gostar muito.

— «Eu *dou o cavaco* por sardinhas assadas com pimentos». (Idem).

Se uma pessoa é mal sucedida no que julgara fácil, dizem que *deu com a verruma em prego*. (Évora).

Bajular, lisonjear servilmente outrém, é *dar-lhe graxa* ou *manteiga*. (Idem).

E se a lisonja é demasiada, a pessoa que assim está procedendo, está *dando mel p'los beiços*. (Portel).

Dar um charuto ou *uma charutada, dar um rebuçado* é o mesmo que repreender, censurar. (Évora).

Fugir é *dar às de Vila Diogo*.

— «Logo que o vêlho foi buscar uma vara, os rapazes *deram às de Vila Diogo!*» (Idem).

Quem se engana e prontamente o confessa — o que sem dúvida é digno de louvor — *dá a mão à palmatória*; faz, no entanto, o contrário, quem, por teimosia, não quere *dar o braço a torcer* (Portel).

E quem revela um segrêdo *dá com a língua nos dentes!* (Évora).

Na Vidigueira, diz-se que *dá saias* o ceifeiro que, por desembaraço, na ceifa, se adianta dos restantes.

Dar ao pelgaço é, em Serpa, andar a passear, tendo todavia que fazer.

Estragar quanto tem, negócios, haveres, etc., por *má cabeça* ou outro motivo, é *dar em droga, dar (com tudo) em pantanas.* (Portel).

Também nesta vila, *dar os santos* é dar aos afilhados, aos rapazes em geral, bôlos, figos, nozes, etc., no dia 1 de Novembro *(Dia de Todos os Santos).*

Quando uma pessoa se mete onde não é chamada, mandam-na *dar ao diabo o que sabe!* (Évora).

Dar o triste pio é morrer (Portel).

Dar uma geira de terra a quem não pode dar outra é acompanhar alguém à sua última morada. (Évora).

E quando uma pessoa já não pode trabalhar, por doença ou por velhice, *deu o que tinha a dar.* (Portel).

Quem deseja que as coisas se façam bem e com cautela, tem que *dar tempo ao tempo.* (Idem).

Etc. etc....

Tio, tia

Na revista *A Tradição*, n.º 6, ano 3.º, de Junho de 1901, pág. 95, M. Dias Nunes arquivou esta quadra:

«Linda flor é o loureiro
Que nasce pelos quintais.
As filhas dos sacerdotes
Chamam *padrinhos* aos *pais*».

(Baixo-Alentejo).

Portel — Outubro de 1938.

J. A. Pombinho Júnior.

OS SALOIOS [1]

(NA ESTREMADURA CISTAGANA)

SUMÁRIO: — I. O que são Saloios, e sua origem — II. Área própria dos Saloios — III. Alguns caracteres e costumes dos Saloios — IV. Os Saloios na Literatura.

I. **O que são Saloios, e sua origem:**

Segundo a magistral explicação dada pelo Prof. David Lopes em 1917, o vocábulo *Saloio* ou *Çaloio* (melhor grafia) é de origem arábica, e significa fundamentalmente «*habitante do campo*, em oposição ao da cidade: apelidação, pois, de desdém com que a gente polida da cidade designava a população inculta dos campos, *campónio*, emfim» [2].

Concorda na essência com êste étimo a significação que sempre se atribuiu a Saloio: «o agricultor do têrmo de Lisboa, que traz a vender os frutos e pão à cidade» (Morais).

E o mesmo étimo justifica, em parte, a menção que todos, ou quási todos, os que têm falado dos Saloios fazem, de que êles provêm dos Mouros que D. Afonso Henriques, após a conquista de Lisboa (1147), deixou ficar em seus lugares e fazendas, mediante certo tributo que lhe pagariam (Mouros forros) [3]. Digo *em parte*, porque há-de entender-se que em Lisboa e arredores não havia então sòmente Mouros, havia ao mesmo tempo Cristãos, isto é, Moçárabes, que constituíam a população autóctone [4]. Mais claro: a primitiva gente

---

[1] Artigo (ainda inédito) extraído da *Etnografia Portuguesa* [no prelo], vol. III, pags. 428-460, do mesmo autor.

[2] *Coisas arábico-portuguesas*, pág. 23. — Separata do *Bolet. da 2.ª Cl. da Acad. das Scienc.*, vol. X.

[3] Vid., por exemplo, Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea* (1629), diálogo XXII, na ed. da Imprensa Nacional, de 1867, pág. 244; e sobretudo o *Foral dos Mouros forros* de Lisboa, etc., de 1170, nas *Leges*, pág. 396.

[4] Vid. Herculano, *HP*, vol. I, págs. 401-402. E cf. o meu opúsculo *Lisboa arcaica*, 1937, pág. 15: *bispado de Olixibona*, no século VII (Separata do *Bolet. cultur. e estat.* da

de que provieram os Saloios, regulando-nos pelo étimo, constava pois de Mouros e Cristãos. E até observa Herculano que, quanto à população da cidade e arredores, depois da reconquista, o elemento cristão, pelo decurso dos tempos, absorveu em si o mourisco (¹). Muitas pessoas desconhecem ou esquecem tudo isto com freqüência.

Custa igualmente a crer que certos autores, como Alberto Pimentel (²), se comprazam em afirmar que o Saloio «tem muito de Mouro, alguma cousa de Berbere..., é Africano de origem, e os seus hábitos de vida, as suas tendências hereditárias ainda hoje o revelam» (³). Tudo fantasias. Para se difinir o tipo físico dos Saloios necessita-se de que a Antropologia diga alguma cousa; e os nossos antropólogos ainda não falaram a tal respeito.

Pimentel parte de premissas não provadas, e tudo quanto deduz delas padece do defeito original. Dá como próprios dos Saloios trajos, costumes, vocábulos, que se encontram, mais ou menos, por tôda a parte. A própria *nora* existe no Sul do Tejo. Falando da alface esquece-se da palavra *leituga* (⁴). Não é o telhado que se denomina *mourisco*, e sim a telha curva, que veio já dos Romanos: *imbrex*, e de que se conservou no Minho um derivado: *brelho*. Não são sòmente as Saloias que

---

Câmara de Lisboa, vol. I, n.º 2). Sabe-se de um bispo em Lisboa, no tempo dos Árabes, bispo manifestamente moçárábico, que depois da tomada da cidade, e no momento do saque, foi degolado pelos Flamengos & Colonenses: vid. *Conq. de Lisboa* (1147), narrações de dois Cruzados, tradução do D.or J. A. de Oliveira, 2.ª ed., 1936, pág. 107, e considerações do tradutor, págs. 128 e segs. É obvio que, assim que cessou a dominação arábica, deixou de haver Moçárabes pròpriamente ditos, para só haver Cristãos. O que se aplica a Lisboa e a outros territórios conquistados. *Moçárabes* é idea relativa, que só se compreende referindo-a a Árabes ou a Mouros.

(¹) No *Panorama*, vol. II (1838), pág. 124.

(²) A *Extremadura Portuguesa*, 2.ª parte, 1908.

(³) Pág. 6.

(⁴) Acêrca da palavra *Alfacinha* aplicada ao Lisboeta, e de que o mesmo A. fala a pág. 7, vid. o que escrevi no meu livrinho intitulado *Epiphanio Dias*, 1922, pags. 41-42.

trabalham duramente no campo; as Minhotas trabalham por igual, e é cousa sabida que por todo o Portugal a mulher toma parte na vida agrária, e isso já se documenta na época romana, quanto aos Galecos (1).

Com a existência de Mouros forros na cidade e arredores coincide a de escravos mouros, de que se fala por quatro vezes no foral de Lisboa, de 1179, publicado nas *Leges et Consuetudines:*

Pág. 412: De mouro ou moura pagar-se-ia meio maravedi;

Pág. 414: Mouro que trabalhe de ferreiro ou çapateiro em casa de seu senhor;

Ibidem: Mouro ou moura comprado ou vendido fora de Lisboa;

Ibidem: Outra alusão a *Sarracenos* («forum et quinto sarracenorum»).

Da etimologia descoberta e justificada pelo D.or David Lopes, e do uso do vocábulo, resulta que *Saloio* não passa, originàriamente, de alcunha, imposta primeiro pelos Árabes, e depois adoptada pelos Cristãos, e continuada na linguagem até hoje. Abundam alcunhas análogas por êsse Portugal fora (2). Dos Árabes data da mesma maneira a de *Barrões,* que possuem os habitantes dos bairros de Santarém (3), e que na origem significava «arrabalde» (4).

O haver entre nós tantas alcunhas étnicas não me fêz hesitar em escolher para tílulo do presente discurso uma expressão em que entrasse o vocábulo *Saloios:* com efeito, *Saloios* é agora mais que alcunha, é designação étnico-geográfica, que perdeu ou atenuou a primitiva acepção de acrimónia, e se aplica a uma área tradicional, determinada, e não vaga, que data de tempos muito remotos, e com a qual os respectivos indivíduos não se ofendem, quando empregada a sério. Ouve-se a cada passo: *morar nos Saloios* ou *lá para os Saloios, ir aos Saloios,* ou *para os Saloios, vir dos Saloios.* Êles próprios, como se mostrará adiante, adoptam a palavra

(1) Cf. os meus *Opúsculos,* vol. V, págs. 401-402. O historiador aí citado é Justino (séc. II p. C.), mas a sua obra provém de Trogo Pompeio (época de Augusto).

(2) Cf. os meus *Opúsculos,* vol. VII, págs. 658 e segs.

(3) Vid. supra, pág. 426, nota 2.

(4) David Lopes, *loco laudato,* pág. 24.

na qualificação de cousas suas. De um povo itálico, os Sabinos, que confinava com os Latinos, diziam os Romanos: *ex Sabinis, in Sabinis.*

*

A idea de «homem do campo», contida originàriamente na palavra *Saloio* provocou a de «grosseiro, tôsco, incivil», usando-se no masculino, e no feminino. Idêntica evolução sematológica observamos em *rústico* e *agreste*, do latim rusticus, adjectivo e substantivo (de rus), e agrestis, idem (de *ager*). Cf. em alemão *Dörfler* (de *Dorf* «aldeia»), que dialectalmente soa *Torpler*, donde *Tölpel* «pateta» (1).

É natural que o sentido metafórico de *Saloio* se aplique por muita parte (e já figure em vários dicionários), e que até chegue a significar, de modo geral, gente do povo, ou quaisquer campónios, sem acepção pejorativa: assim acontece, por exemplo, na Lourinhã, e talvez noutros concelhos da Estremadura, não saloios. Nesta província *Saloios* usurpa mais ou menos a depreciativa e injusta acepção de *Galegos* no Norte e na Beira. Saloio vai gràficamente mais longe. Lê-se num autor do século XVIII: «romances feitos às *Saloyas filhas da Serra da Estrella*» (2), onde *Saloias* quer dizer «rústicas».

II. **Área própria dos Saloios:**

O autor da *Physiologia do Saloio* (1858), obrinha que mais vezes se utilizará adiante, entende que o território dos Saloios não passa além de dez léguas, em circunferência da capital, «notando-se todavia que os povos onde menos se pode aplicar a denominação de *Saloios* são os que habitam ao Sul do Tejo» (3).

---

(1) Informação do S.or Rodolfo Frederico Knapic, professor da Faculdade de Letras de Lisboa.

(2) Fr. Lucas de Santa Catarina, *Seram politico*, 1704, pág. 126.

(3) Págs. 7-8. — A obrinha é anónima; porém no jornal intitulado *Sintra Regional*, de 4-VII-1931, um correspondente, o S.or Cunha e Costa (Picôas), assegura que o autor da mesma obra foi António Maria da Cunha Pereira de Sotto Maior, a quem se devem outras, e antigo administrador do

Segundo apuradas informações que colhi, a área saloia abrange:

1. Algumas frèguesias rurais do concelho de Lisboa, como diz o agrónomo J. da Câmara Pestana (1). Estas frèguesias creio serem, na parte jacente *extra muros*, as seguintes (1911):

Ameixoeira, Bemfica, Carnide, Charneca, Lumiar, Olivais (2).

A Bemfica pertencia ainda a Porcalhota em 1894 (*Dic. postal* de Silva Lopes), terra de Saloios, hoje denominada *Amadora*, que é pròpriamente a parte moderna, habitada sobretudo por pessoas de Lisboa, e onde está uma estação ferro-viária. A Amadora e Bemfica formavam em 1930, frèguesias de per si, aquela do conelho de Oeiras, esta do de Lisboa (3). A Carnide se refere G. Pereira, *Pelos subúrbios* (1910), citando *Saloios*, por exemplo, a pág. 65. Na rua de S. Sebastião da Pedreira ainda por meados de 1888 se via uma padaria de pão saloio; e é acaso por pertencer a rua ao território saloio, que chamam *frèguesia dos Alarves* à de S. Sebastião da Pedreira; um pouco mais adiante falar-se-á de uma denominação análoga.

2. O concelho de Oeiras. As povoações do interior, situadas nas frèguesias de Barcarena e Canaxide (nesta fica Linda-a-Pastora e Linda-a-Vélha), são confessadamente saloias. Nas povoações da beira do Tejo (a própria vila de Oeiras, Santo Amaro, e Paço de Arcos, Algés, Dá-Fundo), boa parte da população veio de fora. Quanto a S. Julião da Barra é

---

concelho de Sintra (1852-1856), que, por ocasião da cólera-morbus, prestou relevantes serviços ao público, recebendo depois por isso a Tôrre-Espada. — Ao meu antigo condiscípulo D.or Carlos Galvão, médico em Mafra, agradeço o ter-me dado a notícia aqui apresentada.

(1) In *Boletim da Direcç. Ger. de Agric.*, ano 9.º, n.º 5, pág. 42.

(2) Vid. *Censo das povoações*, pág. 214. — Da sua subordinação política em 1930 vid. o *Censo da população*. Os Olivais foram em tempos concelho próprio, e ainda em 1884 o eram (cf., por exemplo, *Portugal e possessões*, obra publicada em Viseu).

(3) *Censo da população*, págs. 124 e 126.

provàvelmente também população mixta. Da frèguesia da Amadora: falou-se no § 1.

3. O concelho de Cascais. Neste concelho temos de distinguir o seguinte [1]:

a) A população das aldeias do interior (umas trinta e tantas) que aí mora e veio de tempos antigos de família em família, com rara infiltração estranha, é genuìnamente saloia.

b) Há povoações antigas da beira-mar, que eram saloias, cuja população mudou por infiltração de gente vinda, por assim dizer, com o combóio, ou procurou as praias (há uns 80 anos para cá), atraída pela côrte, que se fixava muito em Cascais. Afora Cascais, aconteceu o mesmo a outras povoações do interior como: Galiza, dantes muito modesta, e que se estende para os lados do mar, chamada hoje S. João do Estoril; Parede, também de comêço muito modesta, hoje já vistosa; Carcavelos, das três a que goza de maior importância. Tôdas estas povoações eram igualmente saloias, e vão perdendo os seus primitivos caracteres. Os indígenas quási desapareceram. Em rigor, a terra já não é saloia.

c) Finalmente, distinguem-se da beira-mar outras povoações de origem moderna, sem elementos saloios na sua origem, e que entram na categoria estudada nesta *Etnografia*, vol. II, págs. 548 e segs. Estão em tal caso: Santo António do Estoril e Monte Estoril, e quási nas mesmas condições S. Pedro do Estoril (outrora *Cai Água*). São povoações criadas por influência da cidade e de Cascais, assento, muitas vezes, da côrte, como se disse. Nestas povoações não há Saloios [2].

Os Saloios, nos locais onde os há, não se ofendem com a designação, e pode ouvir-se-lhes: *nós os Saloios*. A designação é ingénita e tradicional, e de tal modo que as pessoas da vila consideram assim as das aldeias, e nunca as das povoações da beira-mar. A significação metafórica de *grosseiro, lorpa*, só se emprega quando enfàticamente se aplica a Saloio com intensão pejorativa.

---

(1) Conformemente os apontamentos que me mandou o S.or Engenheiro Maximiano Gabriel Apolinário, Professor Aposentado do Instituto Superior Técnico.

(2) Cf. *EP.*, vol. II, pág. 578.

4. O concelho de Loures. Exceptuando a frèguesia de Sacavém, é quási só habitado por Saloios.

Sacavém em 1839 era «têrmo» de Lisboa, de que distava duas léguas: vid. o *Dic. abreviado* do Flaviense. Em 1853 pertencia ao concelho do bairro de Alfama: vid. o *Dic. Geog.* de P. J. Marques. Em 1884 fazia parte do concelho dos Olivais: vid.: *Portugal e possessões*, obra publicada em Viseu; e o *Censo das povoações* (1911). Desta última povoação falou-se supra, § 1.

Conquanto Sacavém pertença hoje administrativamente a Loures, fica em verdade no Ribatejo Cistagano.

5. O concelho de Sintra. A capital, porém, diferença-se das frèguesias rurais em ser pouco saloia, em ainda querer ser menos, e em desdenhar o qualificativo. Não admira isso, porque ela e o seu aro possuem paços onde, por diversas vezes, residiram reis, e orgulham-se de conter muitas casas nobres ou ricas e de, com tôda a justiça, gozarem dos foros de centro de *turismo* (ou excursionismo), — tantas belezas naturais se lhes desenrolam em volta! Alguns Saloios, que ainda fazem parte da genuína população sintrã, escondem-se, por assim dizer, em vélhos recantos da vila.

Os modernos habitantes, mais despropositados, impam de aspirações a modernismo, e de tal modo, que na língua corrente dizem, falando dos arrabaldes: *vamos*, ou *fomos*, *aos Saloios*. E quando um dêstes adrega a vir à capital do concelho, em dia de semana, não há quem não note e não censure o desalinhado do trajo, como se os pobres homens e mulheres, que vêm do trabalho campestre, houvessem de se aperaltar para aparecerem *em público!*

Em tempos antigos, e ainda há menos de meio século, não sucedia assim. A vila era tão saloia como o resto do território, e aí, segundo veremos, se publicavam jornais de títulos saloios.

Oliveira Martins chama algures *Saloio* a D. João VI, por ter nascido em Queluz, do concelho de que falamos.

6. O concelho de Mafra. Os habitantes, com excepção dos da Ericeira, são Saloios confessos; só deve observar-se que naquela vila flutua uma população militar de certa importância, em razão de existir aí uma Escola prática de Infantaria. Entre as frèguesias saloias conta-se a do Sobral da Abelheira, a que vulgarmente se chama *Sobral dos Alarves*, com epíteto semelhante a um que já vimos em Lisboa (supra, § 1).

Ninguém em Mafra considera Saloios os da Ericeira, e tratam-nos por *Jagozes*, palavra talvez relacionada com a muito popular e conhecida *jagodes*. Os da Ericeira muito menos se consideram Saloios, e chamam assim, com desprêzo, aos Mafrenses. Essa povoação, pela sua situação à beira do Oceano, pelas suas indústrias relacionadas com êste (hoje todavia em decadência), e outras, pela sua história (antiga capital do concelho), adquiriu um *quid* particular. Os moradores e os médicos procuram notabilizá-la como *praia das crianças* (1).

*

Na sua obra, já citada, divide A. Pimentel o território dos Saloios em duas zonas:

a) Zona de instalação, que «representa o *habitat* inicial dos Mouros — tolerados — do arrabalde de Lisboa, e dos seus immediatos descendentes»;

b) Zona de penetração e irradiação, «que exprime a natural expansão d'esses primeiros occupadores, do Sul para o Norte», desde as margens do Tejo, por Loures, Sintra, Mafra, Arruda, Sobral de Mont'Agraço, Torres Vedras, Lourinhã, Cadaval, até Óbidos.

«Os habitantes, continua o mesmo autor, offerecem caracteres e costumes inteiramente análogos aos dos Saloios do Termo de Lisboa *(zona de instalação)*, acusando assim uma origem commum» (2).

Quanto à primeira afirmação, notou-se acima que os Saloios não provinham apenas de Mouros, provinham também de Cristãos, e lembrou-se a sensata opinião de Herculano de que aquêles vieram a ser assimilados pelos últimos.

A segunda afirmação carece mesmamente de base. A área saloia termina, ao Norte, em Mafra, e nem a Ericeira lhe per-

---

(1) Cf.: *Anais da Vila da Ericeira* (de 1229 a 1932), por Lobo e Silva, Coimbra, 1933; *A Ericeira e sua área de turismo* (com ilustrações), Lisboa, Bertrand, 1931. A posse dêstes livrinhos, bem como as informações dadas acima, vieram-me da parte do meu colega D.or Carlos Galvão (Mafra).

(2) *A Extremadura Portug.*, vol. II, pág. 5. Exclue povoações suburbanas, e além disso os concelhos de Oeiras e Cascais: vid. o Índice do volume, pág. 530.

tence. Ficou já exposto qual era a área, que julgo mais exacta, ocupada pelos Saloios. E suponho muito exagerado o que diz Pimentel. No Cadaval exerci eu clínica em 1887, durante uns meses, percorrendo o concelho em várias direcções, e tenho voltado lá, de visita: e nunca ouvi falar de Saloios. Conheço um pouco o vizinho concelho de Óbidos, e o mesmo digo dos Saloios. Nesta opinião a respeito dos dois concelhos fortalece-me o apoio de um amigo, que habita uma quinta no concelho de Óbidos, e sabe do do Cadaval. De informações que recebi de outros amigos vejo que ninguém se considera Saloio nos seguintes concelhos: Arruda dos Vinhos, Lourinhã (com Peniche), Sobral de Mont'Agraço, e Tôrres Vedras. Na Lourinhã até se ofendem, se alguém alcunha de Saloios os habitantes, e só pessoas de alguma categoria chamam assim, como por tôda a parte, a campónios boçais, sejam êles donde forem (acepção metafórica: supra, pág. 432). O mesmo acontece em Tôrres Vedras, e de-certo nos restantes concelhos.

A observação, que Pimentel faz, por fim, de haver semelhança de costumes das populações saloias (no sentido dêle), entre si, pode estender-se a populações limitrofes, não saloias.

A Pimentel apraz falar dos Saloios como de uma população que caminha para o Norte (1). Talvez fôsse mais exacto dizer que quem caminhou foi a alcunha, e não a população.

III. Alguns caracteres e costumes dos Saloios.

Caracteres:

Há sem dúvida quem descubra nos Saloios certo tipo físico especial, mas, como se notou acima, faltam ainda observações exactas de antropólogos. O autor da *Physiologia* diz ter encontrado algumas, ainda que poucas, caras bonitas nas mulheres, e também «olhos e dentes magníficos em quási tôdas» (2).

O Saloio passa por manhoso e desconfiado (3). Estas feições provieram-lhe provàvelmente da vizinhança da cidade, onde, dantes, pelo menos, todos zombariam dêle. Observa com

(1) Por exemplo, a pág. 7.
(2) Pág. 50.
(3) Cf. *Physiologia*, pág. 32.

graça o autor do citado opúsculo que o Saloio, quando lhe faziam promessas grandiosas para êle dar o seu voto em eleições, coçava incrèdulamente «atrás da orelha com todos os dedos da mão direita» (1). E acrescenta que, se o mesmo sabia rabiscar o nome, a sua maior aspiração social consistia em obter o cargo de *juiz eleito* e *regedor* (2); chama-lhe, porém, amigo do trabalho rural, e demandista por condição (3). Ouve-se por aí muitas vezes falar de *esperteza saloia* por ardilosa e velhaca (4), se ela não há-de antes entender-se às avessas! Embora hoje a religião dos Saloios não seja muita, sobretudo em algumas povoações, a mencionada *Physiologia* descreve o entusiasmo dêles, aí por 1858, com os círios da Senhora da Nazaré e da Senhora do Cabo (5), e a pontualidade que mostravam na observância dos preceitos da Igreja, o que não obstava a que logo ao saírem da confissão ou da missa desancassem com pancadas um inimigo, e entrassem na taverna para se embebedarem (6).

Costumes:

Consoante informações que me mandaram de Sintra, usam os Saloios dos arredores parreiras à porta das casas, e um pátio diante desta, onde se vê a pocilga do porco, e loja de gado. Quem entra na casa, encontra quatro a cinco compartimentos no rés-do-chão, lageado: aí está a cozinha, com seu forno, a salgadeira; aí comem, etc. Às vezes há um primeiro andar, com quartos de dormir.

Falando dos primeiros anos da vida do Saloio, conta o autor da *Physiologia* que aquêle, quando ainda muito infante, vive à porta da rua, se faz sol, e dentro de casa, em cima de uma arca, se chove: em qualquer dos casos envôlto «em cousas que não têm nome conhecido». Maiorzinho, continua a andar imundo. Alimenta-se de fatias de milho ou cevada muito grandes. Aos 4 anos vai já guardar gado para o

(1) *Ib. ibidem.*
(2) *Ib. ibidem.*
(3) *Ibidem*, págs. 40-41 e 48.
(4) *Dicion. Contemporan.*, s. voce.
(5) *Physiologia*, págs. 34-36.
(6) *Ib.*, pág. 61.

monte. O seu trajo consta de calças muito duras, jaqueta, camisa; os pés sem nada. Às vezes, dos 7 para os 8 ados freqüenta a escola, apenas uns três anos, para aprender a escrever mal o nome. Aos 12 anos larga a escola, e os rebanhos, e começa a cavar, e em breve a empunhar a rabiça do arado (1).

Do trajo antigo do Saloio adulto ministra o citado opúsculo notícias mais curiosas. O homem: chapéu braguês; colarinhos muito altos; colete de vélha sêda preta e amarela, aparecendo a camisa com airosos rufos entre êste e os calções; jaleca; botas de canhão exterior, como as dos sotas; navalha de volta, por isso inofensiva; vara-pau, de que faz bom uso em feiras e ajuntamentos (2). Quando janota: chapéu à espanhola, jaqueta azul, colete encarnado, calças de *pele do Diabo* (bombazina), botas brancas; gosta de arremedar o *fadista* nas voltas e saltos que dá, quando o acompanha o seu apreciado pau de chapa e choupa (3). A Saloia usa pente de tartaruga de grandes dimensões, lenço de cambraia na cabeça e ao pescoço um de chita; *roupinhas* «que lhe formam a cintura no meio do peito», saia encarnada de baeta, algo curta; *sapatos* de cordovão em dias de festa, de cabedal branco em dias de semana (4).

Observações avulsas:

1. Saloio, baixo, grosso, atarracado, cabeça e cara volumosas, sem bigode nem môsca, nem pêra, só longas suíças (estreitas em cima, e largas em baixo), barrete prêto (5) com a ponta caída para o lado esquerdo dêle e um pouco para trás. Camisa branca, jaqueta de fazenda com três botões, ou mais, desabotoada, colete aberto e também desabotoado, calças escuras, sapatos brancos.

---

(1) *Ib.*, págs. 10-13.
(2) Págs. 26-27.
(3) Págs. 27-28.
(4) Págs. 49-50.
(5) Em S. João das Lampas, concelho de Sintra, à entrada do alpendre da igreja, há uma pedra chamada *das carapuças*, onde os Saloios deixam as suas para irem à missa. Com êste tema há um drama de Costa Cascais: vid. adiante, cap. IV.

Faixa preta ou *cinta*.

Guarda-sol vermelho na mão direita, uma cesta coberta, enfiada no braço esquerdo, e outra, tapada com um pano, na mão do mesmo lado.

(Num eléctrico).

2. Saloio sorridente, baixo, grosso, grisalho, matacões, barrete prêto, jaqueta azul de cotim, calças de cotim, çapatos, guarda-sol azul grosseiro, com o cabo quebrado e alforge ao ombro esquerdo.

(Em Lisboa, de passagem).

3. Trajo saloio de rapaz do povo, ao Domingo: barrete prêto ou verde, calças de meia polaina [1], estreitas; cinta; casaco mais comprido do que a jaqueta dos homens, o qual deixa ver atrás a camisa, ou então jaqueta; *botas de cano* por fora das calças, ou então botas de cano interno.

(Em Loures, há uns anos).

Ocupação dos Saloios:

Além das ocupações campestres, próprias da província (cultivo de cereais, da vide, etc.), do exercício de certas indústrias (olaria em Mafra, por exemplo), de negócio de gados (concorridas feiras da Malveira), os Saloios tomam à sua conta proverem a cidade dos mantimentos de que já se falou, e bem assim de hortaliças e outros géneros que até na língua comum se designam pelo epíteto de *saloio*, *saloia*, por exemplo: alho, batata (*batata saloia*, em um anúncio de mercearia), manteiga, cebola (a melhor é de Almargem, concelho de Sintra), morango (vêm em cestinhos próprios), ovos, perus, queijo, tomate, tremoço, a-par-de pão *saloio*, tendo sido notável o de Meleças [2]. Grande parte dêstes e semelhantes géneros eram transportados em cangalhas no dorso de burros, nas quais bem como na testa dêstes andavam ou andam amuletos [3]. Assim se ouvem nas ruas pregões: *pirúm saloio...*, *queijo saloio...*, *tomate saloio...*, *tremoço saloio...*

[1] A *de polaina* é a que se prolonga no peito do pé.

[2] Pimentel, *Extremadura*, vol. II, pág. 7.

[3] Do *Trajo popular de Portugal*, de Alberto Sousa, pág. 108.

Isto lembra designações que já tinham os Sabinos (e cito-os, porque acima se falou dêles, a título de comparação): *fava Sabina, oleum Sabinum, vinum Sabinum*... Os belos vinhos que se produzem no território dos Saloios não recebem como designação o epíteto étnico, chamam-se dos nomes das respectivas povoações: *de Bucelas, de Carcavelos, de Colares.*

Os comestíveis e bebidas não excluem guloseimas: *queijadas* da «verdadeira Sapa», como se lê em tabuletas em Sintra; *palitos* de Oeiras, que se vendem em estações ferro-viárias da Estremadura.

Temos, pois, além de epítetos étnicos, designativos de produtos naturais, outros epítetos, tomados de antropónimos e de topónimos para se designarem indústrias caseiras.

Também os Saloios se entregam à caça, de que igualmente abastecem os mercados de Lisboa (perdizes, coelhos, lebres) (1), e as mulheres, com freqüência, à venda de leite e ao mister de lavadeiras (2).

Amores, Casamento, Morte, Testamento:

Os amores começam às vezes, e muito naturalmente, em *bailaricos;* são muito falados os *bailaricos* saloios, diferindo êles pouco, se diferem, dos que se usam por todo o Sul. Compare-se uma cantiga irónica, ouvida na Ericeira:

O *bailarico Saloio*
Não tem nada que saber:
É andar c'um pé no ar
E outro no chão a bater.

Mais famoso é o *muro do derrete*, na feira das Mercês (concelho de Sintra), onde os rapazes escolhem noiva, ou vão ver as suas namoradas (3).

---

(1) Pimentel, *ob. cit.* e vid. pág. 11.

(2) Id. *ib. ib.*, pág. 10.

(3) Êste costume é muito conhecido em Lisboa, e eu também já o fui observar, e possuo alguns recortes de jornais que o têm noticiado por ocasião da feira. Pimentel já falara dêle, *ob. cit.*, pág. 14, considerando-o, embora dubitativamente, vestígio de uma tradição muçulmana de compra de mulheres. —Segundo informações que me deu o S.or Visconde de Santarém, descendente do Marquês de Pombal, primeiro dono do

Mas naturalmente namora-se quando a ocasião se oferece.

Casam, em regra, os Saloios entre si, ou casavam dantes, segundo se lê na *Physiologia* (1); e da mesma obrinha se extai o que se segue.

Rigorosamente «o Saloio não casa, *arranja-se*. A primeira cousa de que elle trata é de fazer umas casinhas, que quasi nunca excedem dois quartos, um para dormir, outro para fazer comer. Conseguido isto, destina-se o dia, e faz-se o casamento. Se porém os noivos são abastados, o cerimonial é mais complicado» (2).

A cerimónia do casamento assemelha-se à que se observa noutras partes de Portugal: bater à porta dos noivos o padrinho; consecutivo diálogo em verso; arremêsso de confeitos aos rapazes da rua, e chufas dos mesmos, se lhes não deitam nada (3). Uma particularidade: «no casamento dos mais ricos vão atrás do préstito uns poucos de carros conduzindo o enxoval da noiva: ... lençoes, toalhas, saccos de trigo, etc. Tudo é descarregado em casa do noivo» (4).

Às notícias precedentes, extraídas de *Physiologia*, adicionem-se as que dá A. Pimentel, de carácter mais moderno, e as considerações que faz a respeito da família saloia: frieza dos casados, etc. (5).

Em alguns lugares os Saloios punham dantes à cabeceira do moribundo pão de trigo e vinho (6), de-certo para a vida eterna, como vestígio de antiga necrolatria pagã. Outros levam para casa uma pouca de terra da sepultura

---

terreno em que está o templo da Senhora das Mercês (ao qual se liga a feira), corre tradição na família que o *muro do derrete* é degeneração de uma antiga feira de criados, e mais me disse que num *tombo* do cartório da casa se fala de uma senhora que foi à feira das Mercês tomar uma criada.

(1) Pág. 59.

(2) Pág. 19.

(3) Págs. 19-20. — A respeito de outras partes de Portugal vid., por exemplo: *Opúsculos*, vol. VII, págs. 1:315 e segs. (Pena-Lôbo), 1:327 (versos aos noivos em Adeganha); *De terra em terra*, vol. I, págs. 6-7.

(4) *Physiologia*, pág. 20.

(5) *Extremadura*, vol. II, págs. 14 e segs.

(6) *Physiologia*, pág. 60.

que se abriu para o morto, ou atiram a esta um punhado da mesma terra (1).

«O nojo é singular [por 1858]. Logo que o doente se finou, os parentes cobrem-se com mantas de lã (pretas e brancas geralmente) pela cabeça, e não deixam de sair a casa dos vizinhos, à loja, ou a qualquer outro sítio. Atam um lenço em volta da cabeça com as pontas caídas pelas costas, e conversam familiarmente acêrca do acontecimento... Encontra-se isto nos maridos, nos pais, nos filhos, e até nos parentes mais remotos e amigos. Nunca chora o nosso concidadão, e raríssimas vezes o faz a *concidadoa*. No dia imediato serve do mesmo modo o leito, cama e mais serviço do falecido, não havendo a menor dúvida que a viúva durma a sono solto, embora encontre ou deva encontrar em cada objecto mil recordações do marido. Estas estão sempre na razão directa da herança... A viúva que já em vida do marido quási não tinha por costume alisar as madeixas agora esqueceu completamente êsse acessório feminil...» (2).

Os cônjuges «fazem testamento de mão commum, se não teem filhos, ou deixam reciprocamente a terça, havendo-os. Sendo assim pagam-se de boa vontade os muitos trintarios de missas que cada um recomendou se dissessem pela sua alma» (3).

IV. **Os Saloios na Literatura**:

a) Breves alusões aos Saloios na Literatura antiga e moderna:

Século XVI. Numa poesia de Manuel Machado de Azevedo dirigida a seu cunhado Sá de Miranda († 1558) (4). Jerónimo Cardoso, no *Dict. Lusit.-Lat.*, edição de 1578, traz *Saloya*. Nos *Contos* de Trancoso (1.ª edição, 1585), um indivíduo diz ao seu senhor que «não quizesse ter alli tãto Saloyo, gente roim» (5).

---

(1) *Ib. ibidem.*

(2) *Ib.*, págs. 56-57.

(3) *Ib.*, pág. 57.

(4) Vid. as *Obras* dêste último, edição de D. Carolina Michaëlis, pág. 671.

(5) Na edição de 1624, de que me sirvo: parte primeira, fls. 31 v. Vid. também as edições de 1608, fls. 40 v., e de 1633, fls. 31 v.

Séculos XVI-XVII. Soropita (Fernão Rodrigues): «Saloia, de baetilha de cassa» (1).

Século XVII. Agostinho Barbosa, *Dict. Lusit.-Lat.*, 1611, repele o que diz Jerónimo Cardoso, s. v. Às verdadeiras saloias alude Ant. Alvarez, *Descrição de Lisboa*, 1625 ou 1626, sem paginação. Na *Miscellanea* (1629) fala Miguel Leitão de Andrada dos Mouros que D. Afonso Henriques deixou ficar por todo o têrmo de Lisboa, e dos quais procedem, segundo êle, os Saloios; fazendo uma referência comparativa aos Mouriscos que Felipe III expulsou de Castela, estabelece confusão daqueles ou dos Saloios (não se entende, ou não entendo bem o facto) com os Ciganos (2). Bento Pereira, *Thesouro*, 1647, menciona «Saloya». D. Francisco Manuel de Melo († 1666) nos *Apologos*, faz que o relógio das Chagas chame *Saloyo* ao de Belas (3), e que o primeiro diga noutro lugar: não negareis a malícia do Saloyo, de quem gracejão os Doutores (4). O gramático João Franco Barreto, *Orthografia* (1671), informa que o vulgo circunvizinho de Lisboa, isto é, o dos Saloios, pronuncia *calçães, tostães* (5). Na *Correcção de abusos* de Fr. Manuel de Azevedo († 1672) lê-se que as Saloyas do campo vendem ordinàriamente gato por lebre (6). Na *Phenix Renascida*, com obras do século XVII, vol. V, pág. 20, fala-se do pobre Saloyo, pobre peregrino.

Século XVIII. Bluteau, *Vocabulario*, letra S, pág. 450 (1720), regista *Saloio* e *Saloia*, com sumária notícia histórica, onde cita M. L. de Andrada, e Bento Pereira, que já conhecemos do que se disse supra: Fr. Simão António, nas *Orações academicas*, Lisboa, 1723, pág. 194:

Loyres (7) já foy de outro modo
porque as Nynfas Saloyescas

(1) Edição feita pelo grande romancista Camilo Castelo-Branco, Pôrto, 1868, pág. 69, e cf. pág. XIII.

(2) Diálogo 12.º, na edição de 1867, feita pela Imprensa Nacional de Lisboa, pág. 244.

(3) Lisboa, 1721, págs. 3-4.

(4) Ib., págs. 14-15.

(5) Pág. 105.

(6) Lisboa, 1705, 2.ª parte. A primeira edição da obra, num só volume, é de 1668, mas provàvelmente não traz êste passo.

(7) = Loures, nos Saloios.

Aprenderão das vizinhas
nos desdens a ser Dafnes verdadeyras;

a pág. 328 (Apolo):

está só, feito Saloyo;

e a pág. 333:

V'rão vossês *(sic)* que la guarda
A Saloya com sussurro
A rayva que tem do burro
Para se tornar á albarda;

e o mesmo autor, com o nome de Simeão Antunes, nas *Rimas Sonoras*, Lisboa, 1731, págs. 58-59:

Deixando a lyra, pego na sanfonha,
Como saloio sim, não como cego,

a pág. 190:

Como um queijo de Saloia...

Nas *Memorias parochiaes* (1755), falando-se do Tojal: também esta freguesia está no Circulo dos Saloios [1]. Em F. X. de Oliveira ou *Cavaleiro de Oliveira* (1702-1783), no tômo II das *Cartas*, pág. 323 [2], há uma referência a Saloios.

No *Anatomico Jacoso*, tômo I, Lisboa, 1755, está-se num banquete: «aqui entra o Flamengo còrado, e o Alentejão baboso, e nem com menos agrado o Saloyo fresco, todos filhos de fulano leite», pág. 123, onde a palavra está, em sentido étnico, paralelamente aos antecedentes nomes; «Sero-

---

[1] In *AP.*, vol. VIII, pág. 101 (extracto feito por Pedro de Azevedo). O Tojal pertence ao concelho de Loures.

[2] Dêste tômo II há duas edições: uma de 1742, outra de 1855. Quando fiz o meu extracto, esqueci-me de tomar nota da edição de que me servi (e não me é possível neste momento, por falta de tempo, ir esclarecer-me na Biblioteca Nacional); em todo o caso a citação vai na ordem cronológica, por causa da referida edição de 1742.

lico de aquelle poeta de fartavelhacos... chamando a Sá de Miranda saloyo», pág. 137; num entêrro burlesco vai entre outras figuras «o celebrado frija Lisbonense ([1]), primeiro d'este nome, requerente do primitivo negocio, bacharel protector do *saloismo*», pág. 169; falando de uma cavalgada na Batalha (ou *cavalgadura*, como vem por brincadeira um pouco adiante), diz o autor graciosamente: «as damas... era hũa miscellanea de femeas, entre lavandeiras e saloyas», pág. 248, onde a palavra, se significa povo, está em acepção muito lata; «levava o Alferez (da camara) a bandeira de Algibarrota ([2]); e pudera fazer bandeira da capa: era este hum Saloyo curado ([3]) e ruivo...», pág. 249; «os outros da *cavalgadura* (vid. supra) erão quatro enxertos de escudeiros em troncos, que forão saloyos», pág. 250; na mesma descrição: «a mulher do dito cavalleiro, que era hũa saloya, com raivos de regateira», pág. 258; «escureceo-o o congresso lavandeiro, e desappareceo o firmamento saloyo», pág. 270; no tômo II, pág. 41, fala-se de *Saloio*, porém não tomei nota da edição; no tômo III, edição de 1758; «pão da Saloya», pág. 46;

Monsiur Lagné,
Digo Monsiur Lacaio,
Que com rasca de Saloio
Entra no sarão do amo,

17. 197-198; «Saloia dos ovos!», pág. 226; Alberto Pimentel transcreve do mesmo *Anatomico* uns versos, em que se fala da Saloia dos queijos, e do seu trajo (gibão, colete, saia, mantéu), porém não indica o tômo, nem a edição ([4]).

Garção († 1772):

Me atrapalha a Saloia c'o seu macho...

nas *Poesias* (postumas), Lisboa, 1778, pág. 156. — Fala-se de pão saloio na comédia de Silvestre Silvério da Silveira e

---

([1]) *Frija*, «alcunha que em Lisboa dão aos requerentes ou procuradores de causas» (Morais).

([2]) Aljubarrota.

([3]) Êrro tipográfico em vez de «còrado».

([4]) Na *Extremadura*, vol. II, pág. 10.

Silva intitulada *Quem boa cama fizer*, Lisboa, 1786: ... se vier a Saloia, || Toma-lhe o pão, pág. 12. Em *Os poetas por força* (cordel), Lisboa, 1786: «Quando vim da minha terra, era huma pobre *Saloia*, que nem ler sabia»: carácter de ignorância, desculpado num rústico: Morais, *Dic.*, 1.ª edição, 1789: Saloia, Saloio, um pouco mais desenvolvidamente na 4.ª edição (1). *Grande bulha por amor das alcaxafras (sic)*, 1790, entremês: *Saloias* que levam ao mercado hervas, ovos, etc. Nas *Memorias de Literat. portug.*, vol. IV, pág. 55, diz Francisco Dias, em sessão académica de 1790 que *trouve-o*, modernamente *trouxe-o*, se ouvia ainda nesse tempo «na frase commua dos nossos *Saloios*». No *Diario Secular* de J. Pedro Soares, Lisboa, 1794: *Saloias* vendem cheiros, alecrim, louro pelas ruas, na Páscoa, pág. 16; vendem queijadas, pág. 20; nata, etc., pág. 33; vários frutos, pág. 35; hervas do S. João, pág. 53.

Século XIX. Entre os *Letreiros Celebres*, de Lisboa, 2.ª parte, por Hum Tafui de luneta, Lisboa, 1806, transcreve-se êste: «Queijos brancos saloios, linhas, linha, ortaliça, e sabbão molle e duro», na taboleta de uma linheira do Lumiar, pág. 36 (2): «Eu dou aos Saloios migas»: assim pode dizer José Daniel ao bacalhau, na *Roda da Fortuna*, vol. II (1816), pág. 15. A um habitante de Alcabideche (Cascais) dá Fr. Cláudio da Conceição o nome de *Saloio* na *Memoria da Senhora do Cabo*, Lisboa, 1817, pág. 12. Garrett, *Viagens na minha terra*, 6.ª edição, de 1899, pág. 7 (a 1.ª edição é de 1846) distingue Saloio de *Campino*. Algures escreveu Camilo: «entrei aqui grosseiramente como um Saloio» (o A. faleceu em 1890).

Século XX. Fala algo dos Saloios J. J. da Silva Mendes Leal na *Admiravel egreja matriz de Loures*, Lisboa, 1909, repetindo o que já haviam dito outros autores, e que nem tudo era exacto: vid. pág. 187. Em Amorim Girão: *terras brancas* nos

---

(1) Por simplicidade omito citar outros dicionários posteriores.

(2) Conformemente ao *Dic. bibliogr.*, vol. I, pág. 198, o coleccionador dêstes *Letreiros* foi António Maria do Couto; mas é curioso dizer Inocêncio que a 2.ª parte apareceu à luz com o pseudónio de João Procópio Corrêa da Silva, ao passo que no exemplar de que me sirvo, e que possuo, vimos no texto qual o pseudónimo que aí figura.

Saloios, designação popular: *Carta regional*, Coimbra, 1933, pág. 116.

Nos extractos feitos acima a palavra de que se trata, ora se emprega em sentido próprio, ora translato; e dêles constam notícias que em parte confirmam ou ampliam o que se disse da área, ocupações, carácter, vestuário dos Saloios.

b) Escritos que respeitam especialmente aos Saloios:

Embora muito conciso, não pode deixar de se mencionar aqui em primeiro lugar, pela cronologia, por ser de quem é, e pela doutrina, um artigo que Herculano inseriu em 1838 no *Panorama*, vol. II, pág. 124, já citado supra, pág. 430. Nêle se refere aos Mouros que, após a tomada de Lisboa, D. Afonso Henriques, para não despovoar a terra, e como «beneficio e tolerancia que a politica e a humanidade aconselhavam», deixou ficar na cidade e nos campos circunvizinhos, mediante certos tributos. «Dizem, continua o Mestre da nossa Historia (e repare-se com que prudencia emprega aquele *dizem*) que a estes Mouros dos arredores davam antigamente o nome de *Çaloios* ou *Saloios*», tirado do títlulo de uma reza (etimologia hoje prejudicada pelo que se disse supra, pág. 428).

Do conteúdo da *Phisiologia do Saloio*, opúsculo vindo a lumo em 1858, anònimamente [1], está o leitor um pouco inteirado, pelos extratos feitos acima. O título é que não parece muito próprio: mais valera *Psychologia*, ou, melhor que tudo, *Ethnographia*.

Em 1879 veio a lume um volume de Luís Augusto Palmeirim denominado *Galeria de figuras portuguesas, A poesia popular nos campos*, rigorosamente dois títulos, correspondentes cada um a sua parte. Consagrâmos à segunda umas páginas noutro lugar [2]. Da primeira dá o *Dicionário bibliográfico*, vol. XIII, pág. 349, o sumário [3], donde consta que um dos artigos que a compõem se chama *Um casamento nos Saloios* (págs. 205-212); está escrito em tom faceto, e nêle se descrevem trajos, o *jantar homérico*, e algumas usanças, por exemplo, uma salva de morteiros, antigo rito mágico, análogo ao de dar tiros de espingardas, dos quais se falará a seu tempo.

---

[1] Cf. supra, pág. 433, nota 2.

[2] Vid. *Poesia amorosa do povo português*, Lisboa, 1890, págs. 81-89; e cf. *EP*, vol. I, págs. 302-303.

[3] O volume não tem índice.

A esta resenha bibliográfica pertence, não só pelo título, senão também, e principalmente, por ser o mais desenvolvido estudo de todos os aqui enumerados, o capítulo inicial da parte 2.ª da agora mencionada (e já acima várias vezes) *Extremadura Portuguesa* de Alberto Pimentel, Lisboa, 1908, o qual capítulo tem a denominação de «Região dos Saloios, e suas zonas»; e nêle enumera o autor certos aspectos da vida material e moral da gente de que tratamos, notícias biográficas, Saloios ilustres, literatura de carácter Saloio, rivalidades de povoações, etc. Sabe o leitor que discordamos das fundamentais teses de Pimentel: área geográfica dos Saloios, e origem africana dos mesmos, e que discutimos alguns pontos secundários, ficando prejudicadas outras asserções pelo que dissemos no decorrer do nosso trabalho, por exemplo, a etimologia da palavra *saloio*. Julga Pimentel que as rivalidades populares, pág. 22, podem ser um eco do viver dos Mouros, quando é certo que Portugal está cheio delas, do Norte ao Sul! A cantiga dos *Cães de Carnide* (pág. 22) é leve variante de uma publicada em 1882 por F. Adolfo Coelho (1). Adiante voltaremos a falar de Pimentel, quando nos referirmos ao teatro saloio (2).

Na *Língua Portuguesa* (revista), vol. II, de 1930-1931, págs. 65-72, inseriu o S.or João de Almeida Lucas um artigo intitulado *O falar saloio*. Vid. o que digo dêle adiante, pág. 299.

c) Os Saloios no teatro, no romance, etc.:

À figura cómica do *Ratinho*, do século XVI, sucedeu ulteriormente, entre outras, a do Saloio, como o autor da presente obra disse em 1901 (3) e com o que coincidiu o que em 1908 escreveu Alberto Pimentel (4). Do teatro do século XVIII indica êste *O Saloio cidadão* (1773) e a *Saloia namorada* (1793) (5),

---

(1) In *Anuário das tradições popul. portuguesas*, pág. 48.

(2) No *Século* de 12 de Outubro de 1902 saíu um artigo anónimo, intitulado *Os Saloios*, mas sabe-se que foi escrito por um filho de Alberto Pimentel, como êste diz na *Extremadura*, vol. II, pág. 17, nota. O artigo é noticioso (só discordo de asserções que discuti ou combati supra) e adornado de figuras típicas.

(3) *Esquisse d'une Dialectologie Portug.*, Paris, pág. 45.

(4) *Extremadura*, vol. II, pág. 20.

(5) *Ib.*, ib., ibidem.

a que juntarei, como publicada em 1777 a *Saloia fingida* [1]; conheço de mais a mais, de 1761, o *Auto da Faneira de Aljubarrota* (de cordel), em que figuram Saloios.

Com data de 1846 aparece à luz uma farsa lírica intitulada *O Beijo*, de J. M. da Silva Leal, música de Frondini, passando-se a acção em Bemfica, então terra saloia, agora encorporada na cidade. A farsa representara-se a primeira vez em 26 de Novembro de 1844, e fazem parte dela as seguintes quadras, que se tornaram muito populares, se já antes o não eram, no todo ou em parte, pois na primeira fala-se de *cantar à saloia*, o que denuncia tradição:

1. Quero cantar à Saloia,
Já que outra moda não sei:
Minha mãi era Saloia,
E eu com ela me criei...

2. Sou Saloia, trago botas,
Também trago meu mantéu,
Também tiro a carapuça
A quem me tira o chapéu...

3. «Oh! Saloia, dá-me um beijo»,
Que eu te darei um vintém,
Os beijos de uma Saloia
São poucos, mas sabem bem...

quadras de que Pimentel inclue duas na sua obra, ao falar da mulher saloia [2].

Em Mertola, segundo me lá informaram há anos, representara-se no teatro, por 1860, uma comédia em que se cantavam três quadras, que depois se transmitiram ao cancioneiro popular de lá:

1. Sou Saloia, vendo leite,
Também vendo requeijão,
Também falo ao meu Manel,
Quando tenho ocasião... [3].

---

[1] Albino Forjaz de Sampaio, *Teatro de cordel*, 1922, n.º 413.

[2] *Extremadura*, vol. II, págs. 8 e 11, onde já indica a data da primeira representação da farsa.

[3] Esta cantiga corre ao mesmo tempo na tradição popular de Leiria, Mafra, Queluz, Sintra, onde a ouvi. O terceiro verso

2. Sou Saloia, vendo leite,
Na *cedade* de Lisboa;
Dizem todos os janotas:
— Ó Saloia, és tão boa!

sendo a terceira igual à primeira, que fica transcrita de Silva Leal. O meu amigo (†) João Manuel da Costa, de Mertola, secretário da Câmara, disse-me que sabia de cor mais quatro quadras:

3. Sou Saloia, trago botas,
E mantéu até ao meio,
Lenço grande no pescoço
P'ra tapar meu lindo seio.

4. Sou Saloia, trago botas,
Também trago as minhas meias,
Tenho a cintura delgada,
Sem precisar de baleias (1).

5. Sou Saloia, trago botas,
Também trago meias pretas;
Não me fales em namôro,
Não creio nas tuas tretas...

6. Sou Saloia, trago botas,
Também trago o meu cordão,
E por (2) medalha pendente
De ouro um bom coração...

igualmente vasadas nos moldes de Silva Leal. O meu amigo Costa não me informou de como as aprendera; de-certo proviriam, mais uma vez, do teatro.

---

tem em tôdas estas terras leve variante: *amor*, em vez de *Manel*. Em Mafra cantam-na em *balhos* saloios. A mesma cantiga a ouvi no Pôrto, com substituïção de *Saloia* no primeiro verso por *leiteira*. Resta saber qual dos dois textos é o mais antigo.

(1) Isto é, varas de baleia para se apertar.

(2) Devia ser *com*.

De 1858 data um drama de Costa Cascais intitulado *A Pedra das Carapuças*, de costumes saloios, em quatro actos, e passando-se a cena na frèguesia de S. João das Lampas em 1807. Vid. *Theatro*, do mesmo autor (1904), vol. IV, págs. 87 a 184. Na peça há alguma linguagem saloia. E cf. supra, págs. 441-442, nota 2 (1).

Na citada *Esquisse*, págs. 45-46, enumerei muitas peças teatrais modernas, de assunto saloio, e destinadas a recreação do povo. Do tipo das antigas peças de cordel. Casualmente, Pimentel na *Extremadura*, vol. II, pág. 21, enumera algumas delas, e outras.

*

Perdoem os Manes de Herculano se entre textos tão modestos, como os que se nos deparam nesta secção, se faz figurar, por fôrça das circunstâncias, o *Pároco da aldeia*, onde o excelso escritor retrata os Saloios, pois o enredo do romance desencadeia-se no seio dêles. Várias vezes, portanto, se lê aí a palavra *Saloio*, e se pormenorizam actos e formas de viver desta gente, o que em parte combina com o que se especificou acima: gestos, pág. 145; habitação, trajo, e cajado, págs. 226 e 145; indústrias: moinho de vento, pág. 267; «a crónica do Tiago, pàdeira gorda, vermelha, e reverendaça», pág. 283; a *casa da brincadeira*, pág. 145 e nota (2).

*

Tomei há anos o seguinte apontamento:

Relaçam de perguntas que fêz hum pateta Saloio *a três figuras* (carneiro, boi, porco), etc. Folheto de cordel, sem data, mas é de 1752, porque se refere a toiradas dêsse ano, realizadas na aclamação de D. José. Só tem importante o título, isto é, a palavra *Saloio*.

Possuo um folhetito intitulado *Carta de amores* «que um rapaz saloyo dirigiu a uma rapariga, e a resposta que ella lhe deu», por A. J. de Paula, Lisboa, 1861, oito páginas. Em verso.

---

(1) Deu-me notícia desta obrinha o meu colega e amigo condiscípulo D.or Carlos Galvão, a quem já me referi.

(2) Fazem-se as citações pela 13.a edição (David Lopes) das *Lendas e Narrativas*, tômo II (1918).

Ùltimamente (1939) anunciou-se a exibição de um *filme* intitulado *Aldeia da roupa branca*, e num prospecto vem uma *Canção saloia*.

d) Cantigas populares, ou popularizadas, de tema saloio:

Começarei por aludir a uma poesia monorrima, publicada nos *Ensaios Ethnograph.*, vol. IV, pág. 426, tirada de uma colecção manuscrita, a qual, pelo que lá digo, parece datar de 1840-1844. Esta poesia monorrima tem carácter popular e antigo, e eu ouvi uma variante nos arredores de Lisboa: *ibid.*, pág. 426. Modernamente colhi outras variantes:

1.ª Fui para a janela, para ver quem vinha:
Vinha uma Saloia, muito lavadinha,
Com uma cesta d'ovos, a galinha em cima.
— Ó mulher dos ovos, suba a escada acima:
Quanto quer pelos ovos, mais pela galinha?
— Peço três mil reis, que eu sou pobrezinha (1).

Ela chora, chora, triste, coitadinha!
Ao descer da escada, ao virar da esquina,
Quebraram-se os ovos, fugiu-lhe a galinha... (2).

2.ª Cheguei à janela para ver quem vinha:
Vinha uma Saloia pela rua acima,
C'uma sesta de ovos, uma galinha em cima.
— Ó mulher dos ovos, assuba cá cima,
Quanto quer pelos ovos e pela galinha?
— Quero seis tostões, por ser p'ra a menina.
— Já não quero os ovos, nem quero a galinha!

Ela desce a escada, e ao virar da esquina,
Ela parte os ovos, foge-lhe a galinha.
Ela chora chora, chora, coitadinha!

— Galo não me gales, que eu não sou galinha.
[De] cada galadela sai uma frangainha.

(Recitado e transcrito por um jornaleiro da Póvoa de Santo Adrião, concelho de Loures, em 1939). Devo a transcrição ao D.or Gaspar Machado, meu antigo aluno de Letras, e Professor do Liceu Pedro Nunes.

(1) Quem ditou os versos dizia *peça*, que emendei.

(2) Havia uns acrescentos, que suprimi, por destoarem do assunto e da rima. Os versos cantam-se em escolas infantis, e é possível que andem em alguma selecta.

*

Esta existência de variantes combina com a suspeita que apresentei supra, pág. 454, de que talvez as quadras d'*O Beijo* andassem já na tradição, e que Silva Leal as conhecesse ou aproveitasse. Não há dúvida, porém, que à farsa dêste autor se deve a popularidade que as suas três quadras adquiriram, e que serviram de modêlo a outras, tais como as de Mertola, e muitas que tenho onvido ao povo. Assim um efeito tornou-se subseqüentemente causa.

A primeira quadra d'*O Beijo* conheço-a, por exemplo: de Loures (1); de Espàris (Tábua) (2).

A segunda quadra: de Lisboa e de Queluz, onde a ouvi; do Alentejo.

A segunda quadra: de Loures (1); de Lisboa, e de Queluz, onde a ouvi; do Alentejo (variante) (3).

A terceira quadra: do Alentejo (2); de Loures (1).

E tôdas três são conhecidíssimas, sobretudo a última.

Das seis cantigas de Mertola (supra, págs. 454-455) sei que a primeira se canta em Loures (1); em Queluz, onde a ouvi; em Leiria (3), e noutro lugar da Estremadura de que não tomei nota.

*

Cantigas que ouvi ao povo, e se diferençam de tôdas as precedentes:

1. Sou Saloia, honro-me d'isso,
P'ra casacas (4) não sou má.
Os janotas atrevidos
Sei correr a varapau.

2. Ó Saloia, dá-me um beijo,
Que me estou morrendo à fome,
O beijo d'uma Saloia
É o sustento d'um home (5).

---

(1) Informação de José Maria Almeida (†).

(2) Silva Correia, in *RL*, vol. XX, pág. 211.

(3) Pires, *Can. pop.*, tômo IV, pág. 496.

(4) Por «homens encasacados» *(Dic. Contemp.)*, mais pròpriamente no sentido de *janotas*, palavra mencionada no v. 3.

(5) Estas duas cantigas são de Pires, tômo IV, pág. 496. — A segunda cantiga é variação de uma das d'*O Beijo.*

3. Ó Saloia dá-me um beijo,
E eu dou-te o meu coração;
Se me não deres um beijo,
Morro com afelição (1).

4. Não há sapato que ature,
Nem perna que possa andar,
Que acompanhe uma Saloia
De Loures ao Lumiar (2).

5. Não há sapato que ature,
Nem perna que tanto ande,
Que acompanhe uma Saloia
De Loures ao Campo Grande (3).

6. Quem me dera em Lisboa,
À porta d'uma taberna,
P'ra ver dançar as Saloias
De bota à meia perna! (4).

7. Sou Saloia, vendo leite,
Também vendo requeijão,
Também falo ao meu amor
Quando tenho ocasião (5).

8. Eu já vi 'star a Saloia
Na praça a vender toucinho:
Deitava por contrapêso
As asas d'um passarinho.

9. Eu já vi estar a Saloia
Na praça a vender sabão:
Deitava de contrapêso
As asinhas d'um pavão (6).

---

(1) Ouvi-a não me lembro onde.

(2) Esta quadra e a seguinte ouvi-as em Queluz, em 1922, numa das muitas excursões pelos Saloios.

(3) Pires tem uma variante, *loco laudato*.

(4) Cantiga de Vila-de-Rei (Beira-Baixa), a qual ouvi igualmente em Rio Maior, e no próprio território saloio.

(5) Ouvida no concelho de Leiria.

(6) As cantigas 8 e 9 ouvi-as em Lisboa. — Talvez que as nove cantigas precedentes provenham do teatro.

e) Almanaques e jornais de títulos saloios:

Curioso almanaque é o que se denomina *Sarrabal Saloyo*, de que possuo um exemplar, que tem na segunda página êste desenvolvimento: *O grão pescador Cosme francez*, SARRABAL SALOYO, *e irmão gémeo de Damiam francez;* destinado ao ano de 1741. O título da primeira página é paralelo a outros, de almanaques semelhantes, que também possuo: *Sarrabal Ratinho* (para o mesmo ano), *Sarrabal Cidadam* (para 1741), etc. Tudo publicado em Lisboa (1).

Liga-se de algum modo ao que fica dito o *Almanach do Mal Amanhado*, para 1890, «escrito em linguagem saloia pelo correspondente humorístico do *Malcreado*» (2). Vid. adiante.

Com o título de *O Saloio* publicou-se de 1856 a 1857 um periódico de feição literária, e de que saíram à luz 46 números, o qual, «pôsto que se imprimisse em Lisboa, era escrito e coordenado em Cintra» (3).

Passados muitos anos apareceu nesta vila outro periódico: *Jornal Saloio*, de que possuo os n.os 85 (1899, 2.º ano) e 114 (1900, 3.º ano), donde se vê que começou a existir em 1898. Jornal de carácter vulgar.

f) Linguagem:

D'*O Saloio*, jornal que vimos se publicou em Sintra, transcreveu o autor da *Physiologia* uns tantos vocábulos, para dar idea da linguagem saloia; Pimentel, *Extremadura*, vol. II, pág. 21, traz outros que êle próprio coligiu. Nada disto, porém, nem os versos publicados em 1840 por Lara de Carvalho como amostra de linguagem de Bemfica (saloia) (4), nem as correspondências inseridas no *Mal Amanhado* (jornal) por 1889-1891, como se fôssem textos saloios, nem as palavras, de aspecto saloio, contidas no drama de Costa Cascais;

---

(1) Dediquei breves notícias a esta espécie literária: no *AP*, vol. XI, pág. 347 e nota; e nos *Opúsculos*, vol. VII, pág. 1:267.

(2) Os títulos deixam adivinhar as grosserias do estilo: só a palavra *saloio* se salva!

(3) Vid. *Dic. bibliogr.*, vol. VII, pág. 163, onde se dão outras notícias concernentes ao mesmo. Fala também dêle a *Physiologia*, e eu citei-o depois na *Esquisse d'une dialectologie* (1901), pág. 16.

(4) Vid. *RL*, vol. V, págs. 141-147.

nada disto, repito, é pròpriamente linguagem saloia, temos aqui o falar apenas estremenho (melhor ou pior transcrito), porque os Saloios não falam outra diferente. Análoga crítica posso fazer ao trabalho do S.or Almeida Lucas, mencionado supra, pág. 453, no qual até se atribuem aos Saloios fenómenos que são muito usuais por tôda a parte, por exemplo: *gomitar*, por *vomitar*, onde o *g* é onomatopeico, provocado pelo esfôrço do *vómito: ggg*... O A. parece não ter tido presentes os meus estudos dialectológicos. De *inha*, que figura a pág. 70, tratei algures. A linguagem saloia pode ser estudada, não como fenómeno próprio, pelo que escrevemos acima, mas como contribuïção para o conhecimento da Dialectologia meridional. Cf. a minha *Esquisse*, pág. 150. E nesse sentido publicara eu já antes: *Dialetos estremenhos*, vols. I e II, em 1885 e 1898.

Com a linguagem anda conexa a antroponímia: sei de alguns exemplos do uso de SALOIO como apelido, e até houve em Lisboa um célebre mestre do jôgo do pau, chamado José Maria Saloio [1].

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

[1] Além das pessoas, mencionadas no decorrer do presente artigo, que tiveram a bondade de me ajudar na redacção dêle, respondendo a quesitos que lhes enviei, ou enviando-me outras informações, menciono mais as seguintes, por estarem no mesmo caso: Albino Forjaz de Sampaio (Lisboa), Arnaldo Mirandela (Loures), Frederico Pinto Basto (Casa das Gaeiras, agora †), D.or Mário Braga (Lourinhã), Mário Sampaio Ribeiro (Lisboa), D.or Sabino Marques (Prior de Oeiras).

MISCELÂNEA

O POVO E O FABRICO DO PÃO

(BOSQUEJO ETNOGRÁFICO)

Ninguém ignora com que religioso respeito a população dos nossos campos executa a série de operações por que passam os cereais, até serem convertidos em pão da mesa dos pobres e da cristandade... desde a sementeira, em que o grão é bafejado pelos bois dóceis (Minho), até à amassadura e à enforna.

O pão, que *teve criação aos murros, para levar facadas por fim*, foi sempre tido pelo povo como alimento sagrado. Pisá-lo ou lançá-lo ao chão, quási constitue sacrilégio. Quando tal sucede, apanha-se imediatamente e beija-se. Ao manipulá-lo, a gente aldeã, com a mão em jeito de cutelo, imprime três cruzes na amassadura e invoca o auxílio divino, para que a farinha cresça e levede, proferindo sacerdotalmente a seguinte oração:

S. Vicente
te acrescente;
S. Mamede
te levede;
S. Freigil
te faça vir;
S. Abraão
te faça pão.
E nós a comer
e tu a crescer.
Tudo Deus
pode fazer (1).

---

(1) Leite de Vasconcelos, nas *Tradições Populares de Portugal*, a pág. 231, refere-se a uma fórmula siciliana reproduzida no *Archivio per le tradizioni popolari* que tem certa analogia com a perlenga portuguesa. Ei-la:

«Pani, crisci
Come Diu ti binidissi;
Crisci, pani, 'nta lu furnu
Comu Diu crisciu a lu munnu
San Franciscu,
Pani friscu!
San Cantáuru
Pani càuru, etc.»

Noutras regiões, dizem os rústicos com mais singeleza, amarrados sempre a uma tradição que envolve pureza e crença:

O Senhor te acrescente
com'o saco da semente,
que é p'ra comer muita gente (1).

Há quem diga, invocando divindades imaginárias, nomn-numes sugeridos pelo acrescentar e fintar (levedar) do pão:

S. Levede
te levede;
S. Crescente
te acrescente;

S. Simão
te faça pão
e dê a sua bênção (2).

Costuma ainda o povo humilde e supersticioso, para que a massa arreganhe de-pressa (levede), passar-lhe com um tição por cima; espetar-lhe alguns dentes de alhos (Guimarãis), ou então pegar nas calças de um homem (que não use ceroulas), virá-las do invés (avêsso) e pôr a cuada sôbre a amassadura, *prantando-lhe em riba* um rosário bento. Se a peça de roupa pertencer a homem de génio irado, tanto melhor (Turquel). Nalguns pontos do Minho simplificam a tarefa de apressar a levedura da massa, pondo sôbre a masseira um chapéu de homem, ou mesmo um tamanco.

Ao salgar a massa, diz o povo, cheio de misticismo:

Em nome de S. Gonçalo,
que não saias ensosso nem salgado;
Em nome de S. Gonçalinho
que não saias ensosso nem salgadinho (3).

Para que a farinha amassada não azede, emquanto o forno aquece, pega-se em uma faca e espeta-se na cruz exis-

---

(1) Cardoso Marta e Augusto Pinto, *Folclore da Figueira da Foz*, tômo II, pág. 28.

(2) Ladislau Batalha, *História Geral dos Adágios Portugueses*, pág. 280.

(3) Guimarãis: Alberto V. Braga, *Tradições e Usanças Populares*, pág. 216.

tente sôbre a massa, mas com o cabo para o ar, ou então introduz-se no amassilho um copo cheio de água fria.

Em Areias e noutras povoações dos arrabaldes de Santo Tirso, quando se fecha a bôca do forno veda-se esta com bonico (bosta de boi) amassado e polvilhado com borralha, para que o pão fique bem folhudo e diz-se, fazendo uma cruz com a pá [1]:

Benza-te Deus
dentro e fora do forno
para que abondes
o mundo todo.

Ou esta variante:

Deus te abençoe,
dentro do forno
e fora do forno;
assim como Deus andou pelo mundo todo,
em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo [2].

No Algarve, dizem mais singelamente:

Cresça o pão no forno
e as almas do Paraíso [3].

Depois de enfornado o pão, é costume em Guimarãis tartamudearem irònicamente êste conjuro um tanto profano:

O Senhor te acrescente
dentro e fora do forno,
quem te merecer, que te coma,
quem te não merecer
que coma um corno [4].

---

(1) É curiosa a definição enigmática arquitectada pelo povo do Alto-Minho, para explicar a pá do forno: «vaca negra que bota as vermelhas (as brasas) fora».

(2) A. C. Pires de Lima, *Tradições Populares de Santo Tirso*, pág. 38.

(3) F. X. Ataíde Oliveira, *Monografia de Paderne*, pág. 201.

(4) Guimarãis: Alberto V. Braga, *Tradições e Usanças Populares*, pág. 215.

Quando, no fim da fornada, se abre a porta do forno, é necessário acordar o pão, o que consiste em tocar com uma varinha em todos os pãis, dizendo de cada vez: *Deus te acorde e abra os olhinhos!* Isto é para o pão abrir os olhos e ficar fôfo.

Em Barcelos e S. Martinho de Bougado, além de outras povoações, está muito generalizado o costume de não amassar pão na Páscoa, antes de tocar a Aleluia, pois é amassar o sangue de Cristo, havendo o receio de que possam aparecer na massa laivos de sangue ([1]). Não se deve também enfornar pão, no dia da festa eclesiástica, que comemora a subida de Cristo ao Céu:

Quinta-feira da Ascenção
nem coalha o leite,
nem se coze o pão.

(Murteira) ([2]).

Tanto os barcelenses como os naturais de Santo Tirso, evitam igualmente partir bôlo quente com faca, emquanto estiver o pão no forno, porque pode sair suado ou incensado ([3]).

O povo rimou pitorescamente a seguinte adivinha, cujo conceito é o «pão na masseira»:

«Entre tábua e valado
está um boi arrebentado».

As mulheres do campo não desdenham o serviço de governar o pão (preparar a fornada), durante a quadra invernosa. Alude a essa preferência o rifão seguinte:

«No verão, taberneira;
no inverno, padeira».

([1]) O exímio médico e cientista Dr. Ricardo Jorge, atribue a um micróbio, o *prodigiosus*, o milagre tão repetido outrora e que consistia em aparecerem maculadas de sangue as hóstias ressessas dos sacrários. Diz o distinto bacteriologista tê-lo encontrado um dia nas nódoas encarnadas duma posta de peixe que lhe levaram ao laboratório.

([2]) M. Cardoso Marta, in «Lusa», 1919.

([3]) Equivalente a pão abetumado, isto é, mal enxuto, e cedendo dificilmente à pressão.

Ao cozerem a fornada, costumam preparar com a massa das rapaduras, rôscas ou bôlas, a que chamam *patarecos*, *netos*, *fornaços* ou *brendeiros* (de merendeiros) e que se destinam às crianças. Em Soajo chamam *cutelas*, a umas pequenas broas de milho que se metem conjuntamente com as maiores.

Há entre os bôlos da massa de pão vendidos nas vigílias das festas tradicionais, tais como os *ouriços*, as *costas* e os *escramalhos*, no Algarve; os *santoros*, na Beira; as *algibeiras*, o *ciclista*, o *peixe*, a *varina* e o *cavalo* de ôlho de penisco, na Póvoa-de-Varzim, estilizações duma ingenuïdade e pitoresco graciosos.

Em certas regiões da Beira existe ainda o comunitarismo agrário entre os povos rurais, havendo um forno comum. Designa-se por *poia* o pão mais avantajado da fornada, que é dado à forneira como retribuïção da cozedura.

Há inúmeros preconceitos ligados à indústria caseira de empàdejar, muitos dos quais registados já por infatigáveis investigadores:

— O pão não leveda, se uma aranha passar por cima da masseira;

— Quando se vai comprar o fermento aos padeiros, é corrente estes deitarem-lhe umas areias de sal, para evitar maus olhados que não deixariam levedar o pão (Guimarãis);

— O pão deve, para ficar bom, ser amassado com «água da testa» (1).

— Quando se está a empàdejar não se deve olhar para o pão, senão não cresce;

— O pão quente é nocivo à saúde (faz alporcas), faz danar os gatos e até mesmo as pessoas, como o afirmam os seguintes anexins:

Pão quente, muito na mão pouco no ventre;
Pão quente, dana a gente.

— O pão que primeiro se coze num forno, livra de maleitas;

— Depois de enfornado, o pão crescerá se deitarmos uma mão cheia de sal no brazido e voltarmos costas (Turquel);

---

(1) Alusão ao trabalho penoso que representa a amassadura.

— Estar à mesa o pão com o *lar* para cima e o *costão* para baixo, é sinal de que um dos comensais é suspeito de gatuno. Em Aljustrel é, porém, esta a posição escolhida para pôr o pão quando se pretende que os soluços desapareçam;

— A broa da porta do forno tem a virtude que consta da seguinte oração, que se deve dizer, depois de arremessar três vezes com o pão de milho contra o forno:

Assim como eu te abano três vezes,
tira-me as almas desta casa, do purgatório,
três anos e três meses (1).

— Para talhar o ar é de bom emprêgo, fermento cru e palhas alhas (fôlhas de alhos). Para talhar a erisipela (ruborado) mete-se a cabeça do doente num fole ou saco de farinha, dizendo:

Fole enfarinhado
que foste ao tremoinhado,
talha-me êste fogo
e êste ruborado.

Em dialecto mirandês tem curso a seguinte sentença:

«A quiẽ pinheira i amassa,
nũ le fúrã la fogaça» (2).

Em Abiúl, vila do concelho de Pombal, é festejada no primeiro domingo de Agôsto a Senhora das Neves.

Conta Pinho Leal, que outrora havia no campo do arraial um enorme forno que se acendia na sexta-feira antecedente, e depois de arder até ao dia festivo (para o que gastava para cima de uma dúzia de carradas de lenha) metiam-lhe dentro uma grande fogaça, em que eram gastos para cima de dez alqueires de trigo. O mais curioso, porém, era a incumbência

---

(1) Guimarãis: Alberto V. Braga, *Tradições e Usanças Populares*, pág. 216.

(2) P. Francisco Manuel Alves, *Trás-os-Montes*, pág. 26.

que tinha um natural de Abiúl, de voltar o bôlo. Para tal empreendimento era o devoto, depois de confessado e sacramentado, introduzido dentro do forno.

São de reter as seguintes cantigas que andam nas bôcas populares, referentes às tarefas adstritas à farinação dos cereais e manipulação do pão:

Vós chamais-me pequenina,
Sou mulher de minha casa:
Quando vou cozer o pão,
Ponho-me em cima da rasa.

Tenho dentro em meu peito
Duas zenhas a moer;
Uma anda, outra desanda,
Assim é o bem-querer.

Minha mãi, p'ra me casar,
Prometeu-me quanto tinha;
Depois de me ver casada,
Deu-me um fole sem farinha.

Eu ontem fui ao moínho,
Com três quartas de centeio,
Dei um beijo na moleira,
Logo trouxe alqueire e meio.

O meu amor é moleiro,
Traz a cara enfarinhada;
Seus beijos sabem a pão,
Não quero comer mais nada.

Eu ontem fui ao moínho,
'scorreguei, caí lá dentro,
Trouxe farinha no bolso
Para fazer o fermento.

Referir-nos-emos fortuitamente às chufas e remoques com que o povo satiriza o indivíduo que se ocupa em trabalhos de moagem, nas azenhas e moínhos.

O moleiro — *cujos porcos gordos, nunca ninguém soube de que farinha se sustentavam* — é olhado com desconfiança por ser considerado como pessoa que na maneira de comerciar abusa com proveito, da boa-fé da gente aldeã. Como sobreaviso o povo perscrutador fixou o seguinte provérbio, que adverte os incautos:

«Quem moi no seu munho
e coze no seu forno,
come o seu pão todo».

A maquia que o moleiro recebe como remuneração do trabalho de farinar os cereais, como emolumento do ofício, foi sempre paga com certo retraímento, pois o povo considera o moleiro capaz de cobrar ardilosamente muito mais que a retribuïção do serviço prestado.

As seguintes estropiadas trovas elucidam:

Coitado de ti, coitado!
Coitado por muntas bias!
Quantos foram ao moínho
Só tu pagaste as maquias!

(Barroso) (1).

Moleirinho, tu és novo,
Teu moínho moi o grão.
Livra-te de ir p'ra o inferno
Com a maquia na mão.

(Turquel).

Alude ainda a essa desconfiança, a seguinte parlenda, cheia de graça reconfortante:

Deus te salve, saco,
quatro maquias te rapo;
ũa p'ro burro te comer,
outra por te moer,
outra por te levar,
outra por te trazer (2).

e esta, igualmente apócrifa, intencional e escarninha:

Lá vem a minha mulher
tirará o que quizer;
a minha filha Maria
e tira a sua maquia;
vem o meu filho Manuel
também leva o seu farnel.
E no fim diz o criado:
— Êste saco ainda não foi maquiado (3).

e ainda esta variante, colhida no Baixo-Douro e que encerra igualmente um conceito malicioso:

---

(1) F. Barreiros, *Tradições Populares de Barroso*, in «Revista Lusitana» (1915), vol. XVIII, pág. 253, n.º 113.

(2) Luís Chaves, *Vélhas Formas de Pagamento*, in «Portucale», vol. I, n.º 5 (Setembro e Outubro, 1928), pág. 236.

(3) J. Augusto Vieira, *Minho Pitoresco*, vol. II, pág. 593.

Vem minha filha
tira uma maquia;
vem minha mulher,
tira o que quere;
vem o criado,
tira o que lhe é dado;
venho eu
tiro o que é meu.
Vai-te fole
p'ra êsse canto:
se m'arrenego,
tiro-te outro tanto (1).

que corresponde à oração do moleiro, rimada com certa ironia:

Anda cá, taleiguinha
que de longe me pareces saco!
E três que me deves
e três que te rapo,
e outras três por levar e trazer,
que nem o saco hás-de ver.

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Tradições*, in «Revista Lusitana» (1898), vol. v, pág. 304, n.º 2.

—Miranda Lopes, na obra *Da Minha Terra (Subsídios para a etnografia trasmontana)* reproduz a seguinte arenga em dialecto mirandês:

«Bienvenido sea el saco!
Siete maquias te rapo:
Siete por te tracer;
Siete por te moler;
Siete por te lhebar;
Siete tire mi mujer;
Otras siete Ana Maria;
E quando venga el creado:
Este saco no 'stá maquilado!»

(àparte diz):

«Se não fora por me envergonhar,
Nem a baraça nem o saco havias de lhevar!»

«Saquinho vai para êsse canto,
e à tarde tirarei outro tanto:
E vem o dono, vê a mó a moer,
e então pagará o que dever.
Vem a senhora Maria,
tira a sua maquia,
e vem a mulher,
tirará o que *quijer*.
Vem o *home* do lameiro
c'um cesto de erva à cabeça
p'ro burrinho comer;
E no fim, seja louvado
Nosso Senhor Crucificado!» (1).

Mas, *o pobre e o moínho, andando é que ganham*, por isso o nosso povo de província congeminou a seguinte burlesca definição, a propósito da vida que o moleiro disfruta conforme a azenha trabalha ou não:

«Quando não tem água,
bebe água;
Quando tem água,
bebe vinho».

É crença geral entre os moleiros minhotos que as lufadas invernais que soprarem no dia de S. Vicente (22 de Janeiro) prognosticarão o rumo e ímpeto do vento no decorrer de todo o ano.

E, como *por demais é a cítola* (taramela) *no moínho quando o moleiro é surdo*, a tôdas estas recriminações populares se mantém indiferente o enfarinhado moageiro, continuando a dispôr liberalmente da farinha alheia, enchendo de maquias o fole de pele de chibo, o *botelho*, e a taleiga de coiro.

GUILHERME FELGUEIRAS
(Da Associação dos Arqueólogos Portugueses).

(1) A. Gomes Pereira, *Tradições Populares da Guarda*, pág. 15.

AS MALHADAS EM BARROSO

O lavrador barrosão destina os últimos dias do mês de Julho ao transporte da messe, *ameroucada* nas searas, para as eiras.

Êste trabalho é feito em Barroso sob a designação genérica de *carrada da messe* para significar o seu transporte em carros de tracção animal (bois e vacas).

Na eira, é o *amedador* que se encarrega de reünir os molhos de centeio segundo formas verdadeiramente curiosas e a que é usual chamar *mêdas*. A mêda tem a forma grosseira dum cone de superfície levemente convexa para a parte exterior. Pôsto que à primeira vista nos pareça trabalho de fácil execução, êle exige contudo a observância de alguns preceitos destinados a darem à mêda certa solidez e ao mesmo tempo preservarem as espigas de qualquer acção atmosférica que possìvelmente iria ocasionar a germinação do centeio. Assim, o amedador começa por fazer a *cruz da mêda* dispondo quatro molhos de forma de quadrado de modo que as espigas de um pendam sôbre o *tôro* do seguinte. Depois coloca molho à frente de molho, no propósito de construir um círculo, cujo centro é o centro do quadrado e cujas espigas caem sôbre os lados dêste. Anàlogamente êle forma novas camadas concêntricas, sobrepostas, de raio sucessivamente crescente até chegar a um têrço da altura total da mêda. Dêste ponto em diante, as camadas começam a decrescer até atingirem um mínimo em que o amedador resolve *fechar a mêda*. Sôbre os últimos molhos que recebem o nome de *c'rôa da mêda* êle coloca, seguindo um vélho costume, uma cruz feita com ramos e rosas silvestres.

As eiras onde se realizam as malhadas são de dois tipos: *eiras ladrilhadas*, cujo piso é formado de rectângulos de pedra lavrada, e *eiras de bosta*, cujo piso é uma massa viscosa feita com água e excrementos de gado vacum.

Chega agora o mês de Agôsto a que os barrosões chamam o *mês das malhadas*. Com êle vêm os maiores calores da época estival, que influem facilitando poderosamente a rude tarefa do malhador.

As malhadas nunca começam muito cedo. É necessário que primeiro o Sol venha secar todo o orvalho que caíu sôbre a eira na noite anterior. Isto, porém, não obsta a que todos

se levantem a horas algo matutinas. Emquanto os homens *pensam os gados*, as mulheres, por sua vez, *acendem o lume* e preparam o caldo ou o leite quente para que êles ainda possam ir *dar a manhã*. Só voltam pelas nove ou dez horas, quando calculam que a eira já esteja completamente enxuta.

É agora que êles começam a *deitar o primeiro eirado*. Neste entretempo vão chegando os malhadores – homens e mulheres — e geralmente um de cada casa. Os motivos que os levam ali são por vezes diferentes: uns vão simplesmente para serem agradáveis ao dono da casa, ou talvez esperançados em que êste lhes retribua o *favor* com outro *favor* num futuro mais ou menos próximo; outros vão *tornar* o seu dia de malhada, e outros, finalmente, vão na mira de abichar alguns côlmos ou molhos de palha que destinam respectivamente ao *retelhamento* ou à *côlma* das suas casitas ou para fazerem a *cama do reco*.

Depois do eirado apanhar uma boa *raça* de Sol durante alguns minutos, os malhadores empunham as *mangueiras* dos seus *malhos* e, distribuídos em duas fileiras, frente a frente, começam a *esbourar* a messe assentando sôbre ella os *pirtigos* pesados e resistentes de carvalho e *castanho*. Tanto dum lado como do outro há a preocupação de *acertar a pancada*, isto é, que o bater dos malhos sôbre a eira seja unísono e compassado, pois o contrário daria origem a maior dispêndio de energia muscular.

Como êste, se seguem idênticamente todos os outros até que chega o eirado derradeiro, que é uso e costume vélho denominar *eirado do galo*. O nome tem a sua justificação em antigamente se reservar o melhor galo que houvesse na capoeira para ser comido ao jantar no último dia da malhada.

Neste eirado todos se esforçam por dar o melhor das suas energias. Os homens reúnem-se a um lado, e do outro ficam sòmente uma ou duas mulheres para *fazer pancada*. Os *estoiros* sucedem-se *duros* e fortíssimos fazendo tremer tôda a eira. Predomina sempre ali o capricho de uns quererem brilhar mais que os outros, fazendo gala da sua fôrça.

Quando já vão na última *carreira do eirado* êles trocam entre si olhares e expressões discretas com o fim de advertirem algum mais desavisado de que está a chegar o momento de deitarem a luva ao dono da casa. Com efeito, dadas que são as últimas pancadas sôbre a messe, largam imediata-

mente os malhos e correm sôbre êle procurando cercá-lo. Êste, porém, simula fugir para se esquivar ao cumprimento da vélha usança, o que geralmente nunca consegue, porque há um mais *lestro*, que num abrir e fechar de olhos, lhe entrava qualquer movimento prendendo-lhe as pernas e os braços com um forte *vincelho* de côlmo.

Pôsto isto, todos os malhadores reclamam a *fiança* para a sua liberdade que consiste em lhes apresentarem umas boas canecas de vinho que êles bebem regaladamente.

Só depois de já terem emborcado alguns *quartilhitos* e *mastigado* uma *bucha* para *tapar* é que se resolvem ir *espalhar* o último eirado dito do galo.

O entusiasmo agora é maior, a alegria redobra e os vivas ao dono da casa, mulher e seus filhos, sucedem-se ininterruptamente.

Damos a seguir, em índice, o significado dos respectivos vocábulos:

Delfim Santos.

BIBLIOGRAFIA

VARIA QUAEDAM

A) Etnografia:

— **Folclore Caboverdeano**, por Pedro Cardoso (edição Maranus), Pôrto, 1933.

— **Jogos educativos**, por Judite Furtado Coelho, Lisboa, 1934.

— **Folclore de Cadaval**, por Cardoso Marta, Espozende, 1934.

— **A Nossa Gente** *(Prosa Ritmada)*, por Luís B. de Ataíde, Ponta Delgada, 1935.

— **Documentos da Biblioteca Nacional relativos a Lisboa**, Biblioteca Nacional, 1.ª série, séculos XIII a XV, Lisboa, 1935.

— **Gentio de Timor**, por Armando Pinto Corrêa, Lisboa, 1935.

— **Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios**, por Jaime Rebelo Espanha, Famalicão, 1936.

— **Cantigas Populares Alentejanas e seu subsídio para o léxico português**, por J. A. Pombinho Júnior (ed. Maranus), Pôrto, 1936.

— **O Fado — Canção de vencidos**, por Luís Moita, «Anuário Comercial», Lisboa, 1936.

— **Maria Peregrina** (1809-1886), por A. Faria de Castro, Pôrto, 1936.

— **As vozes dos sinos na interpretação popular e a indústria sineira em Guimarães** (separata do vol. XXXIV da *Revista Lusitana*), por Alberto Vieira Braga, Pôrto, 1936.

— **O Ciclo do Natal na Literatura oral Portuguesa**, por Afonso Duarte, Barcelos, 1936.

— **Portugal, a Book of Folk-Ways**, por Rodney Gallop, Cambridge, 1936.

— **Cantares do Povo Português** — *Estudo crítico, recolha e comentário* (tradução do livro *A Book of Folk-Ways* de Rodney Gallop), por António Emílio de Campos (edição do Instituto para a Alta Cultura), Lisboa, Férin, 1937.

— **Sôbre mutilações étnicas dos aborígenes de Angola**, por António de Almeida, Lisboa, 1937.

— **A «Nau Catrineta» e o naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no ano de 1565** (separata da rev. *Prisma*), por Augusto César Pires de Lima, Pôrto, 1937.

— **As Beiras no Cortejo Folclórico levado a efeito em 30 de Maio de 1937, em Lisboa, por iniciativa da Emissora Nacional** (sem nome de autor), Lisboa, 1937.

— **Senhora da Luz** *(Subsídios Etnográficos)*, por Jaime Câmara, Funchal, 1938.

— **Tradições populares de Entre-Douro-e-Minho**, por Joaquim Pires de Lima e Fernando Pires de Lima, Barcelos, 1938.

— **O Berço** (separata da rev. *Prisma*), por Costa Sacadura, Pôrto, 1938.

— **Cancioneiro Alentejano**, por Vítor Santos, prefaciado pelo Prof. H. Cidade (edição do Grémio Alentejano), Lisboa, 1938.

— **Nomenclatura geográfica das Ilhas dos Açôres** *(Subsídio)* (separata do n.º 32 da rev. *A Terra*), por José Agostinho, Coimbra, 1938.

— **Trancosos «Três preguntas do rei»** (extrait du numéro spécial 69, Janvier), Mars, 1938, consacré au PORTUGAL, de *Revue de Littérature Comparée)*, por Wilhelm Giese, Paris, Boivin & C[ie].

— **Congresso Nacional de Ciências da População** (1940) — Plano geral e temas propostos (Comissão executiva dos Centenários), Lisboa, 1939.

— **Festa da distribuïção dos prémios literários (1938) do S. P. N., e da entrega do «Galo de Prata» aos representantes da Aldeia de Monsanto** (Secretariado da Propaganda Nacional), Lisboa, 1939.

— **Ganharias**, por J. A. Capela e Silva, Lisboa, 1939.

— **Os bichos, espelhos do Homem** (separata da rev. *Naturalia*), por Alfredo da Cunha, Lisboa, 1939.

— Trabalhos de Cláudio Basto:

a) **A linguagem dos gestos em Portugal**, fascículo I (separata do vol. XXXVI da *Revista Lusitana*), Pôrto, 1936.

b) **Costume régional portugais** (extrait du programme official du 1[er] Congrès international de la vigne et du vin), Pôrto, 1938.

— Trabalhos de Adelino Cordeiro:

a) **Uma viagem a Bragança**, Viana, 1934.

b) **Costumes da Beira** — *Um casamento em Penamacôr*, Viana, 1935.

c) **Etnografia da Beira** — *Costumes de Penamacôr*, Viana, 1936.

d) **Etnografia da Beira** — *Religião e Crendices — Lendas e Costumes de Penamacôr*, Viana, 1937.

e) **Economia** — *Cantos populares e Costumes de Penamacôr* (sua vida económica, cantos populares e costumes do campo), Castelo Branco, 1938.

f) **A Língua e a Literatura popular de Penamacôr**, Castelo Branco, 1939.

— Trabalhos de Luís da Silva Ribeiro:

a) **Notas sôbre a pesca e os pescadores na Ilha Terceira**, Angra do Heroísmo, 1936.

b) **Breve notícia da toponímia terceirense**, Angra do Heroísmo, 1937.

c) **Cantigas de bois nos Acôres** (separata da *Açoreana*), Angra do Heroísmo, 1938.

B) Época lusitânica:

— **Festus Avienus** — *Ora Maritima*, por A. Berthelot (edição anotada, com introdução e comentários), Paris, Champion, 1934 [Entende o S.[or] Leite de Vasconcelos que a algumas afirmações dêste livro se devem opor sérias ressalvas].

— **Les Gouverneurs de la Lusitanie et leur administration**, por E. Darquenne, Y. David, R. Deleener, R. Devigne-Squilbin et R. Leclercq [extrait de *Latonus*, t. II (1938, fasc. IV], Bruxelles.

C) Filologia:

— **Pàdás de Scritura Sàgrada na criolo de Djà-Braba** *(Trechos bíblicos no criolo da Ilha Brava)*, publicado pela Sociedade Bíblica Nacional da Escócia (sem nome de autor), Edimburgo, s/d.

— **A Grammar of the Portuguese language**, por Joseph Dunn, London, David Nutt (A. G. Berry), 1930.

— **Gil Vicente e o «Auto da Festa»** (separata de *O Instituto*, vol. XC), por Luciano Ribeiro, Figueira da Foz, 1936.

— **Pronúncia e significação de alguns vocábulos populares do Alto Alentejo** (separata da rev. *A Língua Portuguesa*), por Alexandre de Carvalho Costa, Lisboa, 1937.

— **Frei Lucas de Santa Catherina, crítico anti-gongórico e precursor do romance** (separata da *Revista da Faculdade de Letras*, tômo IV), por Paulo Caratão Soromenho, Lisboa, 1937.

— **Studi su trove e trovatori della prima lirica ispano-portoghese**, por Sílvio Pellegrini (ed. G. Gambino S. A.), Torino, 1937.

— **Paleographical edition and study of the language of a portion of Codex Alcobacensis 200**, por Henry Hare Carter *(Publication of the Series in Romanic Languages and Literatures*, n.° 28), Philadelphia, 1938.

— **Glossário de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa, e também de atrocidades da nossa escrita actual**, por Agostinho de Campos, Lisboa, 1938.

— **From Latin to Portuguese**, por Edwin B. Williams, Philadelphia, 1938.

— **Ortografistas portugueses dos séculos XVI a XVIII** (separata da *Língua Portuguesa*, vol. III, fasc. VIII), por Frazão de Vasconcelos, Lisboa, 1939.

— Trabalhos de Manuel Paiva Boléo:

a) **Orientações da Filologia românica na Alemanha e o Seminário Românico de Hamburgo** (separata da rev. *Biblos*, Maio e Junho de 1911), Coimbra, 1931.

b) **Português europeu e português do Brasil** (separata da rev. *Biblos*, 1932, n.os 9 a 12, págs. 641-653), Coimbra, 1933.

c) **A Língua Portuguesa em Hamburgo** (com um apêndice sôbre os restantes leitorados da Alemanha e de outros países) (separata, com acrescentos, da rev. *Biblos*, vol. IX, 1933), Coimbra, 1934.

d) **A Metáfora na língua portuguesa corrente** (separata da rev. *Biblos*, vol. XI), Coimbra, 1935.

e) **Língua falada, lógica e clássicos** (a propósito da discussão «Um dos que...»), Coimbra, 1935.

f) **Tempos e modos em português** *(Contribuïção para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo)* (separata do t. III, fasc. 1-2 do *Boletim de Filologia*), Lisboa, 1935.

g) **O Perfeito e o Pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas** *(Estudo de carácter sintático-estilístico)* (separata de *Cursos e Conferências* da Biblioteca da Universidade de Coimbra), Coimbra, 1937.

h) **Os «Lusíadas», outras epopeias e a tese «rapsódica»** (em *letras e artes*, suplemento literário das *Novidades*, n.º 17, de 12 de Dezembro de 1937).

— Trabalhos de Joseph M. Piel:

a) **Os nomes germânicos na toponímia portuguesa** — I. *Adães — Novegilde* (separata do *Boletim de Filologia* do Centro de Estudos Filológicos), Lisboa, 1937.

b) **Miscelânea Vicentina** *(Notas lexicográficas e etimológicas)* (separata da rev. *Biblos*, vol. XIV), Coimbra, 1938.

c) **A-propósito de dois nomes de lugar** (separata da rev. *Biblos*, vol. XV), Coimbra, 1939.

— Trabalhos de Rodrigo de Sá Nogueira:

a) **Questões de linguagem** (Assuntos vários), 3 volumes, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1934 a 1936.

b) **Subsídios para o estudo da Linguagem das Salinas** (separata da rev. *A Língua Portuguesa*, vol. IV), Lisboa, 1935.

c) **Grammatica da lingoagem portuguesa,** por F. de Oliveira (Dirigiu a publicação da 3.ª edição), Fernandes, Lisboa, 1936.

d) **Subsídios para o estudo das onomatopeias em português** (separata do *Boletim de Filologia*, t. IV, fasc. 3-4), Lisboa, 1936.

e) **Subsídios para o estudo das conseqüências da analogia em português**, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1937.

f) **Elementos para um Tratado de Fonética Portuguesa**, Imprensa Nacional, Lisboa, 1938.

D) NOTAS BIOGRÁFICAS:

— **Dr. Abílio Roseira** (artigo necrológico in *Boletim de Filologia*, tômo IV, págs. 214-216), por David Lopes, Lisboa, 1936.

— **Elogio Académico do Prof. José Joaquim Nunes, pronunciado na sessão solene de 27 de Fevereiro de 1937**, pelo Prof. Gustavo Cordeiro Ramos, Lisboa, 1937.

— Trabalhos de Abílio Roseira:

a) **S. Jerónimo — Vida do cativo monge confesso** *(Versão portuguesa arcaica filològicamente aumentada)* (separata dos tomos I e III do *Boletim de Filologia*), Lisboa, 1935.

b) **A lição nunesiana da «Vida do cativo monge»** (separata do *Boletim de Filologia*, tômo III, fasc. 3), Lisboa, 1935.

c) **Resquícios filológicos** — I. *Lusismo malogrado* (separata do *Boletim de Filologia*, 1934-1935, pág. 171), Lisboa, 1935.

d) **Resquícios filológicos** — II. *Expressões numárias* (separata do *Boletim de Filologia*, tômo III, fasc. 3), Lisboa, 1935.

e) **Costumes de Semide** — *Linguagem e folclore* (separata do *Boletim de Filologia*, tômo III, fasc. 3), Lisboa, 1935.

f) **Documentos vélhos brigantinos** (separata do *Boletim de Filologia*, tômo III, fasc. 2, Lisboa, 1934).

— Trabalhos do Director desta Revista:

a) **Etnologia**, que forma o vol. V e VII dos *Opúsculos*, Lisboa, 1938.

b) **Da fala de Barrancos**, Lisboa, 1939.

REVISTAS

— **A Língua Portuguesa** — Revista de Filologia, dirigida por Sá Nogueira, Lisboa.

— **Boletim de Filologia** — Publicação do Centro de Estudos Filológicos.

G. MACHADO.

ERRATA

Na pág. 15, n.° 122: Antepor a palavra «Género»: antes de «Exemplos».

ÍNDICE DO VOLUME XXXVII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

DECLARAÇÃO

Participam-me os editores da *Revista Lusitana* que, por falta de papel de impressão, ainda não sabem quando sairá a lume o vol. XXXVIII, correspondente a 1940. Pois que é neste ano que vão celebrar-se as duas festas centenárias da nacionalidade, tencionava o Director abrir o volume com umas palavras que significassem a participação da *Revista* nas comemorações projectadas. Possìvelmente, pelo motivo indicado, virá a mesma a publicar-se fóra de tempo.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1939.

JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS.

-

3.

0
0

4
8

.8